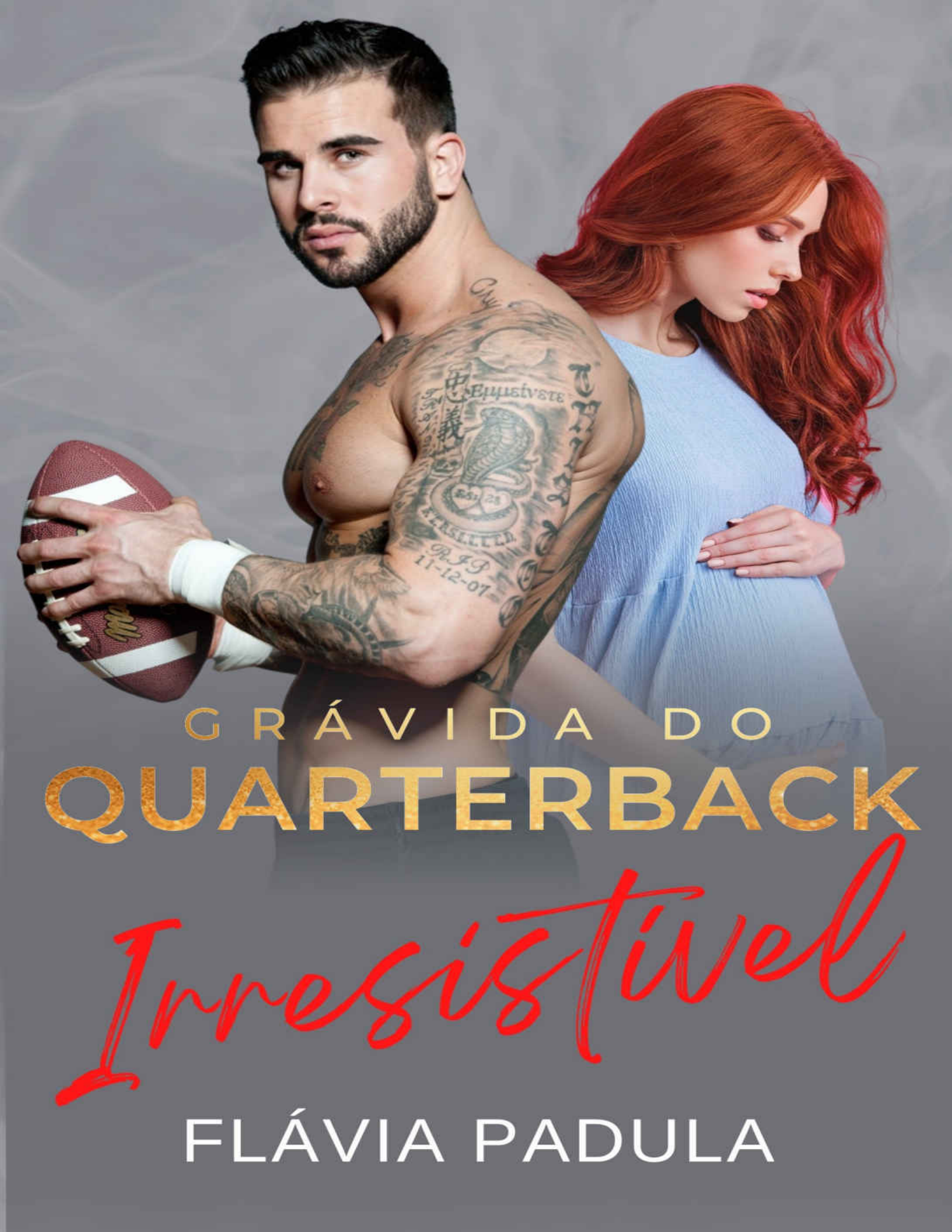


GRÁVIDA DO QUARTERBACK IRRESISTÍVEL

FLÁVIA PADULA

GRÁVIDA DO

QUARTERBACK

Irresistível

FLÁVIA PADULA

Copyright © Flávia Padula 2023

1ª EDIÇÃO DIGITAL

REVISÃO: JULIA LOLLO

LEITURA FINAL: REBECA RABELO

CAPA E DIAGRAMAÇÃO DIGITAL: FLÁVIA PADULA

IMAGENS: DEPOSITH

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Criado no Brasil. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos reservados. Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência. Proibida a reprodução, total ou parcial, desta publicação, seja qual for o meio, eletrônico ou mecânico, sem a permissão expressa da autora Flávia Padula. Proibido para menores de 18 anos.

Sinopse

Aria Fortson é uma advogada bem-sucedida. Sua meta é focar em ser a sócia do escritório famoso onde trabalha. Nada vai atrapalhá-la.

Seu coração está fechado para o amor. Ela não tem tempo para isso.

Cash Maverick é o quarterback do maior time de futebol dos Estados Unidos, seu rosto nunca sai do tabloide de escândalos. Mesmo com a aposentadoria recente, ele ainda é o astro do esporte.

Ele nunca amou nada além de si mesmo, é o que dizem os sites de fofoca e sua coleção de amantes.

Um acontecimento inusitado irá fazer com que Cash precise dos serviços de Aria.

A química é explosiva, mesmo que ela o ache um babaca.

Entretanto, eles têm mais em comum do que poderiam imaginar.

Mas nem tudo é um conto de fadas e o passado resolve ressurgir das cinzas para assombrá-los.

O problema é que agora é tarde demais... eles estão apaixonados e Aria está grávida.

Pode o amor superar segredos e um forte desejo de vingança?

Sumário



Série Amigas Poderosas
Nota da Autora
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11

Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34

Epílogo
Outros Livros

A Série

Série Amigas Poderosas

GRÁVIDA DO CEO ARROGANTE – LIVRO 1 – Harper e Seth

GRÁVIDA DO BOMBEIRO SEDUTOR – LIVRO 2 – Ellen e John

O DESEJO SECRETO DO CORONEL – LIVRO 3 – Mia e Malone

GRÁVIDA DO QUARTERBACK – LIVRO 4 - Aria e Cash Maverick

LIVRO 5 – Maxine e Matthew.


Nota

Nota da Autora

Este livro discute assuntos como Ansiedade e síndrome do pânico, então se você tem alguma sensibilidade quanto a isso, não leia. Este livro trata sobre assuntos como violência contra a mulher, embora não esteja vinculado aos personagens principais da história. Pode despertar mal-estar e gatilhos. Este livro é hot, então se você é sensível quanto a este tipo de assunto, não leia.

Este livro não é o último da Série, no livro do Malone e da Mia, nasceu a história de Maxine e Matthew, então preparem seus corações, logo estará no seu kindle.

Agradeço o carinho das leitoras que estão me incentivando a terminar essa série.

Harper, Ellen, Mia e Aria são as amigas poderosas que todas nós merecemos ter.

Boa leitura!

Flávia Padula.


Aria

Capítulo 1

Eu ouço meu celular tocando em algum lugar. Na verdade, ele está na cabeceira da minha cama, sei disso. Mas minha mente demora para compreender. Ainda dormindo, ergo o braço e procuro por essa merda que não para de tocar. Ele está vibrando, e tateando eu o encontro. Trago até diante do meu rosto e abro os olhos com dificuldade. Fiquei até tarde estudando um caso e pensei que teria pelo menos seis horas de sono. Ledo engano.

DAVID CONSTANTINE

Ele é o meu chefe, dono do escritório de advocacia onde trabalho. Por que o David estaria me ligando às duas da manhã?

— Alô? – pergunto com aquela voz de quem está dormindo ainda.

— Boa noite, Aria, sei que não é uma boa hora, mas preciso que faça um favor para mim – ele pede sério.

Eu me sento na cama, confusa. Ele tem o braço direito dele, Joseph Armani, um tremendo babaca que acha que é dono do escritório. Sempre tem que ter o puxa saco desgraçado que estraga tudo. Deveria ligar para seu cãozinho de estimação, mas geralmente esses chatos não fazem um bom trabalho e sempre sobra para quem se empenha em ser um profissional melhor, no caso: eu.

— David? – pigarreio e passo os dedos nos meus olhos que teimam em fechar. — Aconteceu alguma coisa?

— Sim, um grande amigo meu foi preso e preciso que o tire da delegacia – ele diz tenso —, mas tem que ser algo discreto, Aria. Estou em Chicago, ou eu mesmo faria isso. Confio em você para ir no meu lugar.

A situação é delicada então. Um amigo do meu chefe precisando de discrição? Isso pode ser a porta para me tornar sócia do escritório. Por que não?

— Claro, pode contar comigo.

— Eu sei disso – ele diz direto —, preciso que tire Cash Maverick da cadeia sem que ninguém saiba que ele foi preso. Ele é meu cunhado, irmão da minha esposa, Bethany, você deve saber quem ele é – resume a conversa.

Claro que eu sei. Todo mundo conhece o maior e melhor quarterback da história do Boston King[1] e também da liga nacional[2]. Além de maior garoto propaganda da história do futebol americano, ele ainda tem recordes que nenhum outro atleta foi capaz de ultrapassar: mais jardas, passes completos, touchdowns. E o que o cara tem de profissional, tem de problemático e arrogante. Todo mundo conhece a fama dele em brigas, problemas, escândalos. Se não fosse seu trabalho perfeito, ele já teria se afundado há muito tempo.

— Sei sim – afirmo e passo a mão pelos meus cabelos ruivos —, eu já estou indo, David. Fique tranquilo, o manterei informado.

— Obrigado, Aria, sabia que poderia contar com você.

Ele desliga e jogo o celular em cima do edredom antes de saltar da minha cama usando apenas minha lingerie preta. Nunca durmo de pijama, só de calcinha e sutiã, é uma mania desde que fui morar sozinha, na verdade, é um ato rebelde contra os meus pais que enxergam a mulher como um objeto para o mundo masculino. É uma longa história que tento tratar na minha terapia.

Vou para o closet e procuro por um vestido básico preto, visto os scarpins também pretos, ajeito o cabelo no alto com um coque austero, maquiagem leve e um casaco. Ainda estamos em outubro, mas o outono em Boston pode ser tão frio à noite quanto o inverno. Em meia hora estou na delegacia. Vejo alguns paparazzi à porta e sei que estão ali esperando a saída do babaca alfa. Dirijo até os fundos da delegacia e deixo meu carro estacionado ali.

Então entro pela porta lateral para não chamar a atenção daqueles malditos fotógrafos, afinal, o que uma mulher elegante faz às duas da manhã em uma delegacia se não for para atender ao chamado de um homem rico e famoso? É o que eu pensaria se fosse um paparazzo.

Imediatamente, sou atendida pelo delegado de plantão, Adam Dresher, que por sinal é um gato. Ele me explica que Maverick está preso porque agrediu um homem até quase a morte, a vítima está hospitalizada.

— Entendo, quero falar com o meu cliente... – informo.

— Como quiser, Senhorita Fortson – ele diz com aqueles olhos escuros brilhando com interesse para mim.

Eu me mantenho séria, não misturo trabalho e prazer. Sei separar as coisas, contudo, o delegado Dresher me fita sem qualquer pudor. *Não vai rolar, querido*, penso. Sou levada até uma sala fechada, Cash Maverick está sentado com as mãos algemadas sobre a mesa. Ele tem um supercílio cortado, o canto esquerdo da boca ferido e a camiseta preta rasgada. Olho para o delegado por cima do ombro:

— Não chamaram um médico para o meu cliente? – pergunto indignada.

Dresher só encolhe um ombro e sai, fechando a porta e me deixando sozinha com aquele homem. Eu também não chamaria o médico para um idiota arrogante que bateu em um homem quase até a morte. Caminho até a mesa e coloco minha pasta em cima. Então, eu o encaro.

Cash Maverick é bonito de uma forma que chega a ser agressiva. Seus olhos pequenos e verdes me observam com atenção, ele está sério e não parece nem um pouco abalado, ao contrário, tenho a sensação que por ele, nós poderíamos transar em cima daquela mesa que sua consciência continuaria a mesma, porque ele não se importa. Tenho quase dois anos de experiência, não é muito, mas durante o tempo da faculdade de direito, fiz estágio em um escritório de defensoria pública do Estado de Massachusetts e conheci homens que matavam sem piedade e não sentiam remorso por isso, ainda justificavam seu ato criminoso como um benefício para a humanidade.

Ele me fita com atenção dos pés à cabeça e depois para no meu rosto. É difícil não o achar atraente, mesmo sendo um babaca.

Contudo, como eu disse, separo o trabalho do prazer.

— Boa noite, Senhor Maverick, sou sua advogada, Aria Fortson. Seu cunhado me ligou para tirá-lo da cadeia. – E me sento de frente para ele.

Ele se inclina para frente.

— Nunca vi uma advogada tão bonita – ele me elogia.

Não há emoção no que diz, ele está impassível.

— Então o senhor precisa melhorar seu convívio social, Senhor Maverick... – ironizo —, existem advogadas bonitas em qualquer lugar.

Ele dá uma risada que me faz arrepiar até onde eu não sabia que tinha pelos.

— Pode me chamar de Cash – ele pede.

— Eu vou chamá-lo do que eu quiser – aviso e abro a pasta ignorando o sorriso charmoso de quem está surpreso com a minha atitude —, o senhor foi preso por bater em um homem de sessenta anos até quase deixá-lo morto. Ele está no hospital em estado grave – fecho a pasta e o encaro —, como é sua primeira prisão, pedi o habeas corpus, mas o Estado vai abrir o processo e preciso saber exatamente o que aconteceu.

Ele meneia a cabeça.

— O que acha que aconteceu? – Cash devolve a pergunta.

Enrugo a testa perplexa. Como eu vou saber?

— Não faço ideia, mas através do depoimento de testemunhas, o senhor invadiu o bar Leonard, em Dorchester, e agrediu o Senhor John Gordon sem prévio aviso ou explicação alguma. Ele não o agrediu, estava jogando sinuca com seus amigos, quando o senhor o agarrou pelo casaco e bateu nele como se fosse um saco de pancadas, inclusive derrubou dois outros homens que tentaram impedi-lo de destruir o rosto do homem...

Termino de verificar o relato de uma das testemunhas e o encaro.

— E é isso que vão contar e dizer na imprensa, não é? – Ele ri e passa a mão pelos cabelos que são cortados bem curtos, como se ele estivesse no exército, apenas a franja é maior, o que lhe dá o charme de canalha.

— Senhor Maverick, o que a imprensa vai dizer não vai ajudá-lo nos tribunais quando o senhor for julgado e pegar alguns anos de cadeia por tentativa de homicídio. Então me conte o que aconteceu até que seu habeas corpus seja assinado pelo juiz de plantão e eu possa começar a trabalhar em sua defesa – sou clara e me encosto na cadeira esperando que ele me conte a verdade.

— Está bem, eu lhe conto o que aconteceu... – ele diz.

— Ótimo – assinto.

— Mas antes, vamos jantar, estou morto de fome...

— O quê? – pergunto confusa. — O que foi que disse?

— Que vamos jantar a hora que sairmos daqui e então eu lhe conto o que aconteceu – ele repete aquele absurdo.

Faço que não com a cabeça.

— De jeito nenhum. São duas e meia da manhã e não vou jantar com o senhor, sinto muito.

— Eu que sinto muito, então. Ou janta comigo ou não digo nada...

Não posso acreditar no que estou ouvindo.

— O senhor não pode atrapalhar meu trabalho... – falo indignada —, não estou aqui para servi-lo como quer!

— Ah, está sim – ele diz arrogante —, e se não fizer o que peço, vou pedir outro advogado mais competente e reclamar de você para o meu cunhado.

Eu o encaro sem poder acreditar que ele está fazendo esse jogo idiota.

— O senhor não está sendo razoável – digo ofendida pegando a pasta de cima da mesa.

— Eu não sou sensato. Estou com fome, quero jantar e você vai comigo. Simples assim – ele estabelece como se fosse o dono do mundo.

— Amanhã eu trabalho bem cedo... – tento argumentar.

— Já está trabalhando e se chegar atrasada amanhã, David vai entender, você ficou ocupada comigo – ele discorre como se fosse algo muito óbvio de se fazer.

— Que absurdo!

— Uma incoerência é um homem com fome não poder jantar com uma mulher linda! – Ele enaltece de novo.

Faço uma cara de desprezo.

— Me poupe dos seus elogios! – peço irritada. — Mantenha-se à margem do que é profissional aqui.

— E como uma boa advogada você atende o seu cliente como ele quer. Não é o que dizem? O cliente sempre tem razão?

— Não nessa ocorrência! O senhor está me coagindo a perpetrar algo que não almejo! – acuso com o dedo em riste e brava.

Ele se inclina para frente e faz aquela cara de safado:

— Alguém já lhe disse que você fica um tesão falando essas palavras difíceis, e vestida desse jeito?

Ele me olha de uma forma que me faz ficar sem graça. Ninguém disse e na verdade não quero saber o que ele pensa sobre mim. Mas não vou dar o braço a torcer. Prefiro ser jogada num chiqueiro do que deixar esse homem ganhar essa batalha. Ele é bom em seduzir, mas eu sou melhor em resistir.

— Oh, Deus! Por favor! – reclamo revoltada e me levanto. — Vou esperar o senhor lá fora.

Ele dá um sorriso no canto dos lábios e pisca para mim, levando as mãos para trás da cabeça, mesmo algemadas.

— Como você quiser – ele diz charmoso.

Reviro os olhos e saio da sala batendo a porta com força. Imediatamente, eu mando uma mensagem para David.

Eu: Já pedi o habeas corpus, estou aguardando o juiz assinar.

David: Perfeito.

Eu: Ele quer que eu o leve para jantar.

David: Depois me mande a conta. Eu pago as horas extras.

O quê? Eu me pergunto revoltada! David concorda que eu leve esse filhote de rei da selva para jantar durante a madrugada? Deveria ter imaginado que sim. Com certeza, Maverick está pagando muito bem para eu estar aqui.

Meia hora depois, o babaca alfa surge. Alguns policiais o param para tirar fotos e isso leva bastante tempo. Até que finalmente, ele se aproxima de mim.

— Meu carro está em Dorchester – Cash avisa —, amanhã vou pedir para Sullivan o buscar.

— Vamos no meu – e aponto para os fundos da delegacia —, tem fotógrafos demais aqui na frente esperando pelo senhor. O delegado nos deixou sair pelos fundos.

Vou na frente e espero por ele.

— Posso saber quem é Sullivan? – pergunto por cima do ombro enquanto ele me segue.

— Meu secretário – ele responde.

Pego a chave do carro no meu casaco e desligo o alarme. Maverick tira a chave da minha mão e diz:

— Eu dirijo – avisa e vai para o lado do motorista.

— O quê? – É tarde demais, ele já está sentado à frente do volante, me esperando.

— Vamos, eu não tenho a noite toda – e ainda reclama da minha demora.

Como esse homem é irritante. Tem como odiá-lo mais do que já odeio?

Resignada, eu entro no carro e ele parte em alta velocidade.


Cash

Capítulo 2

Eu tenho uma queda por ruivas e a Senhorita Fortson chamou minha atenção desde o segundo em que ela atravessou aquela porta com o olhar arrogante e confiante de si mesma. Mulheres seguras são um tesão. Fico louco quando encontro uma, a maioria está preocupada com o corpo ou em me impressionar. Aria está *cagando* para mim, ela entrou ali apenas com a intenção de me tirar da cadeia e voltar para sua casa, seja lá onde ela mora. Mas até isso vou descobrir. Vale a pena por causa daqueles olhos azuis sedutores que me fitam como se eu fosse um monstro insensível e capaz de qualquer coisa pelo meu ego.

Em partes é verdade.

Mas por outro lado, mostrar para uma mulher que não me quer que vale a pena estar do meu lado, não tem preço. Desde que me aposentei no último jogo no fim do ano passado, a vida tem estado um pouco entediante. E eu adoro um bom desafio, então vamos seduzir a Senhora Gelo.

Vou direto para minha casa. Moro em Suffolk County[3], a vista do terraço dá para o sul do bairro e é de tirar o fôlego. Paro na garagem e desço. Ela leva alguns segundos para fazer o mesmo, com certeza cogitando se chama um táxi ou simplesmente sai correndo, posso ver em seus olhos carregados de raiva e desprezo.

Essa mulher deve ser uma loucura na cama, meu pau pulsa só de imaginar sua raiva se transformando em paixão.

— Pensei que fôssemos jantar – ela comenta enquanto me segue em direção à porta.

— E vamos. – A porta é aberta e Sullivan surge usando pijamas com seu roupão xadrez por cima.

Meu secretário chegou aos cinquenta anos e embora tenha uma aparência mais jovem, ele tem a alma de um velho de oitenta anos. Foi secretário de um importante político e agora meu. É a pessoa que mais confio na vida. Mandei uma mensagem para ele avisando que levaria alguém para jantar e que deveria pedir algo ou preparar alguma coisa.

— Sullivan, essa é a Senhorita Aria Fortson – os apresento —, ela é minha advogada, vamos discutir sobre o motivo da minha prisão.

— Claro – ele assente de forma impassível e fita Aria —, quer me dar o seu casaco, senhorita?

— Sim. – Ela tira a bolsa do ombro e em seguida puxa o casaco para trás.

Meu sangue ferve quando a vejo naquele vestido lindo que emoldura seu corpo como uma obra de arte. Ela é chique, elegante. Novamente sou obrigado a perguntar e tenho certeza da resposta que Aria é uma dama na sala, mas uma puta na cama. Adoro isso.

— Obrigada – ela agradece e fica com os braços estendidos ao longo do corpo.

— Está tudo pronto? – pergunto para Sullivan.

— Em alguns minutos...

— Vamos para a sala beber alguma coisa – aviso.

Ele assente e movo a mão para que Aria me siga. Entramos na sala principal e vou direto para o armário de bebidas pegar alguma coisa. Sirvo uísque para mim e para Aria sirvo Belber Bear Vodka[4]. Se quero impressionar, tenho que oferecer o melhor.

— Não vou beber, obrigada – ela recusa colocando as mãos na frente do corpo para não pegar o copo.

— Claro que vai – insisto —, é uma das melhores vodcas do mundo e tenho certeza que você não vai perder a oportunidade de experimentar.

— Estou dirigindo.

— Pode chamar um táxi – e coloco o copo em sua mão —, beba, não perca a oportunidade de usufruir de uma bebida como essa.

Ela segura o copo e comprime os lábios como se estivesse se controlando para não me xingar. É bom saber que tenho a capacidade de tirá-la do sério. Se ela estivesse apática, eu não estaria perdendo meu tempo. Mas se posso causar raiva, também posso causar outras coisas.

— Vamos nos sentar...

Convido e coloco minha mão na base das suas costas. Vejo que ela fica tensa e a levo até o sofá. Não me sento perto dela, eu me sento do outro lado, bem longe. Sou um conquistador, só serei

um predador se ela ceder. Penso com malícia. Tomo do meu uísque e deixo o silêncio imperar entre nós. Ela bate o salto no chão e encosta no sofá, observando tudo ao redor.

— Agora pode me contar o que foi que aconteceu entre o senhor e John Gordon – ela é direta.

— Não consegue relaxar? – mudo de assunto.

— Não estou aqui para relaxar, Senhor Maverick, estou aqui a trabalho – ela pontua sendo a profissional excelente que é.

David jamais designaria um idiota para cuidar dos meus assuntos. Um dos motivos é porque somos amigos e cunhados e o outro motivo é que eu pago muito bem quando preciso dos serviços do seu escritório. E sempre preciso. Somente não sabia que ele tinha essa joia escondida.

— Mas não consegue relaxar sequer quando trabalha? – continuo em outro assunto.

— Estou relaxada, só acredito que temos que falar sobre o motivo que me trouxe aqui...

— O que a trouxe aqui foi o jantar – pontuo com cinismo —, conversaremos sobre o incidente quando estivermos à mesa – inclino o corpo para frente, apoiando um dos meus cotovelos no joelho —, agora me diga, Senhorita Fortson, o que faz da vida além de ser advogada? Você tem cara de ser bem jovem.

— Isso é irrelevante... – retruca com impaciência.

— Não seja previsível, eu sabia que responderia assim – eu a provoco —, seja educada. Quero só conversar, algum problema?

Sinto que está na defensiva. Tem algum motivo para isso?

Eu a pego de surpresa e ela entreabre aqueles lábios lindos, um tanto constrangida.

— Não estou na defensiva, Senhor Maverick, estou apenas fazendo o meu trabalho...

— Então, me responda, o que faz da vida além de advogar?

— Faço o que todo mundo faz. – Ela encolhe um ombro delicado que tenho vontade de morder e subir minha boca por seu pescoço até tomar aquela boca muito linda. E os lábios ficariam mais lindos em volta do meu pau, seu batom marcando a extensão da cabeça redonda ao saco.

— Você não pode ser tão entediante! – Reluto em aceitar.

Ela fica ofendida.

— Não sou entediante!

— Gosta de futebol?

Aria olha para o outro lado antes de responder.

— Sim – afirma.

— Para qual time torce?

— Para nenhum – mente.

— Não tem problema se seu time preferido é o Boston King – retruco com ironia antes de levar o uísque à boca.

— Não é – ela garante.

— Admita... – peço debochando dela.

— Meu time preferido é o Madison Lions[5] – responde me encarando com audácia.

Não sei por que ela falou o nome desse time. Eles são os maiores rivais do Boston King.

— Está falando isso para me provocar – deduzo.

— Não, senhor.

— Madison Lions é o pior time de futebol que já vi...

— E o único que conseguiu vencê-lo mais de uma vez. – Ela dá um sorriso mau antes de saborear sua maldita vodca. Descubro que Aria Fortson é uma bela gostosa que adora provocar para causar raiva.

— Então admite que você presta atenção em mim – rebato com vontade de apertar aquele pescoço lindo enquanto me afundo nela.

Ela ri com vontade e o som da sua risada faz meu pau ficar duro. Simples assim.

— A única coisa que eu admito aqui, Senhor Maverick, é que todas as vezes que o Madison Lions perdeu para o Boston King, o senhor não estava jogando. – Ela está rindo de mim.

Ela pegou meu ponto fraco e cravou as unhas até sangrar. Talvez, eu mereça isso por ser tão arrogante. Não fico com raiva, ao contrário, gosto desse jeito dela de não baixar a guarda, de não ceder, ela não gosta de mim e se torna um desafio fazer com que goste. O que não gosto é ser comparado ao Madison, esse time sempre será uma ferida aberta em minha vida.

— Ok – ergo as mãos no ar —, você venceu! Mas posso saber por que se tornou torcedora desse time? Acaso é da costa Leste?

— Sim, sou da Califórnia... – ela responde e meneia a cabeça.

— Longe.

— Eu queria estudar em Harvard e mudar de ares – observa e fico satisfeito por estar se abrindo comigo.

Quero saber mais dela, tudo. Não apenas por torcer pelo time que eu detesto, mas porque quero ter a ciência exata de até onde vai a resistência dessa mulher durona.

— Interessante... – admito.

— E também seguir meu namorado – ela completa —, ele havia entrado em Harvard e eu não conseguia imaginar minha vida sem ele.

— E pelo tom não estão mais juntos...

— Não – ela responde sem demonstrar ressentimento ou amargura.

— Deve ser um idiota para deixar uma mulher incrível como você ir embora – eu comento a encarando.

— Já ouvi cantadas melhores... – critica sem paciência alguma.

— Tenho certeza que sim – dou um meio sorriso —, você deve ouvir cantadas o tempo todo. É bonita, inteligente. O que você

queria? Que os homens a ignorassem?

Aria finalmente sorri.

— Tem razão, não estou sendo razoável...

— E posso saber o motivo?

— Além do fato de que o senhor é quarterback do time que detesto?

— Fui, eu me aposentei ano passado – a interrompo.

— Além disso, me coagiu a vir jantar no meio da madrugada...

— E o que você ia fazer? Dormir? – Eu me levanto e viro meu uísque antes de encará-la e dizer. — Pode apostar que essa vai ser a noite mais inesquecível da sua vida!

Ela ri da minha pretensão.

— Não vou contradizê-lo. – Ela pouco se importa com a minha opinião.

— Não porque eu sempre tenho razão.

Ela balança a cabeça, desolada com a minha arrogância.

— O senhor é um pouco primitivo – ela me rotula.

— Primitivo? – Me aproximo dela devagar.

— Sim, o senhor bate em velhos em bares, me obriga a vir jantar... o que vai fazer? Me amarrar numa masmorra?

Paro diante dela e me curvo, coloco as mãos uma de cada lado do corpo dela, sobre o encosto do sofá. Aproximo meu rosto e

ela se afasta.

— Se eu for amarrá-la vai ser na cabeceira da minha cama, e não numa masmorra...

Aria prende a respiração e me levanto.

Sullivan surge à porta da sala.

— Senhor, está servido – ele avisa cansado.

— Obrigado – e olho para Aria —, vamos?

Afasto e ela assente, se levantando. Saio na frente e ela me acompanha até as escadas e subimos para o segundo andar onde fica o terraço. Sullivan preparou uma mesa muito charmosa para um casal.

— Espero que goste de massa italiana. – comento.

— Eu gosto – responde observando tudo ao redor, inclusive a vista para o bairro iluminado.

Ela não parece impressionada com aquilo tudo. Puxo a cadeira, ela se senta e agradece. Eu me sento de frente para ela e espero que se sirva para depois me servir.

— Então você é da Califórnia, gosta de vodca, torce para o Madison Lions, se formou em direito – eu comento —, e o que mais?

— Mais nada, agora vamos falar sobre o que aconteceu naquele bar – ela exige.

— Como você é chata! Não sabe apreciar a noite e a vista...

— A vista é maravilhosa – ela garante sem qualquer intenção de elogiar —, mas o senhor já deve ter ouvido isso milhares de vezes!

Ela é linha dura e não vou ser babaca de ficar enrolando. Não essa noite e com essa mulher. Aria precisa da verdade para se entregar, ela necessita de confiança, dá para ver na forma como me fita, ela não sabe nada sobre mim, como vai se entregar se eu não der um pouco de mim para ela também? Esse é o jogo da sedução...

— Está bem, eu vou contar o que houve, mas com uma condição – coloco erguendo o dedo indicador.

— Mais uma? – sua impaciência é evidente. Ela não suporta estar aqui. Ou viro o jogo ou vou perder.

— Pare de me chamar de senhor, ou não vou contar...

Ela fica aliviada com aquela condição.

— Tudo bem.

— Meu nome é Cash. Na verdade, é Montgomery Cashman Maverick.

— Uau, seus pais estavam inspirados! – zomba.

— É o que parece – falo sem dar muita importância —, mas me diga o que você precisa saber exatamente, Aria?

Quando articulo dessa forma, o rosto dela se ilumina, porque sente que estou levando a sério o seu trabalho. Ela fica linda quando está contente com alguma coisa, aposto que até o fim da noite, vai dizer que aquela é a melhor refeição que já comeu. Se tem

algo que sei fazer bem é satisfazer uma mulher em todos os sentidos.

— Conte tudo – ela pede séria segurando o garfo com o macarrão enrolado na ponta —, desde o começo, como tudo sucedeu. Tente se ater aos detalhes. Lembre-se que a sua memória ainda está fresca e qualquer coisa é importante.

Apoio os cotovelos na mesa e sorrio para ela.

Estou disposto a tudo para ter essa mulher na minha cama essa noite. Até mesmo pronto para dizer a verdade a ela.


Aria

Capítulo 3

Quando ele apoia os cotovelos sobre a mesa e me encara, posso perceber o quanto os olhos dele são verdes intensos. Aliás, tudo em Cash é excessivo. O olhar, os gestos, a forma como fala. Contudo, felizmente, estou vacinada contra esse tipo de homem. Ele não faz nada distinto que outros não tenham feito quando dão em cima de mim. A diferença muito imperceptível é que posso sentir o quanto ele está acostumado a dominar o tempo todo. A maioria dos homens se assusta com meu jeito duro de agir.

Tive que aprender a ser assim para ser respeitada no meu meio onde a predominância são homens arrogantes e insuportáveis. Tenho que ser mais inteligente, mais esperta, mais durona. Do contrário, eles me engolem. Não posso demonstrar minhas fraquezas e vesti tanto o personagem que não saio mais dele. Sou essa mulher séria e inabalável.

Estou com a boca cheia de uma macarronada deliciosa. Sullivan está de parabéns, seu tempero me fez lembrar o rancho dos meus avós maternos onde eu passava as férias, ao redor de Bakersfield[6]. A comida da minha avó tinha um sabor de felicidade sem igual e isso me deixou mais relaxada sem que pudesse fazer nada contra. Termino de mastigar e tomo um pouco do vinho tinto que o Sullivan deixou para nós. Ele é ótimo, me simpatizei com ele

desde o primeiro instante, o dia que esse maluco na minha frente não o quiser mais como funcionário, eu contrato Sullivan sem pestanejar.

— Eu vou contar – Cash diz sério e fico surpresa com sua mudança de humor.

— Sou toda ouvidos – aviso e deixo o garfo sobre o prato.

— Eu sou sócio da franquia de restaurantes Laconia, já deve ter ouvido falar... – ele começa.

Claro que ouvi. Laconia é um dos restaurantes mais caros para se frequentar, mas tem a melhor comida que alguém pode experimentar, sem dúvida. Eles não têm mesa livre pelos próximos dois anos.

— Eu conheço – respondo compenetrada nas palavras dele, mas de repente me pego notando a forma como os lábios bonitos dele se movem.

— Desde que me aposentei, tenho acompanhado de perto minhas sociedades. Não apenas do restaurante, mas de uma rede de academia, uma franquia de chocolates, e agora construção. E isso tem tomado meu tempo, mas tento ser o mais próximo possível dos meus empregados, tanto da minha casa, como dos outros lugares...

Fico interessada no que ele diz, a forma como ele mostra que realmente se envolve com o negócio, não são meras palavras, dá para sentir.

— A empregada daqui de casa é a Roseta, ela está comigo há mais de dez anos, e acabei dando emprego para a filha dela, a

Gaya, no Laconia – ele começa a entrar no assunto finalmente.

Por que não estou surpresa que tenha mulher envolvida nisso? Meu cérebro corre para finalizar a história: Gaya e ele tem um caso, o velho deu em cima dela e ele quebrou o cara no meio. Fim. Que idiota! Tem tantas formas de resolver as coisas sem violência. Não poderia esperar outra coisa desse babaca!

— Há quanto tempo Gaya trabalha no seu restaurante?

— Uns dois anos. – Ele meneia a cabeça e move a mão direita mostrando não ter muita certeza.

— Entendo.

— Um dia, quando cheguei ao restaurante, Gaya estava aos prantos.

Sabia! Eu devia ser detetive, penso.

— E você tomou as dores dela – concluo com cinismo.

— Você não tomaria? – ele devolve ferino. — Se alguém que você tem respeito estivesse sofrendo, o que faria?

A pergunta me deixa desconfortável. Evito deixar que as pessoas se aproximem de mim justamente por isso. No meu mundo, se compadecer da dor do outro pode ter um preço muito alto. Um advogado tem que ser frio, calculista e só pensar em uma forma de encontrar uma brecha na lei para salvar seu cliente mesmo que ele esteja errado. Não faço parte da promotoria que ataca o réu, eu sou a parte que tem que provar que o réu é o inocente, custe o que custar.

— Vocês dois tinham um envolvimento sexual ou amoroso? – pergunto friamente.

— Por Deus! Não! – Ele faz uma careta como se isso fosse impossível.

— Senhor Maverick... – eu começo.

— Cash – ele manda.

— Cash – corrijo —, tem que me dizer a verdade, qualquer detalhe é importante para que eu possa defendê-lo e não sejamos pegos de surpresa pelo promotor que vai denunciá-lo.

Ele me fita com impaciência:

— Estou dizendo a verdade, é você que não está me ouvindo. Gaya é filha de Roseta, que é uma mãe para mim – explica —, a garota teve problemas com drogas no passado, mas está limpa, tem um filho de oito anos e cuida bem dele.

— Quantos anos ela tem?

— Vinte e dois anos, eu acho. – Ele não mostra muito interesse.

— O quê? – Fico chocada. — Ela foi mãe com quantos anos?

— Isso é relevante para o processo? – ele me devolve ferino e fico sem graça.

— Claro que não.

— Ótimo – concorda severo pela minha crítica desnecessária e fico sem graça.

Estou tão na defensiva que estou fazendo pré-julgamentos. Decido baixar a guarda e ouvir tudo que ele tem a dizer até o final e então fazer minhas considerações.

— Continue, por favor – peço totalmente sem graça, mas não demonstro.

— Como eu ia dizendo, ela estava chorando e perguntei o que era. Então, ela me contou de novo que o tal John Gordon, que é um tipo traficante do seu bairro, algo assim, tipo um gangster, novamente tinha exigido que ela deixasse a casa com o filho e a mãe, porque ele queria a casa para ele...

— Isso é proibido! Por que ela não procurou as autoridades?

Ele ri da minha cara e balança a cabeça em negativa.

— É sério que acredita que realmente a polícia poderia fazer algo contra um homem como John Gordon? Ele manda no bairro, ele tem policiais que trabalham para ele... é uma grande merda...

Fico surpresa.

— Esse tipo de cara só vai para trás das grades quando o sistema decidir que ele não serve mais. Então outro o substitui... é um círculo vicioso e nós sabemos que por trás dos criminosos tem muito peixe grande que precisa deles para fazer o serviço sujo...

Sei que é verdade e fico calada.

— Então, eu disse a ela que não se preocupasse, que ela e a mãe poderiam ficar na minha casa, até que comprássemos uma residência nova para elas. Que deveria mudar do bairro...

A atitude dele me deixa boquiaberta.

— Você ia dar uma casa nova para elas?

— *Ia não*. Eu dei... elas se mudaram para um bairro melhor para ficar longe dessa merda toda...

— E o que deu errado?

— Aí vem a surpresa – ele sorri com ironia —, John Gordon é o pai do filho de Gaya e ele foi atrás dela de novo.

Meu queixo cai.

— Aquele velho engravidou uma menina de quatorze anos?

Ele move a cabeça satisfeito porque eu entendi tudo.

— Acredito que seja uma espécie de obsessão. E agora que Gaya está limpa, ele ficou ofendido.

— Que situação... – Fico apreensiva com o que virá.

— Gaya não foi trabalhar por uns dias, perguntei à Roseta e ela não queria me contar. Eu fui até a casa delas e então descobri que o tal Gordon tinha dado uma surra nela...

Ele fica parado me olhando esperando que eu compreenda o que aconteceu.

— Eu só dei o troco. Tenho nome, sucesso, fama – ele mostra os dedos das mãos enquanto fala —, possuo o mundo ao meu lado, sou homem e esse merda não pode comigo. Tenho amigos muito mais poderosos que ele. A polícia não vai contra um idiota desses que bateu numa mulher qualquer e que ainda tem um filho dele. Eles podem ir até lá, mas o que eles podem fazer além de prender o cara e ele ser solto no dia seguinte? Nada!

Estou sem palavras, sem saber o que dizer. Essa é a triste realidade de muitas mulheres que acabam morrendo na mão de homens ignóbeis.

— Eu só dei o recado – conta ainda mexido com a situação —, mostrei a ele o que é apanhar.

— E por que a polícia se envolveu?

— Alguém no bar chamou a polícia, e fui preso – encolheu os ombros —, é mais fácil um jogador famoso passar por louco, por irresponsável, do que o Estado assumir a sua deficiência em proteger as pessoas de criminosos como Gordon.

Penso por alguns instantes.

— Tenho certeza as testemunhas não vão depor a seu favor – falo com ironia —, você está sozinho com sua vingança.

— É o preço – ele fala o óbvio, aceitando as consequências.

Ele olha bem dentro dos meus olhos e diz:

— Eu faria tudo de novo, Aria – a forma como ele diz meu nome me excita —, não apenas por Gaya, mas nenhuma mulher merece viver o que ela viveu! Nem aos quatorze anos, sequer agora!

Meu coração acelera e minha boca seca.

Que homem! Puta merda!

E eu achando que ele é um babaca e Cash só defendeu a filha da sua empregada. A maioria não se importa, mas ele comprou

para si uma briga que nem é sua e com pessoas perigosas. Pode existir algo tão corajoso e digno de admiração?

— Essa é a verdade... – ele pega a taça de vinho e toma um gole —, o que acha?

Fico sem palavras. Movo a mão no ar procurando o que dizer e sempre sou bastante eloquente e tenho a língua afiada.

— É uma história incrível, vou ter trabalho para justificar seu ataque – digo e volto a ficar séria.

— Tenho certeza que vai conseguir – ele me encara com aquele jeito sedutor —, ou David não a teria mandado aqui.

Pigarreio ao ficar sem graça e tomo mais vinho.

— Acho melhor comermos, ou vai esfriar. – Ele aponta para o meu prato.

— Claro...

Pego meu garfo e volto a comer aquela macarronada deliciosa.

— Sullivan é o melhor cozinheiro que já conheci – ele elogia mudando de assunto completamente.

E agradeço por isso. Foi uma história bem intensa e preciso pensar em uma forma de montar uma defesa que o tire dessa situação. Ele ajudou a garota, só isso. Nunca imaginaria que um cara com fama de badboy babaca fosse um homem tão... destemido. Tão determinado e humano.

— Tenho que concordar – digo e dou um fraco sorriso —, fazia anos que eu não comia algo tão gostoso...

— A rainha do fast food? – ele indaga.

Começo a rir.

— Mais ou menos, eu como quando dá, e em horas horríveis, trabalho muito...

— Está em busca de sucesso – ele deduz.

— Estabilidade, acredito que qualquer um quer isso.

— A sua história é a da garota do interior que veio tentar a sorte na cidade grande? – ele me questiona.

— Não – faço que não com a cabeça.

— Não vai me contar?

Eu o encaro com cuidado. Cash tem um olhar predador, mesmo assim, não vejo problema em contar a ele a verdade. Talvez seja até bom para mantê-lo longe de mim.

— Lembra do Madison Lions?

— Como posso esquecer? – pergunta de mau humor.

— Meu pai é dono do time – conto —, eu sempre morei em Los Angeles, em Beverly Hills. A estabilidade que busco é profissional, não financeira. Não preciso me preocupar com dinheiro, essa é a verdade.

Agora é ele que fica sem palavras.

— Você é filha de Michael Scott-Rhodes? – ele questiona como se fosse um insulto.

— Sim.

— Mas seu sobrenome é...

— Da minha mãe, eu não uso o do meu pai porque você há de convir comigo que Scott-Rhodes não é um sobrenome comum. Meu irmão mais velho, Stuart, foi jogador e agora é o treinador do time. Meu segundo irmão, Junior, é dono de um canal de esportes. Meu terceiro irmão, Luke, é dono de uma franquia de marca esportiva. Meu quarto irmão, Trevor, é jogador de futebol americano. Minha irmã mais nova, Sarah, é atriz e está em uma das séries mais famosas do país. Sem contar que minha mãe é diretora de cinema, Glenda Rhodes, então você há de convir comigo que meu sobrenome é bem conhecido. E eu prefiro o anonimato.

Ele começa a rir de repente.

— Puta merda! – Ele ri da situação e acha tudo engraçado. – A filha de Scott-Rhodes jantando comigo e vai ser a minha advogada? Seu pai vai ter um ataque do coração!

— Provavelmente, mas eu não tenho planos de ligar para ele e contar sobre o que está acontecendo aqui, então... se você também não falar nada, vai ficar tudo bem...

Ele balança a cabeça de um lado para o outro, desolado:

— Eu deveria te mandar embora por causa disso – ele debocha, seus olhos brilhando perigosamente.

Tenho a impressão que despertei o demônio que há nele depois que contei quem eu sou.

— Mas você não vai. Não é isso que você quer – rebato apenas para desafiá-lo a me mandar embora.

Ergo uma sobrancelha e o encaro com provocação. Estou falando de trabalho, mas nós dois sabemos que é mais que isso. Ele me quer de um jeito nada recomendável para menores de dezoito anos. Quando o tirei da cadeia, eu o desprezava, mas depois desse jantar, eu já não tenho muita certeza se o odeio tanto.


Cash

Capítulo 4

PROVOCAÇÃO.

Esta palavra surge como letras de neon como a fachada da Times Square[7].

Aria Fortson, a filha do dono do time que é meu inferno nesta Terra, é uma maldita provocadora e linda. Gostosa. Há muito tempo, eu não me divertia na companhia de uma mulher, ela não cede fácil e mesmo assim, estou excitado. Aqueles olhos azuis me sondam atentamente, e eu a observo como um predador me perguntando quantos segredos ela tem guardado nessa fachada gélida.

Mas ela gosta do jogo que está começando entre nós dois. Eu sabia que isso aconteceria depois que ela soubesse a verdade sobre o que aconteceu.

Terminamos de jantar enquanto ela conta que não vive sem o dinheiro do papai, a casa que ela mora é alugada, bem como o carro foi um presente dos pais, e a mesada que ele envia todos os meses também é outro adendo. E ela não tem vergonha de admitir que é uma herdeira rica, ao contrário, não é arrogante, só está confortável em ser quem é.

— Você poderia estar trabalhando em um grande escritório em Los Angeles – suponho quando sirvo mais vinho em nossas

taças.

Descemos para a sala de visitas com nossas taças de vinho. Sullivan acendeu a lareira e o ambiente fica aconchegante. Se ela quiser ficar pelada, não vou reclamar, posso arrancar esse vestido com um só puxão.

Ela me fita com desprezo:

— Não seja arrogante! Posso trabalhar onde quiser e eu amo Boston. Eu me apaixonei desde a primeira vez que vi essa cidade há quase cinco anos e não tenho planos de sair daqui, por que sairia?

Ela se senta e cruza as pernas de uma forma tão sedutora que não consigo deixar de a observar e sentir meu pau pulsar de novo.

— Então você gosta de Boston? – Eu me aproximo e me sento ao lado dela.

Dessa vez, ela não se afasta, apenas me observa com fria atenção antes de responder. Fico me perguntando se nos tribunais os promotores, advogados e até o juiz têm fantasias com ela como estou tendo agora.

— Sim, muito. Eu gosto mais do frio daqui do que do calor da Califórnia. E também gosto de ter minha vida sem que ninguém me diga o que fazer...

Um sorriso surge nos meus lábios.

— O papai te sufoca?

— Tudo me sufoca em Los Angeles – ela admite e toma mais vinho. — Agora chega de falar de mim. E você? Sempre morou em Boston?

— Sim, desde criança. Minha família é toda daqui.

— Você só tem a Bethany como irmã?

— Não, tenho mais dois irmãos. Um mais velho e um mais novo.

— Você é o segundo... – ela finge estar impressionada, mas está debochando.

Não consigo conter a risada.

— Você está me provocando...

— Não, mas ser o segundo filho me faz entender essa sua necessidade de autoafirmação... – ela observa.

Fico surpreso por ela ter notado.

— Cada um carrega a sua cruz... – observa.

— Qual é a sua? – questiono.

Ela me olha com intensidade, desiste de falar e coloca os pés para fora do sofá.

— Acredito que é melhor eu ir embora. – Ela deixa a taça em cima da mesa de centro e se levanta.

Fico olhando para ela atentamente, sem me levantar.

— O que foi? – pergunta nervosa.

Eu a encaro para confessar:

— Quero que fique essa noite comigo...

Os olhos dela mudam de cor, ficam escuros e imagino a tempestade que se forma em seu interior. Ela é uma leoa e está no topo da cadeia alimentar.

— Sabe que não posso – ela diz sem muita convicção.

— Existe uma grande diferença entre não poder e não querer – argumento.

Ela não se move, apenas me observa com atenção, como se estivesse lutando contra si mesma.

— Se eu ficar, não serei mais sua advogada.

— Se essa é a condição, diga a David que não quer trabalhar comigo. – Simples assim.

A ideia de que ela também me quer me deixa muito excitado. Além do que eu esperava. Sou capaz de gozar na calça se ela se aproximar demais. Há muito tempo eu não me sentia assim, jovem, viril, com vontade de foder uma mulher com paixão. Não que eu seja uma máquina insensível, mas a facilidade para o sexo tornou tudo muito óbvio e sem graça. Aria é o tipo que escolhe com quem sai, ela sabe que é um troféu e não se entrega a qualquer um. E saber que ela me quer, me deixa louco.

Minha razão diz para mandá-la embora, ela é uma Scott-Rhodes e fede à problemas, mas meu lado impulsivo a quer. E muito.

Ficamos parados nos olhando, a tensão sexual chega ao limite quando ela diz:

— Eu vou embora... – sua voz não soa nada convincente.

Não vai mesmo. Eu me inclino para frente e toco seu joelho. Ela me fita com surpresa. Deixo meu copo no braço do sofá e meus dedos agarram seu joelho literalmente. Ela está de meia calça, mesmo assim, posso sentir o calor da sua pele. Aria olha para baixo quando fico de joelhos. Sinto a tensão de seu corpo e levo a mão aos seus sapatos para os tirar e jogar de lado. Subo as mãos bem devagar, desde seus tornozelos, passando pelos joelhos, e agarrando o tecido da saia de seu vestido para subi-la. As coxas redondas e lindas vão surgindo diante dos meus olhos. Eu amo coxas femininas.

Subo o tecido até que fique encolhido em sua cintura. Agarro a meia calça grossa e a puxo para baixo e jogo por cima dos sapatos. Inclino sobre ela para beijar sua barriga lisa bem devagar. Ela apoia as mãos nos meus ombros e beijo um pouco mais abaixo do umbigo. Sua barriga sobe e desce mais rápido quando uso a língua para acariciar a pele macia.

Levo o polegar até o alto da calcinha e deslizo pelo tecido macio até chegar ao clitóris. Eu a ouço ofegar e acaricio ali com mais força e ela gira os quadris. Não tem nada mais incendiário do que uma mulher excitada.

— Quero ver essa calcinha encharcar por minha causa – digo.

Ela abre os olhos e ri.

— Você é muito arrogante! – Ela sussurra.

Ergo o olhar para ela.

— Quer apostar que faço sua calcinha pingar? – eu a desafio.

Ela não consegue falar porque sei que a fantasia se formou em sua mente. E é claro que ela quer. Aria quer que eu prove que posso fazer isso. Ela fecha os lábios e suas narinas dilatam porque ela é obrigada a puxar mais ar tamanha sua excitação. Continuo girando o polegar ali. Em seguida, levo a boca sobre o tecido e a chupo.

Ela está lutando para não gemer alto e isso só me incita a agarrar seus quadris e chupar com mais força. A fricção do tecido a deixa louca de tesão. Passo o nariz para sentir o cheiro e quero foder muito. Volto a chupar por cima da calcinha e levo a mão para o alto, tocando o seio por cima da blusa.

— Isso é bom! – Ela me conduz ao caminho certo.

Eu me levanto e puxo o restante do seu vestido até o tirar pela cabeça. Ela está usando o sutiã preto de renda que esconde os seios cheios. Dou a volta e fico nas costas dela, erguendo as mãos para desfazer o fecho e tirar aquela peça. Beijo seu ombro e jogo a peça sobre o monte de roupas. Aproveito para tirar a minha camiseta.

Ela se vira e me fita com paixão, seus olhos percorrem meu corpo e ela ergue a mão para tocar o meu peito. Minha respiração fica mais pesada e observo como seus dedos deslizam pela minha pele até chegar ao cós da minha calça. Aria ergue aqueles malditos olhos azuis, dá um sorriso malicioso e abre o cinto da calça. Suas unhas pintadas de vermelho arranham minha pele quando ela puxa a peça para baixo junto com a cueca sem tirar os olhos dos meus.

Quando a peça cai aos meus pés, eu chuto para longe e dou um passo para ela. Seguro seu rosto entre as mãos e beijo sua boca macia. Passo a língua por toda a parte, aprofundando o beijo até arrancar o gemido incontrolável, depois outro e outro. Aperto sua cintura fina e sinto seus seios macios contra o meu peito. Prolongo o beijo até o limite da loucura, como se fôssemos dois adolescentes, e não dois adultos num jogo sensual.

Afasto o suficiente para abrir os olhos e fitar sua boca marcada pelo beijo. Seus olhos estão presos na minha boca. Agarro o cabelo em seguida para beijar seu pescoço com ardor, devorar sua pele e sentir seu cheiro. Ela se agarra aos meus braços e seus gemidos são cada vez mais altos quando mordo sua pele e digo ao seu ouvido:

— Gostosa do caralho!

Ela ofega e mordo a curva do pescoço, beijo seu rosto e sua orelha, faço carícias seguidas, até sentir que ela está perdendo o controle. Eu a empurro contra o sofá e ela cai sentada. Eu me ajoelho outra vez e abro suas pernas de uma vez. Ela move o corpo como uma onda e me inclino para frente para capturar o mamilo duro. Beijo, mordo e chupo exatamente como fiz com sua boca e pescoço. Depois faço o mesmo contra o outro e quando olho para cima, ela está com a cabeça para trás, descabelada, de olhos fechados, corada e mordendo o lábio inferior.

Levo a mão até a calcinha e dou um sorriso mal.

— Molhada... – Afasto para tirar a peça e ver aquela boceta linda surgir, inchada, pronta para ser tocada de todas as formas depravadas que conheço.

Cheiro a calcinha dela e ela sorri quando deixo a peça cair. Inclino para frente para beijar a boca macia outra vez. Ela me aceita e abre mais as pernas quando levo a mão até a fenda molhada e separo os lábios grandes para a penetrar com dois dedos. Aria morde meu lábio inferior e seu beijo se torna mais erótico conforme movo os dedos dentro dela, sua carne quente me comprimindo.

— Gosta, não é? – minha voz sai sufocada pelo tesão que me toma ao assisti-la se entregar.

Toco seu clitóris com o polegar e giro sem parar. Ela move os quadris contra a minha mão e seus olhos ficam presos aos meus.

— Quero ver você gozar gostoso, Aria – eu sussurro.

Então, ela revira os olhos e abre os lábios para dar gemidos altos de prazer.

Quando ela volta a esse mundo e relaxa, eu me viro para pegar minha calça e tirar a camisinha lá de dentro. Visto e puxo Aria para a borda do sofá. Roço a cabeça do meu pau na entrada encharcada da sua boceta e a penetro de uma vez, soltando um gemido baixo. Ela se contrai toda e leva as pernas ao redor dos meus quadris. Estico a mão para tocar seu seio, mas ela a pega e leva à boca para chupar o dedo que estava dentro dela há pouco.

Aquela visão me deixa louco de tesão. Não consigo resistir e invisto cada vez mais rápido, batendo tão forte que ela dá gritinhos de dor e prazer. Ela é apertada e comprime meu pau quando aumento o ritmo como um animal selvagem, perdendo o controle completamente. Eu perdi e ela também. Então fecho os olhos e

solto um gemido profundo quando começo a gozar. Sinto o suor escorrer pelo meu corpo.

Como é bom trepar com uma mulher gostosa. Ofegante, saio de dentro dela e me levanto.

Preciso tirar essa merda de camisinha e me limpar. Vou até o banheiro social e me lavo na pia mesmo. Pego a camisinha e xingo ao perceber que algo saiu errado, vazou porra dessa merda! Jogo no lixo. Lavo meu pau e pego uma toalha para me enxugar e depois prendo nos quadris. Volto para a sala e fico surpreso quando não vejo sinal da Aria. Olho no chão e não vejo suas roupas. Ela foi embora? Atravesso a casa com pressa e escuto o barulho de um carro arrancando em alta velocidade. Abro a porta sem me importar com o vento gelado da noite e vejo que a maldita se foi.

Sério? Balanço a cabeça sem poder acreditar. Por que ela foi embora?

Fecho a porta, incrédulo.

Que maluca! É a primeira vez que uma mulher foge depois de transar comigo.


Aria

Capítulo 5

Eu: @mia, passei no seu trabalho para almoçarmos, mas disseram que você não foi. Está tudo bem?

Mia: coisas de casal.

Ellen surge no mesmo instante e manda um emoji de diabinho.

Ellen: safada.

Mia: me julguem. Hahahaha

Harper: deixem a garota transar em paz, logo diminui o ritmo. Hahahah.

Ela diz isso porque Mia está grávida.

Mia: obrigada pelo incentivo.

Eu: está ansiosa para o casamento?

Mia: muito. Mas minha sogra está cuidando de tudo, vocês sabem.

Ellen: sei, temos a mesma sogra.

Harper: estou sem comer há dias para caber no vestido de madrinha.

Mia: não faz isso, você vai ficar doente.

Ellen: a louca das dietas é a Harper.

Eu: já falei que só exercício diário basta.

Ellen: a louca dos exercícios.

Mia: @Harper, só não exagere. Para não desmaiar na hora da cerimônia.

Eu: Preciso contar um segredo.

Preciso contar às minhas amigas que eu transei com um cliente, isso está me matando há dias e preciso desabafar.

Ellen: eu adoro segredos.

Harper: isso mesmo. Não faz igual algumas que levaram quase cinco anos para contar às amigas o seu maior segredo

Mia: foi para mim a indireta? Hahahaha

Eu: vocês querem saber ou não?

Ellen: claro.

Harper: sim.

Mia: óbvio. Manda.

Eu: eu transei com um cliente.

Envio no grupo das amigas poderosas. Nós nos conhecemos em Harvard e fazíamos parte da mesma fraternidade. A amizade virou uma família e éramos inseparáveis.

O silêncio paira no grupo.

Eu:????

Harper: deve ser irresistível para você quebrar uma das suas regras.

Eu: o problema é que se meu chefe descobrir, eu perco o convite para me tornar sócia no escritório.

Ellen: como ele vai descobrir?

Harper: É só você não contar.

Mia: o cara é um babaca?

Eu: eu só não devia ter feito.

Ellen: não lamente, já foi.

Harper: só deixe passar e vai ficar tudo bem.

Eu: espero que sim

Todas as três estão felizes em seus relacionamentos. Parece uma maldição, num espaço de um ano, minhas melhores amigas engravidaram e se casaram. Chega a dar calafrio. Já rezei mil vezes para eu não ter essa maré de azar. Uma vez, eu pensei nisso, mas foi há algum tempo. Perdi essa ilusão de vida perfeita. Eu não sou maternal e não sirvo para lavar a cueca de ninguém.

Elas me conhecem, sabem que eu sou mega chata com essa coisa de misturar trabalho e diversão e nunca cometi essa gafe, mas agora eu caí na minha própria rede de regras, caí de boca e me lambuzei. Quase... se eu não tivesse fugido era isso que teria acontecido.

Eu: e ele é cunhado do meu chefe.

Mia: você nunca faz nada de errado, amiga.

Harper: mas quando faz capricha.

Ellen: nós o conhecemos?

Eu sabia que elas iam querer saber quem era.

Eu: segredo.

Ellen: sem essa.

Mia: de jeito nenhum.

Harper: fala logo.

Começo a rir sozinha e olho ao redor. Estou em uma recepção da empresa e fugi um pouco para poder conversar com as minhas amigas. Eu dormi até um pouco mais tarde e por ter chegado atrasada no escritório, tive que trabalhar dobrado para dar conta dos meus compromissos. Mas como eu gosto do que faço, foi fácil. Movo o peso do meu corpo de uma perna para outra, não devia ter vindo com saltos tão finos, mas a festa exigia roupa de gala e eu não tive alternativa.

Eu: Cash Maverick.

— Cash Maverick! – uma voz feminina diz ao mesmo tempo em que envio a mensagem.

Levo um susto e desligo a tela do celular com medo que alguém tivesse lido a mensagem. Ergo o olhar e vejo a cerimonialista da empresa se aproximando do lindo homem de smoking. Alto, forte e viril. E bom de cama por sinal. O próprio demônio está ali sorrindo para todos enquanto os fotógrafos tiram fotos e ele sorri com uma simpatia única.

Ele olha na minha direção e sinto o sangue correr mais rápido. Também, não posso reclamar, foi bom! Mas é a primeira vez que o vejo na festa do escritório... é muita pretensão da minha parte achar que ele está aqui por minha causa? Talvez seja apenas uma forma do cunhado o chantagear depois que passei a noite em claro para o tirar da cadeia.

Guardo o celular na pequena bolsa. Um sorriso mordaz surge em seus lábios, como quem ganhou um grande prêmio. Ergo uma sobrancelha, antes de revirar os olhos e me afastar do canto onde tentei me esconder perto da saída e do elevador. Foi um erro, banheiro sempre é o melhor lugar para esconder.

Vou andando por entre os convidados e pego um champanhe sobre a bandeja. Cumprimento um, depois outro. Sei que Cash está atrás de mim, muito antes de ele abrir aquela maldita boca.

— Seria muito atrevido da minha parte dizer que você está linda...

Com aquela voz no meu ouvido, ele me faz arrepiar até o útero. Sem olhar para ele, respondo:

— Ouvi isso a noite inteira, Maverick, conte uma novidade. – E me afasto dele.

Ele vem atrás de mim.

— A noite toda? – pergunta com incredulidade.

Eu paro de andar e me volto para ele. Sinto seu perfume forte e gosto disso. O homem é todo bonito e me recordar do que houve entre nós não me ajuda em nada a manter a personagem de advogada fria e indiferente que aprendi a fazer.

— Eu nunca saí com nenhum deles, imagine o quanto estão ávidos por descobrir como é! – respondo e dou um sorriso.

— O que eles achariam se soubessem que você quebrou suas regras? – ele me desafia.

— Eles não vão acreditar... – contraponho e ele não deixa de sorrir mesmo assim.

— Deus! Eu posso te foder aqui mesmo contra a parede...

A ideia me deixa com a calcinha molhada.

— Nenhum de nós quer um escândalo... – ironizo.

Ele dá um passo ameaçador para mim. Não me movo, se eu fizer isso, vou demonstrar que ele me intimida e isso não é possível no meu mundo de concorrências. Um ponto fraco e sou engolida por qualquer um ali dentro. David Constantine confia muito em mim e alguns homens do escritório me odeiam por isso.

— Não dou a mínima para escândalos – sua voz soa firme e sedutora —, eu vim até aqui por sua causa e não vou embora sem você...

Seus olhos verdes engolem os meus, me avisam que eu não tenho escolha e por uma fração de segundos não quero ter. Quero obedecê-lo, cair de joelhos e chupar seu pau enquanto ele segura meu cabelo com força e geme. Eu adoro dominar um homem com a boca.

— Vai sonhando, baby. Está muito possessivo, entra na fila... – debocho escondendo meu nervosismo.

Há muito tempo eu não ficava tão excitada na presença de um homem.

— Cash – a voz de David soa.

Cash se afasta e olha para o cunhado. O homem loiro com os cabelos penteados para trás como um mafioso se aproxima e sorri também.

— Estou surpreso que tenha vindo – ele olha para mim —, como o convenceu a vir?

— Eu não...

— Ela me disse que queria discutir sobre o processo – Cash fala na minha frente —, eu disse a ela que não iríamos ter um encontro no escritório. Então, ela deu a ideia de ser aqui...

David sorri para mim como o dia de sol.

— Essa é minha garota, é a melhor advogada que tenho. Começou como estagiária e em um ano fez mais do que muitos que têm carreira – ele fala sério e fita o cunhado —, está em boas mãos.

Um sorriso sarcástico surge nos lábios de Cash.

— Tenho certeza que ela tem belas mãos. – Ele olha para mim e reviro os olhos de novo.

— O que me consola é que Aria não se envolve com os clientes – David bate no ombro de Cash —, é melhor tirar seu cavalinho da chuva.

Ah, meu Deus! Se meu chefe soubesse o que andei fazendo naquela madrugada, eu perderia toda a minha credibilidade. Olho

para Maverick esperando que ele me entregue, faça uma piada grosseira e diga que trepamos.

— Mas flertar não mata ninguém – Cash encolhe os ombros —, torna o jogo mais gostoso.

David dá uma risada.

— Você não tem jeito. Já viu sua irmã?

— Ainda não, acabei de chegar... – Olha ao redor.

Bethany parece ouvir seu nome e se aproxima de nós, linda e elegante. Com aqueles cabelos pretos e os olhos azuis, ela é uma ex-modelo de parar o trânsito.

— O que está fazendo aqui, Cash? – ela pergunta e ri da situação. — Não me diga que veio atrás de um rabo de saia?

— E eu pareço o tipo de homem que precisa correr atrás de uma mulher? – Ele devolve e pega o champanhe da bandeja quando o garçom passa.

Fico impressionada por ele não ser grosseiro e me entregar. Aliás, fico agradecida por ele estar sendo educado ao menos. Outro poderia estar se gabando do que fizemos e me expondo ao ridículo.

— Aria está cuidando do caso do seu irmão – David explica a ela.

— Então está salvo – Bethany olha para mim e sorri —, Aria é de máxima confiança. Ninguém nunca vai saber o que está acontecendo com você.

Fico sem graça e tomo o champanhe, sentindo meu rosto queimar de vergonha.

— Desse jeito vou me apaixonar pela minha advogada – Cash brinca.

— Só se você for cego para não se apaixonar – Bethany brinca.

— Dizem que a família se reúne em lugares impróprios – a voz masculina carregada soa ao nosso lado.

Um homem da altura de Cash se aproxima. Seus cabelos são parecidos com os de Cash e os olhos também, a diferença é que está ficando grisalho e leva uma barba mais comprida. Mas é tão bonito quanto.

— Alex! – Bethany sorri e se afasta de David para abraçar o homem. — O que está fazendo aqui?

— Eu estava em Nova Iorque e decidi passar aqui e fazer uma surpresa, a secretária de David disse que haveria uma recepção para alguns clientes – ele se explica.

David estende a mão para cumprimentar o cunhado. Noto que Cash não se move. Ele só observa o irmão que parece ser mais velho e não dá um sorriso. Não sou a única a notar isso.

— Essa é nossa advogada, Aria Fortson – Bethany nos apresenta.

— Como vai? – Ele aperta minha mão com educação. — Finalmente David está contratando mulheres bonitas?

— Alex... – Bethany o reprova.

— Competentes, o senhor quis dizer – eu não consigo me controlar.

— Eu não quis ofender – diz charmoso e olha para Cash —, não vai cumprimentar seu velho irmão depois de tanto tempo?

Sinto a ironia em sua voz e a energia forte que desprende do corpo de Cash. Ele está com raiva. Ele olha para David e depois para Bethany:

— Vou pegar uma bebida mais forte – avisa ignorando o irmão por completo —, você me acompanha, Aria?

Dadas as circunstâncias, eu aceno de forma positiva com a cabeça. Ficar ali e deixá-lo ir sozinho seria constrangedor e ele salvou minha pele quando não contou sobre nossa noite. *Uma mão lava a outra,* penso e o sigo em direção ao bar.

— Um uísque duplo com gelo – ele pede ao barman bonito e charmoso com sua roupa sexy de camisa aberta nos primeiros botões.

Eu sou solteira, acho os homens lindos e sempre admiro. Não estou morta.

— O que vai querer? – ele me pergunta.

— Eu vou ficar no champanhe. – Mostro a taça e bebo mais um pouco.

— Ela vai querer uma vodca. – Ele ignora minha resposta.

— Por que me pergunta se vai ignorar minha resposta? – questiono séria.

— Porque você quer beber vodca, mas por estar perto do pessoal do trabalho, você se controla – ele diz o óbvio e fico irritada por ser tão transparente —, um copo não vai te matar, nem te deixar bêbada e louca.

O barman coloca as bebidas na nossa frente e pisca para mim. Cash vê.

— Quer ficar sem os dentes? – Ele ameaça o barman que fica sem graça e se afasta.

— Tudo isso por que seu irmão está aqui? – Tomo um gole da vodca.

— Não – ele me encara —, você está comigo e não vou deixar que um homem a paquere. Isso não é legal.

— Não estou com você...

— Na frente dessas pessoas e de David, não está – ele sorri dissimulado —, contudo mais tarde...

— Você é muito arrogante e não vai rolar de novo... aquilo foi inesperado...

— Foi ótimo – ele fala me deixando sem graça —, admita. Houve muita química e há muito tempo eu não me sentia assim.

Cash Maverick definitivamente é o homem mais intenso que eu já conheci. Ele não esconde o que sente, é verdadeiro e não descansa até ganhar a batalha. Deve ser por isso que se tornou o melhor quarterback da história.

— Eu sei que foi legal... – começo a falar.

— Legal? – ele pergunta incrédulo.

— Está bem, foi muito bom – falo colocando limite. Não vou admitir que adorei. — Mas eu amo meu trabalho, Cash...

— Não sei se gosto mais quando você me chama de Cash ou de Maverick – ele fala com a voz carregada de excitação.

— Estou falando sério – eu o corto —, gosto do meu emprego e se eles souberem sobre aquela noite, vou perder tudo. Vão achar que eu cheguei onde cheguei trepando com todo mundo. Mulheres têm que lutar dobrado para se impor, para serem respeitadas. Eu realmente não tenho planos de sair com qualquer outro cliente, por isso não vai acontecer de novo. Tenho uma reputação a zelar. Seu parentesco com David pode prejudicar a minha carreira...

Ele bebe o uísque e me encara:

— Vou cuidar de tudo, baby. Eu nunca vou te prejudicar, prometo – noto que ele se segura para não erguer a mão e me tocar. Cash cerra o punho e se controla —, e não vou embora dessa festa sem você!

Ele pisca para mim e sai andando por entre os convidados.


Aria

Capítulo 6

Eu fico longe de Cash o máximo de tempo que posso até que o vejo entretido com algumas mulheres ao seu redor. Ele é um babaca atrevido que se acha, todas babam nele e ele nem é tudo isso que pensam que é. Balanço a cabeça, desolada, e me distraio com a minha vodca pensando em quando vou poder ir embora e parar de receber sorrisos safados de homens que só querem terminar a noite trepando comigo. Nada mais.

Nenhuma conversa interessante, nenhum convite para ir ao cinema ou falar sobre um livro. Nada. Só sexo e sexo. Isso fica chato. No começo até massageia o ego, mas depois aprendi que te torna um objeto descartável.

— Está se divertindo, Senhorita Fortson?

Olho para o lado e noto Alex Maverick. A família é feita de homens bonitos, o que posso fazer? Criticá-los por seu charme? Ainda bem que esse Maverick não é irresistível para mim.

— Depende do que chama de diversão, Senhor Maverick – respondo sem qualquer humor.

— A senhorita não parece estar preocupada com nada. – Ele observa de maneira estranha.

— E eu deveria me preocupar com alguma coisa? – questiono sem entender.

— Talvez, o fato de que meu irmão mais novo não tira os olhos de você – ele cutuca e toma seu uísque de forma displicente.

Agora sei por que Cash o odeia. O cara é um babaca. Uma família de homens inconvenientes. Não acredito que ele se atentou para esse detalhe.

— Verdade? – Eu me faço de desentendida. — Não seria o primeiro e sequer o último. Mas pode ficar tranquilo, tenho mais de vinte e um anos, sei beber, tenho carteira de motorista e meu próprio trabalho. A última coisa que me preocupa é o ego de um homem que não sabe o seu lugar...

O recado foi dado e ele ri da situação.

— A senhorita é esperta.

— E por que não seria? Uma mulher só chega aonde eu cheguei, Senhor Maverick, se aproveitar o cérebro quando não quer abrir as pernas... – Viro minha vodca e me afasto dele.

Deixo meu copo em cima do móvel. Não tenho que suportar mais uma noite tão entediante. Observo a saída para ver o momento em que alguém sai do elevador, então caminho depressa e peço para que segurem a porta. Entro e a porta se fecha. Um alívio me toma, estou livre desse maluco e posso ir para casa em paz. Por algum motivo inexplicável, o elevador para de repente. Eu me seguro nas paredes espelhadas e olho ao redor.

— Ai, meu Deus! – falo nervosa e tento apertar os botões, mas nada funciona, o elevador não se move.

Pego o interfone e o segurança atende.

— Estou presa no elevador! – aviso aflita.

— Qual é o seu nome?

— Aria Fortson – respondo.

— Senhorita Fortson, tivemos um problema com nosso sistema de energia, mas já estamos restabelecendo contato. Aguarde uns minutos, a senhorita está em segurança, fique tranquila...

— Obrigada – agradeço e coloco o telefone no gancho.

Encosto na parede e espero com uma paciência que estou longe de sentir. Tiro meu celular da bolsinha e digito:

Eu: estou presa no elevador, mas vão liberar daqui alguns minutos.

Mas a mensagem não vai, geralmente não funciona em elevadores. Guardo na bolsa e fico olhando para o teto, respirando fundo para não ficar histérica. Não sofro de claustrofobia, mas sou ansiosa, o que é tão pior quanto. Menos de cinco minutos, o elevador é finalmente é liberado. Quase uma eternidade para quem enxergou as piores formas de morrer enquanto estava ali. Eu me sinto aliviada e quando chego ao térreo, meu celular toca, é a Harper.

— Está tudo bem? Vi sua mensagem...

— Acabei de sair do elevador, estou indo pegar um táxi, a hora que chegar em casa, eu te ligo... beijo.

— Beijo... – ela se despede.

Coloco o celular na bolsinha outra vez e sorrio para a moça quando lhe entrego minha plaqueta com o número do meu casaco. Ela me devolve a peça de roupa e o visto antes de chegar à porta do hotel. Então digo ao recepcionista:

— Pode conseguir um táxi para mim, por favor? – peço.

— Claro, Senhorita Fortson – ele afirma sério.

Como ele sabe meu nome? O recepcionista se aproxima da calçada e faz sinal com o braço. Então uma limusine preta de mil portas surge diante de mim. Ele abre a porta para mim. Eu me aproximo devagar, desconfiada.

— Isso é um táxi? – pergunto surpresa num tom eterno de deboche.

— Chame como quiser, Aria – a voz masculina inconfundível vibra de dentro do carro.

Inclino para frente para encarar Cash Maverick.

— Eu avisei que não ia embora da festa sem você... – ele me alerta como se fosse um assunto sério.

— Você é muito arrogante... – Fico indignada.

— Gosto quando fala assim comigo, mostra que estou conseguindo de perturbar – ele fala e bufo. — Não seja má, eu tive que subornar o segurança para te prender no elevador e ele vai ter que dividir a comissão com o chefe da segurança. E nosso amigo aí também ganhou uma bela gorjeta. Se você não entrar nesse carro, vou ter que pedir o dinheiro de volta – ele chantageia.

Ajeito minha postura e observo o recepcionista que ainda segura a porta ansioso para que eu entre.

— Quanto ele te deu?

— Mil dólares, senhorita – responde.

Dinheiro que talvez esse cara não ganhe tão fácil numa noite em gorjetas. Vou ficar com peso na consciência, porque Maverick é bem capaz de pedir o dinheiro de volta. E está frio aqui fora, e tem aquele meu lado pecador e sem vergonha que também gostou do esforço dele para me fazer passar a noite com ele, então, eu abdico do meu orgulho.

Entro no carro e o recepcionista fecha a porta.

— Para onde quer ir? – Cash pergunta.

— Use sua imaginação – mando —, não foi você que decidiu me sequestrar? Faça valer a pena! – eu o desafio e o encaro.

Um sorriso mau surge em seus lábios e ele diz ao motorista.

— Para Mount Acton[8] – ele pede.

O homem assente e ele fecha a divisória entre nós.

— O que é isso? Para onde está me levando? Alguma espécie de santuário da pornografia?

— Não se preocupe, você vai gostar – diz seguro.

— Você sempre tem certeza de tudo?

— Sempre e você?

Respiro fundo e meneio a cabeça.

— Tenho algumas dúvidas – admito.

Ele sorri de lado, fica tão charmoso quando faz isso. Parece mais um homem perigoso do que simples de lidar e eu gosto de complicações.

— Não parece, você passa a impressão de saber o que quer.

— E eu sei – garanto —, só tenho algumas ambiguidades, talvez se preciso pegar alguns atalhos no meio do caminho.

Ele sorri de novo.

— Nunca fui chamado de atalho.

— Há sempre a primeira vez para tudo, *Senhor Maverick.*

— Com certeza sempre há uma primeira vez – ele concorda de uma forma que me faz encará-lo. — O que meu irmão queria com você?

A pergunta foi tensa, eu notei desde o primeiro instante que eles tinham algum problema sério, só não senti liberdade de perguntar, como agora.

— O que foi? Vocês são rivais e sempre brigam por mulheres?

Ele dá um sorriso amargo.

— Não, é que Alex é um filho da mãe invejoso que sempre cobiça o que é do próximo – ele diz seco.

— Mulheres? – insisto.

— Faz diferença saber o motivo?

— Sim, se sou pivô de um desentendimento, gosto de saber a causa – retruco.

Ele olha para fora da janela, o assunto parece incomodá-lo mais do que eu imaginei. Cash respira fundo e me encara outra vez:

— É uma situação desde que somos crianças, Alex tem mania de me perseguir e se meter onde não é chamado...

— Você não respondeu se tem mulher nessa história...

— Tem também – ele responde firme e fico mais à vontade. Gosto dele assim, sincero, sem jogos, me sinto mais segura —, mas é apenas uma disputa de ego, nada romântico se é isso que quer saber. Ele não roubou o grande amor da minha vida.

Dou uma risada quando ele diz isso.

— Duvido que tenha amado alguém de forma especial – garanto.

— E por quê?

— Porque você é intenso, estaria casado se tivesse encontrado alguém – respondo sincera —, você não é o tipo de homem que perde tempo com nada na sua vida.

Ele fica surpreso quando digo isso.

— O que foi? Sou advogada, eu aprendi a ler as pessoas para me dar bem no que faço, não me julgue.

— Não estou julgando, só surpreso que tenha notado tudo isso em mim – observa.

— Eu sempre faço isso. Da mesma forma seu irmão. É o tipo fracassado que se apoia no dinheiro e na aparência. Sem contar que ele deve se apresentar como o irmão de Cash Maverick para conseguir certas vantagens...

Ele ri com vontade, segura a minha mão e leva até aos lábios para beijar.

— Eu sabia que a noite não estava perdida. Você é incrível...

Sinto meu corpo todo arrepiar e sei que meu olhar muda para ele, mesmo assim minha razão diz para fugir dele. Estar com ele naquele carro, não significa que vamos transar, apenas vou me divertir. Tiro a mão.

— Não me adule – eu peço e cruzo os braços.

— Como quiser...

Olho para ele pelo canto do olho e sei que ele está me observando. Ergo o nariz e sua risada toma conta do ar. Esse homem é deliciosamente insuportável e eu gosto disso. Se não fosse o fato dele ser meu cliente, eu adoraria ter uma aventura sexual com ele, mas sei que permitir tal situação será um caminho sem volta e o preço a se pagar é muito alto.

Observo que a limusine deixa a cidade e se dirige para as montanhas. Aonde esse maluco está me levando? O celular dele toca e ele atende, conversando com seriedade algo sobre os restaurantes. Ele fala de compra e venda, de entrar outro sócio, algo assim.

— Precisamos de mais um investidor para ampliar a rede por todo o país, foi o que meu advogado indicou, assim não precisamos

injetar mais dinheiro no negócio – ele fala e presto atenção, mesmo sem querer.

Eu me sinto uma intrusa e pego meu celular.

Ellen: você está viva?

Eu: estou, já deixei o elevador e a festa.

Mia: ainda bem, ficamos preocupadas.

Eu: o táxi acabou me distraindo.

Agora virei a mentirosa do caralho porque não quero contar às minhas amigas que estou com meu cliente de novo. Sei que elas não vão me julgar, mas me sinto uma pessoa fraca por não resistir ao charme desse homem. Meu emprego sempre esteve em primeiro lugar.

Harper: já chegou em casa?

É uma pergunta que fazemos quando uma de nós está sozinha. No caso, elas nunca estão sozinhas, eu sou a única solteira. Digito sim, mas apago. E se algo acontecer comigo? Elas nunca vão me perdoar por mentir.

Eu: Não.

Silêncio total.

Eu: por que tudo que falo é motivo de tensão?

Elas mandam risadas.

Ellen: é o Cash?

Eu: sim.

Mia: mas você acabou de falar...

Eu: eu sei, mas parece que não estou me ouvindo como deveria.

Harper: que pelo menos valha a pena.

Eu: obrigada. Mas não vamos transar.

Ellen: Hahahahaah conta outra.

Mia: ah, tá...

Harper: amanhã você conta como foi.

Desligo a tela do celular e guardo na minha bolsa no instante em que a limusine para diante de uma enorme casa no alto da montanha. É um palacete de pedras, eu não conhecia esse lugar. O motorista abre a porta para me ajudar a descer e ajeito o casaco quando o vento frio bate e faz balançar os fios soltos do meu penteado.

— Onde estamos? – pergunto quando Cash fica ao meu lado.

— Na minha casa nas montanhas – ele responde e coloca a mão nas minhas costas, me levando em direção à porta.

Quando a porta é aberta me deparo com Sullivan. Ele me cumprimenta daquele jeito jovial e simpático.

— Não me diga que você tem algum tipo de super poder e pode estar em vários lugares ao mesmo tempo, Sullivan – eu digo a ele.

Ele me olha com certa surpresa pela liberdade que tomo e move a cabeça de um lado para o outro, pensativo.

— Bem, Senhorita Fortson, para servir ao senhor Maverick é necessário algum tipo de poder extra – ele responde charmoso e pisca para mim.

— Eu vi isso! – Cash aponta o dedo para ele. — Sem gracinhas com a Aria! Ela é uma garota de família muito especial. – E me fita com desdém.

— Não se preocupa, Sullivan, vou conseguir ingressos nas primeiras cadeiras para você assistir o Madison Lions esquartejar o Boston King – eu o provoco.

— Eu os receberei com muito gosto. – Sullivan se curva levemente em agradecimento como um homem do século dezenove.

Cash dá um sorriso de lado.

— É melhor irmos, antes que Sullivan se apaixone por você! – ele avisa e me espera para caminharmos pelo corredor.

Não consigo tirar o sorriso do rosto. Isso não é um bom sinal.


Cash

Capítulo 7

Eu levo Aria até a parte superior da casa, onde há uma grande pista de boliche. Entramos no salão vazio e acendo as luzes que vão refletindo uma a uma até iluminar tudo. Os olhos azuis se arregalam e ela leva as mãos aos lábios, pisando devagar enquanto avança. Fico satisfeito ao observar seu espanto.

— Oh, meu Deus! Você tem uma pista de boliche em casa? – Ela gira e se volta para mim.

— É o que parece...

— Eu amo boliche! De verdade, do fundo do meu coração... – ela se volta entusiasmada e depois me fita com desconfiança, colocando as mãos na cintura —, como você descobriu?

Movo a cabeça devagar:

— Você não está pensando que eu mandei fazer essa pista por sua causa, não é?

— Claro que não! Mas ao invés de me levar a um motel e trepar comigo, por que aqui? No lugar que eu adoro. Já fui até campeã de boliche...

— Campeã estadual e chegou às finais do nacional, mas perdeu para uma garota da Carolina do Sul – mostro que sei quem

ela é —, e na faculdade foi a melhor da turma. Eu fiz o dever de casa e não precisei de detetive. Está na internet.

Ela ajeita a postura, surpresa.

— Não sei se fico ofendida ou admirada, realmente. Vindo de você, eu tenho uma necessidade de ter um pé atrás, como se esperasse o pior – ela é sincera e cruza os braços parando diante de mim.

Ela é mais esperta do que eu esperava. E sim, Aria deveria se afastar de mim e fugir. Eu não sou nada bom e minhas intenções com ela não são as melhores.

— Não seja tola, é uma grande coincidência gostarmos de boliche e eu ter a pista – encolho um dos ombros —, a verdade é que fiquei satisfeito por não dizer que está cansada e prefere ir para o quarto transar... ou que vai estragar seu salto ou seu vestido...

— É o que elas dizem quando as traz aqui? – ela questiona com um sorriso charmoso.

— Sim, respondo sincero. Em toda minha vida, Aria, você é a primeira que gosta de estar aqui – digo sincero.

Ela dá um sorriso e aponta para si mesma.

— Não posso jogar com essa roupa e saltos! – pontua.

— Eu adoraria te ver correr por essa pista pelada segurando uma bola – falo com malícia e ela ri também —, mas eu pedi que Sullivan separasse roupas para nós dois. – E aponto para os bancos de madeira na nossa frente.

Ela balança a cabeça, perplexa.

— Tenho que admitir que você conseguiu me surpreender – ela admite e eu me sinto o cara foda.

Esse é o detalhe com Aria Fortson. Ela provoca essa coceira em mim que me faz querer coçar mais e mais, mesmo que provoque alguma ferida. Não importa, eu estou sentindo prazer como há tempos não sentia. Ela está tirando a fumaça do tédio da minha vida.

— Mas não se gabe, vamos ver se você é tão bom no boliche quanto no touchdown! – Ela sorri com charme e se afasta para pegar a roupa. — O que eu duvido. Um homem não pode ser bom em tudo que faz, Senhor Maverick...

A merda do desafio que ela adora e eu também. Dois jogadores juntos podem abalar os alicerces desta casa. Ergo uma sobrancelha e começo a tirar o paletó ali mesmo. Ela me fita por cima do ombro, sem poder acreditar que vou me despir e me trocar na frente dela.

— O que foi? Ficou virgem da noite para o dia, Senhorita Fortson? – eu a provoco.

— Não. – Ela balança a cabeça devagar.

Ela se aproxima como uma cobra, movendo aqueles quadris redondos de um lado para o outro, me deixando de pau duro. Aria para diante de mim e me dá as costas:

— Pode abrir, por favor – ela pede e espera.

Uma excelente jogadora nunca perde a oportunidade para dar a volta por cima. Continuo sorrindo como um idiota quando ergo as mãos e seguro o tecido macio para puxar o zíper expondo a

coluna delicada. Inclino para frente e dou um beijo na pele aveludada. Vejo os pelos da nuca feminina se arrepiarem e levo minhas mãos para os ombros dela para afastar o tecido do vestido. Ela não se move enquanto o tecido escorrega pelos braços e ela fica nua até a cintura. A maldita está sem sutiã. Novamente, ela gira o rosto e me fita por cima do ombro. Adoro quando ela me olha assim.

— Obrigada. – E se afasta até o seu monte de roupa.

Aria sabe que estou observando como um tarado, então desfaço a gravata e começo a desabotoar a minha camisa. O desejo que ela provoca é forte, avassalador. Desde a noite na minha casa, eu não estive com outra mulher e só pensei nessa maldita advogada gostosa. Tiro a camisa no mesmo instante em que o vestido dela cai aos pés e ela chuta para o lado, ficando apenas com aquela linda calcinha fio dental e os saltos. A desgraçada gostosa sabe o quanto é linda e que a quero. Mas eu gosto do jogo. Aria sabe fazer tudo ficar mais quente, mais interessante.

Ela solta os cabelos e os cachos vermelhos caem pelos ombros e costas. Gosto de imaginar como a maciez dos fios roça sua pele e ela se excita com isso. Sento no banco de madeira para tirar os sapatos, mas na verdade, estou ganhando tempo para observá-la. E se existe uma coisa que eu odeio é previsibilidade, e Aria está longe de ser assim. Ela se inclina, virando aquela bunda gostosa bem na minha cara e começa a tirar a sandália. Demora de propósito me deixando assistir. Arranco os sapatos e depois me levanto para tirar a minha calça e ficar completamente nu.

Aria termina de tirar as sandálias e olha para trás novamente e aquele sorriso cínico de quem conseguiu o que queria se faz nos lábios bonitos e cheios pintados de vermelho. Ela gira na minha direção exibindo os seios grandes e empinados, os bicos estão eriçados. Sei que ela está excitada, porque ela não tira os olhos dos meus. Quando ela se aproxima, ela fica de joelhos.

Juro que não esperava por isso. Sou pego de surpresa quando ela segura meu pau e o acaricia em toda sua extensão. Olho para baixo e vejo primeiro aqueles olhos azuis me sondando, antes de ela se inclinar e passar a língua na cabeça inchada. Abro os lábios para deixar o ar sair e respiro fundo de novo. Ela então me abocanha e jogo a cabeça para trás ao sentir a boca quente me chupar. Que mulher é essa?

Quando a convidei, não pensei que seria assim. Claro, eu a levaria para a cama com certeza, mas quando penso que ela vai dificultar, ela facilita. E quando penso que ela vai facilitar, ela some. Levo a mão entre seus cabelos sedosos e seguro com força. Meu corpo arrepia todo quando ela usa a mão e a boca, enquanto a mão livre começa a acariciar meu saco. Eu a deixo comandar, ela não tira os olhos de mim, como uma maldita voyeur que quer assistir à minha entrega. Tento me controlar, mas ela faz de um jeito que me deixa fora de controle, depravado como há tempos não ficava. Ela usa a língua e a saliva escorre da sua boca pingando na minha perna.

Aria deixa bater fundo em sua garganta e quando penso que poderia controlar, estou gozando em sua boca e ela vai chupando

cada vez mais rápido até que eu me curvo e puxo sua cabeça para trás e a tiro de mim.

— Sua maluca! – ofego e me afasto dela.

Ela limpa o canto da boca e sorri, antes de se levantar e dizer.

— Vou terminar de me vestir – avisa e vai para perto da sua roupa e puxa a primeira peça.

Ela fez de propósito, a maldita me seduziu. Cadela gostosa. Balanço a cabeça e sorrio ao mesmo tempo não acreditando que caí na dela sem perceber. Tudo foi um delicioso jogo, pensei que estava no controle, mas ela tomou a frente e me conduziu até onde queria.

— Vou ao banheiro para você se recuperar. – Ela pisca me provocando e vai em direção ao banheiro.

Não sei se sinto raiva de mim por não ter dirigido a situação, ou agraciado por ela ter se dado ao trabalho de me sucumbir ao que queria. É difícil encontrar mulheres que gostam de jogar com o prazer sem medo de serem ofendidas ou julgadas. Muitas se retraem com medo de expor o que gostam, o que querem. Aria gosta e não esconde quem ela é. Respiro fundo e começo a me vestir, resignado, pensando em uma forma de dar o troco e tirar meu ego da lama.

Ela volta com um sorriso travesso e os cabelos presos em uma trança. Está com os sapatos próprios para a pista e estou terminando de vestir os meus.

— Pronto para perder, Tigre?

Ergo uma sobrancelha quando ela usa meu apelido. As pessoas costumam me chamar de O Tigre do Boston King.

— Depende do ponto de vista, advogada – eu me aproximo dela —, talvez perdendo uma partida para você, eu ganhe muito mais depois – devolvo a provocação.

Ou seja, ela só vai ganhar se eu quiser. Ela fica vermelha quando digo isso.

— Mas não se preocupe, não vou ser bom para você, mesmo que seu boquete tenho sido muito bom – declaro.

— Muito bom? – Ela não acredita na simples definição que dou.

— Ah, não, me perdoe, eu disse errado – corrijo e ela cruza os braços —, legal. Seu boquete foi legal...

Ela dá uma risada e balança a cabeça:

— Você não perdoa nenhum deslize, não é?

— Não é à toa que sou chamado de tigre. – Passo por ela e vou pegar minha calça caída no chão e tiro uma moeda, antes de colocar a peça sobre o banco.

— Cara, eu começo, coroa, você começa – aviso.

— Não deveria ser ao contrário? – Ela não aguenta e tem que zombar por eu ser mais velho.

— Cala a boca! – E jogo a moeda para cima, que cai sobre as costas da minha mão e mostro o vencedor. — Você começa...

— Como vamos fazer? Melhor de quanto?

— Melhor de dez? Uma primeira rodada – proponho.

— Está bem – concorda com um sorriso travesso e pela primeira vez percebo que ela tem uma covinha do lado esquerdo do rosto quando sorri de verdade, e não daquele jeito cínico de sempre.

Ela assente e estica os braços, alongando para começar a jogar. Aria se dirige para pegar a bola e então começa sua dança perfeita. Eu vi antigos vídeos seus na internet. Ela era boa nisso e pelo visto, continua sendo e leva muito a sério. Como tudo o que faz. Tenho certeza que David e Bethany não teriam tanta confiança nela se não fosse a melhor do escritório e em tão pouco tempo. Ela realmente é profissional e séria. E é uma satisfação saber que ela quebrou regras por minha causa.

Aria corre e arremessa a bola que percorre todo o corredor até acertar os pinos e derrubar os dez logo de cara, na primeira. Ela gira e faz uma dança engraçada que me faz rir.

— Agora é a sua vez, tigre, mostra as suas garras – ela finge aconselhar e vai se sentar no banco longe de mim.

Eu não vou me gabar, eu gosto de jogar boliche, exige concentração e treino. Sempre uma forma de me disciplinar para outras coisas na minha vida. Pego a bola e fico concentrado então arremesso e aguardo.

— Strike! – grito quando derruba todos os dez pinos.

Olho para ela:

— Por que não tornarmos isso mais interessante? – proponho.

— O quê? – Ela se ergue e se aproxima de mim.

Está surpresa porque eu também acertei.

— Vamos fazer uma aposta...

— Que não seja tirar peças de roupa, isso é bem comum... – ela fala de uma vez.

— Não, eu não seria tão previsível – garanto —, vamos apostar algo bem grande. – Movo os braços no ar e ela acompanha o movimento.

— E o que seria grande para você?

Fico sério e a encaro:

— Se você perder, você passa uma semana comigo, inteira, sendo minha amante – eu falo e ela prende o fôlego quando dou um passo para ela —, mas se eu perder, eu te deixo em paz, juro. E nunca mais procuro por você...

Ela arregala os olhos e me fita com atenção.

— E então, campeã, vai pegar ou largar? – eu a desafio.

E algo me diz que Aria adora um bom desafio.


Aria

Capítulo 8

— Machucou a mão, Aria? – a voz de David me faz assustar e dou um pulo na cadeira antes de ajeitar minha postura e fitá-lo através das lentes dos meus óculos quadrados de aro vermelho.

Olho para os dedos enfaixados da metade para baixo e o resto da mão. Na verdade, eu destronquei os dedos quando dei um soco no nariz de Cash Maverick. Meus irmãos ensinaram tanto eu quanto Sarah a bater para nos defender quando eles não estivessem por perto, mas não me recordava de ter de dar um soco em alguém até há algumas noites atrás. Sequer no meu ex-namorado babaca. Talvez jogar um vaso contra ele e ameaçar sua vida, ou até passar com meu carro em cima da sua tão amada moto, mas nada contra ele realmente.

— Não foi nada, me machuquei durante as aulas de boxe – desculpo.

— Está fazendo boxe agora? Onde?

Ai, que merda. Vamos ao show de mentiras e como apresentadora Aria Fortson, a que se enrola cada vez mais em sua própria teia de aranha.

— Personal Trainer, seu nome é Brian e ele é excelente – falo depressa para esconder a mentira do tamanho discreto de um

elefante branco.

Descobri que quando você dá nomes, a mentira fica mais verdadeira.

— Ele tem que tomar cuidado, você pode quebrar o nariz dele assim! – Ele coloca o dedo em riste num tom de brincadeira.

Se ele soubesse o nariz de quem eu quebrei, se encontrar Cash e depois olhar para a minha mão, vai saber que estou mentindo porque estava na casa das montanhas com meu cliente jogando boliche até que ele me fez a proposta idiota de que passaríamos uma semana juntos caso ele ganhasse.

— Sou advogada, Senhor Maverick, não sou prostituta, está contratando a pessoa errada, seu idiota! Estragou tudo... – eu xinguei enquanto ele estava de joelhos xingando por causa do nariz quebrado. — Até nunca mais!

Talvez outra mulher achasse interessante um convite desse. Mas o que Cash não entendeu, infelizmente, foi que não era o ato em si que me fazia ceder, mas a forma como sou seduzida. Foi por isso que o aceitei naquela primeira noite, a forma como ele conduziu tudo entre nós, o jantar, a conversa, foi fácil acontecer, além disso, não estava previsto e transar sem estar à espera disso é uma delícia, um tesão sem fim.

A noite começou ótima, mas aí veio o macho no cio e estragou tudo. Foi melhor assim. Eu fiz errado de novamente ter saído com ele, mesmo que não tenha acontecido nada, quer dizer, fazer um boquete não é exatamente nada. Mas é irrelevante perto

de uma semana de sexo. Até agora fico indignada de pensar que ele foi capaz de me fazer uma proposta como essa. Idiota!

— Precisa de alguma coisa? – eu mudo de assunto.

— Joseph disse que pediu para passar o caso do meu cunhado para outro profissional. – Ele dá a volta na minha mesa e se encosta nela, perto da minha cadeira.

Afasto para o encarar.

— Sim, eu pedi.

— Posso saber o motivo? – Ele cruza os braços.

Cruzar os braços é um sinal que ele não está aberto a discussões ou realmente ouvir meus motivos. Ele já tem suas próprias conclusões e sinto que estou ferrada se ele me mandar voltar para o caso.

— Eu não quero trabalhar com o seu cunhado – falo sincera.

— Ele fez algo que o desabonasse?

Não. Respondo mentalmente. *Fui eu.* Ele me seduziu e eu aceitei, simples assim. E se não fosse a proposta idiota de outra noite, eu teria fodido mais e gostado, pode apostar!

— Claro que não. – Eu me ajeito na cadeira.

— Então, não vejo motivo para que não continue à frente. Bethany não confia em outra pessoa, tem medo que esse caso vaze ou que a pessoa se envolva com Cash e nós sabemos que você jamais faria isso...

Ah, não! Sério? Toda essa responsabilidade nas minhas costas? Que merda!

— Você percebeu que Cash é vaidoso e leva todas as mulheres para a cama. Você é durona e não vai ceder. Precisamos de alguém que não se envolva emocionalmente com ele para o defender...

É nesse momento que começo a gritar e chorar e digo a verdade? E imploro para não perder meu emprego? Meu coração dispara e finjo estar tudo bem, mas posso ter um ataque histérico a qualquer momento.

— Está bem, então – respiro fundo —, se faz tanta questão, eu volto a atender o caso.

Cedo e mantenho a boca fechada.

— Além disso, antes de vir aqui, eu liguei para o Cash...

Coração disparado e boca seca. Olho para o meu chefe de forma impassível. Por isso, sou tão boa no que faço, eles sequer conseguem enxergar no meu semblante meu nervosismo ou insegurança. Outro se entregaria, mas eu nunca faço isso. Depois de muito treinar diante do espelho, aprendi a esconder meus sentimentos.

— Espero que ao menos ele tenha atendido o celular – ironizei apoiando os braços na cadeira.

— Atendeu – concordou sabendo que Cash só atende quem quer e quando quer —, e ele disse que faz questão que você seja a advogada dele. Então achei estranho que tenha tentado desistir e perguntei se ele sabia o motivo...

Sequer peço para ele continuar. Não sei o que ele espera que eu diga ou alguma reação, mas continuo impassível, esperando que ele prossiga.

— Ele disse que é porque na noite da festa, ele resolveu brincar com você e mandou os seguranças prendê-la no elevador – ele conta e balança a cabeça se divertindo com a situação —, acredito que seja ético da sua parte não expor as atitudes de seu cliente, mas eu sei que meu cunhado pode ser insuportável quando uma mulher não lhe dá a atenção que ele quer.

Imagine se eu não tivesse dado a atenção que ele queria...

— Seu cunhado não me incomoda – digo séria —, só levo meu trabalho a sério, David. E preciso estar focada, e não correndo atrás de um homem de trinta anos como se fosse babá dele para corrigir seus erros.

Ai que mentirosa! Deus me ajude que David nunca descubra que sou capaz de mentir descaradamente ou minha demissão será certa.

— Está bem. Eu peço desculpas por ele – David diz e me sinto mais culpada —, vou dizer a ele para deixá-la em paz, mas preciso que o defenda, de verdade.

— Está bem, eu farei. Prometo.

— Daqui para frente, Cash só falará com você no escritório – ele avisa para o meu alívio —, e deve estar chegando a qualquer momento. – Olha para o relógio e depois por cima do ombro e vejo o homem metido em calças jeans pretas e uma camisa azul escuro

surgir lindo e charmoso como só Cash Maverick sabe ser. — Chegou.

O olhar duro e inflexível cai sobre mim. Cash tem uma tala no nariz e os hematomas saltam ao redor denunciando ainda mais o soco que levou. Eu solto a respiração devagar e escondo a minha mão enfaixada debaixo da mesa. Só um tolo não perceberia o que aconteceu, ou o chefe que confia cegamente na funcionária. Comprimo os lábios, tensa enquanto Maverick entra no meu escritório e seus olhos gélidos caem sobre mim. Conhecendo o pouco que conheço de sua natureza predadora, algo me diz que sou a última pessoa que ele deseja ver.

Ele se aproxima de David e eles apertam as mãos.

— É impressão minha, ou você teve uma bela briga? – David pergunta de bom humor.

Ele me fita rapidamente antes de responder:

— Eu acertei o nariz no armário – ele mente.

— Claro... – David ri da piada. — Agora punho de marido traído se chama armário! – debocha.

Novamente, Cash está mentindo por mim. Por quê? Por que ele não fode com tudo e conta que eu sou uma trepadora, chupadora de pau que estou mentindo para o meu chefe? Por que não se vinga e revela que eu quebrei seu nariz? Mas ele não faz e mais uma vez, tenho que dar o braço a torcer que ele não é tão babaca como quero que seja. Mordo o lábio inferior e me recomponho antes de David olhar para mim e eu forçar um sorriso.

— Vou deixar vocês dois trabalhando, com licença. – David sai e fecha a porta de vidro.

— Não quer se sentar, Senhor Maverick? – Aponto para a cadeira.

Ele olha para a cadeira e a ignora completamente. Depois toma o lugar que David estava encostado até agora na minha mesa. No caso de Cash, ele fica próximo demais e quando cruza os braços parecem uma fortaleza de músculos. É horrível admitir até para mim mesma que sua presença me intimida não apenas por ser bonito, mas porque meu futuro naquela empresa está em sua língua.

— Deve estar feliz com isso – ele fala sério.

— E por que eu estaria? – Ergo a mão enfaixada. — Acaso pensa que gosto de ser tratada como uma puta e ter que me defender disso?

— Eu não a tratei como uma puta... – sua voz soa um tanto impaciente.

— Ah, não? – Ergo uma sobrancelha e faço cara de surpresa. — O que foi então? Você me queria por uma semana e o que faria no final? Pagar minhas horas extras?

Ele se move para mais perto, a ponta da sua calça roça a minha perna e eu fico tensa e excitada ao mesmo tempo. Cash é o tipo de homem que fede a sexo, ele parece ser o deus do sexo encarnado e tudo nele me faz pensar nisso. Não é fácil, mesmo sentindo minha mão e meu ego doer por saber que ele pensa que sou igual a todas as putas que ele já comeu.

— Quer saber? – Ele se aproxima mais e sua perna está entre a minha. Olho para isso e fico tensa, então sua voz chama a minha atenção para o seu rosto bonito. — Eu quero trepar com você! Transar! Eu quero foder e te chupar uma noite inteira ou por vinte e quatro horas! Quero sentir o gosto da sua boceta na minha boca! Quero enfiar meu pau em todos os orifícios do seu corpo! Quero começar agora e estender por uma semana, ou até não aguentar mais! A aposta no jogo seria apenas uma forma de dar mais prazer para a situação, mas você não quer saber disso!

Seus olhos brilham perigosamente quando ele se aproxima mais, não afasto a cadeira, estou presa em seu olhar. Eu comprei essa briga e agora vou ficar até o fim:

— Você despertou meu instinto sexual primitivo como há muito tempo não acontecia! Acho uma semana pouco! Mas seria o suficiente para que te fodesse até esfolar meu pau e assim mesmo eu sentiria prazer na dor enquanto te fazia gozar! Acha que falo assim com as prostitutas que pago para chuparem meu pau como se eu fosse um picolé enquanto elas pensam no dinheiro que vão ganhar no fim da noite?

Não consigo pensar em nada coerente nesse momento e ele se inclina sobre mim, me mantendo presa na cadeira, se eu mexer minha boca encosta na dele.

— Não falo. Aliás, eu não converso com elas, sequer sei seus nomes, eu as chamo do que quiser e se for obrigado a contratar uma para poder me aliviar nesse momento, vou chamá-las de Aria! Porque é você que eu quero! Fui claro ou preciso desenhar?

Ele se afasta e fica de pé, ajeitando a postura, me olhando de forma severa.

— Eu não desisto do que quero, e você vai cuidar do meu caso! – ele determina com o dedo em riste.

— Ou quê? – Espero que agora ele ferre com tudo entre nós, que me dê um motivo para odiá-lo, desprezá-lo e ter certeza que faz parte do time dos homens tóxicos.

— Nada. O que espera que eu faça? Só não vou desistir, mulher maluca! – Ele faz que não com a cabeça. — Você não vai escapar de mim tão fácil!

— Sou sua advogada, e daqui para frente, vamos tratar tudo aqui neste escritório! – eu limito o poder dele.

Cash dá um sorriso mau.

— Você quer me dar outro desafio? Adoro quando você me desafia, já estou de pau duro, posso ajoelhar agora e te chupar tanto a ponto de você ter orgasmos múltiplos quando se masturbar pensando em mim...

Fico chocada com tanta confiança e porque a fantasia se faz na minha mente e meu clitóris pulsa.

— Você é louco!

Ele se ajoelha de repente e fico tensa. Cash coloca as mãos nos meus joelhos e meu coração bate tão forte que tenho medo de ter um ataque.

— O que está fazendo? Fica de pé! – olho ao redor para saber se tem alguém por perto nos observando —, o que as

pessoas vão pensar?

Seguro seu braço, mas ele sequer se move. Suas mãos se apoiam nos meus joelhos. Meu corpo pega fogo e toda a tensão faz meu clitóris pulsar vezes seguidas. Vou ter um orgasmo antes mesmo dele me tocar.

— Você quer que eu te chupe, Aria? – Seus dedos deslizam pela minha pele e minha mente fica nublada de desejo.

O brilho férreo e perigoso daqueles olhos, sua carícia na minha pele, o som da sua voz é a própria perdição. Não consigo falar, não consigo mandá-lo embora, porque eu quero que ele me chupe, quero gozar nessa boca bonita. Minha respiração oscila e meu peito sobe e desce depressa.

— Eu sei que quer, meu bem – ele fala com a voz embargada pelo desejo —, não fique preocupada, eu vou estar te esperando hoje à noite.

Ele se levanta e se afasta.

— Eu não vou estar em casa! – falo às costas dele.

Cash não responde, ele só continua andando, abre a porta e sai da sala, me ignorando completamente.

Eu não vou encontrar com ele e não vou estar onde ele possa pensar que estarei. *Vou fugir desse homem.* Repito a mim mesma. Se eu for, posso assinar meu atestado de loucura.


Cash

Capítulo 9

Quem poderia imaginar que o passatempo da advogada sexy e que faz um excelente boquete é passar as noites de quinta-feira em uma igreja. E católica. Levanto o olhar para a edificação de paredes escuras e torres altas. A basílica[9] jaz em meio ao centro moderno de Boston, deixando sua existência inevitável de perceber. Não sou religioso, minha família sempre foi protestante e fui obrigado a frequentar a igreja aos domingos e muitas vezes assistir à escola dominical para crianças. Mas depois de uma certa idade, eu evitava qualquer tipo de coisa angelical e boa.

— O que eu estou fazendo aqui? – pergunto em voz alta.

O que um boquete bem feito, uma trepada excelente e cabelos ruivos não fazem com um homem? Tento me convencer de que é apenas isso que faz ir atrás de Aria. Meus pensamentos bons e ruins me consomem enquanto ajeito o moletom cinza e subo as escadas da igreja. Depois que Sullivan me entregou o relatório sobre a vida de Aria, eu fiquei curioso para saber o que ela faz na igreja às quintas. Não pode ser um fetiche que ela transa com o padre, não é? Minha mente pervertida se pergunta. Mas é politicamente correta demais para cometer tamanho pecado, a senhorita perfeita. Ela faz trabalho voluntário pelo que entendi.

O que eu não entendo é por que isso me fascina tanto?

Entro na igreja e vejo um grupo reunido na frente do altar rezando. Caminho pela lateral e tiro meu capuz em sinal de respeito. As senhoras que rezam segurando seus terços, olham para mim e acenam, sem parar de rezar. Eu aceno de volta e entro pela porta lateral até chegar à sala paroquial. Há uma reunião e todos estão sentados em um círculo em suas cadeiras. O padre de cabelos grisalhos está falando, mas para quando entro. Não me intimido quando todos os olhares se voltam para mim, estou acostumado a ser o centro das atenções.

Minha atenção busca o cabelo cor de fogo e encontro. Sorrio quando vejo seus olhos me fulminarem. Caminho até ela, determinado.

— Posso lhe ajudar, meu jovem? – o padre pergunta educado.

— Como vai padre Parker? – pergunto sabendo seu nome e ele se mostra surpreso, eu não paro de andar até chegar à minha garota do momento. — Estava procurando a Aria.

— Vejo que a encontrou. Quer se juntar a nós para a reunião de hoje?

— Claro que sim... – respondo enquanto Aria balança a cabeça em negativa.

Acredito que ela deduziu que eu iria esperar por ela na casa dela. Mas se enganou, fui mais esperto. Um rapaz loiro traz uma cadeira e seus olhos estão vidrados em mim, deve ser fã de futebol.

— Obrigado – estendo a mão para ele que parece maravilhado com a oportunidade. Ele pega minha mão com força —,

sou Cash.

— Sou o Peter – ele responde entusiasmado e demora para soltar minha mão antes de voltar para o seu lugar.

Dou um jeito de colocar a minha cadeira entre a Aria e o cara sem barba e que usa óculos. Não gostei do jeito que o Nerd olhou para Aria. Nada contra os Nerds, mas aposto todas as minhas fichas que ele tem uma foto montada com a cabeça da Aria e o corpo da Gal Gadot[10] e a tela do seu notebook é cheio de manchas de porra de tanto que ele se masturba olhando essa foto.

Sento de forma confortável e ignoro o olhar matador de Aria.

— Como eu ia dizendo – o padre diz simpático —, quero agradecer pela ajuda de todos e discutir a próxima festa para arrecadarmos dinheiro para a execução do novo telhado da paróquia – ele diz.

As pessoas começam a falar ao mesmo tempo e Aria aproveita para me repreender.

— O que está fazendo aqui? – Ela sussurra.

— Você precisa ser mais original – eu a fito com sua roupa informal. Ela fica linda de qualquer jeito, mesmo de moletom preto, calça jeans, tênis e sem maquiagem —, eu disse que eu viria, não é uma surpresa!

— Mas aqui?

— Onde você queria que eu fosse? Na sua casa? Eu não sou um psicopata... – retruco com cinismo.

— E qual é o nome que se dá para o que você está fazendo?

— Tesão. – E as pessoas presentes ficam em silêncio justo nesse momento. A palavra soa e sinto que foi ouvida até pelas beatas lá fora.

Seguro para não rir quando vejo Aria ficar rubra e completamente desconcertada. Ela sorri sem graça e depois me fita com os lábios comprimidos, com certeza está louca para me matar. Olho ao redor e aceno me sentindo muito confortável. Padre Parker continua a reunião e eles decidem que logo vão fazer a tal festa. Pensando com clareza, se aquelas pessoas doassem algum dinheiro e conseguissem mais doações, não seria necessário fazer qualquer festa, mas entendi há muito tempo que as igrejas adoram celebrações, mesmo em uma cidade como Boston.

— Só precisamos pensar em um lugar excelente para fazermos a festa – o padre relata e olha ao redor à procura de alguém —, onde está o Bath? – ele pergunta.

— Ele não virá, padre, o pai está doente...

— Uma pena, ele está sempre disposto a procurar por lugares para nós...

Aria levanta a mão de repente.

— O que foi Aria?

— Meu amigo Cash pode conseguir um lugar legal para a festa, não é, Cash?

Ela está com um sorriso aberto no rosto, mas sei que está fazendo isso para se vingar porque eu a fiz passar vergonha.

— Verdade? – o padre pergunta surpreso. — E como pode conseguir, Senhor Cash?

— Ele é o Cash Maverick! – Peter se mostra entusiasmado apontando para mim. — Ele consegue qualquer coisa!

Os burburinhos se formam ao nosso redor. Muitos não devem ter me reconhecido ou se reconheceram não acreditaram que o ex-jogador com fama de babaca estaria ali ao invés de um centro de reabilitação para drogados.

— Então, está certo, o Senhor Maverick vai conseguir um lugar para a nossa festa! – o padre diz e bate o martelo sem esperar a minha resposta.

Esse é o preço da fama. Olho para Aria que se sente triunfante em me colocar em uma situação constrangedora. E esse é o custo do meu pau falar mais alto que a razão e se envolver com uma mulher que não vale nada, é pior do que eu.

— Vamos distribuir as marmitas agora, já temos os grupos prontos – o padre avisa e me encara —, pode ficar no grupo de Aria, Senhor Maverick.

— Obrigado – agradeço como se tivesse outra alternativa.

Encolho um ombro e ela revira os olhos.

— Não vai se livrar tão fácil de mim! – E pisco para ela.

Todos se reúnem e sou apresentado ao Peter, que já cumprimentei. Ao punheteiro que estava ao lado de Aria, o Steve. Também tem a Samantha e o Johnson. E então as duplas estão formadas. Acredito que antes, Aria ia com outra pessoa, mas hoje,

ela vai distribuir marmitas comigo. Vamos pelas ruas, onde as pessoas estão acampadas e começamos a entregar. Sempre as vejo através da janela do meu carro, nunca parei para estar perto e para vê-las de perto.

— Tem certeza que quer fazer isso? – Aria pergunta antes de começarmos.

— E por que não?

— Porque você é um cara arrogante e metido... – ela fala sincera.

— Sou, mas isso não significa que eu não me compadeça da dor das pessoas e não possa ajudar... – retruco e tiro as marmitas da mão dela e começo a entregar. — Boa noite, irmão, vocês querem comer ou não?

Os caras riem da abordagem e trocamos apertos de mãos depois que entrego as marmitas.

— Obrigado, irmão – o cara responde e vai comer sua marmita.

Ela fica surpresa quando faço a mesma coisa e os moradores de rua se sentem à vontade comigo. Tem um que me conta que não havia comido nada naquela semana, que se não fosse a igreja, ele ainda estaria com fome. Enquanto os outros membros da equipe só entregam, eu começo a interagir com aquelas pessoas e dar atenção. Uma mulher me conta que o marido morreu e ela não tinha profissão e salário e acabou na rua. O pessoal que veio conosco se afasta por estarem com pressa para entregar as marmitas, mas eu vou entregando e conversando.

Aria fica comigo, apenas observando, rindo e conversando também. O que no começo foi uma surpresa para ela, de repente se torna divertido. Tem os surtados e os drogados no meio de um e outro, mas a maioria não está ali por que quer.

— Essas pessoas precisam mais do que comida, Senhorita Fortson – comento sério quando vamos chegando ao final —, seu padre deveria saber disso. Eles querem atenção, já que estão abandonados pelo governo. Aquela mulher lá trás – aponto para o início do quarteirão —, acha que um advogado de David Constantine iria lutar por sua causa de graça?

— Claro que não – Aria responde o óbvio —, para isso existem os advogados do Estado que são de graça!

— Mas quantas pessoas têm acesso a isso? Trabalho voluntário não é só dar comida. É oferecer o que você sabe a quem precisa. – E pisco para ela.

— E você faz isso, Cash? – ela pergunta brava.

— Não precisa ficar brava só porque eu te coloquei em xeque-mate, baby. – E pego mais duas marmitas para entregar.

— São as duas últimas – ela avisa olhando para dentro do isopor que está no chão.

Entrego para uma senhora enrolada no cobertor.

— Tenha uma boa noite – eu digo a ela.

— Uma excelente noite para você, meu filho – ela diz abrindo sua marmita.

Então me viro e entrego para o cara cujo cheiro é tão forte que quase não consigo ficar perto dele.

— Essa marmita é para o senhor! – digo.

O homem se volta para mim, tão sujo que me pergunto há quanto tempo ele não toma banho.

— Cash Maverick? – ele pergunta enquanto pega a marmita.

Foi o único que me reconheceu depois de horas ali servindo aquelas pessoas. Eu tenho que admitir que gostei do sabor do anonimato. Não ser reconhecido também é bom, ver como as pessoas te tratam de forma natural sem estarem preocupadas em te impressionar.

— Sou eu – digo sério.

— Não se lembra de mim? – O cara aponta para si mesmo.

Olho para aquela roupa toda rasgada, os cabelos compridos cinza de tão duros e sujos, os dentes amarelos.

— Eu acho que não, amigo.

— Sou eu, Phil Stewart, nós jogamos juntos no Golden Warriors. Não se lembra? Eu era o Tigh End[11], vocês me chamavam de Stw.

Fico extremamente chocado. Stewart era o mais novo da turma, um grande jogador com um futuro longo pela frente.

— Stw? – pergunto sem poder acreditar. — O que aconteceu com você, cara?

— Sou eu – ele responde e fica envergonhado —, poxa, Cash, aconteceu tanta coisa, mas a verdade é que eu me perdi. O dinheiro e a fama vieram quando fui para o Poison Dragons[12], em Dallas. Eu fiquei rico e me envolvi com gente da pesada, gastei meu dinheiro com festas e mulheres, drogas, carros caros. Daí me casei, fiz grandes merdas, comecei a perder rendimento, dinheiro e o que restou a ex-mulher levou. Inclusive meus filhos. – Ele sorri sem graça.

— Que merda! – digo sincero. — E como veio parar aqui?

— Eu fiz muita merda – ele fala sincero e vejo a amargura em sua voz —, me envolvi com drogas, bati no treinador e fui preso. Acabei ficando dois anos na cadeia por tráfico e quando saí ficou difícil arranjar emprego e viver na rua doía menos do que olhar para mim mesmo e me ver trabalhando como empacotar em um supermercado ou como lavador de carros... quando se tem tudo um dia, o sabor amargo da derrota dói mais...

— Imagino que sim – fico sério e observando aquele cara que conheci, e é mais novo que eu, feder igual a um gambá e parecer ter o dobro da minha idade. É dolorido deparar com isso. — Está usando drogas? Ou bebendo?

— Não, cara. Eu vivo de catar lixo e vender. Minha vida é isso. – Ele aponta para a barraca velha com um carrinho de mão cheio de tralha.

— E sua família?

— Meus pais já tinham morrido e meu único irmão morreu no Afeganistão. Fiquei sozinho. Meus filhos e minha ex-mulher não sei

onde estão...

Ele se senta no chão e abre a marmita e começa a comer com muita fome. Eu não consigo deixar de me colocar no lugar dele. E se fosse eu?

Ajoelho ao lado dele.

— Vai estar aqui amanhã? – indago.

— Vou cara. Saio para catar lata o dia todo, e depois de vender e comprar algo para comer, eu volto para cá – ele avisa.

— Vou mandar um carro buscá-lo, você precisa de um banho, roupas decentes e uma boa conversa...

Seus olhos claros se arregalam em meio àquele caos que ele se tornou.

— Sério, Cash?

— Não vou prometer nada, Stw. Mas se você estiver disposto a recomeçar, vou te estender a mão. Mas se pisar na bola, é igual ao jogo, você está fora de novo – aviso e me levanto.

— Está bem, cara – ele assente enxugando as lágrimas.

— Esteja aqui amanhã, então...

E quando me viro, tem uma Aria olhando para mim como se eu fosse um fantasma.

— Vamos, está ficando tarde! – falo sério e passo por ela.

A última coisa que preciso é que ela me veja como um príncipe encantado, porque definitivamente eu não sou. Eu sou o lobo mau de quem ela deveria manter distância.


Aria

Capítulo 10

— Por que está me olhando assim? – a voz de Cash soa como se ele não soubesse.

— Olhando de que forma? – indago sem entender enquanto caminhamos em direção à igreja.

— Surpresa, admirada – ele fala mal-humorado —, não faz isso...

— O quê? – pergunto impaciente.

Ele para de andar e me encara com as mãos no bolso do moletom.

— De pensar que eu sou o mocinho, porque eu não sou – garante. — E se pensa que a história que te contei na minha casa sobre a Gaya foi para pensar no quanto sou humano, está enganada. Foi só para te comer mesmo. As mulheres gostam dessas histórias, sabia? Quando elas veem um cara legal – ele ergue os dedos das mãos fazendo no estilo de aspas —, pensam que podem transam com ele porque vão compreendê-la.

Por que ele quer tanto esconder que tem um bom coração a ponto de me ofender desse jeito?

— Eu não quero um príncipe, eu transei com você porque quis, e não porque você bancou o herói com a filha da sua empregada que você pode estar comendo e fingir que não! – falo séria e ele ergue as sobrancelhas enrugando a testa.

— Você pensou que eu e Gaya...?

— E por que não pensaria? Você acabou de dizer que não é o príncipe encantado, então não estava errada em pensar assim. O que o vilão faz senão usar as pessoas para o seu próprio prazer? Vilão não tem sentimentos...

Volto a andar e continuo falando, ele me segue. Agora, eu tomo à frente da situação.

— E você também não tem sequer emoções, por isso, pode tirar essa sua ideia idiota que existe a possibilidade de eu me apaixonar por você só porque você faz coisas boas às pessoas! – saliento. — Eu já vi políticos corruptos doarem dinheiro para instituições de caridade, já vi pedófilos salvarem vidas e serem admirados, já vi estupradores ajudarem a procurar o corpo da vítima que mataram! Então, eu não vou me deixar levar só porque você resolveu ajudar um mendigo. Isso não diz nada sobre quem você é de verdade...

Por essa, o jogador não esperava. A verdade é que estou mentindo só para que ele se sinta perdido e sem controle sobre mim. Mas é claro que eu fiquei tocada por sua ação. Outra pessoa nem teria levado comida àquelas pessoas, a forma como Cash falou com eles, como interagiu com cada um tornando a noite deles especial. Esse era o badboy da liga de futebol, que tinha paciência

com uma pessoa que nada tinha a oferecer a ele... ah tá... não tem coração... a quem ele está tentando enganar?

Posso ser durona e sempre primar pelo profissional, mas sou humana acima de tudo e sei identificar um homem que está louco para que alguém encontre seu coração.

Pare imediatamente, Aria. Você não é a super-heroína dos corações dilacerados e dos humanos problemáticos. Você já tem problemas suficientes e Cash Maverick não é nada mais além que um boneco inflável para sexo, um vibrador portátil de silicone tamanho um e noventa e três de altura. Ele é o prazer em tamanho real, mas nossa relação estranha e nada convencional entre cliente e advogada não passa disso.

Chegamos à igreja e o padre Parker pede para nos reunirmos para uma última oração. Fazemos um círculo e temos que pegar uns nas mãos dos outros. Procuro por Maverick e não o encontro. Eu entrei na frente dele na igreja e acredito que ele ficou lá fora. Fazemos a oração e nos despedimos. Minha mãe é extremamente católica e a fé me ajudou muito, por isso gosto de ir à igreja e ajudar as pessoas como posso. Pego minha bolsa na sala paroquial e quando saio Maverick está conversando com o padre de forma animada, eles riem juntos como se fossem velhos amigos. Ele tem o poder de encantar as pessoas sem fazer muito esforço. Cash gosta de dar uma de durão, mas ele é mais divertido que palhaço de circo.

Aproximo deles e o padre Parker sorri para mim.

— Aria, você não me contou que está namorando o Cash – o padre me fala.

Olho para ele, aturdida. Como assim? Nós não somos namorados! Por que ele disse isso? E antes que eu abra a boca para responder, Cash responde no meu lugar:

— Ela é tímida, padre, não gosta de falar da vida pessoal...

Fico sem graça. O padre conhece muitos dos meus pecados durante as minhas confissões e ele sabe que timidez não é uma das minhas qualidades ou defeitos.

— Mas eu fico feliz por vocês dois... – o padre fala olhando de um para o outro —, e espero que encontrem o lugar certo para a nossa festa.

Agora entendo o que ele fez. Cash me amarrou a ele para que eu o ajude para achar o lugar da festa. Saio da igreja na frente dele, se vou xingar não vai ser em solo sagrado. Desço as escadas sem me despedir dos outros e vou em direção ao meu carro que está parado do outro lado da rua. Cash me segue e para quando eu me volto para ele.

— Não reclame, você pediu por isso! – Ele adverte.

— Eu devia ter imaginado que você me faria pagar por minha audácia em te colocar na festa – admito pegando a chave do meu carro dentro da bolsa.

— Então, estamos quites, você vai me ajudar nessa empreitada – conclui.

— Mas eu não sou sua namorada e na primeira oportunidade, vou desmentir – informo e desligo o alarme do carro.

— Você é má, eu nunca a entreguei e você quer que eu passe de mentiroso na frente das pessoas?

Minha mão está na maçaneta do carro. Eu sabia que um dia ele cobraria o favor que fez.

— Quer que eu minta só porque você mentiu também? – questiono sem poder acreditar.

— Claro, uma mão lava a outra – ele diz sério como se estivéssemos discutindo o processo que pode colocá-lo na cadeia por algum tempo.

Só não desejo que ele seja preso, porque fazer isso acarretaria no fato de que não sou uma boa advogada e não sei fazer meu trabalho que é livrar meus clientes de problemas.

— Eu vou lavar sua mão dessa vez – concordo e abro a porta do meu carro.

Ele é rápido, dá a volta e se senta no banco do passageiro.

— Aonde você pensa que vai? – questiono ao vê-lo ao meu lado e fechar a porta.

— Vou com você. Eu vim de táxi – ele fala petulante.

— Eu não vou te levar em casa...

— Mas eu não estava pensando em ir para a minha casa – retruca esperto.

Coloco a chave na ignição e ligo meu carro.

— Eu vou para a academia agora.

— Você é mesmo viciada em exercícios – ele comenta por de alguma forma não ter acreditado que eu seria.

— Estava no seu relatório?

— Estava – ele afirma —, você gasta mais com roupas de ginástica do que com qualquer outra coisa...

Eu o fito com perplexidade.

— Estou brincando – ele ri da minha cara —, só estou testando você, não fiz relatório nenhum, só estou descobrindo o que é interessante para mim.

Saio dirigindo no trânsito de Boston.

— E vir à igreja me atormentar é interessante para você?

— Não foi para você? A maioria seria óbvia e iria na sua casa, mas eu achei mais atraente te surpreender na igreja – ele afirma.

Começo a rir.

— Você realmente leva a sério o que você fala?

— Tudo – ele me encara quando paro no semáforo e olho para ele —, inclusive, eu não me esqueci da promessa que fiz essa tarde.

Meu corpo todo se arrepia quando me recordo das palavras dele sobre me chupar. Só de pensar nisso uma tensão se forma no meu corpo, queima por toda a parte e para na garganta. A buzina soa atrás de mim e olho para a frente, voltando a atenção para o trânsito.

— Quer que eu te leve em casa, eu vou para a academia – aviso fingindo que não me importo com o fato de querer ser chupada por ele.

— Eu vou para a academia com você...

— E o que vai fazer lá? – pergunto sem poder acreditar que ele vai mesmo comigo.

— Está com vergonha de mim?

Eu o fito depressa. Vergonha dele? De jeito nenhum.

— Só estou preocupada que sejamos vistos juntos, Cash – bufo preocupada —, eu já te disse que amo meu emprego e David e sua irmã confiam em mim. Eles me escolheram para trabalhar com você porque pensam que eu jamais transaria com você.

— Então, meu plano de parecer obcecado vai dar certo...

— Parecer obcecado?

— Sim, se eu ficar no seu pé, mostrar que quero você, eles vão pensar que suas negativas têm dado certo – ele fala o óbvio.

— Você é doente... – na verdade digo isso porque estou ficando confusa.

— Só estou tentando proteger você, eu prometi que cuidaria de tudo e é o que estou fazendo, ninguém vai saber sobre nós...

— Espero que sua irmã não frequente a igreja – reclamo.

— Não, somos da igreja batista – ele conta —, meu tio era pastor.

— Era? Ele morreu?

— Não, largou a família e a igreja e foi viver a própria vida – explica ligando o som do meu carro.

— E o que significa viver a própria vida? – Fico curiosa.

— Ele saiu do armário – fala mudando as músicas —, ele assumiu que é gay.

— Entendo. – Observo compenetrada no trânsito.

Bad Liar, do Imagine Dragons começa a soar no ar.

Gostamos de boliche e agora Imagine Dragons. Ou esse cara sabe muito sobre mim ou inevitavelmente temos os mesmos gostos. Dirijo até a academia só ouvindo a música e me perguntando até quando vou levar essa situação dessa forma? Correndo o risco de perder tudo pelo qual lutei! Entro na academia e quando olho para trás, vejo Cash parando para tirar fotos com os fãs. Sorrio para mim mesma ao ver o lado simpático dele entrando em ação e vou para o vestiário trocar de roupa.

Vou para esteira correr primeiro. Fico surpresa quando ele surge ao meu lado e começa a correr também. Ele só olha para o lado e sorri para mim e dá aquela piscadinha charmosa. Corremos por uma hora sem parar e em nenhum momento ele se mostra cansado. Quando termino, pego minha garrafa com água e tomo. Ele pega da minha mão e toma também, ofegante.

— Bom treino – ele elogia —, você só paga a academia para correr?

— Nas quintas é só corrida – falo controlando minha respiração.

Saímos de perto das esteiras para outras pessoas usarem. Um fã se aproxima e pede para tirar uma foto e ele tira numa boa e então volta a ficar do meu lado.

— Sempre foi obcecada pelo corpo?

— Obcecada pela saúde, você quer dizer – eu o corrijo —, eu tive uns problemas de saúde no ensino médio, então depois disso, me exercito todos os dias, faça chuva ou sol. Eu só não quero adoecer de novo.

— E do que uma garota do ensino médio adoece?

Eu o encaro:

— Depressão – respondo e ele fica sem graça.

— Desculpa, minha pergunta foi idiota.

— Foi mesmo, sou obrigada a concordar.

— O que agora? Um banho e depois jantar? – ele me convida.

É nesse momento que digo não, viro as costas e o deixo falando sozinho. Mas daí olho o nariz inchado e lembro que ele está ali porque quer e eu o deixei vir porque quero também. Fingir que não está acontecendo nada entre nós é impossível, mesmo que seja loucura e possa ser um passo para o meu abismo profissional.

— Está bem, mas eu escolho o lugar que vamos jantar – aviso —, nem a minha casa e nem a sua casa.

— Sullivan vai ficar chateado...

— Ele vai me dar um prêmio por estar te suportando e tirar você do caminho dele... – aviso e vou em direção ao banheiro.

Estou na metade do caminho quando um grupo de garotas adolescentes avançam sobre ele. Cash é gentil com elas, sorri e tira fotos. Eu olho por cima do ombro e o que me incomoda não é o assédio, mas o ciúme que me corrói de forma inesperada.


Cash

Capítulo 11

Tiro a chave da mão de Aria quando nos aproximamos do carro. Ela está pronta para discutir quando meu celular toca e ergo a mão pedindo para ela esperar só um instante. Olho na tela e vejo que é Roseta.

— Boa noite, Roseta – digo animado.

Ela soluça do outro lado chorando.

— O que foi? O que aconteceu? – pergunto preocupado.

— Señor – ela diz em espanhol —, eles vieram aqui e destruíram tudo.

Meu sangue ferve ao pensar que aqueles homens voltaram para agredi-las.

— Los hombres de Gordon[13] *– ela diz com sotaque carregado.*

— Estou mandando Sullivan buscá-las, vão para a minha casa, entendeu?

— Si, señor – ela responde com a voz trêmula.

Respiro fundo enquanto ligo para Sullivan e dou instruções para ele buscar Roseta, Gaya e o garoto. Desligo o celular.

— Preciso fazer uma coisa, pode me emprestar o carro? Depois, eu me viro... – peço sem pensar duas vezes.

— O que aconteceu? – Ela pergunta indo em direção à porta do passageiro.

Gosto disso em Aria. Ela não hesita e fica fazendo perguntas idiotas, é prática como eu sou em situações de emergência. Entro no carro e ligo para sair cantando pneus.

— Entraram na casa de Roseta pelo que entendi, eles devem ter ido ameaçá-las – falo bravo acelerando para chegar depressa.

— Tem que chamar a polícia! – Ela diz imediatamente.

— Não! – respondo sem hesitar. — Nada de polícia!

— Está fincando louco, Cash? Chamar a polícia e fazer um boletim de ocorrência vai ser ótimo para o seu processo, vai mostrar que John Gordon continua ameaçando Gaya. Vamos ter como provar que você agiu para ajudá-la!

— Eu sei, Aria – respondo sério —, mas não posso pensar em mim agora. Tenho que pensar nelas! Protegê-las!

— Do que está falando? – pergunta sem compreender.

— Ele não vai tocar em mim, nunca! Mas ele vai machucar as pessoas que estão ao meu redor. Ele tem poder para isso!

— Você acha que sua fama vai impedir que ele se vingue de você – ela conclui.

— É mais do que isso – retruco ultrapassando os carros como um louco —, ele não pode me tocar, o problema é que preciso

pará-lo. Só isso.

— A polícia pode fazer isso! – Ela articula séria como uma excelente advogada faria.

— Como? Vamos chamá-los, faremos um boletim de ocorrência e acusaremos Gordon sem provas? Ele está em uma cama de hospital e quem invadiu aquela casa deve estar devendo para ele até o rabo, então, vão dizer que estavam roubando, e não que estavam ali para intimidá-las!

— Não havia pensado por esse lado... – ela admite pensativa —, mas você também não pode revidar! Se chegar perto dele, você vai ser preso!

— Não vou chegar perto dele, Aria, tenho quem faça isso... – Seguro o volante com mais força, com raiva.

Não acredito que vou ter que passar por cima do meu maldito orgulho. Mas não tem outro jeito. Ainda mais porque se ele atacou Roseta e a família dela, pode atacar outras pessoas, como Aria por exemplo. E essa ideia me deixa louco de raiva. Já estou adiantando antes que aquele idiota pervertido se aproxime mais.

— Pode ao menos me dizer para onde estamos indo?

— Para Chestnut Hill[14] – respondo e fico em silêncio.

— Quem mora lá, Cash? – Eu sabia que ela me questionaria.

— Você não precisa saber, só precisa me levar até lá e depois pode ir embora! – falo seco.

Não quero envolver Aria nessa parte da minha vida. Não me orgulho disso e seria melhor se ela não soubesse.

— Você não vai me dispensar desse jeito, seu cretino! – Ela me xinga.

— O quê? – fico surpreso com sua reação.

— Você me ouviu bem! – Ela coloca o dedo em riste. — E como sua advogada, exijo saber o que está acontecendo e com quem está indo falar para fazer o serviço sujo para você!

Ela realmente está brava. A pequena mulher agora parece três vezes maior e capaz de quebrar meu nariz outra vez. Quase sorrio diante da situação, mas estou tenso demais para isso.

— O que você quer saber, senhorita advogada? – pergunto com sarcasmo.

— Para onde estamos indo?

— Eu já respondi...

— Quem mora lá, Cash? – Ela não se dá por vencida. — Deve ser uma pessoa perigosa para você estar indo pedir favores nada recomendáveis! Isso é crime, sabia? Se Gordon consegue provar mais tarde que você tentou contra a vida dele, isso só vai piorar a situação!

Paro o carro na frente da casa de portões de ferro altos, cujos seguranças já ficam em alerta e começam a se aproximar.

— Fica tranquila, eu vou descer aqui e você vai embora! – eu respondo.

— Eu não vou! E se você me obrigar a ir, não trabalho mais para você! – Ela ameaça. — Se não me deixar a par do que está acontecendo aqui, eu juro que é a última vez que vai me ver!

— Você está me chantageando, advogada? – fico indignado.

— Que bom que você é inteligente – ela escarnece —, agora, ou me diz o que está acontecendo ou me deixa entrar com você! A escolha é sua!

Minha razão manda que eu a deixe ir, que não a envolva nessa merda. Contudo, se eu proteger Aria de quem realmente sou, pode apostar que ela nunca mais falará comigo e eu não quero isso. Tem algo nessa mulher que não me deixa afastar mesmo quando todo o meu histórico diz para deixa-la ir. Comprimo os lábios com vontade de xingar, não a ela, mas a mim mesmo por estar sendo fraco e não conseguir deixá-la apenas ir. Ela me deixou sozinho na primeira noite que transamos, depois me ignorou, quebrou meu nariz e agora está mandando em mim! Por que eu a quero?

Bufo quando o segurança para ao lado da janela do carro.

Eu só tenho que abrir a maldita porta e sair e esquecer que Aria Fortson existe, só isso. O cara grandão bate na janela e praguejo antes de abaixar o vidro e dizer.

— Avise que Cash está aqui – digo.

O homem arregala os olhos levemente e me reconhece, mas não é por eu ser famoso que ele está surpreso. Ele sequer hesita, apenas faz sinal para que o segurança dentro dos portões me deixe passar. Ligo o carro de novo e atravesso os portões de uma das casas mais caras de Boston. O jardim perfeito e iluminado atrai a atenção de Aria, bem como a enorme casa de dois andares que faz lembrar a Casa Branca[15]. Paro o carro e um dos seguranças vem abrir a porta para mim.

— Boa noite, Senhor Maverick – ele me cumprimenta.

— Boa noite, Andrew – eu o cumprimento.

Aria sai do carro e ele a observa.

— Esta é Aria Fortson, ela está comigo – aviso antes que faça perguntas desagradáveis para ela.

— Claro – ele assente.

Ela fecha a porta do carro e eu faço sinal para que se aproxime de mim. Aria olha ao redor e depois para mim, seu cenho está franzido e ela observa tudo atentamente. Passo a mão por seus ombros. Estou tão tenso que a sensação de a tocar é um alívio. Meus dedos apertam os ombros dela e seus olhos buscam os meus.

— Vai ser rápido – eu prometo —, depois eu lhe explico tudo.

— Está bem – ela concorda intimidada.

Claro que ela deve saber quem mora nessa casa. Respiro fundo e seguimos Andrew pela escada de mármore branco. A porta está aberta e entramos na casa cuja luz faz parecer que tudo ali dentro é mais caro. O que é. O dono da casa gosta de ostentar e ter do bom e do melhor.

— Por aqui, Cash – Andrew diz com intimidade.

Sequer sei dizer a última vez que estive aqui, talvez quando eu tinha meus quinze anos. Faz tanto tempo que não sei dizer como me sinto no momento, se é raiva, ressentimento ou uma mistura de tudo isso.

Seguimos pelo corredor que dá para as duas escadas em caracol, ambas nas laterais e que sobem para o amplo segundo andar. No centro há uma enorme porta que os seguranças abrem para que possamos passar.

Diante da lareira acesa está um homem alto e forte como um touro. Ele não tem mais que cinquenta anos, os cabelos começam a ficar grisalhos nas laterais. A nossa semelhança é incrível, a não ser pelo fato que estou usando barba ultimamente e ele tem o rosto limpo. Os olhos verdes são os mesmos. Eu sou ele mais jovem. Sinto que Aria fica tensa e olha de um para outro.

— Cash, meu filho – o homem diz e dá um sorriso como se tivéssemos conversado ontem.

— Oi, pai – falar com ele ainda me deixa tenso —, esta é minha... namorada... Aria Fortson.

Ele se aproxima de nós e sorri para Aria com enorme admiração.

— Uma namorada? – Ele se mostra surpreso. — Estou fascinado por sua beleza, Senhorita Fortson. Meu filho teve um excelente gosto em finalmente escolher uma mulher para se casar...

Ela abre a boca para falar. Eu só não podia apresentá-la como minha advogada. Ele pensaria o pior e como amiga não faz o menor sentido. E eu gosto do som que aquelas palavras formam quando eu digo *Aria é minha namorada*. O minha me faz ficar excitado como um garoto de dezesseis anos no cio.

— Nós, eu... – ela fica perdida.

— Aria, esse é meu pai – eu a corto —, Montgomery Adler.

— Como vai, Senhor Adler? – Ela aperta sua mão.

— Pode me chamar de Monty – meu pai pede com charme e sorri de lado —, vamos nos sentar, essa visita não pode ser rápida.

Eu sabia que ele faria isso. Depois de mais de quinze anos sem nos falarmos, ele não facilitaria as coisas para mim. Minha mão desliza pela coluna da Aria e a conduzo até o enorme sofá. Nós nos sentamos e o mordomo se aproxima com as bebidas. Ele sabe a minha preferida, ele sabe tudo sobre mim. Sou seu único filho, então ele faz de tudo para me agradar, mesmo estando longe. Deve ser por isso que não consigo odiá-lo. Ele foi em todos os meus jogos, esteve comigo até mesmo quando o ignorei completamente. E sou bom em ser indiferente.

— O que o traz aqui, Cash? – Ele pergunta curioso. — Depois de tanto tempo...

— É importante, pai...

— Tenho certeza que sim... você não estaria aqui se não tivesse que passar por cima do seu maldito orgulho, não é?

— Sim – admito sem rodeios.

Aproveito que estou fingindo ser o namorado de Aria e seguro sua mão e ela me olha depressa, mas não tira a mão. Ela tem medo do que está acontecendo aqui, entrelaçar seus dedos nos meus é apenas uma forma de dizer que ela está segura e nada vai acontecer.

— E o que precisa? – Monty vai direto ao ponto.

— De um favor...

— Sabe que isso vai lhe custar caro – ele avisa de antemão de forma displicente.

Eu imaginei que ele cobraria. Nada para o meu pai é de graça. Nem mesmo comigo. Na verdade, principalmente comigo.

— Quanto?

— Diga primeiro o que quer – ele retruca.

O mordomo se aproxima e traz o charuto que ele tanto gosta. Ele acende e fica observando, esperando que eu me humilhe pedindo auxílio. Mas não me sinto humilhado em pedir esse favor em específico, estou fazendo isso porque vai aquém do meu poder. Do contrário, jamais estaria aqui.

— Tem um cara de Dorchester – eu começo a falar —, ele está me causando problemas. Mexendo com pessoas que gosto. Eu dei uma surra nele, mas o covarde não veio até mim, ele atacou minha empregada e minha funcionária.

Meu pai avalia minhas palavras.

— Eu conheço você, Cash. Sei que não teria batido nesse merda se ele não fosse um babaca. O que mais ele fez?

— A minha funcionária de vinte e dois anos, Gaya, tem um filho do velho nojento e ela foi abusada por ele quando tinha quatorze anos – conto tudo —, quero que tire ele do nosso caminho. O nome do filho da puta é John Gordon.

Meu pai olha para Andrew que está parado a uns metros de distância, perto da porta.

— Ele é um dos nossos, Andrew?

— Não, Senhor Adler – ele responde —, ele faz parte do outro grupo.

Meu pai assente e move a mão no ar e Andrew se retira, fechando a porta em seguida e nos deixando sozinhos.

— Eu vou tirá-lo do seu caminho, mas quero algo em troca.

— Diga seu preço.

— Jante comigo uma vez por semana – ele exige —, até o dia que eu morrer.

Não posso acreditar que ele está pedindo isso.

— Sério?

— É pegar ou largar, Cash – ele diz com um sorriso vitorioso antes de colocar o charuto no meio dos lábios e tragar.

O maldito sabe que vou ceder. O que é um jantar por semana nem que for para ficar em silêncio?

— Eu venho, uma vez por semana – respondo e bufo —, você é um merda mesmo!

Ele dá uma risada alta e quando olho para Aria, ela está me fitando perplexa. Acho que depois disso aqui, ela nunca mais vai querer me ver.


Aria

Capítulo 12

— Acho que você esqueceu de comentar que Montgomery é o nome do seu pai e seu último sobrenome deveria ser Adler – eu falo quando Cash sai com o meu carro da propriedade de seu paizinho.

Ninguém menos que Montgomery Adler, o maior e mais poderoso chefe do crime organizado da costa leste. Como eu poderia adivinhar?

— Eu não esqueci – ele responde seco —, só não é importante para mim. E de qualquer forma, apesar de não carregar o sobrenome dele, carrego o nome se não notou. E o nome dele está nos meus documentos. Nunca escondi nada...

Ele fala com tanto desprezo que fico sem graça. Estou sendo radical de novo. Cash não tinha obrigação de me contar esse seu segredo só porque transamos.

— Então, me conta – peço —, qual é a história? Bethany não tem o mesmo sobrenome que você.

Ele me olha de lado e encolhe um ombro.

— A velha história americana da garota que sai do lar desajustado com o namorado maluco. Alex é filho do hippie que foi

morto por dívida de drogas. Então, minha mãe conheceu Monty e tiveram uma noite que resultou em mim.

— Pelo menos, ele parece gostar de você...

— Sim, ele gosta – admite sem graça —, mas não nos falávamos há quinze anos.

— Seria chato eliminar minha curiosidade? – indago e ele finalmente sorri.

— Para quem queria me matar há alguns minutos, Senhorita Fortson, mudou de atitude muito rápido. – ironiza.

— Eu admito que fiquei brava no começo por estar leiga em tudo, mas reconheço também que você não tinha obrigação de contar seu segredo para mim. – Meneio a cabeça.

— Conheci poucas mulheres que admitiram seu erro – ele comenta.

— Poupe-me de saber sobre as outras que vieram antes de mim – aviso e ele ri —, e então, continue...

— Bem – solta o ar dos pulmões bem devagar —, minha mãe fugiu dele quando descobriu que estava grávida. E acabou se envolvendo com o pai de Bethany e Bronson, Mitchell Burnes, que é um homem rico como você já sabe. Quando nasci, Montgomery surgiu no hospital e exigiu me dar seu nome. Então, ele e minha mãe fizeram um trato, ele não me tiraria dela e ela não o impediria de me ver quando quisesse...

— E ele tirou?

— Não, ele cumpriu com sua palavra. Meu pai pode ser um criminoso, mas ele tem palavra, isso eu não posso negar – conta.

Que coisa mais contraditória, penso, mas não falo.

— E por que vocês brigaram?

— Um garoto me bateu na escola, me deixou bem machucado. E meu pai mandou dar uma surra, ele ficou entrevado numa cama. Quando o questionei, ele disse: *se não quer que eu me meta, aprenda a resolver suas brigas como um homem...* eu o mandei à merda e não nos falamos mais.

— Foda... – limito a dizer.

— Até agora...

Nesses momentos, eu fico enciumada. Ele foi capaz de passar por cima do próprio orgulho para ajudar Gaya. Talvez, ele a ame em segredo e nem se deu conta disso ainda.

— Acha que seu pai vai matar o tal Gordon?

— Meu pai não acredita que a morte seja um castigo, ele prefere formas mais cruéis – afirma. — Mas eu não coloco a mão no fogo.

Faço uma careta de nojo e arrepio inteira.

— Ainda bem que não contou para ele quem te deu um soco no nariz – observo —, e ele insistiu duas vezes que você contasse como se machucou.

Cash dá uma risada.

— Se eu tivesse dito a ele que apanhei de uma mulher, ele teria me dado um outro soco – conta se divertindo —, meu pai não admite que eu leve desaforo para casa. Ele é muito arrogante para aceitar que uma mulher o ataque.

— E você não é arrogante para aceitar que eu tenha quebrado o seu nariz? – questiono com um sorriso mau.

— Fez a pergunta errada, advogada, deve perguntar por que ainda estou aqui depois do que fez...

Fico tensa, mas finjo que não.

— Porque eu disse não – respondo —, conheço seu tipo. Se eu estivesse correndo atrás de você como uma maluca apaixonada, você não me daria a mínima.

— Pode ser, eu ainda não descobri o motivo pelo qual estou tão atraído por você..., mas é mais do que um simples não. E não se gabe, eu já levei um fora antes. Mas nenhum deles tinha um ar de desafio.

— Então sou um desafio para você?

— Sim, tanto quanto quero saber por que eu a desejo tanto, e também por que você foge com tanta frequência de mim...

— Eu já disse, zelo pelo meu trabalho.

— Não sei se é só isso... – ele insiste.

E o que mais poderia ser? Desde que eu levei o maior fora da minha vida, jurei que nunca mais teria um relacionamento sério e isso já vai mais de um ano e meio. Nossa conversa é cortada pelo

trânsito que está lento e paramos atrás de alguns carros. Ele olha para fora da janela e pego meu celular para verificar o trânsito.

— O que será que houve? – Ele pergunta e volta a fechar a janela.

— Houve um acidente – aviso com pesar —, um caminhão bateu em um ônibus e tombou na avenida.

— Estamos presos – ele desliga o carro. Só Deus sabe quando vamos sair dali.

Essas coisas não têm como prever. O trânsito está parado em todas as pistas e não há o que fazer. Ele liga o som do carro e vai passando as músicas. Bato na mão dele e a afasto.

— Pode deixar que eu escolho... – aviso.

— Você me bateu?

— Não exagera, flor – eu debocho.

— Você não vai escolher nada. Deixa eu ver o que você tem guardado aqui além do Imagine Dragons... – E ele empurra a minha mão e minhas músicas secretas começam a tocar.

Ele arregala os olhos verdes quando a voz de Nicole Scherzinger[16] soa no ar com *Hush Hush Hush.*

— O que é isso?

— Música – falo orgulhosa dos meus gostos musicais e ergo o nariz —, é porque você ainda não viu a Britney Spears, Spice Girls, Christina Aguilera e Selena Gomez. A minha diva é a Demi Lovato.

E mexo no painel até encontrar a música da Demi, *Body Say.* Eu me esqueci completamente da letra preocupada em provar para ele que eu era dona de mim e ouvia o que gostava e ele que se ferrasse com seu deboche. Contudo, quando a letra começa a se formar, fico constrangida. Olho para ele e um sorriso mau surge em seus lábios.

Você pode me tocar devagar,

Acelere, amor, me faça suar.

— Agora que você já sabe que tenho um péssimo gosto para a música... – Levo a mão até o som, mas ele segura meu pulso que acelera.

Sua mão é quente e firme e me faz estremecer.

— Eu quero ouvir...

— Não é uma boa ideia. – Meu corpo todo treme quando meu olhar encontra o dele.

Eu sempre achei fascinante essa forma como nós seres humanos temos o poder de falar apenas com o olhar. E o dele diz que está muito a fim de me foder gostoso. Meu coração dispara de uma forma tão viciante, eu gosto dessa tensão que ele provoca em mim.

— *Só tem uma coisa que podemos fazer* – ele repete a letra da música com malícia.

Solto da sua mão e agarro o tecido da minha calça sabendo que não tenho para onde fugir. Não posso sair do carro e procurar por um táxi por dois motivos: este carro é meu e sequer o táxi

consegue fugir nesse trânsito. E talvez, meu corpo traidor não queira escapar. Olho pela janela e dou graças a Deus do vidro ser escuro e ninguém poder ver o quanto estou constrangida com Cash Maverick dentro do meu carro. A música segue tocando e sinto quando se inclina e diz ao meu ouvido:

— *Vou te levar para a terra dos sonhos* – ele sussurra contra a pele atrás da minha orelha e meu corpo se arrepia todo.

— Cash... – soou mais como um pedido do que uma repreensão.

Sequer minha cabeça está conseguindo acompanhar a razão. Eu tento reprová-lo mais uma vez, entretanto, não tiro sua mão quando ele abre o cós da minha calça jeans e desce pela minha virilha. Fecho os olhos devagar, abro mais as minhas pernas permitindo que ele avance. Pelo canto do olho, noto que ele abaixa a calça de moletom e coloca o pau para fora. Minha respiração fica mais rápida quando Cash se acaricia e depois pega a minha mão para levar até o seu corpo. Eu me viro para ele, eu o fito, completamente desconcertada.

Não sei por que fico tímida, mas sinto algo diferente neste momento. Como se ele enxergasse algo em mim que ninguém mais viu. Meu primeiro namorado, Dickinson Grambell, foi o mais longo, oito anos. Ele costumava rir dos meus gostos e eu nunca podia ouvir minhas músicas quando estava com ele. Cash não só ouvia como estava me tocando ao som da minha cantora preferida.

Algo que pode parecer tão tolo, mas mexeu comigo como nada antes. Um ato tão comum entre casais, mas que eu nunca tive porque tudo o que eu gostava era brega demais.

Seguro seu pau entre os meus dedos e o masturbo devagar. Seus olhos se prendem aos meus quando seus dedos deslizam entre os grandes lábios e ele acaricia minha boceta. Meu clitóris pulsa e entreabro os lábios para puxar o ar.

— Podem nos ver – reclamo sem muita convicção.

Se ele parar, eu o mato.

— Não, eu só vejo você... – ele murmura e desce os lábios sobre os meus.

Ele me beija de forma tranquila, bem diferente da última vez que trepamos. Cash morde meu lábio inferior e o chupa. Sinto dois dedos deslizarem para dentro de mim e solto um gemido longo, a palma da mão fica sobre o meu clitóris e ele move os dedos e a palma ao mesmo tempo.

— Oh, meu Deus! – Eu solto sem querer.

Eu o acaricio mais depressa, na mesma intensidade como ele faz comigo.

— Como eu quis isso... – fala, torturado.

Eu também, mas não posso admitir ou será o meu fim. Tenho que aceitar que nesses dias depois que transamos eu só me lembro de como foi bom e que seria tudo de perfeito se pudéssemos repetir a dose.

Então, entramos em sincronia. Eu o masturbo e ele faz o mesmo comigo como se tivéssemos dezesseis anos, e não dois adultos. Nosso beijo fica mais intenso e ele move os dedos e a palma da mão num ritmo alucinante. É tão gostoso que sufoco de

prazer e meu corpo treme enquanto movo os quadris. Sua boca abandona a minha para beijar o meu pescoço e ele me chupa gostoso bem na curva e esqueço até mesmo o meu nome. O pescoço sempre foi o meu ponto fraco e acredito que ele já notou isso.

Movo minha mão mais rápido quando estou gozando e jogo a cabeça para trás, minha boceta engolindo seus dedos e esfregando na palma de sua mão, choramingo tão gostoso que quase imploro para não parar. Sinto sua porra escorrer por entre meus dedos e ele morde meu pescoço com força. Sei que amanhã vou estar com um belo roxo ali e terei que usar blusa de gola alta.

Ele não tira a mão de uma vez, ainda me acaricia devagar e vai se retirando aos poucos. Abro os olhos e nos encaramos.

— Pode pegar minha mochila no banco detrás? Tem lenço umedecido...

Sempre carrego para emergências. Não como aquelas, mas situações necessárias, ainda mais na vida de uma mulher que passa mais tempo fora de casa do que qualquer outra coisa. Ele sorri e pega para me entregar. Pego o pacote e limpo a minha mão e depois dou a ele.

Olho ao redor e o trânsito ainda está parado. Nada se moveu. As pessoas ao redor estão mexendo no celular, sequer notaram o que fizemos. Cash pega a mochila e a joga no banco novamente. Ele saca o celular do bolso:

— Vamos pedir algo para comer – ele avisa.

— O quê? Como assim?

— Você está com fome, e eu também estou – fala como se fosse a coisa mais óbvia do mundo —, vou pedir uma pizza.

— O quê?

Então, ele faz a ligação.

— Oi, Johnny, é o Cash. Tem alguma pizza para pronta entrega?

Pronta entrega? Eu franzo o cenho.

— É que teve um acidente aqui na avenida e estamos parados, acho que vai demorar – ele abaixa a cabeça e olha pelo retrovisor —, estou em um carro sedam, vou te passar a placa – ele passa a placa e a cor do meu carro, além do modelo. Depois, dá uma referência de onde estamos —, quanto tempo? Dez minutos... ótimo – ele olha para mim —, você bebe refrigerante?

— Não, obrigada – agradeço.

— Só para mim então, Jonnhy, o mesmo de sempre. – E desliga.

— Você pediu uma pizza no meio do trânsito?

Ele assente e aumenta o volume do som.

— E com o Back Street Boys cantando *I Want It That Way* – ele fala num tom mais alto da música —, eu adoro esses caras... – debocha.

Ele abaixa os vidros de propósito e sinto meu rosto queimar de embaraço. Começo a rir de nervoso quando ele canta o refrão.

Agora quem está com vergonha sou eu, todos ao nosso redor estão olhando enquanto Cash canta tão alto.

— O que está fazendo? – murmuro por entre os dentes.

Ele me ignora e continua cantando a música e pisca para mim e depois passa a mão pelo corpo quando toca: *Am I fire? Your one desire? Yes, I know, it's too late, but I want it that way.*[17]

As pessoas ao redor começam a cantar com ele e a rir.

— Não é o Cash Maverick? – alguém pergunta.

— Ah, meu Deus! – solto um gemido quando a mulher desce do carro ao lado para se aproximar dele e tirar uma foto.

E o carro da esquerda faz a mesma coisa. Ele então abaixa o som e sorri para mim. Estou prestes a repreendê-lo quando um cara aparece do nada na janela do carro. Solto um grito de susto.

— Sete minutos e meio, Cash! – um garoto ruivo avisa ofegante.

— Jonnhy! – Ele o cumprimenta com um aperto de mão. — Essa é minha garota, Aria.

— Oi, Aria – o rapaz acena para mim com um sorriso simpático.

— Oi – aceno.

O rapaz abre a grande bolsa nas costas e tira a pizza e depois o refrigerante. Cash tira a carteira e dá uma nota de cem dólares para ele.

— Fica com o troco garoto – ele avisa.

— Você é foda, Cash! – agradece e vai embora.

Cash fecha os vidros.

— Eu não sou sua garota, sabia? Me apresentou assim para o padre, para o seu pai e para o Johnny! – Coloco o dedo em riste.

— Tudo bem, da próxima vez vou dizer que só estou comendo você! – fala com grosseira.

— Não precisa de rótulos!

— Como quiser, senhorita certinha chata *pra* caralho! – E abre a pizza. — Só falta dizer que não come pizza senão ou vai engordar!

— Sem chance, estou morta de fome. – Minha boca até saliva quando sinto o cheiro de queijo. Pego um pedaço e começo a comer.

— Eu sabia que você ia gostar...

— Você não existe! – admito com a boca cheia.

— Isso quer dizer que mais uma vez, eu a surpreendi?

Encolho um dos ombros.

— Melhorou desde que me convidou para passar a semana com você...

— Eu poderia dizer que o convite está de pé, mas não quero ficar sem o meu nariz – ele comenta e come um pedaço da pizza.

— Eu não passaria uma semana com você ou qualquer outro homem, Cash – explico para que ele não pense que sou uma maluca. — Depois do fim do meu relacionamento de oito anos, jurei

que não me envolvo com ninguém mais que algumas vezes. Então, aproveite sua chance, logo vai acabar.

Cash estreita os olhos verdes:

— Quer apostar que posso fazê-la mudar de ideia?

Dou uma risada nervosa. A determinação dele é enervante e excitante ao mesmo tempo.

— Não, só coma a sua pizza, vou te levar para casa e ponto final.

Ele dá uma risada de quem está disposto a tudo para me provar que estou errada.

Sinto muito, Cash – eu penso —, *você chegou num momento da minha vida que não tem espaço para nada mais intenso que uma caixa de bombons. Desculpa.*


Aria

Capítulo 13

Recebo uma caixa no fim da tarde. Minha secretária coloca sobre a minha mesa e se retira sem dar muitas explicações, mas seu sorriso malicioso indica que ela sabe de quem é. Respiro fundo e desfaço o laço para abri-la e encontrar um ingresso para o jogo de Boston King essa noite. Dou um sorriso inevitável e deixo o ingresso sobre a mesa para pegar a camiseta que está dentro da caixa: Eu amo Cash.

Minha risada ecoa no ar.

Sério que ele me enviou isso?

Meu celular toca e é o próprio demônio me atormentando.

— O que você quer, agora?

— Sei que amou a camiseta! – sua voz rouca me faz arrepiar.

— Você é muito convencido!

— O jogo é hoje, vou estar esperando por você...

— E por que eu iria?

— Porque é um jogo beneficente e vou entrar no final para fazer uma última jogada. – Ele avisa —, uma espécie de show para arrecadar dinheiro para as crianças carentes.

— Não sei se posso ir – digo séria e jogo a camiseta dentro da caixa junto com o ingresso. E a fecho.

— Se você não for, Aria, eu não vou jogar!

— O que? Ficou louco?

— Você me ouviu... e estou falando sério...

— Está me chantageando de novo, Cash?

— Vou fazer isso quantas vezes forem necessárias, você é teimosa *pra* caralho. E eu quero você nesse jogo. Ou vai deixar as criancinhas sem dinheiro?

E desliga na minha cara. Fico olhando para o celular sem poder acreditar.

— Cretino! – xingo.

E Cash Maverick é tão louco que é bem capaz de desmarcar o jogo se eu não for. Balanço a cabeça sem poder acreditar que estou à mercê das vontades desse homem. E o pior é que eu gosto desse jogo maluco que ele faz. Eu fico excitada só de lembrar de nós dois presos naquele trânsito. Cash é louco, ele faz o que quer, como quer e quando quer e as pessoas o admiram por isso.

Fico o dia todo pensando se vou ou não. Tenho que ser mais firme e fazer essa história acabar ou quem vai pagar o preço alto sou eu. Sequer mando mensagens para as meninas porque sei que elas vão me incentivar a ir.

Acabo indo. Mas risco o AMO escrito na camiseta e escrevo ODEIO.

Não há uma pessoa que não olhe para mim quando chego no estádio lotado. Não gosto de ser o centro das atenções, mas eu quero provocar Cash. Descubro que o ingresso é para a área VIP e o segurança me leva até lá. Uma sala reservada com direito a mesa com frios, e muita bebida.

A porta é aberta atrás de mim e Cash surge usando o uniforme do Boston King. Eu já o vi antes pela TV vestido dessa forma, mas nunca pensei que ao vivo podia parecer tão sexy e bonito. Os cabelos atrapalhados enquanto ele segura o capacete na mão esquerda. Seu sorriso desaparece quando ele lê o ODEIO na camiseta.

— Se tornando uma provocadora, senhorita Fortson?

— Expondo meus mais profundos sentimentos... – ele para diante de mim.

Posso sentir sua vibração sexual. Ele me quer de um jeito tão intenso que só por me olhar desse jeito me deixa excitada. Parece que ele toma o ambiente, o ar, minha atenção, minha mente. Sei lá.

— Sei... – ele me olha dos pés à cabeça. — vai torcer para que eu faça um belo jogo?

— Pelas crianças – não admito que quero vê-lo jogar.

Eu cresci no meio do futebol americano, aprendi a vibrar quando o Madison Lions fazia qualquer ponto. Vi meus irmãos jogarem, o estádio era minha segunda casa. Agora torcer para o Boston King? Parece um pouco demais, mas estou tentada a assistir e saber se realmente ele consegue me fazer vibrar. Ele se

aproxima e vou andando para trás até que meu corpo bate contra a mesa. Apoio as mãos no móvel e ele se inclina sobre mim.

Sim, seu idiota, você consegue me excitar. O que mais você quer?

— Vou fazer o último ponto para você – ele dedica.

— Por que o último ponto?

— Porque a pressão do jogo é excitante. Apesar de ser um jogo fora do campeonato apenas para arrecadar dinheiro, as pessoas vieram aqui para ver o Boston ganhar – sua boca está próxima da minha.

— Você tem tanta certeza que vai conseguir fazer esse ponto?

— Você vai torcer por mim?

— Sabe... que não...

Minha voz treme. Não acredito. Eu quase gaguejei. É difícil pensar com ele tão perto, esse corpo todo em cima de mim. Esse homem de uniforme é um espetáculo. Será que ele tem noção disso? Claro que tem..., mas me recuso a me tornar uma de suas fãs.

Ele não me beija. Sua boca paira sobre a minha e ele desliza os lábios pelo meu pescoço, sinto sua barba roçar e fecho os olhos quando seus dentes atacam a curva do meu pescoço. Sinto sua coxa forte em meio as minhas pernas, e toda essa pressão me deixa fora do ar. Vinte e três anos de vida e nunca experimentei

nada assim. Meu clitóris pulsa e quero me esfregar na sua perna até gozar.

— Cash... – eu acabo gemendo seu nome sem conseguir evitar.

Quero que ele me foda em cima dessa mesa, em meio as uvas e o champanhe. Ele ergue a cabeça e me olha nos olhos:

— Quando o jogo acabar, me espere aqui, está bem?

Eu deveria dizer: nunca! Mas eu assinto como uma boneca treinada.

Ele se vira e sai da sala, batendo a porta. O som me faz acordar e pego a taça com champanhe para beber e molhar a garganta que está seca. Aproximo da parede de vidro. Sei que posso ver as pessoas, mas ninguém me vê ali dentro. O estádio está lotado. Maverick tem esse poder sobre as pessoas, de fasciná-las, de uni-las apenas para assisti-lo jogar.

Ali dentro, posso ouvir o locutor falar. Ele anuncia a entrada do time da cidade que não faz parte da liga nacional e depois anuncia o Boston. Parece que o estádio vai desmoronar, mas quando anunciam Cash Maverick, os gritos e as palmas fazem o chão tremer. As pessoas gritam o nome dele enquanto ele entra no gramado segurando seu capacete. Ele corre até o meio do campo e se vira na direção em que estou.

Não é possível que ele está olhando para mim. Então ele bate a mão no lado esquerdo do peito duas vezes e aponta na minha direção. Dou um passo para trás porque sei que foi destinado a mim e me pergunto o que ele pensa que está fazendo.

Sento no sofá confortável e o jogo começa. Cash já começa jogando e eu me pego vibrando a cada ponto que ele faz.

— Isso! – Eu dou um grito e me repreendo.

Olho ao redor, pensando na minha família. Eles teriam um ataque se me vissem torcendo pelo Boston King. E especialmente por um jogador arrogante que muitas vezes fez o Madison ficar de joelhos. O nome dele é proibido em nossa casa, nunca podemos discutir jogo e falar o nome do Cash.

— As pessoas querem ver o show do Cash Maverick e o jogo está chegando ao fim, o que ele tem preparado para nós? – o locutor pergunta.

O jogo estava sendo emocionante. O primeiro quarto terminou quatorze a quartorze. O segundo quarto terminou vinte e um a vinte e um. O terceiro quarto terminou vinte e oito a vinte e oito. O quarto quarto terminou trinta e cinco a trinta e cinco. Eu não sabia se o Boston estava facilitando o jogo para ter show, mas sei que foram para a prorrogação e estava realmente espetacular. Foram três touchdowns de retorno, cinco viradas no placar. É de arrepiar.

Há muito tempo, eu não ficava tão empolgada.

Na primeira prorrogação não houve pontos. Mas na segunda...

Cash recebe a bola, ele olha ao redor. Tudo isso passa em segundos. Os jogadores vão para cima dele quando lança a bola para o lateral sozinho do lado direito, Justin. O lateral corre e desvia de seu oponente, corre mais uma jarda e faz o touchdown.

— Puta merda! – Eu grito comemorando.

O estádio vai à loucura e o Boston vence.

Estou ofegante quando olho para baixo e ao comemorar, Cash bate duas vezes no peito a aponta em direção à sala onde estou. Meu coração bate acelerado como se fosse eu que tivesse feito o ponto. Tenho que admitir que ele é demais, ele é bom, ele sabe fazer a jogada certa. Eu o vejo sair correndo do campo e tomo mais champanhe. Minutos depois a porta da sala é aberta com brutalidade, ele arranca o capacete e joga no chão, e vem para cima de mim, beijar minha boca com violência. Escuto a porta bater e ele me agarra pela bunda e vai me arrastando até a mesa.

Isso é bom. Nunca tinha sido beijada por um cara suado que havia dado tudo de si num campo. É delicioso, eu adoro isso. Ofegante, eu puxo sua blusa para cima e ele faz a mesma coisa com a minha.

— Fiz aquele maldito ponto para você! – Ele sussurra contra a minha boca.

— Então me fode, por favor – falo e passo a mão pelo seu peito suado e gostoso.

Minha pele se choca contra a dele e meus seios roçam a pele. Como ele está quente, fervendo de verdade. Beija a minha boca de forma erótica, chupando meu lábio inferior, me fazendo girar os quadris contra o seu pau embaixo do short.

Ele abre a minha calça com pressa e afasta para tirá-la rápido, levando o tênis e tudo que estava no meio do caminho. Ele tem fome de mim e eu dele.

— A camisinha – ele diz olhando ao redor.

Abre uma das gavetas e aproveito para me livrar da calça que ficou metade na minha perna. Cash volta para perto de mim, segurando o pequeno pacote entre os dedos. Ele abaixa o próprio short e seu pau grosso, cheio de veias saltadas surge duro. Ele abre a camisinha e a veste.

Ele me toma em uma loucura faminta, me segura pelos quadris e se afunda em mim. Cash encosta sua testa na minha, e gira o quadril indo fundo quase me levantando da mesa. Não consigo sufocar o gemido que sai alto. Ele leva a mão à minha boca grosseiramente para me calar. Ele mete com fúria, a mesa batendo contra a parede deixando claro o que estamos fazendo. Como é bom.

— Que boceta apertada! – Ele murmura por entre os dentes e empurra o pau até o fundo me deixando ávida por ele.

— Você foi demais! Você é demais... – declaro quando o orgasmo começa a me sufocar.

Ele beija a minha boca e eu gozo com força, sem conseguir me controlar.

— Você é muito gostosa, porra!

Então goza e me aperta com tanta força que gemo de dor.

— Foi o melhor jogo da minha vida... – ele sussurra contra a minha boca.

Dou um sorriso mal.

— Não se gabe – eu o empurro e desço da mesa. — Nós sabemos que isso aqui não tem futuro.

Começo a pegar minha roupa, mas ele me abraça pelas costas e se esfrega em mim. Fecho os olhos, excitada. Cash mete os dedos entre as minhas pernas e acaricia meu clitóris. Tento fugir, mas ele me mantém cativa contra ele.

— Você gosta do jogo, Aria – ele sussurra e morde a minha orelha.

Ele gira os dedos usando meu próprio fluído. Fecho os olhos e minhas pernas ficam bambas quando sinto meu corpo queimar novamente e não quero que ele pare.

— Você me odeia, não é? – Ele zomba excitado —, diz o quanto me odeia agora que está gozando...

O pior é que eu gozo gostoso e meu corpo todo treme. Ele não me solta de imediato, Cash beija o meu pescoço e depois o meu rosto.

— Vamos ver por quanto tempo esse seu ódio vai durar... – ele me desafia.

Eu me solto dele e o fito, ofegante. A respiração dele está acelerada, mas ele sorri malicioso e se aproxima da mesa para roubar uma uva e mastiga-la com um prazer indescritível. Eu visto minha roupa como posso, sentindo raiva de mim por ter ido até ali só para fazer papel de idiota. Quando termino, ele se aproxima de novo.

— Até quando vai negar o que existe entre nós, advogada?

— Não posso negar, é verdade – admito —, mas existe um abismo entre aceitar o que está acontecendo e permitir... não me procura mais...

O que eu disse soou estupido, mas eu reúno o pouco de dignidade que me restou e forço um sorriso antes de sair daquela sala me sentindo infantil, mas completamente mulher por ter gozado tão gostoso.

Cash é um babaca.


Cash

Capítulo 14

J.GORDON, O TRAFICANTE DE DORCHESTER É ENCONTRADO MORTO.

É a manchete e a primeira notícia que leio no jornal dois dias depois de falar com o meu pai. Sequer me dou ao trabalho de ler a matéria para saber como ele morreu. Não me sinto culpado, mas sei que vou ter de jantar com o meu pai. Pelo menos, Gaya e Roseta vão poder voltar para a casa delas em paz. Acabou. Aproveitei a recuperação de Stw e o coloquei para vigiar a casa delas. Ele precisa de um emprego e não custa dar uma chance a um velho conhecido.

O garçom traz o café e abaixo o jornal para agradecer quando meus olhos capturam a mulher que atravessa a rua segurando uma capa com vestido. Seus cabelos ruivos estão presos no alto da cabeça, ela usa uma calça de ginástica e um top, o moletom aberto deixa à mostra a barriga perfeita e as coxas grossas. É uma coisa que reparei em Aria, ela tem coxas e quadris largos e eu gosto de olhá-los. Poderia foder por horas olhando aquela bunda gostosa e segurando aquelas pernas feitas para ficarem ao redor dos meus quadris enquanto a chamo de puta gostosa.

Ela acena para o táxi que não para.

Tenho tantas fantasias com essa mulher que levará um bom tempo para colocá-las em prática. Pego meu celular e envio a mensagem:

Eu: gostosa *pra* caralho.

Observo enquanto ela anda na calçada e olha para o celular. Ela revira os olhos? Que cadela!

Eu: não revire os olhos.

Aria para de andar e olha ao redor à minha procura. Quando me vê, um sorriso se forma nos seus lábios sem batom. Ela fica parada na calçada e escreve:

Aria: você é um babaca!

Eu: venha tomar um café comigo.

Aria: por que eu faria isso?

Eu: porque eu tenho pensado em você nos últimos dias.

Aria: problema seu...

Eu: essa sua recusa é tão fascinante.

Aria: você é doente.

Eu: vem logo, quero te mostrar uma coisa.

Aria: não estou interessada.

Ela realmente faz menção de ir embora, então eu me levanto e chamo por ela:

— Aria! Aria! Estou aqui!

E ela sabe que não vou parar de gritar. Então, ela se vira e mordendo o lábio inferior se aproxima de mim.

— Para de gritar, seu maluco! – fala constrangida.

Ela odeia ser o centro das atenções, já notei isso.

— Posso cantar Back Street Boys! – ameaço sem qualquer peso na consciência.

— Não faça isso! – Ela coloca o dedo em riste.

Adoro vê-la nervosa. Deus! Nunca pensei que seria tão prazeroso irritar uma mulher!

— Não se faça de difícil, você queria vir, só está fugindo porque tem medo de perder seu precioso emprego... – argumento sem muita paciência.

— É verdade e você não vale o meu emprego – ela diz de má vontade quando puxo a cadeira para ela sentar —, obrigada.

Faço sinal para o garçom que se aproxima.

— O que vai querer? – pergunto para ela.

— Um cappuccino – ela pede e deixa o vestido de lado.

— Um vestido de festa? – aponto.

— Festa de casamento, vou ser madrinha – ela ajeita na cadeira e puxa os óculos escuros para o alto da cabeça —, me diga, o que queria falar?

Empurro o jornal na direção dela. Ela franze o cenho e pega o periódico, o abre e arregala os olhos.

— Sério? – Fica perplexa e dobra o jornal de novo. — Eu seria desumana se dissesse que não estou surpresa ou triste por ele?

— Também não fiquei comovido – admito —, em compensação, vou ter que jantar com o meu pai até ele morrer.

— Veja o lado bom... – ela para de falar quando o garçom se aproxima com o pedido dela —, obrigada – agradece e prossegue —, o seu processo será encerrado. Talvez você seja investigado...

— Não serei, pode ter certeza que Monty pagará para que seja arquivado. Não por mim, mas por ele mesmo.

— Oh, meu Deus! – ela fala chocada. — Ele faz isso?

— Sim, ele é um criminoso que tem costas quentes, esqueceu disso?

— Não estou surpresa, seu pai é tão arrogante quanto você...

Dou um meio sorriso. Não me ofende quando ela diz que sou arrogante.

— Quer que eu te acompanhe na festa de casamento? – indago apontando para o vestido.

— De jeito nenhum, você seria o centro das atenções e a festa é da noiva que é minha amiga. Ela jamais me perdoaria! – diz com ironia.

— Vou ser discreto – não me canso de insistir.

— Você ainda é meu cliente, se esqueceu?

— Com a morte do Gordon, não responderei mais processo e não somos mais cliente e advogada, agora podemos sair quando quisermos...

Aria não tinha se dado conta disso até agora.

— É verdade. Contudo, não vamos sair mais...

A recusa dela em querer seguir com o nosso caso me deixa surpreso. Mexo na cadeira incomodado.

— Posso saber o motivo da recusa?

— Você continua sendo o irmão da Bethany e cunhado do David e estou focada no meu trabalho. E como eu te disse, não estou a fim de me envolver com ninguém.

— Não é um envolvimento, é sexo. O melhor sexo da sua vida!

Ela dá uma risada gostosa que faz meu pau pulsar quando a vejo jogar a cabeça para trás.

— Você é hilário, mas a resposta continua sendo não.

Eu a fito com malícia:

— Então está tentada a se envolver comigo? Mais do que planejou? – mudo a estratégia para persuadi-la a ficar comigo.

— Mesmo que estivesse, Cash, não permito que nada ultrapasse os limites que aprendi a impor. Só eu sei como é ruim me apaixonar, então vamos nos manter ao que aconteceu e pronto. Cada um segue a sua vida...

Essa determinação ferrenha dela em partir me deixa louco de tesão. Nunca conheci uma mulher tão obstinada. Deve ser por isso que em tão pouco tempo de carreira ela é tão bem-sucedida.

— Está sendo repetitiva e eu vou continuar dizendo que quero você aqui, ao meu lado... na verdade, em cima de mim, ou por baixo, tanto faz, contanto que meu pau esteja enterrado em você...

Vejo sua expressão mudar e ela engole em seco, a maldita deve estar com a calcinha molhada. Quero enfiar a mão em sua calça apertada e sentir meus dedos ficarem úmidos.

— Isso soa tão irresponsável... não deveria estar aqui, Cash...

— Mas você não quer ir, não é?

— Não quero, mas é o que devo fazer... por que está sorrindo? – pergunta logo em seguida.

— Porque algo me diz que é a primeira vez que se sente assim, dividida entre o seu trabalho e o prazer!

— Pode ser... – Ela sorri atrás da xícara e depois a devolve sobre a mesa.

— Aria? – a voz masculina soa ao lado da nossa mesa.

Ela ergue o olhar e vejo que fica dura como uma pedra. Seus olhos arregalam levemente e então ela comprime os lábios. Ou seja, esse cara não é uma pessoa que ela gostaria de estar encontrando.

— Dickinson? – Ela pergunta surpresa. — O que faz em Boston?

— Negócios – ele responde e a fita com intensidade —, eu não esperava te ver.

— Posso dizer o mesmo – sua voz soa amarga.

O cara olha para mim esperando que ela nos apresente.

— Eu sou o Cash – eu me apresento —, o cara que está...

Eu ia dizer *comendo a Aria*, por causa do que ela me disse naquela noite no carro de não gostar que eu diga que ela é minha garota, mas ela entra na frente:

— Cash é meu namorado – ela nos apresenta para minha surpresa e satisfação. O feitiço virou contra o feiticeiro? — Esse é o Dickinson, aquele que te falei que tive um relacionamento. – Faz uma careta como se fôssemos muito íntimos além da cama.

Apesar que ela me contou sobre um namorado de longa data que ela veio atrás dele estudar em Harvard. Não gostei dele em nada, parece um garoto com metade da idade, não é homem para Aria.

— Você é o babaca que abandonou a Aria? – pergunto e ele fica chocado. — Cai fora antes que eu quebre o seu nariz! – ameaço num tom baixo sem me alterar a princípio.

— Cash! – Ela me reprova.

— O quê? – Dickinson pergunta sem entender.

— Eu não fui claro? – Me levanto bravo e minha perna bate na mesa fazendo barulho e chamando a atenção das pessoas ao redor. — Você foi babaca com ela, então cai fora, não fale com ela! Você não tem esse direito!

O tal Dickinson fica completamente desconcertado.

— Até mais ver, Aria! – Ele se despede.

— Até mais nunca! – respondo no lugar dela.

Ele sai andando. Eu volto a me sentar e tomo meu café. Aria está me encarando.

— O que foi que você fez? – Ela não consegue acreditar.

— Botei meu lado ator em prática. Foi perfeito não foi? O que queria? Só coloquei para correr o idiota que te abandonou! – explico e a encaro. — Ou você quer que eu o chame de volta? Você me apresentou como seu namorado, o que me deixou muito surpreso, então, eu só agi como um namorado faria...

Ela abre a boca e a voz não sai, então fecha de novo e comprime os lábios.

— Só não esperava uma reação tão...

— Viril? Impetuosa? Foda? – completo para ela.

Ela começa a rir e eu também.

— Que cara de idiota que ele tem, Aria! Ainda bem que você me encontrou, esse cara não te merecia...

— Como você é convencido!

— Não sou convencido. Sou sincero. Já combinei comigo mesmo sobre nós e vai dar tudo certo, confie em mim. – E pisco para ela.

Ela dá uma risada alta e toma mais do cappuccino antes de dizer:

— Tudo bem, eu xinguei seu ex-namorado e agora tenho o direito de saber o que ele te fez para você ficar tão sem graça na frente dele...

— Eu o pedi em casamento e ele disse não...

Meu queixo cai e quase engasgo com o café.

— Você o quê?

— Não me julgue – ela pede se encostando na cadeira e respirando fundo —, eu namorei com esse idiota desde os meus quatorze anos, ele era tudo que eu sabia de amor, paixão. Quando eu tive depressão, ele ficou ao meu lado, do jeito torto dele, mas ficou. Então, quando viemos para a faculdade, pensei que fosse para sempre. Na noite da formatura, eu fiz uma loucura de amor. Preparei uma festa particular num quarto de hotel, e me ajoelhei e o pedi em casamento...

— Imagino que estava tão segura do que fazia que não esperava o não – lamento por ela.

— Com certeza – ela move a cabeça de um lado para o outro —, não foi apenas o fora que doeu. Foi ele ter terminado tudo comigo naquele momento. Ele simplesmente não se importou com os meus sentimentos. Eu acredito que na verdade, Dickinson, como eu, estava afeiçoado com o relacionamento, mas não era real, ele me traía.

— Colocá-lo para correr foi pouco perto do que ele merece – digo sincero.

Ela dá um tímido sorriso e a covinha se forma em seu rosto a deixando mais bonita.

— Foi um conjunto de coisas, mas hoje agradeço por ele ter tido coragem e terminado tudo, imagina se tivéssemos casado?

— Seria um desastre! – concluo.

— Com certeza. Eu ainda tenho certo ressentimento porque depois que terminamos tudo o que ele fez de errado enquanto estava comigo veio à tona – ela fala sem ressentimento —, mas eu sei que estou melhor agora.

— Você se sente melhor agora?

Ela me fita com intensidade e faz que sim com a cabeça.

— Sim, hoje eu sou livre, posso ouvir minhas músicas e sem um cara me dizendo que eu devo muito a ele, porque na pior fase da minha vida ele estava ao meu lado – ela conta.

— Ele fazia isso?

— Sempre que brigávamos ele jogava na minha cara o quanto eu tinha que ser agradecida porque ele ficou do meu lado quando precisei, que outro não teria suportado a minha depressão...

Eu arrasto a cadeira para o lado dela e levo a mão à ponta do seu queixo a obrigando a me encarar. Adoro a cor desses olhos azuis.

— Você devia ter me contado essa história antes, eu teria mandado meu pai dar uma surra nele – brinco e ela ri sem graça —, agora, falando sério – capturo seus olhos com os meus e ela não desvia —, você é uma mulher incrível e não precisa de ninguém para te suportar quando estiver para baixo.

— Eu sei. – Ela fica sem graça.

— Mulheres têm que ser tratadas com respeito...

— Você está me deixando sem graça...

Ela tenta tirar minha mão do seu rosto, mas eu não deixo.

— A intenção é essa, Aria, te seduzir...

Eu a sinto prender a respiração quando inclino para frente e roço meus lábios nos seus.

— Sabe o que quero fazer agora? – questiono.

— O quê? – Ela mal consegue falar.

— Te foder bem gostoso e te fazer gozar como você merece... enfiar meus dedos na sua boceta quente e te chupar, passar a língua bem devagar no seu clitóris...

Estou de pau duro e tenho certeza que ela está excitada também.

— Cash... – ela murmura tentando argumentar algo que nem tem ideia.

Aria olha ao redor para se certificar que ninguém está prestando atenção a nossa conversa. Novamente eu seguro seu queixo e ela olha direto para os meus lábios, tenho certeza que está me imaginando com a boca na sua boceta. Essa é a hora perfeita para fazer um convite.

— Hoje à noite, vou jantar com o meu pai. Quer ir comigo? Depois podemos ir a um lugar legal, ou até jogar boliche... – proponho com a voz carregada de desejo.

— Sim – ela responde olhando para os meus lábios e de novo para os meus olhos.

— Passo na sua casa às sete da noite, pode ser?

— Seu pai costuma jantar cedo?

— Não, é que eu quero te comer antes de irmos para a casa dele... – informo tirando a mão de seu queixo e levando para as costas dela.

Ela puxa o ar e vejo seu peito subir depressa.

— Estou ficando excitada, então é melhor ir antes que eu resolva sentar no seu colo. – Ela se afasta e pega a capa com o vestido.

Dou um sorriso de satisfação.

— Vou estar ansioso para te foder à noite, desculpa, te ver à noite... – corrijo. E ela me olha com reprovação porque as pessoas ao redor ouviram.

Ela só balança a cabeça e vai embora. Fico olhando para a sua bunda gostosa e satisfeito por ela ter cedido. Pareço uma criança que ganhou um presente que queria muito, e não um homem que vai só transar.


Aria

Capítulo 15

Eu não sei se me arrumo para ele ou se fico só de calcinha e sutiã esperando por Cash. Devo estar ficando louca, mais uma vez me pergunto como cedi tão fácil e sem perceber. Quando notei, o sim já havia saído da minha boca e eu não tinha mais o que fazer. Pego meu celular e envio mensagem no grupo das poderosas:

Eu: acho que fiz uma besteira.

Ellen é a primeira a visualizar e responder:

Ellen: @aria fazendo besteira, meninas, cuidado Hahaha

Harper: você?

Mia: não me diga que não vai ao meu casamento?

Mia: é nesse fim de semana!

Eu: Calma! Não é isso!

Ellen: diga logo!

Eu: eu transei com Cash outro dia no meu carro.

Elas começam a mandar emojis de amor e pessoas fodendo.

Eu: depois transamos no camarote do estádio.

Eu: E hoje aceitei me encontrar com ele!

Mando um emoji de garota batendo a mão na testa.

Eu: ele deve chegar a qualquer momento.

Harper: você quebrou suas regras com força.

Mia: chocada! Vai nevar mais cedo em Boston esse ano!

Ellen: vai trepar! A vida não é só trabalho.

Respiro fundo, nervosa.

Eu: sabe quando você quer, mas não pode?

Ellen: por causa do seu trabalho?

Eu: Sim.

Harper: você quer se casar com ele?

Eu: claro que não.

Mia: então curte e pronto.

Harper: sem drama @aria.

Ellen: não vai sair nos jornais que vocês estão transando, não é?

Elas têm razão. Agora sequer ele é meu cliente. O que tem de mal transar um pouco e me divertir?

Ellen: sair da linha não mata ninguém.

Harper: aproveita, boba. Ele é lindo...

Harper: vou apagar essa mensagem para o Seth não ver kkkkkk

Mia: Seth ciumento...

Harper: não foi o meu marido que colocou um homem suspenso pela janela.

Mia: Meu Malone forever.

Ellen: que nojo, está caindo baba no celular...

Eu: eu vou me arrumar, depois conto como foi.

Coloco o celular de lado e vou para o meu quarto. Fico olhando os meus vestidos no closet e acabo escolhendo o pretinho básico. Assim, eu nunca erro. Estou terminando de vestir quando ouço o carro estacionar na frente da minha casa. Olho pela janela e o vejo saindo do carro importado. Meu coração bate tão forte que eu me sinto como se estivesse apaixonada pela primeira vez.

Ele olha para cima, me vê e sorri também.

Saio correndo do quarto, descalça. Estou ofegante quando finalmente abro a porta. Cash me olha daquele jeito sedutor dos pés à cabeça... Ele está lindo no terno caro feito sob medida. Percebo que ele fica bonito de qualquer jeito.

— Eu ainda não ter...

Não termino a frase, ele dá um passo à frente, me segura pela nuca e me beija na boca. Ele me empurra e chuta a porta para fechá-la. Quando ele disse que estava com vontade de me ver não pensei que fosse dessa forma tão afoita, mas eu adoro. Seu beijo é tão experiente, Cash parece saber exatamente o que fazer, sua boca domina a minha, ele usa a língua me deixando mais excitada.

— Estou ansioso por isso, Aria – ele segura meus cabelos com força e grunhi contra a minha boca como se quisesse me punir

por me desejar tanto.

Ele enfia as mãos debaixo da saia do meu vestido, sobe pela coxa e ofega quando chega ao centro das minhas pernas.

— Sua cadela, você está sem calcinha! – sua voz soa embargada me acusando como se fosse um crime.

Passo a língua pelos lábios e seguro seu rosto entre as mãos. É gostoso ver como algo tão simples o perturba.

— Não temos muito tempo – justifico contra os seus lábios.

— Não conte com isso, posso desmarcar esse maldito jantar agora...

Empurro seu paletó para fora dos braços e ele começa a desatar a própria gravata. As peças caem no chão. De um puxão, ele arranca a própria camisa e dou uma risada nervosa. Como vamos sair depois? Mas não chego a fazer a pergunta, ele toma posse dos meus lábios e agarra a minha bunda, uma mão está por baixo da saia e a outra por cima e me ergue. Eu o abraço com as pernas e me esfrego contra a sua calça sabendo que estou tão molhada que sua calça vai ficar manchada.

Meu lado mau não se importa com isso e ele caminha comigo até a mesa da sala de jantar que fica no meio do caminho. Ela é de madeira redonda e nunca fiz nada em cima dela, eu geralmente faço as refeições na cozinha. Puxo o cinto de sua calça e abro com facilidade enquanto ele devora minha boca. Agarro seu pau grosso e ereto. Afasto para olhar para baixo e arrastar minha mão por toda a extensão, torturando-o.

Cash puxa a parte de cima do meu vestido para baixo até meus seios ficarem expostos.

— Você tem seios lindos – ele articula antes de cair de boca sobre eles.

Seus dedos atrevidos tocam a entrada da minha boceta e me movo contra eles, ansiosa para que ele me foda. Agarro seus cabelos e puxo sua cabeça para cima.

— Preciso de você dentro de mim... – exijo ofegante.

— Achei que íamos devagar... – ele objeta com um humor maquiavélico.

Minhas mãos passam pelo seu peito lisinho e bem definido e sobe até os ombros largos e marcados pela luta no campo de futebol. Meus olhos encontram os dele e dou um gemido inesperado quando ele leva a mão ao meu seio e belisca meu mamilo.

— Você é a coisa mais indecente e gostosa que já vi, Aria Fortson...

Sorrio lânguida quando ele aperta meus seios com força.

— Então, mostra...

Meu celular começa a tocar em algum lugar onde deixei. Eu não me lembro, mas dou uma risada nervosa quando o som é da música *Incomplete*, do Back Street Boys.

— O que é isso? – Cash olha ao redor.

— É meu irmão Luke me ligando – falo e ele se volta para mim —, ele é dramático e escolhi essa música para ele.

— Mais tarde quero saber qual escolheu para mim... – E volta a me beijar, segurando firme as minhas coxas para separar as minhas pernas.

Luke liga outras vezes e a música acaba virando trilha sonora do momento, estou hipnotizada pelo prazer que Cash me dá que esqueço tudo ao redor. Ele me puxa para a borda da mesa e fico tensa. Puxa meu vestido para cima e fico nua, seus olhos brilham diante da minha nudez e me sinto a mulher mais linda do mundo.

Agora eu sei a diferença entre um homem que me deseja de verdade e um que só quer foder.

— Estou te devendo uma chupada, não é?

E sem hesitar, ele se põe de joelho e cai de boca sobre mim. Olho para aquela cena e solto um grito de prazer quando a boca gostosa me domina. Jogo o corpo para trás e apoio as mãos no tampo da mesa e o observo me foder como se estivesse morto de fome, louco de prazer. Tento fugir dele, mas Cash é mais rápido e agarra minhas coxas, não me deixando afastar.

— Cash... – sussurro angustiada.

Ele dá mais atenção ao clitóris e sinto espasmos pelo corpo, minhas pernas e barriga tremem e acabo me deitando de costas sentindo o tampo frio. Estou toda aberta para ele e seus dedos deslizam para dentro e ele se move contra a minha carne que o comprime. O orgasmo me toma de um jeito tão bom e avassalador que se espalha pelo meu corpo e me deixa cega.

Ele me agarra pelo braço e me puxa para me beijar. Sinto meu gosto entre seus lábios enquanto sua língua toca a minha.

Estou atordoada e ele também. Cash está fora de si, tão louco para me tomar que ele agarra meu quadril, puxa para frente e me penetra com força. Seu corpo cede e ele senta na cadeira, me levando com ele. Cash chupa meus seios, suas mãos parecem estar em toda parte do meu corpo, sua boca. Ele fode minha carne com força, sem parar, rebolo sobre ele, perdida. Estamos suados, nos beijando e nos tocando.

É tão louco e frenético que não sei onde começa o meu corpo e onde termina o dele. É louco, viciante. Perdemos completamente o controle e tinha tudo para ser uma transa simples, mas se tornou, de repente, algo insano, é como se nada fosse o suficiente, como se tivéssemos que nos engolir, que nos entregar sem resistência.

Ele mete fundo outra vez e morde meu pescoço daquele jeito gostoso e arrasta a boca até o meu seio e faz o caminho de volta. Não consigo parar de me mover, eu preciso de mais, de tudo que ele possa me dar.

— Aria... – sua voz me deixa louca de tesão e beijamos na boca antes do orgasmo nos tomar.

Os gemidos se tornam gritos e nos movemos até não suportamos mais e começo a choramingar de prazer de verdade. Estou chorando e ele ainda se move dentro de mim, deixando sua marca. Estou agarrada a ele, sua cabeça enterrada no meu ombro e minhas unhas cravadas em suas costas. Vamos nos movendo mais devagar até que paramos.

Apenas o som da merda do meu celular que não parou um segundo e nossas respirações. Luke que espere. Meu irmão é chato demais, ele liga até eu atender e, às vezes, é só para reclamar da

esposa ou do nosso pai. Eu amo meu irmão, mas não posso atendê-lo agora, estou ocupada demais.

Cash segura meu cabelo e puxa minha cabeça para trás para tomar minha boca. Eu o beijo com a mesma paixão e não paro. Sinto quando seu pau encolhe e ele sai de dentro de mim.

Estou melada e ele também. Estávamos tão afoitos que esquecemos completamente a camisinha. Fico tensa por um instante porque eu não tomo remédio desde que terminei com Dickinson. E como minha vida sexual não é tão ativa, sempre uso camisinha.

— Acredito que esquecemos o principal – ele ofega e me encara.

— Eu não tomo remédio, Cash – engulo em seco com medo do que ele dirá em seguida —, amanhã tomo a pílula do dia seguinte – comento tensa —, é a primeira vez que transo sem camisinha desde que parei de namorar.

Ele me encara com surpresa. Acredito que nesse momento ele vai se levantar e fazer um monte de acusações, mas ele apenas acaricia meu rosto e beija a minha boca de novo e de novo. Já tomei pílula do dia seguinte e deu super certo, não vai ser agora, com Cash Maverick, que vai dar tudo errado. Meu celular para de tocar e o dele começa.

Ele dá uma risadinha de lado.

— Será que um homem não pode foder em paz? – Ele brinca passando as mãos pelo meu corpo.

Nenhum de nós faz menção de sair daqui.

— Sabe quantos dias faz que transamos pela última vez, Aria? – Ele me pergunta.

Não sou boa de guardar datas, mas sei que faz quase uma semana.

— Não sei – respondo sincera apoiando minhas mãos nos ombros dele e passando os dedos pelas pequenas cicatrizes e pelo desenho da tatuagem grande em seu braço esquerdo.

Ele tem uma serpente que corta todo o braço e sobe por parte do ombro. E outras que me deixam curiosa, mas não mais que a resposta que ele vai dar agora.

— Seis dias – ele me mantém cativa de se olhar —, tem noção do quanto eu estava afoito para me afundar em você de novo?

O jeito que ele fala me deixa sem fôlego. Não gosto de me sentir assim, me faz pensar em coisas que não são reais e eu acabo me iludindo. Desde o Dickinson, eu não me interessei de verdade por ninguém, sequer me apaixonei e Cash me leva à borda, traz à tona emoções que esqueci há muito tempo.

Quando se namora por vários anos e se cai na rotina, isso acontece. Eu parei de sentir o tremor nas pernas, o frio na barriga ou a sensação de bem-estar quando encontrava Dickinson. Hoje de manhã, quando encontrei Cash na cafeteria, fiquei feliz, mesmo que não quisesse admitir. Ele me faz rir e torna tudo mais fácil. Ele sempre tem um comentário ácido sobre as coisas de um jeito leve. Não é o tipo de homem que fica fazendo drama, ele não tem tempo a perder, a vida está batendo à porta e ele tem que viver.

E isso me fascina. Gostaria de ser positiva dessa forma. Eu tenho tanto medo de tudo. Quem olha a advogada fodona, não imagina que por trás dela existe uma garota que tem medo até mesmo de se olhar no espelho e se odiar ainda mais. Já fui assim, sou uma melhor versão de mim e luto para não voltar a parte dolorida de existir.

— Não diga, por favor – eu peço séria —, está bom como está. Não me faça implorar para você ir embora.

Ele fica surpreso com as minhas palavras e me estuda por um instante. Perplexo.

— Está bem, como você quiser...

Sorrio satisfeita e nos beijamos de novo.


Cash

Capítulo 16

— O Cash foi um garoto terrível – Monty diz enquanto toma seu vinho e olha para mim com orgulho —, uma vez, ele roubou minha pistola e correu pela propriedade – ele dá outra risada —, os seguranças tinham medo de pegá-lo e ele atirar, ao mesmo tempo que tinham medo de machucá-lo e depois ter que enfrentar a minha fúria.

— Pai, a Aria vem de uma família normal que as pessoas não têm pistola em cima do armário da sala – o reprovo.

Aria pega a taça de vinho e toma um gole antes de salvar meu pai:

— Meu pai não tem uma pistola em cima do armário, mas tem dentro da gaveta do escritório – conta e dá seu sorriso charmoso.

Eu a fito e sinto uma tempestade de emoções me tomar. Se não fosse a insistência do meu pai por esse jantar, eu estaria fodendo essa mulher em todos os cômodos da sua casa. Parece que quanto mais a tenho, mais quero.

— Você encontrou a mulher certa, Cash – meu pai a elogia —, vocês têm a minha bênção.

— Está vendo, amor – olho para ela e ironizo: —, meu pai apoia nossa união.

Ela fica vermelha e sem graça. Deixa a taça sobre a mesa e fica desconcertada.

— Não fique acanhada, meu filho nunca trouxe uma mulher a esta casa e você está aqui pela segunda vez, deve ser um sinal. – e olha para mim —, eu na sua idade já era pai.

— Sou seu único filho e quando engravidou minha mãe, você tinha vinte anos... – eu o faço lembrar.

— E tenho orgulho disso...

— Cash é seu único filho? – Ela pergunta.

— Sim, meu primogênito – Monty responde me observando com felicidade.

— Ele só conseguiu acertar uma vez – debocho.

— E espero que você acerte logo – meu pai coloca o dedo em riste na minha direção —, quero essa casa cheia de netos.

Aria engasga com a comida e meu pai bate levemente em suas costas. Ela pega a taça com água e bebe. Meu pai é um homem rico, sempre foi. Ele herdou do pai o crime organizado, gosta de elegância, e a mesa que estamos sentados é digna da rainha da Inglaterra. Ele tem amigos importantes por toda parte e em todo mundo. Ele não é a escória, ele é a elite do crime. Pessoas como ele não são pegas, sua família foi criada para administrar aqueles que servem de peões para esconder quem financia e ganha com a sujeira desse mundo.

Ele faz o serviço sujo que os mocinhos do mundo real não podem fazer. E é bem recompensado por isso, eles o tratam como um rei intocável. É assim há gerações e ele esperava que fosse assim comigo, mas já percebeu que não vai rolar, por isso, está treinando meu primo, Oz, para ser o próximo chefe.

Por falar no próprio, ele entra na sala de jantar usando seu terno caro, sorrindo como um conquistador que é. Seus olhos passam por Aria primeiro que está sentada do lado esquerdo do meu pai. Depois em mim e em seguida em Monty.

— Perdoem-me pela demora. – Ele bate nas minhas costas como se tivéssemos nos visto ontem e depois cumprimenta o meu pai.

Seus olhos caem com interesse sobre Aria e eu não gosto disso nem um pouco. Não somos inimigos, mas não somos melhores amigos, ainda mais quando ele se mostra interessado na mulher que está comigo.

— E quem é esta linda mulher?

— A noiva do Cash – meu pai vai mais além mostrando seu desgosto pelas palavras dele.

— Perdoe-me – diz cínico —, fiquei pensando se não seria sua namorada, tio.

Ele se senta ao lado dela e dá um sorriso mordaz. Um perfeito idiota.

— Aria, esse é meu primo Oz – eu os apresento.

Ela estende a mão para ele. Oz segura sua mão e a leva aos lábios para um beijo. Ele nunca faz isso, se existe uma pessoa que não gosta de contato físico exagerado é o selvagem sem coração sentado à minha frente, mas ele gosta de fazer isso apenas para me provocar.

— Um nome lindo para uma mulher linda – ele elogia e solta a mão dela —, seja bem-vinda à família, Aria. Como conheceu Cash?

A pergunta casual a deixa desconsertada e eu tomo à frente da conversa.

— Aria é advogada, ela trabalha para meu cunhado David. Ela me tirou da cadeia quando dei uma surra no maldito do Gordon – conto.

Meu primo enruga a testa surpreso e olha para o meu tio.

— Advogada – meu pai fala impressionado, aprovando Aria mais uma vez —, eu não esperava menos de uma mulher inteligente que escolheu meu filho como marido.

Seguro para não rir quando vejo Aria sem jeito. Ela não para de corar e sei que está engolindo para não desmentir essa história de relacionamento sério. E eu sequer pedi para ela fingir ser minha namorada, acabou acontecendo naturalmente, de tanto que falei tal palavra nos últimos dias.

— Ele herdou seu sangue quente, tio. Filho de peixe, peixinho é – ele comenta e espera que a copeira se aproxime da mesa e o sirva.

Meu primo também gosta dessas frescuras. Eu sou do tipo que me sirvo sozinho. Oz gosta do dinheiro e do poder que tem. Bom para ele, pode ficar com tudo, eu não dou a mínima. Construí meu próprio patrimônio e acredito que é por isso que vivemos em paz, ele sabe que não ameaço seu reinado.

— O que esperava? – meu pai retruca.

— Depois de quanto tempo, Cash? Acho que estávamos entrando no ensino médio quando você disse que nunca mais voltaria aqui! – Ele segue zombando da situação.

— E não teria voltado se não fosse necessário! – meu orgulho fala mais alto.

— E teria matado seu pai de desgosto! Eu teria envelhecido azedo e teria que matar muita gente para saciar minha amargura!

— Quanto drama – reclamo e deixo meu garfo de lado —, sabe que um dia eu falaria com você...

— Quando Cash? Você é um maldito orgulhoso como seu avô era! – Ele coloca o dedo em riste. — Meu pai morreu sem falar com a minha mãe porque ela o chamou de frouxo quando tinham sessenta anos de idade e quarenta e dois de casados! – Olha para Aria. — Meu pai era um homem muito severo. Eu sou um coração mole com esses garotos...

Respiro fundo e Oz revira os olhos antes de Monty começar a falar mal de nós dois. De como aprontávamos quando éramos adolescentes e foi assim durante muito tempo, até que decidi me dedicar ao esporte e Oz ao mundo do crime.

— Bons tempos – eu digo de repente.

— Verdade – Oz concorda —, mas ainda bem que tudo muda e somos dois adultos maduros – e me encara —, ainda acha que ganha de mim no tiro ao alvo? Ou na luta? – Ele move os braços.

— Claro que sim – eu me garanto —, você luta como uma criança de cinco anos, Oz. – Mostro os cinco dedos da mão direita.

Ele dá uma risada e olha para Monty:

— Ouviu isso, tio? Seu filho está me desafiando...

— Não hoje. Tenho que levar Aria para casa, ela trabalha amanhã cedo e está ficando tarde – desculpo.

— Mas teremos oportunidade – Oz garante —, agora que voltou para o seio de sua família, tenho que provar que sou o melhor.

— Eu sempre vou ser o melhor, Oz. – Eu me levanto.

Oz se levanta para puxar a cadeira para Aria se erguer.

— Obrigada – ela agradece educada.

— É o que veremos – ele garante a mim depois de sorrir para Aria —, quero ver o quanto você aguenta apanhar.

— Não precisa ter pressa – Monty também se levanta —, vocês não comeram a sobremesa. Eu mandei fazer a torta de morangos que você gosta, filho...

Quem vê esse homem falando assim comigo não imagina que ele pode matar uma pessoa sem piedade se ela apenas o irritar. Eu amo meu pai, mas sei quem ele é. E não quero fazer parte disso mais. Vou cumprir com minha promessa de visitá-lo todas as

semanas, mas não quero estar a par do que acontece fora daquela sala de jantar.

— Aria tem uma reunião importante amanhã cedo, pai – eu desculpo —, mas voltaremos semana que vem e ficaremos para a sobremesa – prometo.

Nós nos despedimos e vamos para o meu carro lá fora. Aria não diz uma palavra até sairmos da propriedade e fico preocupado.

— Está tudo bem? – pergunto preocupado.

— Está – ela me olha com um leve sorriso —, só estava pensando.

— O quê? Que você não deveria ter aceitado o jantar?

— Não. Foi agradável – ela é sincera —, mas o que me surpreende é como um homem tão frio e perigoso pode ser um pai tão amoroso que manda fazer torta de morango preferida de seu único filho...

Engraçado como nós fizemos a mesma pergunta.

— Meu pai é muito família – limito a dizer.

— Ele nunca se casou?

— Casou. Seu nome era Daiana, mas ela morreu em um acidente de carro quando tinha trinta anos, meu pai nunca mais quis ninguém...

— Ele a amava?

— Sinceramente não sei. Ele a tratava bem, nunca os vi brigar. Mas não sei se ela era feliz. Ela não conseguiu dar filhos a

ele e isso era sua maior frustração. Ela tentou de tudo, mas não conseguiu engravidar.

— Mas dividiu a atenção do seu pai com Oz. – Ela observa atenta.

— Com Oz? – Nego com a cabeça. — Ele sempre foi o sobrinho para ocupar o lugar do meu pai. Mas se Monty tivesse que dar um tiro bem no meio da cabeça dele, não hesitaria.

Ela estremece.

— Isso me dá calafrios – admite e abraça o próprio corpo —, seu pai pouparia você?

— Sim. No dia que brigamos eu dei um murro nele. Pensei que ele fosse revidar ou me dar um tiro, mas ele não fez nada. E quando eu o deixei falando sozinho, ele implorou que eu ficasse e conversássemos – conto pensativo.

— Ele o ama de verdade, então – ela conclui.

— Minha família torta – brinco e sorrio.

Ela também sorri. Seguro sua mão que está em cima da coxa e a sensação é boa. Não sei, sinto que Aria é mais que uma mulher por quem tenho forte desejo, ela é uma pessoa fácil de conversar, eu confio nela. Ela segura a minha mão e fica com a cabeça encostada na janela do carro, pensativa.

Dirijo até a casa nas montanhas. Ela fica surpresa quando vê Sullivan.

— Não acredito que ele o tirou do seu descanso para o trazer para cá? – Ela pergunta tirando o casaco e entregando a ele.

— Na verdade, hoje é meu dia de folga, Senhorita Fortson, e vim até aqui para me esconder dele – brinca.

Ela ri.

— Então volte para o seu descanso, eu e Cash podemos nos virar daqui para frente...

Sullivan acena e se retira.

— Já está mandando nos meus empregados? – questiono.

— Sullivan não é seu empregado, ele é seu melhor amigo. – Ela observa enquanto caminhamos em direção à pista de boliche.

Não respondo, eu sei que ele é. Entramos no salão e acendo as luzes. Já tiro meu paletó e desato a gravata, jogando tudo sobre o banco. As roupas estão em cima do banco exatamente como no outro dia, só vou tomar o cuidado de não pedir que ela passe uma semana comigo. Meu nariz agradece.

— Vamos jogar melhor de dez? – Ela se aproxima da roupa e me observa atentamente.

— Como quiser... – Eu começo a tirar a camisa que tive que comprar a caminho da casa do meu pai, já que destruí a outra.

— Conseguiu falar com seu irmão? – pergunto.

— Com Luke? Não – ela faz que não com a cabeça —, ele não me atendeu quando liguei de volta. Não deve ser nada grave ou teria me mandado mensagens dizendo que tinha urgência, ele sempre faz isso.

— O que sua família diria se soubesse que estamos juntos? – não consigo evitar a perguntar. A curiosidade está me matando.

— Eu seria deserdada, pode apostar – ela ri da situação abrindo o zíper lateral de seu vestido —, mas fique tranquilo, não vou fingir que sou sua noiva para eles... – ela ironiza por causa do exagerado comentário que Monty fez.

Apenas assinto e me concentro em trocar de roupa para jogar boliche. Olho para ela mais uma vez, mas então desisto de dizer qualquer coisa que possa estragar esse bom momento entre nós.

Pela primeira vez, eu não quero que uma mulher saia da minha vida de forma tão rápida.


Aria

Capítulo 17

— Boa tarde, Aria – a voz de Joseph me assusta.

Estou na sala de arquivos e ele entra, deixando a porta aberta.

— Boa tarde – eu o fito por cima do ombro —, precisa de alguma coisa?

— Acabei de saber que Cash Maverick não vai mais responder processo. O homem que ele agrediu foi morto por uma gangue rival – ele comenta.

— Eu li no jornal – pego uma caixa do armário e me volto para ele —, vou esperar receber uma notificação do promotor e vejo como vai ficar.

Não vou discutir com ele um dos meus casos.

— Você sabia que esse caso não ia para frente, não é? – Ele me pergunta quando coloco a caixa em cima da mesa redonda que fica de frente para as paredes de vidro.

— Como assim? – Não entendo.

— Cash Maverick é filho de um criminoso, ele sempre protege o filho das merdas que ele faz... – sussurra para mim como um fofoqueiro.

Não gosto desse tom de Joseph, tudo que ele fala tem que existir maldade ou malícia. Mulher fofoqueira é feio, mas homem é ainda pior. Não combina. Não consigo imaginar meus irmãos ou até mesmo Cash tomando uma cerveja e falando da vida dos outros.

— A vida pessoal do Senhor Maverick não me diz respeito – eu o corto ao abrir a caixa e começar a olhar as pastas —, além disso, o pai dele não é o meu cliente.

Ele dá uma risada maliciosa.

— Ele não tirou os olhos de você na última festa...

— Você não é o primeiro que está preocupado com isso, mas estou acostumada a ser notada, eu sou bonita – falo confiante e o encaro —, o que quer que eu faça? Que use uma burca para que os homens não me olhem, Joseph?

Devolvo a pasta na caixa.

— Ele pode querer mais do que ser seu cliente – ele me avisa.

Idiota, você não sabe onde estava a mão dele há alguns dias, penso com maldade, mas não digo, claro.

— Eu duvido, já deixei claro que somos advogada e cliente, portanto, é melhor cuidar do seu trabalho e esquecer o Senhor Maverick. Não o veremos tão cedo!

E saio carregando a caixa pesada. Joseph sequer se oferece para carregar para mim. Não existem mais cavalheiros como antigamente.

— Eu levo para você – Findlay, um outro advogado, se oferece. Ele é alto e loiro, parece o Ken da Barbie.

Eu o deixo pegar a caixa.

— Obrigada – agradeço e bato a mão no meu casaco que ficou empoeirado —, essas caixas acabam com as minhas costas!

— Tudo deveria ser digitalizado e guardado em um HD externo para nossa consulta – ele aconselha —, papéis estão saindo de uso.

— Tenho que concordar com você. Por que não dá essa ideia para David? Aposto que ele vai gostar.

— Acha mesmo? – Ele fica surpreso com a minha indicação.

— Claro, toda ideia boa é bem-vinda e David ouve seus funcionários. Poderiam usar os estagiários para isso, tem tantos aqui que não fazem nada.

E olhamos para o lado para ver duas estagiárias rindo e se divertindo diante da copiadora. Nós nos entreolhamos de forma significativa e sorrimos um para o outro.

— Eu já fui estagiário – ele se recorda.

— Eu também e aproveitei cada tempo que tive aqui dentro, por isso estou onde estou – observo séria —, não fiquei brincando na máquina de xerox.

Ele concorda e entramos na minha sala, David e Cash estão lá dentro. Fico tensa no primeiro instante e sinto todas aquelas coisas que uma adolescente boba sente quando meu olhar cruza com o de Maverick. Não deveria. Desde o jogo de boliche em sua

casa, o sexo gostoso em cima do banco, não nos falamos mais. Sequer uma mensagem trocada, pensei que ele tivesse desistido de me perseguir, mas eis que o babaca resolveu dar o ar da graça. E gosto disso.

Seus olhos verdes e frios caem sobre Findlay e sorrio para o meu colega de trabalho que cumprimenta os dois, deixando a caixa em cima da minha mesa.

— Boa tarde a todos – digo caminhando para trás da minha mesa —, algum problema?

— Sua secretária disse que estava no arquivo – David comenta sério —, resolvemos esperar.

— Ah, claro – eu me sento e olho para Findlay —, obrigada pela ajuda, Findlay.

— Por nada. Um café mais tarde? – ele me convida.

Geralmente, eu não aceito, mas meu lado mau entra em ação por causa de Cash e respondo:

— Claro que sim – sorrio.

Ele sorri de volta, satisfeito, e sai da sala fechando a porta. Eu me volto para os dois homens como se tivesse ganhado o meu dia com aquele convite. Estou agindo como uma boba mesmo, fazer o quê? Não resisto a provocá-lo.

— Não querem se sentar?

David se senta, mas Cash fica de pé, as pernas um pouco abertas, os braços cruzados e o cenho franzido. Ele está de mau humor?

— Senta, Cash – David manda.

— Não, estou bem de pé – ele responde seco.

— O que precisam de mim? – pergunto num tom bastante neutro.

— Acho que já está a par que o Senhor Gordon morreu e Cash vai ficar livre do processo.

— Na verdade, quando a vítima morre, o réu não fica livre do processo – eu explico séria e os dois homens não compreendem —, o que acontece no caso do Senhor Maverick é que a pessoa que foi agredida não chegou a formalizar a queixa, então não caberá processo.

— Você não me disse isso antes – Cash fala tenso.

— Não porque o senhor não me ouviria, estava tão certo de ficar sem o processo que sequer me questionou sobre o assunto, apenas tirou suas próprias conclusões leigas sobre o assunto – discurso como a boa profissional que sou.

Não fiz de maldade, mas queria ter certeza até que soubesse se Gordon representou ou não a denúncia contra Maverick, o que descobri naquela manhã que não ocorreu quando liguei para o delegado Dresher e ele me explicou a situação.

— Na verdade, quem me informou foi o delegado Dresher – observo.

— Pelo menos você não terá problemas com a justiça, Cash, você está livre.

Ele ergue uma sobrancelha como se tivesse ofendido a mãe dele.

— Agradecemos sua atenção Aria... – David fala e se levanta.

— Nós não acabamos – Cash diz para o meu desespero.

— Como assim? – Eu pergunto num impulso e David me fita com surpresa. — Quero dizer, não há o que discutir, Senhor Maverick.

— Claro que há – ele coloca uma das mãos sobre a minha mesa —, quero transferir uma das minhas propriedades para uma outra pessoa.

O que ele está inventando? Eu me pergunto, preocupada.

— O senhor quer doar – eu corrijo.

— Exatamente – ele puxa a cadeira onde David estava sentado e se acomoda —, pode ir cunhado, sei que tem coisas importantes para fazer, eu posso me virar sozinho daqui para frente.

David não parece surpreso com a atitude dele. Apenas assente e sai. Eu espero meu chefe se afastar e quando abro a boca para xingá-lo, Cash diz:

— Também senti sua falta...

— Você não pode fazer isso, aqui é o meu local de trabalho...

— Mas o que eu fiz? – Ele se faz de inocente. — Só queria ver você e falar com você.

— Para isso existem as mensagens – mostro o celular —, e você não mandou nenhuma desde a noite do boliche.

Não que eu importasse realmente. Sou uma mulher moderna, acostumada a não receber ligações e mensagens depois de transar com um cara qualquer. O problema é que devagar Cash Maverick está deixando de ser um homem qualquer na minha vida e se tornando alguém com quem me importo. A ponto de eu ficar olhando meu aplicativo de mensagens para ver se ele mandou alguma coisa. Mas ele só manda quando quer infernizar a minha vida.

— Pensei em mandar, mas preferi deixá-la em paz um pouco – ele se explica —, não gosto de ser possessivo e você tem causado isso em mim.

Sua declaração me pega de surpresa.

— Eu te deixo possessivo? – as palavras saem da minha boca como se tivessem vida própria.

— Muito – ele inclina aquele corpo para frente e me encara com aquele olhar penetrante de tirar o fôlego —, na verdade, eu tenho vontade de te amarrar na minha cama e só deixar você sair quando nenhum de nós aguentar gozar mais. Isso pode levar a dias de prazer interminável.

Fecho minhas pernas depressa quando sinto minha boceta pulsar de uma forma indecente no ambiente de trabalho. Garota traidora!

— Quero saber o que está fazendo e com quem – ele prossegue com aquela voz arrastada e não paro de olhar para sua boca e lembrar como ele chupa bem —, e para ser sincero, minha

vontade é de quebrar o nariz do loirinho que parece o boneco da Barbie – ele se refere a Findlay —, se isso não é ser possessivo, então não sei o que é.

— Você tem que se controlar – eu pigarreio e ajeito minha postura.

— Você consegue? Porque eu estou de pau duro louco para te foder de novo... meu controle é zero quando estou com você...

Estou molhada, jorrando de necessidade de que ele me foda em cima daquela mesa, eu de quatro... Cash sequer me tocou e me sinto excitada dos pés à cabeça. Balanço a cabeça afastando as fantasias perturbadoras.

— Por favor, vamos falar só de trabalho? – questiono e coloco meus óculos, minha voz falha miseravelmente, me deixando frustrada porque eu também estou perdendo o controle da situação.

— Você é sempre tão correta? Não sabe relaxar?

Não me dou por vencida.

— Quer saber, Cash? – indago e ele faz que sim. Apoio os meus cotovelos sobre a mesa e inclino o corpo para frente para o encarar. — Eu adoraria que você me fodesse em cima desta mesa – aponto o dedo para o tampo —, sentir suas mãos calejadas apertarem a minha bunda até o limite da dor enquanto você me fode gostoso, eu nesse exato momento quero gozar no seu pau, mas aqui é o meu ambiente de trabalho, você gostando ou não!

Os olhos dele se tornam duas pedras escuras e ele puxa o ar com mais força, seus lábios entreabrem e sei que se não fossem as

paredes de vidro e as câmeras por toda a parte, estaríamos um em cima do outro.

— Você acaba comigo. – Ele se move na cadeira, com certeza ajeitando o pau que está duro.

— Então, senhor acabado, se não tem nada a me dizer no âmbito profissional, peço que me deixe trabalhar...

— A próxima vez que eu te comer esteja com esses óculos – ele me informa como se fosse uma condição.

Estarei pronta quando quiser, baby, penso mas não falo.

— Cash... – eu o reprovo.

— Eu não vim aqui só pelo caso do Gordon. – Ele se encosta na cadeira e me fita com seriedade agora.

— E o que seria? Essa história de doação?

— Não, isso só foi uma desculpa para o David nos deixar em paz. Lembra do Stw?

— Aquele mendigo que encontramos na noite das marmitas? – eu me recordo.

— Ele mesmo – garante —, gostaria que me ajudasse com ele.

— Ajudar? – pergunto desconfiada.

— Eu o coloquei para servir de segurança. Ele está vigiando a casa de Roseta dia e noite... protegendo Gaya e o filho até a poeira baixar.

Novamente Gaya me assombra. Por que sempre tenho a impressão que ela e Cash têm alguma coisa? Que ele sente algo especial por essa mulher? A ponto de colocar alguém para cuidar dela vinte e quatro horas?

Pare com isso, Aria. Eu me repreendo. *A vida pessoal dele não é problema seu.*

— E o que precisa que eu faça?

— Veja como está a situação dele com a justiça. Ele disse que não fala com o seu agente da condicional há alguns meses e temo que isso o leve de volta para a cadeia – esclarece.

— Vai ser um caso extraoficial, não vou fazer pelo escritório, mas para ajudar o seu amigo... – condiciono e coloco o dedo em riste —, mas nem uma palavra com David sobre isso.

— Eu pago seus honorários... – ele começa e meu olhar mordaz o faz se calar —, está bem. Não está mais aqui quem falou.

— Você o está ajudando, eu também posso fazer isso de graça – justifico minha atitude —, é para um bem maior.

— Obrigado.

— Não agradeça, você ainda tem que ajudar a encontrar um local para a festa da igreja e não temos muito tempo, é sempre antes do Natal – eu o faço lembrar.

— Vou pedir para Sullivan fazer isso. – Ele move a mão no ar.

— Não. Nós vamos fazer isso! Juntos!

Um sorriso malicioso brota do rosto bonito.

— Eu também quero ficar perto de você, Aria. – E pisca para mim.

— Não quis dizer isso. – Acabo rindo da situação. Ele sempre leva tudo para o lado da malícia? — Só estou falando que você tem que assumir suas próprias responsabilidades, e não jogar na mão dos seus empregados algo que você deve fazer!

— Encargos que você me obrigou a aceitar... – ele me acusa.

— Você mereceu por ser tão atrevido! – justifico minha atitude.

Ele se levanta. Tão alto e gostoso que é impossível que eu não me delicie com essa paisagem toda. O homem não foi feito do barro, ele é pura carne e tentação.

— Aceita jantar comigo hoje?

— Eu tenho o jantar do casamento que vai ser sábado – aviso —, quem sabe um outro dia...

Ele apoia as grandes mãos na mesa e se inclina na minha direção. Nada indiscreto, mas como estou muito excitada, fico louca de vontade que ele se aproxime mais e me beije.

— Quando ficar entediada, sabe onde me encontrar. Vou estar esperando por você... a noite toda se for preciso, Aria...

Ele deveria ser preso por me fitar dessa forma predadora como se estivesse metendo em mim. Cash ajeita a postura e vai embora, me deixando com vontade de não ir ao jantar de casamento de Mia. Balanço a cabeça e abro bem os olhos me repreendendo. Ele não vale tanto, digo a mim mesma.


Cash

Capítulo 18

— Eu quero te oferecer sociedade no Boston King – Kall Jones me oferece.

A primeira sensação que tenho é de tensão, depois meu sangue ferve, mas não demonstro. Apenas franzo o cenho e o encaro. O garçom traz mais um drinque e deixa diante dele.

— Por que está me oferecendo sociedade? – questiono. — Está falindo?

Ele dá uma risada forte e balança a cabeça em negativa, seus cabelos grisalhos se movendo sobre a testa comprida.

— Não. – Ele pega o copo com uísque e toma um gole.

— Até que eu saiba, você me odiava mesmo eu sendo seu melhor jogador – eu argumento.

Kall me encara por um instante e depois move a mão no ar, com a palma para cima.

— Pelo óbvio, eu não tenho herdeiros e não vou deixar o meu time para a merda da minha família que não ama o futebol como nós – ele fala amargo —, meus primos, tios e todos eles vão voar como abutres sobre a carne quando eu for enterrado. Eles vão

destruir o sonho de uma vida. O Boston não é meu ganha pão, é meu sonho.

Eu aquiesço, mesmo assim parece estranho. Desconfiei quando ele me convidou para jantar, mas não sou de ficar questionando as coisas, só não esperava uma proposta tão tentadora.

— Sou de uma família de banqueiros, Cash – ele continua falando —, eu sou banqueiro. Meu avô fundou o Boston King e eu segui com seu sonho porque eu amo futebol, como você ama. Está no seu sangue como está no meu.

— Não esperava por isso, admito – falo sério —, pensei que fosse me chamar para participar da comissão técnica do time, mas nunca para ser dono dele.

— Você ama o Boston, fez seu nome nele – ele me encara com orgulho —, sei que não passa de um babaca que nunca teve respeito pela minha autoridade, mas não vejo outra pessoa que poderia continuar meu legado e não afundar o time em dívidas e tirá-lo do rol dos melhores.

Respiro fundo tentando não me empolgar muito, mas o tesão de poder ser dono do time a quem dediquei anos da minha vida é inexplicável.

— É uma excelente proposta – afirmo —, vou pedir aos meus advogados que entrem em contato com os seus.

— Perfeito – Jones fica satisfeito —, precisamos fazer isso o quanto antes, eu não tenho muito tempo, Cash.

Sua revelação me deixa surpreso.

— O quê? Não entendi direito. Está com pressa?

— Não, os médicos me deram poucos meses de vida ou menos – ele releva e fico perplexo —, não posso demorar ou os abutres farão a festa.

Ajeito na cadeira e fico completamente desconcertado.

— Eu sinto muito, Kall – falo sincero.

— Também sinto. Há tantas pessoas malditas nesse mundo e um tumor cerebral foi escolher a mim para destruir – ele dá uma risada sarcástica —, estou com sessenta anos ainda, pensei que teria pelo menos mais vinte anos e viajaria para a Índia para um retiro espiritual, mas não aconteceu... – debocha por fim.

Apoio os braços sobre a mesa e o encaro com seriedade.

— Já passou por todos os médicos possíveis?

— E impossíveis, Cash – ele responde amargo —, a pior frustração de um homem rico como eu é descobrir que seu dinheiro não pode aumentar seus dias de vida. Eu tive tudo, mulheres, viagens, carros, o que você possa imaginar. Mas eu não posso pagar para que tirem o tumor e eu viva mais...

Tento me colocar no lugar dele.

— Então tomei essas decisões – ele explica com seriedade —, vou deixar o time para você depois que eu me for, mas preciso que seja sócio primeiro.

— Como é? Vai deixar suas ações para mim?

— Sim. Eu tenho um sobrinho, Edward, ele é o melhor banqueiro que poderia ficar no meu lugar – garante —, mas ele odeia futebol e, além disso, é amigo do Scott-Rhodes.

A família de Aria é dona do Madison Lions. Imagina o que Kall diria se soubesse que estou transando com Aria Fortson? Ele mudaria de ideia rapidinho.

— Inadmissível – digo com ironia.

— Ele é bem capaz de vender o time para aqueles perdedores – ri com escárnio —, imagine Michael Scott-Rhodes dono do meu time? Ele vai afundar o Boston King apenas por orgulho!

— Com certeza – sou obrigado a concordar.

O pai de Aria faria isso com prazer. Ele é vingativo e não perdoaria o Boston King mesmo se tratando de negócios. É algo bem pessoal para ele. Acredito que para todos nós, eu jamais jogaria no Madison Lions ou faria negócios com eles. Além disso, entre nós há uma certa rusga do passado, o que torna tudo pior do que já é.

— Edward vai herdar o banco, mas não meus pequenos negócios – ele balança a cabeça em negativa —, por isso, preciso que façamos essa transação o mais depressa possível.

— Com certeza, amanhã mesmo pedirei aos meus advogados que entrem em contato – garanto mais uma vez.

Vou falar com David, mas não quero Aria nisso. Infelizmente, ela é uma Rhodes e não quero que diga a família que vou me tornar dono do time.

Meu celular vibra e tiro do bolso da calça para olhar. Aria? Pensando nela...

— Preciso atender, com licença... – aviso e ele assente.

Eu me levanto e afasto da mesa para atender.

— Aria?

— Cash... – ela está chorando.

Sinto uma descarga de energia percorrer meu corpo.

— O que houve?

— Eu não sei... – ela ofega e os soluços se tornam mais constantes.

A ideia de que ela pode estar ferida ou alguém fez algo para ela me deixa louco. E se aquele ex-namorado voltou para a atormentar...

— Onde você está?

Ela demora para responder.

— Estou na Newbury Street[18]. – Ela volta a chorar.

Estou no Ritz-Carlton[19], a dez minutos de onde ela está.

— Não saia daí! Eu estou indo te encontrar, está bem?

Ela não responde e desliga.

— Merda! – xingo e volto para a mesa. — Tenho um problema pessoal para resolver, Kall, preciso ir.

— Posso ajudar em alguma coisa?

Chega a ser engraçado ver o homem que me xingava de irresponsável agora ser gentil comigo. Como as coisas mudam, pessoas e situações.

— Não é necessário – garanto —, eu entro em contato amanhã mesmo.

— Estarei esperando. – Ele se levanta e apertamos as mãos.

A última vez que nos encontramos foi na minha festa de despedida, e ele me xingou e disse que eu já ia tarde. Velho maldito! Eu só tinha que rir da situação. Saio apressado do restaurante do hotel e vou até a porta. Meu carro está estacionado do outro lado da rua, mas vejo o trânsito parado, carros buzinando.

— Parece que um táxi bateu num poste na Tremont Street[20], Senhor Maverick – o ascensorista me avisa —, está tudo parado até a Charles Street.

— Que ótimo! – reclamo e olho ao redor.

Não tem outro jeito a não ser correr e isso eu sei fazer bem. Mesmo com os sapatos, começo a correr entre as pessoas e uma inexplicável chuva cai do céu de Boston molhando minha roupa. Atravesso Boston Common[21] e, àquela hora da noite, as pessoas devem pensar que é um maluco fugindo da polícia.

A única coisa que consigo pensar é em encontrar Aria e descobrir o que está acontecendo, ela precisa de mim ou não teria me ligado. Corro e em menos de sete minutos eu vejo seu carro parado perto da esquina. Atravesso as ruas e abro a porta do carro, entrando de uma vez.

Ela está aos prantos e isso me assusta. Procuro por algum arranhão ou machucado, qualquer evidência de que alguém a tenha machucado, mas ela está impecável com seu vestido de festa. Apenas a maquiagem borrada por causa das lágrimas, tremendo muito. Então, a única coisa que sei fazer é abraçá-la. Eu a puxo contra o meu peito e ela cede, não hesita e continua a chorar.

— Sinto muito... – Ela chora de forma dolorida sem conseguir se controlar.

— Shhh... – eu a balanço nos meus braços —, está tudo bem, você está segura agora.

Ela chora por um tempo e ficamos ali, as gotas da chuva caindo sobre o para-brisa do carro enquanto as pessoas lá fora fogem da chuva e se escondem em algum lugar.

— Eu sou horrível! – Ela ofega contra o meu peito.

— Alguém te machucou, Aria? – pergunto preocupado acariciando seus cabelos.

— Não –responde e se afasta para encostar no seu banco e respira fundo —, eu só bebi demais!

Ela está bêbada? E eu pensando que alguém tinha tentado matá-la.

— Estava no jantar da Mia e vi aquelas pessoas todas felizes, sorrindo, festejando – ela fala e lágrimas rolam por seu rosto —, e eu fiquei com uma angústia, eu me senti tão pequena, tão ridícula. – e leva a mão ao peito —, começou a doer e eu não conseguia respirar.

Eu apenas ouço, ela só precisa colocar para fora aquela merda toda. Ela me encara e coloca sua pequena mão sobre a minha.

— Por que eu não consigo ser feliz, Cash? – Ela comprime os lábios. — Por que eu sempre sinto essa angústia no meu peito? – Aperta o vestido na altura dos seios. — Por que quero me esconder do mundo o tempo todo? Por que eu me sinto um lixo a maior parte do tempo?

Aria se inclina para frente e coloca a cabeça no volante e volta a chorar.

— Por que eu não gosto de mim?

Nunca esperava ouvir isso da boca da advogada confiante e arrogante. Aquela é uma parte dela que duvido que outra pessoa conheça. Acaricio seus cabelos e ela segue chorando.

— Eu só queria ser feliz, de verdade! Agradecer, mas eu não consigo... dói e eu não sei o que fazer com tanta angústia... eu tenho tudo, Cash. Tudo! Mas parece que tem um buraco dentro de mim...

— Vem cá. – Eu a puxo de novo para mim.

Deito sua cabeça em mim e fico em silêncio com ela, esperando que se acalme. Não há o que fazer. É nítido que a bebida desencadeou alguma crise e ela só precisa de apoio agora. O que mais me surpreende é a minha paciência. Geralmente, eu não tenho paciência com as pessoas, mas Aria provoca em mim certos comportamentos inesperados.

— Parece que por mais que eu tente, não é o suficiente! – Ela continua amargurada —, o que eu faço de errado?

— Você só está cansada hoje, meu bem – beijo seus cabelos —, amanhã vai ser outro dia e tudo volta ao normal. É comum a gente se sentir cansado de vez em quando. Ninguém é de ferro, Aria...

— Encontrar Dickinson provocou pensamentos ruins, sabe – ela confessa e eu sinto mais raiva desse cara do que antes —, de que eu não sou boa o suficiente para ninguém, que minhas fraquezas são nojentas e nenhum homem vai suportar ficar do meu lado! Que eu sou uma pessoa horrível e problemática!

Fico tenso quando ela diz isso.

— Ele disse isso para você?

— Sim, várias vezes. Que eu tinha que agradecer por ele estar comigo, porque outro homem não me suportaria com meus altos e baixos! – E ela volta a chorar.

Eu a estreito mais contra os meus braços. Como um homem pode ser tão cruel?

— Eu só quero que pare de doer... – ela reclama entre os soluços. — Estou cansada de me sentir sozinha, estou cansada de me sentir um grande erro...

Pego meu celular e ligo para Sullivan, peço que ele venha nos buscar e mando a localização para ele. Meia hora depois, eu entro com Aria nos meus braços em minha casa. Ela não reclama, ainda está sob o efeito do álcool e não tem ideia de nada. Eu a levo para o andar de cima e entramos no meu quarto. Vou até o

banheiro, a coloco no chão e a desnudo. Aria tenta me ajudar, mas ela mal consegue ficar de pé.

Ligo o chuveiro e a coloco debaixo da água morna e deixo que seus cabelos molhem. Tiro o blazer que estou usando e a camisa para lavar o corpo dela e depois ajudá-la a tirar o excesso de espuma. Com paciência, eu a seco e pego uma das minhas camisetas para ela vestir. Depois a levo para a minha cama e a cubro.

Ela segura a minha mão quando faço menção de afastar.

— Você é um cara legal, Cash. Desculpa ter te ligado... eu só precisava desabafar...

A fragilidade dela nesse momento me assusta. Sento na beirada da cama e acaricio seu rosto atormentado pela dor que há em sua alma.

— Está tudo bem, Aria. Durma, amanhã você vai acordar com uma ressaca do caralho!

Ela beija a minha mão.

— Vou rezar para Deus te dar uma família linda e que seus filhos tenham esses seus olhos verdes lindos... – ela fala sonolenta.

— Não faça isso, por favor! – brinco.

— Eu vou ser madrinha e ficar com ciúme da sua futura esposa – ela ri de si mesma quando fala isso.

— Vai ficar com ciúme?

— Muito, demais... – ela suspira e vira para o lado ajeitando o travesseiro —, você é bom demais para não ser só meu...

E dorme em seguida. Começo a rir, deveria ter gravado ela falando isso. Chega a ser hilário. Ajeito o edredom sobre os ombros dela e vou arrumar a bagunça que deixei no banheiro. Ouço a música do Back Street Boys e abaixo para pegar o vestido dela. O celular ficou no meio da bagunça. Na tela brilha o nome: Luke.

Histórias mal resolvidas podem vir nos assombrar quando menos esperamos.

Desligo o celular de Aria e levo seu vestido para o cesto de roupas sujas.


Aria

Capítulo 19

Minha cabeça dói tanto que abrir os olhos é uma luta que tenho que travar contra a luz do dia. Viro na minha cama e meu pé bate em alguém. Sento na cama depressa e tudo gira ao meu redor, levo a mão à cabeça.

— Ai! – gemo e volto a me deitar.

— Aria? Você está bem?

A voz de Cash me deixa assustada. O que ele faz na minha cama? Tiro os dedos da frente dos meus olhos e abro um primeiro para o fitar virado para mim sem camisa, os ombros largos expostos de maneira indecente.

— Cash? – pergunto e olho ao redor.

Aquele não é o meu quarto.

— Onde estou?

— Na minha casa...

Preciso pensar um minuto. Eu estava no jantar do casamento da Mia e bebi um pouco a mais de vodca. Lembro de ir ao banheiro e puf... tudo se apagou.

— Como eu cheguei aqui?

— Você me ligou ontem à noite e me pediu para buscá-la – ele responde e me encara esperando que faça algum sentido.

— Eu não fiz isso...

— Então como veio parar aqui?

É, faz sentido. Ele não sabia onde eu estava. Sento na cama devagar e ele também. Vejo que estou com uma camiseta do Boston King Azul e dourada. Passo as mãos pelos meus cabelos e fico insegura diante daquela situação.

— Acredito que bebi demais ontem – confesso sem graça.

— Bebeu...

— Eu... – pigarreio —, eu não me lembro de nada...

Ele parece compreender.

— Imaginei que não se lembraria.

Fico esperando que ele diga mais alguma coisa, que me faça passar vexame se vingando de algo que fiz ou deboche do que aconteceu. Mas não vem. Ele fica só me observando. Então se vira e joga o edredom de lado. Cash está só de cueca boxer preta, lindo como só ele é capaz de ser.

— Vou buscar água e comprimido para dor de cabeça, já volto...

Eu o observo sair do quarto e olho ao redor à procura do meu celular. Está na cabeceira da cama. Pego e o ligo, devo ter desligado na noite anterior. Há mil ligações de Luke e finalmente uma mensagem:

Luke: estou chegando em Boston amanhã à noite.

Ele mandou ontem à noite, então é hoje que ele vem para Boston. O que será que ele está fazendo aqui? Tenho certeza que não é tentar me convencer a ir para casa.

Eu: eu te pego no aeroporto.

Eu: só avise a hora que vai chegar, está bem?

Eu: te amo.

Luke: meu avião deve aterrissar por volta das oito da noite.

Luke: também amo você.

No grupo das amigas poderosas tem milhões de mensagens. Abro o grupo e começo a ler. Todas preocupadas com o meu sumiço.

Harper: você foi ao banheiro e não voltou mais.

Ellen: o que aconteceu?

Mia: estamos preocupadas.

Há uma mensagem bem mal-educada no final enviada por mim.

Eu: me deixem em paz.

Eu: vocês estão felizes e eu não.

Eu: só quero ficar sozinha na minha vida medíocre e falsa.

E ninguém disse mais nada.

E com certeza eu tive uma crise de ansiedade.

— Que merda! – xingo.

Eu: meninas, me perdoem.

Eu: ontem eu bebi demais e fiz muita besteira.

Eu: só quero que saibam que amo vocês e sou uma escrota quando bebo.

Eu: estou bem agora. Só tive um surto ontem.

Eu: me perdoem por favor!!!

Nenhuma resposta. São seis da manhã, então acredito que estão dormindo e não podem responder agora. Ai que vergonha! Eu me levanto e vou ao banheiro fazer minhas necessidades e uso o dedo para escovar os dentes. Ajeito meu cabelo e lavo o rosto que tem resquícios de maquiagem. O closet do Cash é maior que o meu quarto, penso enquanto passo por ele. Acredito que ele tem mais roupas do que eu.

Cash volta para o quarto segurando o copo com água e o comprimido. Nós nos encontramos aos pés da cama e ele me entrega.

— Obrigada – agradeço e ele pega o copo de volta e leva até o móvel.

— Está se sentindo melhor? – Quer saber ao se aproximar de novo.

— Depende, eu não me lembro de nada, então não tenho ideia do estrago que fiz ontem para me sentir melhor – confesso —,

fiz algo ruim? – Mordo o lábio inferior.

— Não. – Ele acaricia meu braço provocando arrepios de prazer pelo meu corpo. Está tão fácil assim? Um simples toque e me sinto uma gelatina? — Eu cheguei a tempo de te impedir de tirar a roupa no meio da rua...

— Sério?

Ele dá uma risada gostosa.

— Não – ele desmente —, você estava trancada no seu carro e me ligou para te encontrar.

— E?

Ele balança a cabeça de um lado para o outro e fico tensa.

— Você só desabafou – ele diz com cuidado.

Fico surpresa por ele não usar isso contra mim e debochar. Muitas pessoas não levam crises de ansiedade e depressão a sério. Pensam ser frescura e falta do que fazer.

— O que eu disse?

— Não vou repetir – ele responde categórico —, são coisas suas, não minhas.

Cash me deixa admirada com sua atitude.

— Não sei o que falar...

— Foi um momento de fragilidade e você me procurou porque confia em mim – ele me encara de forma honesta, não esconde a verdade —, não vou expor o que aconteceu, até mesmo para você.

Eu fico sem fala pela milésima vez diante desse homem. Toco seu rosto e beijo sua boca. As coisas que ele faz ou diz, me fazem sentir fome dele, de estar com ele. Beijar sua boca é o menor dos males, eu quero mais, almejo tudo.

Cash se senta na cama e me viro para ele. Sinto meu coração disparar quando ele puxa a camiseta para cima o suficiente para expor minha nudez. Ele se inclina para frente e beija minha virilha e desce a língua até o meu clitóris.

— Eu fiquei a noite toda louco para experimentar você...

Ele abraça meus quadris e afunda sua boca na minha boceta. Escuto seu gemido e ele segura a minha coxa para colocar minha perna sobre a cama. Tiro o resto da blusa, sentindo meus seios pesados por causa do tesão que me consome como uma febre incurável.

— Adoro sua boceta – ele confessa excitado.

Olho para baixo e encontro seus olhos escuros de paixão.

— Então, aproveita... – consigo sussurrar.

Ele enfia os dedos dentro de mim e solto um gemido alto. Esqueço até mesmo que a porta do quarto está aberta e sigo hipnotizada pelas carícias dele. Agarro seus ombros e aperto com força. Cash usava a boca e o polegar ao mesmo tempo para me masturbar e tudo ao redor se tornou uma tempestade de paixão.

— Você gosta, Aria... – ele murmura passando o polegar em círculos com mais intensidade —, gosta do que faço com você, não é?

— Gosto... – confesso sentindo espasmos pelo corpo.

Movo meus quadris contra seus dedos sem conseguir me conter. É tão gostoso o jeito que ele faz, estou viciada nele. Em tudo que fazemos, em sua companhia e mesmo sabendo que isso não é um bom sinal, não consigo parar. Duas semanas na companhia deste homem e me sinto como sua escrava do sexo. Ele não sabe, mas qualquer coisa que me pedisse, eu faria.

Sinto meu útero contrair por causa da intensidade do prazer. Ele move o dedo mais rápido e enfia outro, parece saber exatamente como me enlouquecer e sinto minha carne comprimir seus dedos ao mesmo tempo que ele desce novamente a língua sobre o meu clitóris e me chupa.

— Cash! – grito e minhas pernas cedem.

Ele me segura e me puxa sobre ele e me vira sobre a cama. Eu estou de olhos fechados quando Cash enfia os dedos na minha boca e os chupo sentindo meu gosto. Minha respiração está ofegante quando ele monta em cima de mim e sinto o colchão afundar abaixo de nós. Nós nos beijamos e sua língua domina a minha boca, lambe, morde, enquanto suas mãos puxam minhas pernas ao redor dos seus quadris.

— Abre os olhos, Aria! – ele exige.

Eu abro e o encaro. Ele afunda em mim erguendo o corpo de um jeito que parece que vou explodir de prazer. Cash olha no fundo dos meus olhos antes de sair e penetrar de novo, fazendo o mesmo movimento que arrasta meu corpo sobre o colchão. Quando tento tocá-lo, ele segura meus braços e coloca acima da cabeça. Ele

começa a girar os quadris toda vez que me penetra, indo tão fundo que sei que não vou aguentar de tanto prazer.

Ainda me encarando, ele se move assim, aumentando o ritmo a cada segundo. Girando e indo fundo, sem pressa, mas intenso. Novamente, eu sinto minha carne o engolir, meu estômago encolhe de tanta tensão. Nunca me senti assim, consumida num ato sexual. Dickinson foi o único com quem tive um envolvimento emocional, mas era apenas isso que me dava prazer, o ato em si não era tão bom. Ele estava sempre preocupado com o próprio orgasmo e eu fingia gozar.

Com Cash não há como fingir, ele está atento, olhos nos olhos, observando cada expressão minha, cada emoção que brota dos meus gemidos e enlaça com o prazer que ele também sente. Mais uma vez ele gira os quadris e afunda em mim e jogo a cabeça para trás e meu gemido soa muito alto. E os que vêm em seguida vão aumentando.

— Essa sua boceta me... – ele não termina, começa a arremeter rápido.

Cash fecha os olhos e eu também. A intensidade do prazer só vai aumentando entre nós, até que não há mais nada além do orgasmo de ambos. Ele me abraça com força e segue batendo forte até que seu corpo cede e o meu também e caímos cansados e ofegantes. Sua pele suada acaricia a minha e ele ergue o corpo para sair de dentro de mim e de cima, ficando ao meu lado. Cash beija a minha boca e vai descendo pelo pescoço até alcançar os seios e tomá-los com paixão.

E novamente transamos sem camisinha. E novamente vou ter que tomar a pílula do dia seguinte, não tenho escolha. Vou ter que pensar em um método anticoncepcional logo, a última coisa que preciso é entrar para a lista de grávidas do ano. Deixo isso para as minhas amigas que nasceram com instinto materno. Não que eu não tenha nascido, só não é hora e sequer a pessoa certa.

— Eu preciso ir trabalhar – sussurro perdida nas carícias dele.

— Tenho certeza que sim – ele diz, mas não para de me tocar.

— Posso ficar o dia todo fazendo isso – ele ergue o corpo para me encarar —, pegue uma folga e fique comigo o dia todo...

Fico sem fôlego diante do convite. Um dia todo de sexo? É tudo o que eu preciso.

— Você liga para o David e diz que está doente...

Começo a rir.

— Eu nunca falto ao trabalho Cash... – aviso acariciando seus cabelos.

— Hoje você falta... – Ele toca minha boceta melada e mordo o lábio inferior, excitada.

— Isso é golpe baixo... – sussurro quando ele me acaricia e estou muito sensível.

— Se quiser posso chantagear você – ele avisa.

Dou uma risada e fico séria para fitá-lo com atenção. Eu quero ficar, parece loucura, mas eu quero.

— Você quer ficar... – Ele lê a minha mente.

Muito. O que está acontecendo comigo? Eu preciso ser internada em um hospício, estou ficando louca. Isso não é normal. Abro a boca e falo.

— Só até o almoço... – condiciono com o dedo em riste —, tenho uma audiência à tarde e não posso faltar.

— Está bem... – ele beija os meus lábios devagar —, temos horas pela frente, Senhorita Fortson. Então relaxe que eu a farei gozar tanto que dificilmente conseguirá pensar em outro homem depois de mim...

— Arrogante!

Então ele me cala com um beijo e me perco de paixão ao me entregar mais uma vez.


Cash

Capítulo 20

— Comprou roupas para mim? – Aria sai do banheiro e se depara com a roupa sobre a cama.

— Na verdade, eu mandei Sullivan ir até a sua casa pegar alguma coisa – digo passando o pós-barba no rosto.

Há muito tempo eu não tirava a barba toda. Ela me fita com atenção:

— Seu empregado entrou dentro da minha casa, mexeu nas minhas coisas? – indaga ofendida.

Fiz isso mil vezes com outras mulheres, mas parece que Aria não sabe muito o que é ser cuidada por um homem. Eu a encaro através do reflexo do espelho.

— Só quis facilitar para você – respondo sem qualquer humor na voz. — Aliás, seu carro está na minha garagem. Mas se quiser, posso mandar devolver o carro que você deixou no centro da cidade e também sua roupa. Você pode pegar um táxi pelada!

— Tudo bem – ela se aproxima da cama e pega a blusa de seda preta —, obrigada de qualquer forma.

— Eu gosto de tratar bem a mulher que está comigo, acostume-se...

Ela revira os olhos e começa a se vestir. Sequer parece a mulher que há poucos minutos estava na minha cama implorando para gozar. Fico observando quando ela joga o roupão no chão e começa a se vestir. É um show de sensualidade, embora ela não note isso. Ela veste a calcinha de renda fio dental preta, as meias e prende na cinta liga. Depois veste o sutiã que esconde aqueles seios lindos que ficaram com marcas dos meus dentes. Eu a peguei com tanta força que deixei seu corpo marcado.

Já estou de pau duro, louco para transar novamente com Aria. Ela veste a saia, a blusa e depois se senta para calçar os sapatos de salto alto. Depois leva as mãos aos cabelos e faz um coque rápido que a deixa elegante.

Aria é um show de mulher. Uma puta na cama e uma mulher refinada fora dela. Tem algo mais excitante do que isso? Finalmente, ela nota que a estou observando.

— O que foi? – indaga sem graça.

Eu me viro para ela e encosto no móvel para fitá-la de forma intensa.

— Nunca pensei que assistir uma mulher se vestir fosse tão excitante...

Dou um passo para ela.

— Nem pense nisso – ela lê meus pensamentos —, eu tenho que estar no fórum em uma hora e preciso comer alguma coisa com certeza para não desmaiar na frente do juiz.

— Estraga prazeres – reclamo e pego meu blazer para vestir. — Ele também tomou a liberdade de trazer sua bolsa. – E aponto

para o sofá no canto do quarto.

— Preciso contratar Sullivan – ela fala satisfeita —, ele é o melhor!

Ela pega a bolsa e verifica tudo antes de jogar o celular lá dentro. Tira o batom e passa nos lábios com a perícia de quem fez isso a vida toda.

— Estou pronta – avisa e gira com charme para me provocar.

— Vamos almoçar, tenho certeza que Roseta preparou algo delicioso.

E depois de horas de sexo estamos mortos de fome. Aria deixa sua bolsa em cima de uma das cadeiras da sala de jantar e se senta à mesa.

— Obrigada, Sullivan. Você escolheu tudo perfeito – ela agradece —, me lembre de ajudá-lo a enterrar o corpo de Cash quando você o matar!

— Vou cobrar o favor, Senhorita Fortson – ele fala educado e sorri antes de se retirar.

Nós nos servimos e comemos durante um tempo em silêncio.

— Eu estava morta de fome – comenta.

— Qual foi a última vez que comeu?

— Ontem no almoço...

— Por isso ficou bêbada daquele jeito... – concluo.

— Pode ser, mas eu exagerei na vodca, admito. Não tenho esse costume... – Respira se sentindo culpada.

— Relaxa, todos nós temos dias ruins...

— Você não parece o tipo de homem que tem dias ruins. – Ela observa.

— Não? Que bom que pensa assim, mas todo mundo tem. Com a idade vai melhorando... – E pisco para ela.

— Eu tenho vinte e três anos – ela me faz lembrar.

— Oh, uma velha! – debocho.

— E você não é tão velho assim...

— Sete anos a mais que você. Na sua idade, eu já era uma lenda – volto a zombar —, brincadeiras à parte, não deve se sentir culpada pelo que aconteceu ontem. Algo fez você ficar para baixo...

— E despertou o gatilho – ela completa e assinto com cuidado —, obrigada por ter ido ao meu encontro. Onde você estava quando eu te liguei?

— No Carlton-Ritz em uma reunião de negócios – respondo.

— Não estava tão longe de onde parei o carro – ela me fita atenta —, você... você disse que seu carro ficou no hotel.

— Ficou...

— Então, você foi a pé me encontrar?

— Fui, na verdade eu corri porque estava chovendo – comento para aliviar a tensão que se formou.

Aria me fita de forma demorada e depois dá atenção à própria comida, ficando perdida em seus pensamentos. Sei o que ela está pensando e eu me fiz a mesma pergunta. Por que eu não

hesitei em ir ao encontro dela? Por que essa pequena mulher de cabelos cor de fogo tem se tornado importante a cada dia que passa? Por que me preocupo com ela? O que há entre nós é só sexo, não é? Nenhum de nós quer mais do que prazer. Compromisso não tem nada a ver com o que há aqui. Balanço a cabeça afastando essas divagações, eu fiz por ela o que faria por qualquer outra pessoa, é fato.

Terminamos de almoçar e saímos da minha casa. Eu vou ao encontro dos meus advogados e ela vai para o trabalho.

— Devo desejar boa sorte? – pergunto colocando os óculos escuros.

— É um caso de divórcio ganho pela minha cliente – comenta —, a sorte está do meu lado...

— Acredito que não sou só eu o convencido nessa história toda...

— Confio no meu trabalho, na lei e no bom senso do juiz – ela argumenta se defendendo.

Aria abre a porta detrás do seu carro e joga a bolsa lá, então se volta para mim.

— Mais uma vez, obrigada por tudo...

Seguro seu braço quando ela faz menção de se afastar.

— Ir embora sem beijar dá azar. – E a puxo contra o meu corpo para esmagar sua boca com a minha.

Ela não resiste, se entrega e apoia as mãos no meu peito.

— Quero te ver hoje à noite – murmuro contra seus lábios quando me afasto e colo minha testa à dela.

— Meu irmão Luke vai chegar esta noite e preciso pegá-lo no aeroporto – ela respira fundo.

Fico tenso de repente. Afasto e a encaro.

— Aria, eu preciso lhe contar uma coisa...

O celular dela toca e ela me pede um segundo.

— Oi, David. O quê? Não pode ser... Estou indo para o escritório... – Ela abre a porta do próprio carro.

— Aconteceu alguma coisa?

— Parece que a minha cliente não quer mais o divórcio – ela fala brava —, o que será que aconteceu?

Ela entra no carro e eu seguro a porta antes que ela a feche. Aria se volta para mim. Inclino para beijá-la de novo, dessa vez, passo a minha língua na sua, bem devagar e depois mordo seu lábio inferior. Ergo o corpo e ela bate a porta, saindo rapidamente.

Eu observo seu carro desaparecer e depois vou para o meu. Passo a tarde toda com os meus advogados e com os de Kall Jones. Eles realmente têm pressa em me tornar sócio do time.

— A ideia do meu cliente, Senhor Maverick, é que o senhor se torne o sócio majoritário do time quando ele se for. Agora terá quarenta e cinco por cento das ações e quando meu cliente se for, ele doará o que é estipulado pelo estatuto do próprio grupo Jones, vinte por cento – o advogado dele explica.

— O senhor será também detentor da marca e de tudo que a envolve – o outro deixa claro.

Assinto. O que mais eu posso querer? Kall está mesmo desesperado ou não me deixaria algo tão especial.

— Está bem, nós vamos comprar quarenta e cinco por cento das ações para nos tornarmos sócios como ficou acordado – aviso.

Meus advogados concordam.

— Infelizmente, o Senhor Jones não pôde estar aqui, mas cuidaremos de tudo – o advogado dele explica.

— Ele está bem?

— Acredito que está no hospital tomando sua medicação...

— Sabe qual hospital é?

O homem responde. Deixo meus advogados cuidando do assunto e vou até o hospital em que Jones está. É o mínimo que posso fazer por esse velho. Mesmo com suas implicações durante o tempo que fiquei no Boston King, ainda assim, ele acreditou que eu poderia vencer para o seu time e me deu uma oportunidade.

Eu era um adolescente rebelde, era bom. Já havia mostrado meu talento para liderança e para as jogadas especiais, mas Jones acreditou que eu podia fazer mais. E durante quase uma década, eu estive à frente do time que vou ser dono agora. Fiz fortuna, fama e me tornei o que sou.

Quando chego ao hospital, me avisam que está no centro de oncologia. Subo até o último andar e quando saio do elevador e passo pelo corredor, sinto um certo mal-estar ao ver todas aquelas

pessoas doentes esperando por atendimento. Vou até a recepção e pergunto por Jones.

— O que o senhor é dele? – A enfermeira quer saber.

Eles não deixam pessoas estranhas entrarem.

— Sou o filho que ele não assumiu, se é que me entende... – explico fingindo estar constrangido.

Eu deveria ser ator.

— Ah, claro – ela fica sem graça —, ele está na última sala no fim do corredor. O Senhor Jones paga pela sala privativa.

— Imagino que sim – falo com ironia.

Sigo até lá e bato na porta. Não espero autorização para entrar. Jones está deitado em uma poltrona de couro extremamente confortável enquanto recebe medicação pelo soro. Ele abre os olhos claros e fica surpreso ao me ver.

— Cash? – Ele estranha. — O que faz aqui, rapaz?

— Eu vim vê-lo e contar que fechamos o negócio – digo e paro diante dele com as mãos no bolso da calça.

Ele sorri satisfeito e um tanto aliviado.

— Eu imaginei que daria tudo certo – move uma das mãos no ar —, você não perderia uma oportunidade como essa, não é mesmo?

— Não perderia – tenho que concordar com ele e olho para a outra poltrona ao lado dele —, posso me sentar?

— Se não estiver com pressa...

— Não estou... – afirmo e me sento ao lado dele —, vinte por cento das ações, hein? Seu sobrinho sabe disso?

— Claro que não... aquele sanguessuga talentoso não sabe de nada ou iria interferir e mandar me interditar. Se não fosse a habilidade dele para os negócios, eu já o teria descartado da minha vida...

— E vai deixar o banco da sua família para alguém que não confia?

Ele dá uma risada fria e sem vida.

— Edward ama o dinheiro, Cash – ele fala de um jeito mórbido —, ele não vai destruir o patrimônio que ama, entende?

— Mas não hesitaria em fazer isso com o time – concluo.

— O time não dá o que ele precisa como ser um banqueiro oferece – argumenta gesticulando —, aquele cretino não entende que é preciso ter paixão pelo que se tem e não apenas ganância. Contudo a ganância pode manter um império financeiro de pé, mas não um time de futebol americano...

— Entendo o que quer dizer...

— Por isso, eu o escolhi. Você ama o Boston King e sei que vai cuidar dele e deixar que se torne uma lenda – ele fala seguro.

— Confia tanto assim em mim?

Ele me fita como se soubesse de algo que não sei.

— Eu sei que outros times te ofereceram três vezes mais que o Boston lhe pagava – ele conta.

Fico sem graça.

— E você não foi... se isso não é por paixão ao seu time, então pelo o que é?

Não respondo. É constrangedor ver suas emoções expostas dessa forma.

— Espero que tenha filhos e eles se apaixonem pelo Boston – Jones deseja para mim.

— Meu pai também quer netos – brinco.

— Monty está certo – ele conhece o meu pai —, ele está velho e não vai durar muito tempo. Seu pai é forte, Cash, mas não é eterno. Ele precisa de netos para seguir em frente.

— Conhece o meu pai? – pergunto surpreso.

— Claro que conheço, ele já me prestou muitos favores, Cash. Não seja tolo em fazer uma pergunta tão idiota. E antes que pergunte, ele nunca interferiu na sua jornada no Boston King.

Fico aliviado em saber disso.

— Eu pago meus favores com dinheiro, nunca com outros favores – comenta pensativo —, foi o que meu pai me ensinou uma vez. Pague com dinheiro e um favor nunca se tornará um grande fardo.

Ele sorri para mim e devolvo o sorriso. Nunca pensei que um dia estaria tendo uma boa conversa com Kall Jones e que ao passar das horas, eu o tomaria como um grande amigo.


Aria

Capítulo 21

— Eu vou desistir do processo porque eu amo meu marido, Aria. Nesses meses que ficamos afastados, nós descobrimos que tudo não passou de um mal-entendido. Nós caímos na rotina, começamos a brigar por coisas banais e, por fim, até o choro dos nossos filhos era motivo de gritos e discussões. Nós só estávamos cansados desse cotidiano que levávamos com a barriga, entende? Decidimos que vamos dar mais uma chance porque quinze anos de casados é muita coisa, não se joga pela janela por causa de diferenças banais...

O discurso da minha cliente não saía da minha cabeça e me deixava cada vez mais irritada. Trabalhei tanto nesse caso para garantir que o marido não a deixasse desamparada com os filhos. E agora o amor vencia? Não conseguia entender como as pessoas perdoavam tão facilmente. No fim, acabei ficando feliz por ela. Cada um sabe o preço da própria felicidade.

E o meu está em vencer casos, não em perdê-los no meio do caminho. Não sei o que está acontecendo comigo, eu estou tão mal-humorada. Mesmo depois de horas de trepadas incríveis. O problema é esse, quando estou com Cash meu humor é ótimo, mas quando nos separamos, eu fico de péssimo humor. Não que eu

tenha criado uma dependência emocional, sequer houve tempo hábil para isso.

É pior... acho que estou me apaixonando pelo babaca.

Estou esperando meu irmão no saguão do aeroporto enquanto meus pensamentos se perdem sobre isso. Não pode ser, eu não posso estar tão carente que algumas boas trepadas me fizeram ficar de quatro por esse cara! Não... balanço a cabeça como uma louca no meio do aeroporto.

— *Isso é inaceitável, Aria* – murmuro para mim, sentindo um aperto no peito.

Depois de um ano e meio, eu fui deixar meu coração se abrir? Não pode ser. Ando de um lado para o outro angustiada.

— *Cash Maverick não – sussurro falando sozinha —, com tantos homens no mundo, tinha que ser ele, Aria?*

Uma mulher que passa por mim, me olha. Paro de falar porque sei que estou tendo um daqueles ataques de ansiedade. Mordo a parte interna da boca e olho ao redor em busca de qualquer coisa que possa me ajudar a acalmar. Um chocolate. Ah, não! Combinei com a minha terapeuta que toda vez que me sentir ansiosa vou beber água.

— *Mas já viu o preço da água no aeroporto? – pergunto em voz alta sem perceber.*

— O quê? – A moça que está ao meu lado se volta para mim.

— Só estou preocupada com o atraso do voo – comento sem graça e me afasto dela.

Volto para o ponto de desembarque e respiro fundo, ajeitando a postura. Quando chegar em casa, vou fazer esteira e correr por uma hora até aliviar minha tensão. Começo a respirar fundo para me acalmar. E qual o problema se eu estiver apaixonada? Isso não significa nada. Apaixonar é como comer algo muito gostoso, a vontade passa logo e depois você quer outra comida.

— Que comparação mais idiota – digo a mim mesma.

Apaixonar por uma pessoa na verdade é uma delícia. Aquela expectativa de reencontrar a pessoa, de vê-la, de ouvi-la. E de sentir seu corpo junto ao meu, fodendo, gozando. Nossas conversas inteligentes, porque Cash é muito inteligente. E tem um coração do tamanho do universo, não havia conhecido um homem desse jeito até agora. Nenhum que fosse capaz de ajudar os outros como se estivesse trocando de roupa. Faz parte dele, não está tentando impressionar ninguém.

— Ele é legal, admita – repito em voz alta sem perceber.

Um homem olha para mim e sorri e novamente levo a mão à boca para segurar meus lábios e não falar sozinha. Vou ligar para a minha terapeuta, talvez eu tenha que voltar a tomar os meus remédios para ficar mais calma e menos louca como estou agora. Desde meu encontro com Dickinson, eu estou a mil por hora. Ele é o símbolo da minha frustração, da vergonha e de tudo que eu não queria ter feito na vida. Arrependo de ter namorado com ele e é difícil lidar com isso, com a culpa e o arrependimento.

Penso em Cash e respiro fundo para me acalmar enquanto continuo com a mão na boca. Meu celular recebe mensagens e vejo que são das meninas. Algo para me distrair até Luke chegar.

Ellen: eu quis dar um gelo, mas não consigo.

Ellen: tudo bem @aria.

Mia: não estamos bravas.

Harper: na verdade, só preocupadas.

Ellen: somos uma família, não é?

Sinto um nó na garganta. Essas três são mais importantes que os membros da minha família. Elas foram tudo para mim nesses anos desde que me mudei para Boston e espero não as magoar de novo.

Eu: me perdoem.

Harper: claro que perdoamos.

Mia: você estava bêbada.

Eu: mas não justifica ser grosseira.

Eu: mas juro que não me lembro de nada.

Ellen: para onde você foi depois que fugiu?

Não posso mentir para elas.

Eu: parece que eu liguei para o Cash.

Ellen: parece? Hahahaha.

Mia: conta essa história direitinho.

Harper: vocês treparam?

Eu: ele me "salvou" ontem à noite.

Mia: E?

Eu: me levou para sua casa.

Harper: fala de uma vez!

Eu: Passamos a manhã de hoje transando.

Elas mandam um monte de emojis de casais fazendo sexo. Começo a rir de nervoso.

Eu: acho que estou apaixonada pelo babaca.

Segue uma chuva de corações no grupo.

Ellen: ela admitiu que está apaixonada?

Mia: Se chover no meu casamento, eu te mato, Aria!

Harper: vamos brindar isso amanhã no casamento.

Eu: Combinado.

A porta de desembarque abre.

Eu: vim buscar Luke no aeroporto, depois falo com vocês.

Fico ansiosa e então o homem alto de cabelos ruivos que parece um galã de cinema surge segurando apenas uma mala de mão. Luke Scott-Rhodes, o CEO da maior marca de esportes da América, a Shelby Sports[22]. Todos os meus irmãos são assim, bonitos, ricos, inteligentes e bem-sucedidos. Além de babacas, conquistadores e frios quando o assunto são os relacionamentos. Sarah é do mesmo jeito. Eu tenho alguns resquícios dessa frieza, mas de todos sou a mais tolamente romântica.

— Luke. – Nós nos abraçamos com saudade.

— Pequena polegar – ele me chama do apelido de criança.

— Por favor – peço e passo a mão em seu rosto —, você parece cansado.

— Trabalhando demais, onde está o seu carro?

— Do outro lado da rua, não está longe – digo e ele me abraça. Começamos a andar em direção à saída —, posso saber o que te trouxe a Boston?

— Além de ver minha irmã querida? – Ele pergunta e rimos, porque nós dois sabemos que esse não é o principal motivo.

— Não faça isso, eu te amo, mas não sou idiota! – peço.

— Negócios, vou fechar com uma grande marca de lojas...

Saímos do aeroporto e ajeito meu casaco. Olho para o céu e vejo nuvens escuras, espero que não chova amanhã no casamento da Mia ou ela vai me matar.

— Onde está seu casaco? – pergunto para Luke.

— Não trouxe, podemos passar no shopping para comprar um? Assim comemos alguma coisa, tenho certeza que você não tem nada em casa além de comida de passarinho...

— Eu preciso manter a forma – digo ao desligar o alarme do carro.

Ele tira a chave da minha mão.

— O quê?

— Desculpa, Aria, mas você dirige muito mal e não tenho seguro de vida – avisa e se senta à direção.

Resignada, eu entro e me sento no banco do passageiro. Ele liga o carro e vou dizendo aonde ir. Ele está familiarizado com o trânsito agitado, é bem parecido com o de Los Angeles.

— E como estão as coisas por aqui? – Ele pergunta interessado.

— Trabalhando muito...

E transando com o cara que o papai mais odeia no mundo há um mês. Completo em pensamento.

— Tenho certeza disso, está no nosso sangue, gostamos de trabalhar e ganhar dinheiro, não é?

— Muito. Estou quase me tornando sócia do escritório...

— Tão cedo?

— Claro, eu sou boa no que faço, seu idiota! – Bato no ombro dele.

Ele ri.

— E você? Já encontrou alguém para substituir a Ava? – questiono.

Ava Taylor é o grande amor da vida do meu irmão. Eles namoram desde a adolescência e se casaram em uma cerimônia épica em Los Angeles. A família dela é tradicional e tão importante quanto a nossa. No último ano, eles se desentenderam e acabaram se divorciando. Só que sei que meu irmão é louco por ela, por isso continua sozinho.

— Sabe que não – ele fala sério e amargo.

— O que foi?

— Ela está interessada em outra pessoa. – Ele aperta o volante e posso notar que isso o abala.

— Não precisamos falar disso se não quiser...

— Não tem problema. Estamos separados há meses e ela tem o direito de recomeçar, já que não conseguimos nos entender...

— Sinto muito...

— Não sinta, a vida é assim. Como um ciclo. Como você e o Dickinson, acabou e você seguiu em frente. Só não encontrou outra pessoa para substituí-lo...

— Eu não quero substituir o Dickinson, se eu tiver outra pessoa na minha vida que seja especial, que seja para ser diferente do que ele foi – comento.

Luke me fita e sorri, depois toca a minha mão com carinho.

— A pequena polegar está crescendo – ele debocha.

— Odeio quando me chama assim!

— Eu sei, por isso que gosto tanto do seu apelido – ele provoca.

Balanço a cabeça e digo para ele virar à esquerda em direção ao shopping. Luke vai até uma loja cara comprar seu casaco e as vendedoras vêm como abelhas sobre o mel quando entramos. Ele é bonito e elegante e tem cara de quem vai gastar muito dinheiro.

— Escolha algo para você – ele diz.

A vendedora sorri esperançosa para mim.

— Não quer ver um vestido novo, senhorita?

— Ela quer – Luke responde no meu lugar —, todas as mulheres precisam de um vestido novo...

Balanço a cabeça em negativa por meu irmão ser tão metido. Mas ele tem razão, não tem nada mais estimulante do que comprar roupa. Ainda mais uma bonita e cara.

— Está bem, me mostre o que você tem – peço a ela.

A vendedora me leva até a sala onde estão os vestidos. Claro que me encanto por vários, mas tem um especial que chama a minha atenção. Um dourado com gola alta, cavado nas mangas e justo até os pés, com uma fenda que abre na perna esquerda até a metade da coxa. Sexy na medida certa.

Escuto o assovio atrás de mim e me volto para Luke.

— Gostou?

— Ficou linda – ele mostra o casaco. — Podemos ir? Estou morto de fome...

— Vou tirar o vestido.

Minutos depois deixamos a loja e vamos até um restaurante mais reservado onde meu irmão come como se não houvesse amanhã.

— Você realmente estava com fome – comento quando ele chupa os dedos sujos de molho da costela que acabou de devorar.

— Muita – ele admite —, passei o dia em reuniões e minha discussão com Ava tirou meu apetite.

Um homem solta um urro de repente. Olhamos para o grupo ao nosso lado e eles estão atentos à TV. Está no canal de esportes e está passando os melhores momentos do campeonato do ano passado de Futebol Americano. E quem mais aparece na tela? Cash Maverick. Passo a mão pela nuca e respiro fundo. Até longe, ele me persegue, parece estar em todos os lugares, inclusive dentro da minha cabeça.

— O idiota! – Luke xinga.

Ele herdou o ódio do meu pai pelo Boston King por causa da época em que jogou no time. Forço um sorriso. Luke toma sua cerveja e fixa o olhar na TV. Os caras ao nosso lado gritam quando mostram uma jogada espetacular de Cash.

— Esse cara consegue mesmo enganar as pessoas, não é?

— É só um bom jogador. – Eu tento parecer neutra.

Luke me mataria se soubesse que estou trepando com o inimigo.

— Você não o conhece, Aria. Cash Maverick é uma cobra, muito bem-criada. Quando você menos esperar, ele te ataca pelas costas!

Fico tensa quando Luke fala de forma tão pessoal.

— Você o conhece? – pergunto e tomo um gole do meu chope.

— Infelizmente, sim. Adoraria nunca ter conhecido... – ele fala amargo, vira o resto da cerveja e faz sinal para o garçom trazer mais uma.

Meu coração está apertado no peito quando pergunto:

— Tudo isso porque ele venceu o Madison Lions? – minha voz treme, mas meu irmão não percebe.

A verdade é que estou com medo da resposta.

— Quer saber por que eu odeio Cash Maverick? – Ele me pergunta.

— Só se você quiser falar sobre isso... – disfarço meu desespero.

— Eu vou te contar, Aria – ele coloca o dedo em riste em direção ao televisor na parede —, aquele desgraçado traiu minha confiança e jurou vingança contra mim e minha família!


Cash

Capítulo 22

— Está tudo certo, Cash – Stw me avisa enquanto o acompanho até a porta —, elas estão bem. Estou cuidando de tudo como me pediu, cara.

— Tire sua noite de folga e descanse. – Eu bato no ombro dele.

— Pode deixar, cara.

Ele está morando em um quarto alugado no subúrbio. O salário que pago o está ajudando a recomeçar e tenho certeza que se ele se mantiver firme, pode voltar a ter uma vida normal e próspera. Como todas as pessoas merecem ter. Fecho a porta assim que ele sai e vou para o escritório. Tenho que analisar os papéis que os advogados me mandaram depois da reunião.

Fiquei até tarde com Jones no hospital e depois o levei para casa. De noite fui treinar um pouco e estou cansado, mas eu daria tudo para ter Aria aqui comigo, sentada no meu colo. É engraçado como meu pensamento vai até ela com uma velocidade incrível. Como se fizesse parte da minha vida. Ela se tornou alguém especial, estou surpreso.

Pego meu celular e olhos as fotos sensuais que tiramos essa manhã. Como um fetiche, estão guardadas em uma pasta oculta

para não ter o risco de vazar. Deus! Como ela é linda.

O som do alarme da casa é acionado e ouço algo se quebrar. Parece que estão quebrando as janelas da casa. Levanto depressa e pego a arma na primeira gaveta. Confiro se está carregada e então saio do escritório em direção ao barulho. Está vindo da garagem.

Sullivan me segue também armado e chuto a porta. Ergo a arma pronto para atirar, mas o que vejo me deixa completamente sem ação. Aria está com um taco de beisebol quebrando os vidros dos meus carros. Ela já destruiu o para-brisas de uma Ferrari e agora está arrebentando a lataria do jaguar.

Sabia que isso ia acontecer. Olho para Sullivan e ambos abaixamos as armas. Entrego a minha a ele e movo a cabeça para que saia dali e me deixe resolver isso sozinho.

— Que merda! – xingo antes de caminhar na direção dela.

Ela está usando sua roupa de ginástica e descendo o taco na lataria do meu carro. Quando ela me vê, sem tirar os olhos de mim, ela desce o taco no para-brisas do Maserati e depois ergue como se estivesse disposta a me bater se eu me aproximar.

— Pare com isso agora! – mando e estico a mão no ar.

Ela olha para a moto esportiva no canto.

— A moto não...

Mas é tarde demais, ela vai até ela e arrebenta o painel.

— Merda, Aria! – xingo e vou na direção dela.

Ela ergue o taco para bater mais uma vez, mas eu seguro no ar e tomo de sua mão. O puxão a faz desequilibrar, mas ela não cai. Jogo para o lado e ela me dá um tapa no rosto. Sou pego desprevenido pelo primeiro, mas no segundo, seguro seu braço com força.

— É melhor se controlar! – aviso.

— Ou o quê? Seu mentiroso! Traidor! – Aria cospe as palavras, furiosa.

Ela falou com Luke. É óbvio que sim, ou não estaria tão brava e fora de si.

— Você tem que me ouvir.

— Eu não vou ouvir você, seu babaca! – E me dá uma joelhada no saco.

Eu não esperava um golpe tão baixo e ajoelho no chão, mal conseguindo respirar de tanta dor. Ela se aproxima do taco e o pega. Apoia aquela merda no ombro e se aproxima de mim.

— Sabe qual é a minha vontade? Quebrar essa sua cara mentirosa! – Ela cospe as palavras. — Você mexeu com a mulher errada, Maverick! Do mesmo jeito que eu posso adorar gozar com você, também posso te odiar em proporções ainda maiores!

Ela se afasta e vai até a prateleira onde tem alguns dos meus antigos troféus e bate contra o vidro que espalha por toda a parte. A raiva me faz erguer mesmo sentindo dor e tenho que fazer com que pare ou ela vai destruir tudo.

— Você tem que parar, Aria! – Eu tiro o taco de sua mão de novo.

Dessa vez, eu jogo no jardim. Têm pessoas se aproximando para ver o que está acontecendo.

— Ou o quê? Vai mandar me prender? – Ela me desafia. — O que vai fazer agora? Já não se vingou o suficiente quando me levou para sua cama, desgraçado?

Ela tem que me ouvir, não foi bem assim. Olho aquelas pessoas se aproximando para entender o que está havendo e eu a seguro pelo braço, e mesmo ela tentando se soltar, eu a arrasto para dentro da minha casa e tranco a porta.

— Você tem que me ouvir! – exijo.

— Não – ela tenta passar por mim, mas não deixo —, sai da minha frente! – Ela coloca o dedo em riste.

— Vai chamar a polícia? Tenho certeza que não sou eu quem está invadindo a propriedade privada de alguém e você conhece a lei!

Ela tem um lampejo de bom senso e respira fundo. Aria tem mais a perder do que eu com aquele ataque de fúria. Olho para ela que se afasta e cruza os braços.

— Como você pôde fazer isso comigo? – sua pergunta soa dolorida.

A última coisa que eu queria era feri-la. Mas como dizer isso sem parecer que estou mentindo depois de tudo o que ela ouviu do irmão?

— Aria, eu nunca tive intenção de me vingar em você! – falo sincero.

— Mentiroso! – Ela se volta histérica. — Você prometeu a Luke que um dia faria isso, que um dia o faria pagar por ele ter roubado a Ava de você!

— Que merda! Não foi bem assim!

— Então meu irmão mentiu, Cash? – Aria se aproxima furiosa. — Olha nos meus olhos e diz que Luke mentiu! – exige.

Estou derrotado.

— Ele não mentiu! – confesso.

Vejo a decepção tomar seu rosto e ela dá um passo para trás.

— Você só não é parte do que aconteceu no passado! – digo sincero.

— Então, quando você tirou Ava da vida do meu irmão não foi uma vingança entre jogadores de times rivais?

— Foi – admito —, Aria, eu era um babaca jovem que não pensava antes de fazer. Seu irmão me irritou e eu fui lá e trepei com a noiva dele!

— Você era um babaca? – Ela pergunta com sarcasmo. — Tem certeza que era? Você ainda é...

— Eu era um moleque, estava começando a carreira, foi uma briga de homens...

— Não! – Aria me fita com desprezo. — Você usou uma garota que amava o namorado para provar que você era melhor! Ficou com ela por meses e depois a dispensou como se ela não valesse nada!

Luke não poupou detalhes.

— Na verdade, eu e Ava vimos que era somente uma paixão, nada mais. Ela amava o seu irmão!

— E você aceitou isso sem ressentimento? – Ela me encara, olhando nos meus olhos. — Quando o Luke veio buscá-la em Boston quatro meses depois, você não apareceu bêbado e jurou que ia se vingar deles? *Dele*, em específico...

— Eu fiz isso, mas eu não sou aquele cara mais! Apanhei da vida, Aria! Aprendi com os meus erros!

— Mentiroso! – Ela coloca o dedo no meu peito. — Se você tivesse mudado um pouquinho que fosse, você teria me contado sobre seu passado com o meu irmão! Não é à toa que minha família te odeia, você quase destruiu a vida dele por capricho!

— É verdade – eu admito —, eu fiz isso! E fiz muitas outras coisas das quais não me orgulho. Mas eu não te usei para me vingar do Luke...

— Conta outra! – Ela se afasta e começa a andar de um lado para o outro.

— Nunca tive intenção de te magoar...

— Para! – Aria manda e me calo. — Se você me respeitasse, se você fosse o cara legal que eu pensei que fosse, que você me

fez acreditar que era, teria me contado...

— Eu quis te contar!

— Quando? Agora? Ou você ia esperar a hora certa de me humilhar e me jogar fora? – Ela agarra minha camiseta e me sacode com raiva. — Em que momento você pensou realmente em me contar, Cash?

— Hoje de manhã, quando você contou que ia buscá-lo no aeroporto – admito.

Ela se afasta outra vez e fecha os olhos por um instante.

— Você não ia me contar nunca e quando minha família descobrisse a verdade, eu seria motivo de piada para você e seus amigos e motivo de vergonha para eles! – Abre os olhos e me encara.

— Nunca riria de você... Aria, me ouve...

— Eu estou te ouvindo e nada faz sentido porque agora eu enxergo de verdade o idiota que você é! – fala decepcionada. — Pensei que você ao menos tivesse um coração aí, mas suas boas ações são para esconder o cara escroto que existe aí dentro! Você é igual ao seu pai! Você destrói as pessoas que não te servem e depois ama as que são convenientes e está tudo bem, você é uma boa pessoa.

Um soco teria doído menos.

— Como você ia fazer para a minha família descobrir? Uma nota no jornal? Ia filmar e mandar para o Luke?

Ela para de falar quando se recorda que naquela manhã eu tirei fotos nossas juntos na cama.

— Ah, meu Deus! – E dá alguns passos para trás e vejo que está passando mal. — preciso me sentar...

— Aria, eu não faria isso...

— Como eu não pensei nisso? – Ela passa as mãos pelos cabelos que estão em desalinho. — Você fez tudo de caso pensado! Como eu fui burra! Meu Deus!

Está tudo contra mim, não há o que discutir.

— Não tirei aquelas fotos com essa intenção! – garanto.

— Eu acredito em você! – ela grita.

Aria fecha os olhos e quando abre, estão nublados por lágrimas. O que foi que eu fiz? Que merda!

— Sabe o que é pior, Cash? Eu me apaixonei por você – ela declara —, desde que o Dickinson saiu da minha vida, ninguém mais me fez querer tanto da vida como você fez. E olha que foi em um mês, tempo recorde! – Ela ironiza e enxuga a lágrima teimosa.

Aproximo dela:

— Senhor Maverick – a voz de Sullivan nos interrompe —, a polícia está aqui.

— Mande-os embora! – eu digo bravo.

— Eles receberam a denúncia de que o senhor estava sendo agredido – ele insiste.

— Diga que eu tive um surto psicótico e estou medicado – falo a contragosto.

— Eles querem falar com o senhor...

— Mas que merda, Sullivan! – explodo. — Não vou sair daqui, então mande-os embora!

— Sim, senhor!

Estou fora de mim diante da situação. Nunca pensei que ficaria tão mexido diante do sofrimento de Aria.

— Sullivan devia se demitir – ela se levanta se refazendo —, e você deveria falar com a polícia.

— Está dizendo como minha advogada?

— Eu não sou nada sua, além de uma idiota que acreditou em você...

Sua voz soa fria e indiferente. Nós nos encaramos e mantemos o olhar até que Sullivan volta com os policiais.

— Eu disse que ele está bem e foi apenas uma briga de casal – Sullivan diz aos policiais.

— Está tudo bem, Senhor Maverick? – O policial se aproxima devagar olhando para Aria e para mim.

— Sim, eu e minha namorada brigamos e acabei quebrando meus carros – coloco a culpa em mim mesmo.

— Testemunhas disseram o contrário – o policial insiste.

Olho para ele com seriedade e aponto para Aria:

— Acredita mesmo que uma mulher desse tamanho pode me machucar? Acredita que ela faria o estrago naqueles carros? – Eu a protejo sem saber o motivo ao certo. Só preciso protegê-la do que sou e do que está acontecendo. — Eu perdi a cabeça, só isso!

Ele olha para Aria.

— Confirma o que ele está dizendo, senhorita?

Ela está de braços cruzados e tensa. Aria olha para mim e depois para o policial. Tenho certeza que está pensando na sua reputação e no emprego.

— Foi só uma discussão por causa de ciúme. – Ela entra no jogo.

O policial olha de um para o outro.

— Então, vou continuar meu trabalho, boa noite.

Eles se retiram e Aria ouve a porta bater para me dizer:

— Eu só menti porque não quero minha cara estampada nos tabloides e sites de fofoca amanhã! – Ela avisa cansada. — Juro que quando Luke me contou eu demorei para acreditar, Cash. E como os outros caras que conheci, você me faz sentir culpada por ter cedido ao desejo de novo. Eu só peço que não use as fotos porque isso acabaria com a minha família e eles não merecem tamanha decepção.

— Aria, não é como você está pensando...

— Você teve a sua vingança, então não me procure nunca mais...

Eu a seguro pelo braço e não a deixo soltar. Busco pelos olhos dela, mas ela me evita. Aproximo até encostar minha boca em seus cabelos.

— Eu não te usei para me vingar de ninguém, Aria... tudo o que eu fiz foi por puro tesão...

Aria balança a cabeça de um lado para o outro e então se vira para mim. Eu poderia beijá-la agora, mas sei que se fizer isso, ela arranca a minha língua com o dente. Ela está cega de raiva e não tem como discutir. Não agora.

— Não acredito em você, Cash – ela se afasta —, só vamos esquecer o que aconteceu, por favor.

E sai dali a passos largos, abrindo a porta que dá para a garagem e desaparecendo, me fazendo sentir o mais miserável dos homens.


Aria

Capítulo 23

O casamento de Mia foi lindo, perfeito. Ela e Malone não poderiam estar mais felizes quando ela acabou de completar vinte e uma semanas de gestação. Sei disso porque Mia fala disso o tempo todo. Do mesmo jeito que Harper falou e Ellen também. Será que todas as mulheres são assim?

— Venham por aqui, senhoritas – a cerimonialista avisa me tirando dos meus pensamentos mais profundos —, a noiva vai jogar o buquê.

Sinto um calafrio pelo corpo. A última coisa que preciso é ter o azar de pegar o buquê. Disfarçadamente, eu caminho para o fundo da festa e sorrio para meu irmão Luke. Ele me acompanhou e está um pouco alegre, mas nada demais. Acredito que ele está levando a sério a ideia de que Ava seguiu com a vida dela. Uma pena, eles faziam um casal tão lindo. Acredito que meu irmão foi corajoso quando aceitou Ava de volta depois que ela descobriu que Cash era um canalha sem coração.

Sorrio amarga quando me aproximo dele. Luke não pode imaginar como a vingança de Maverick aconteceu e ele fez de um jeito tão bem feito que me sinto devastada. Não pela paixão ou pelo sexo, mas porque eu acreditei que ele fosse uma pessoa boa, que valesse a pena me importar com ele.

— Não vai tentar pegar o buquê? – Ele zomba.

— E por que eu faria isso? – Faço que não com a cabeça e ele ri.

Fico de pé observando as mulheres se atracarem por causa daquele maldito conjunto de flores. Como se fosse verdade a lenda de que quem pega o buquê é a próxima a casar.

— Lembra da tia Sophia? – Ele me pergunta.

— Não me faça recordar – eu peço com dó dela —, ela espera até hoje o noivo que nunca veio por causa daquele buquê ridículo.

— Então é melhor você não pegar mesmo... – ele ri de mim e segura a minha mão para beijar e depois a solta —, o que acha de fazermos uma viagem em fevereiro? – propõe.

— Viagem?

— Estou precisando de férias e sei que você também, eu te ouvi chegando ontem à noite e chorando no quarto. Algum cara pisou na bola com você?

Pensei que tivesse sido discreta, mas não fui. Eu posso exagerar no drama e esqueci que não estava sozinha em casa.

— Não foi nada. Uma discussão boba... – garanto.

— Uma discussão boba não faz uma mulher chorar, Aria. A não ser que ela esteja de TPM...

— Então acho que é isso – argumento e olho para frente para que ele não enxergue a mentira nos meus olhos.

Eu só não quero que Cash continue com sua vingança idiota e use as fotos contra mim. Seria a maior vergonha da minha vida. Não sei do que ele é capaz. Então só posso rezar em silêncio e pedir que Deus me ajude. Eu que sempre digo às minhas clientes e amigas para nunca tirar fotos indecentes ou mandar nudes para os homens, fui a primeira a cair naquela merda toda.

Vejo a Mia se posicionar na frente das mulheres. Tenho a impressão de estar sendo observada, mas quando olho para o lado não vejo nada além de um bando de adolescentes tirando fotos. De onde essas pessoas saíram? Foi a mãe de Malone que organizou a festa de casamento e a alta sociedade de Boston está presente. Pessoas ricas e importantes. Alguns passam e cumprimentam meu irmão, ele é um deles. Eu também sou, mas me mantenho discreta.

— Um, dois, três... – as mulheres começam a contar.

Mia lança com toda força para trás seu buquê. Ela se vira na direção das mulheres e junto com todos os outros presentes, vemos o buquê bater nas mãos de muitas, mas ele acaba girando e vem na minha direção e cai exatamente nas minhas mãos. Todos olham e começam a aplaudir.

— Vamos ter um casamento em casa! – Luke levanta a taça de champanhe e brinda por mim.

— Você deveria parar de beber – aconselho.

— Eu vou beber até cair. – E soluça.

Olho para aquele buquê nas minhas mãos e balanço a cabeça em negativa enquanto minhas três amigas se aproximam divertindo-se com o momento.

Ellen se aproxima com Melody no colo:

— Acabei de falar para a Mia se ela já ouviu aquele ditado de que o que lhe pertence dá um jeito de chegar até você? – Todas riem e eu faço mesura exagerada para debochar da situação.

O fotógrafo se aproxima e aproveitamos para tirar uma foto juntas.

Porém, meu sorriso desaparece quando vejo Cash conversando com Seth, marido de Harper. Ele está olhando diretamente para mim e meu corpo traidor sente aquele desejo insano e o frio na barriga. O que ele está fazendo aqui? Se Luke o encontrar, será um belo desastre, ainda mais porque meu irmão está ficando bêbado.

Minhas amigas olham na mesma direção.

— O que foi? – Mia é a primeira a perguntar.

— Eu preciso sair daqui – digo sem poder acreditar e saio do salão quando o vejo vindo na minha direção.

Harper e Ellen vêm atrás de mim.

— Aria, o que está acontecendo? – Ellen pergunta.

Não paro de andar até ficar longe da varanda do salão de festas. Quando me volto, Cash está se aproximando devagar. As meninas se viram para ele.

— Cash Maverick? – Ellen se volta para mim.

Eu não contei a elas o que aconteceu. Não tive coragem de expor a segunda maior humilhação da minha vida.

— Não sabia que ele era um dos convidados – Harper se faz de sonsa.

— Vocês o convidaram? – pergunto sem poder acreditar.

— Nós queríamos te ver feliz, então – Harper pisca para Ellen —, vamos deixar vocês conversarem...

Elas saem andando depressa, me deixando sozinha. Esse é o problema de ter segredos com as amigas, duvido que se elas soubessem o que está acontecendo ali o teriam convidado. Fico tensa, olhando para o buquê. Minha respiração oscila como se eu tivesse corrido uma maratona.

— O que está fazendo aqui? – pergunto brava. — Eu falei que não queria mais te ver!

— Eu sei – ele fala e sinto uma pressão no peito que se expande pelo meu corpo. Cash se aproxima mais e me afasto como se ele tivesse uma doença —, eu só vim porque queria me desculpar com você.

Aperto o buquê com mais força.

— Luke está aqui, Cash. Meu irmão está enchendo a cara porque ele e Ava se divorciaram e ela está com outra pessoa. É uma péssima hora para você aparecer...

— Não tenho nada com Luke, não o vejo há quase uma década, Aria. O meu problema é com você...

— Não temos problemas – finalmente eu o olho e meu peito arde de uma emoção estranha que chega a sufocar —, nós não

temos nada. A não ser ressentimento porque você me usou para se vingar do meu irmão e da minha cunhada!

— Não fiz isso – ele fala com tanta convicção que uma parte de mim quer acreditar.

Não seja idiota, Aria. Homens tóxicos dizem qualquer coisa para te fazerem de idiota.

— Fez e não vamos chegar a lugar algum com essa discussão, só vai embora, por favor. Eu imploro. Se Luke te ver, vai ser uma confusão e eu não quero ter que contar para a minha família que cometi um erro...

Ele leva um choque quando digo isso. Porém, com certeza, não foi choque maior quando meu irmão me revelou a sórdida história do triângulo amoroso entre eles. Aquilo acabou comigo de uma forma tão absurda que fiquei surpresa. Descobri que não importa o tempo que você está com uma pessoa, mas o poder de destruição que ela pode causar em você. Oito anos com Dickinson me machucaram. Trinta dias com Cash me feriram ainda mais.

— O que aconteceu não foi um erro...

— Talvez se você repetir isso para si mesmo, vai acreditar no que diz... – não consigo evitar a mágoa.

— Como você é teimosa! – Ele perde a paciência. — Não está ouvindo o que eu digo...

— Você é inteligente e sempre admirei isso em você – falo com ironia —, então só me deixa sozinha... você conseguiu sua vingança. Seduziu a irmã mais nova de Luke, trepou comigo! Me fez

pensar que eu era especial a ponto de eu confiar em você e ligar num momento em que estava completamente perdida e...

Ele me beija. Cash é tão maluco que ele me beija, mas não correspondo, eu só o empurro com raiva. Não posso me rebaixar a tanto.

— O que está acontecendo aqui? – a voz de Luke soa atrás de nós.

Cash se volta para ele e sei que agora ninguém vai parar aquela confusão.

— Maverick? – meu irmão dá um passo mostrando o quanto está chapado. — Você estava beijando a minha irmã?

— Não, Luke! – tento falar, mas Cash é mais rápido.

— Estava, e daí? – Cash o enfrenta. — O que vai fazer?

— Cash! – eu o reprovo.

Ele me fita por um instante, como se tivesse esquecido que eu estou aqui. Naquele momento, tenho certeza que meu irmão falou a verdade. A briga é entre os dois. Ava foi usada como um fantoche por causa do capricho de dois egocêntricos do caralho. E agora eu.

Luke vai para cima dele, mas tropeça em alguma coisa e cai com o peito no chão. Faço uma careta e corro para ajudá-lo. Luke se ergue com a minha ajuda.

— Eu vou acabar com você, Maverick! – Ele grita parecendo mais bêbado a cada segundo.

— Você não vai fazer nada! Nós vamos para casa... – falo envergonhada.

— Por que está defendendo esse babaca? – Ele me questiona com desprezo.

Por sorte, Seth e John aparecem para ajudar.

— Acho melhor vocês acalmarem os ânimos! – Seth os acalma se colocando entre eles, com as mãos estendidas.

— Eu não bato em idiotas bêbados! – Cash provoca.

— Seu filho da puta! – Luke coloca o dedo em riste. — Você acabou com a minha vida! Depois de você, eu nunca mais consegui confiar na Ava! – desabafa e fico com pena do meu irmão. — Você acabou com a minha vida!

Luke se solta de mim e passa as mãos pelos cabelos e começa a chorar. Essa situação corta meu coração e só me faz ter certeza que me enganei muito em relação a Cash.

— Luke! – eu o chamo.

Ele se volta para mim.

— Por que você estava beijando esse cara depois de tudo que te contei que ele fez com a nossa família?

A acusação em sua voz corta o meu coração. Sinto uma vontade horrível de chorar. Já posso imaginar o efeito devastador que vai ser na minha família quando ele contar para todo mundo que me viu beijando Cash Maverick. Ele já não se conformou com o fim do namoro com seu adorado Dickinson, agora eu seria a filha louca da família. A rebelde que resolveu envergonhá-los.

— Não é o que você está pensando, Luke! – pondero com calma para não colocar fogo na situação. — Vamos embora para casa e eu te conto tudo, está bem?

Olho ao redor e alguns convidados estão saindo do salão para olhar a confusão. Eu quero que o chão se abra e eu possa desaparecer para sempre. Parece que quanto mais eu quero me esconder, mais a vida me joga em frente aos holofotes dos escândalos.

— Não! – Ele faz que não com a cabeça.

— Luke! – Tento me aproximar e seguro seu braço.

Ele se solta de mim com violência, eu desequilibro e caio no chão.

— Seu cretino! – Cash o xinga. — Como você ousa tocar nela?

Cash o empurra do mesmo jeito que Luke fez comigo e meu irmão cai desacordado. Ele sequer deu um murro nele. Eu me levanto depressa e seguro Cash.

— Ele está bêbado, Cash, por favor! – imploro —, somos o centro das atenções e eu odeio isso! Estou morta de vergonha, só faz isso acabar!

Ele observa além de mim e vê as pessoas nos notando.

— Só se você for embora comigo e me ouvir! – Ele chantageia quando John e Seth erguem meu irmão e começam a arrastá-lo para a casa da piscina.

— Não vou fazer isso, Cash...

— Eu vim aqui por sua causa e eu juro – ele move a mão no ar —, que depois dessa noite, se você nunca mais quiser falar comigo, eu te deixo em paz...

Meu coração se contrai no peito.

— Não tenho nada para ouvir. – Encolho um dos ombros.

Então começa a chover. As pessoas correm para se esconder da chuva repentina e eu fico ali parada olhando para ele. Cash se aproxima e me segura pelos ombros. Seu toque ainda tem o poder de me deixar excitada. Que merda!

— Eu sou o badboy, Aria, sou o babaca! Fodi com a vida do seu irmão porque ele me provocou e eu queria me vingar. Tirei Ava dele por causa de uma rivalidade do campo de futebol e fiquei com ela o tempo que quis, depois a descartei. Pode me condenar se quiser, eu tinha vinte anos e era o cara mais imaturo. Talvez, eu ainda seja... merda!

O vestido começa a molhar o meu corpo, mas eu não sinto frio. Estou sentindo mil coisas ao mesmo tempo, menos as gotas frias da chuva.

— Mas eu não te usei para atingir o seu irmão... – seus olhos estão presos nos meus —, ou a sua família! Não queria te magoar, nunca quis!

— Duvido que essa ideia nunca tenha passado pela sua cabeça...

— Não passou...

— Eu não acredito em você! – digo sincera. — Sei que tem uma carta na manga. Você me envolveu na sua vida de um jeito intenso para parecer que era real, mas eu não sou mais idiota ou infantil a ponto de estar desesperada por romance, Cash!

— Aria...

— Não insista em um jogo que você perdeu – eu me solto dele e dou um passo para trás —, você viu o estrago que fez na vida de Luke? Não faça o mesmo comigo, só esquece o que aconteceu! Você uma vez disse que não é do tipo que se apaixona. Só a tola aqui não percebeu o recado que você estava me dando, não é?

Ele sabe que não adianta discutir mais comigo. O jogo terminou. Viro as costas e saio andando depressa, praticamente corro em direção a casa da piscina. Ellen e Harper estão esperando por mim na varanda. Elas me fitam com pesar e então me levam para dentro da casa.


Cash

Capítulo 24

Estou no centro de treinamento do Boston King conversando com Kall e o atual treinador, Kevin Douglas. A negociação foi fechada e agora sou oficialmente dono de metade do time. Meu trabalho vai ser substituir Kall em todos os sentidos. Estamos discutindo sobre possíveis contratações e talentos que estão surgindo quando escutamos gritos vindo da recepção.

Eu me levanto e Kall também. Olho através das paredes de vidro e vejo Luke Scott-Rhodes entrando e empurrando o segurança enquanto berra com ele.

— O que esse imbecil está fazendo aqui? – Kall pergunta bravo.

Luke me vê e aponta o dedo para mim:

— Eu quero falar com você, seu desgraçado! – Ele berra.

Olho para Kall:

— Vou resolver isso! – aviso e saio da sala, abrindo a porta de vidro e fazendo sinal para que o segurança o solte.

— Devo quebrar essa sua cara de pau agora ou depois? – Ele esbraveja.

— O que você quer? Fazer uma cena? Expor a sua irmã mais do que fez no casamento? – minha voz soa impassível e ergo a mão para mostrar as câmeras ao redor.

Minha pergunta o deixa sem graça e ele passa as mãos pelos cabelos ruivos, ajeitando o paletó claro.

— Vamos conversar em um lugar reservado. – aviso.

Ele respira fundo e concorda movendo a cabeça. Seu olhar passa pela sala e ele encara Kall e o cumprimenta com um aceno, mas o dono do time não corresponde. A rivalidade que existe é imensa e quando Kall descobrir que eu estou de caso com a filha de Rhodes vai ficar furioso comigo, mas agora é tarde demais para lamentar e nem há motivo para fazer isso.

Abro a porta do escritório principal e entro na frente. Vou para trás da mesa de madeira e espero que ele entre e feche a porta. Luke olha ao redor enquanto se aproxima e me encara.

— O que foi que fez, Cash? – Luke está furioso.

— Não fiz nada do que está pensando – garanto sem me exaltar.

— Acha que sou idiota? Acha mesmo que vou acreditar na história que contou para a Aria? – Ele balança a cabeça em negativa. — Eu sabia que você era um canalha! Mas não pensei que seria tão baixo!

— Não fiquei com Aria para me vingar de você ou de Ava! – afirmo categórico movendo a mão no ar.

— Então porque se envolveu com ela? – Ele me questiona.

Há mil motivos que eu poderia dar a ele.

— Eu gosto da sua irmã...

— Conta outra, Cash! Você é egocêntrico demais para gostar de alguém. E justo a Aria? Bilhões de mulheres querendo dar para um idiota como você e seus olhos foram cair justamente em cima da Aria? – Ele se altera.

— Se ela te contou como nos conhecemos...

— Ela contou – ele me corta —, e quer que eu acredite que você não sabia que ela é uma Rhodes?

— Ela assina Fortson! – justifico.

— E sendo funcionária do seu cunhado, você não teve acesso ao nome completo dela? – Ele põe em dúvida tudo o que digo.

— Não, eu realmente não sabia...

— Sabe, Cash. Por mais que você jure que não a usou, é muito estranho. Seu cunhado ligar justo numa noite para ela com tantos advogados na empresa e você ficar louco por ela... a envolver de uma forma que pudesse machucá-la...

Fico com raiva de mim mesmo por ter perdido o controle, por não ter dito a ela a verdade.

— Nunca quis machucar a Aria!

— Tarde demais! Sei que ela se faz de forte, que está cagando para você, mas eu já a vi no fundo do poço, Cash, e se ela voltar para lá por sua causa, eu vou te matar!

— Que merda! Luke! – esbravejo. — Meu problema com você e Ava foi há muito tempo, por que eu iria fazer isso agora? Você se casou com ela e só porque se divorciaram está descontando em mim e em sua irmã sua maldita frustração!

— Cala a boca! – Ele coloca o dedo em riste.

— A Ava te contou por que pedi para ela ir embora? – dou a volta na mesa e fico de frente para ele. — Ela contou? – o desafio.

— Não. Ela só me disse que uma noite você chegou em casa e quebrou tudo e pediu que ela sumisse da casa!

— Ela estava trepando com meu irmão Alex!

Seus olhos azuis se arregalam:

— Seu irmão?

— Eu os peguei no meu quarto, na minha cama trepando! Juro por Deus e os vizinhos são testemunhas! Ela até fez um boletim de ocorrência contra mim e consta o nome de Alex, é só você ir até a delegacia e fazer uma consulta na data que tudo aconteceu! – argumento.

Ele balança a cabeça em negativa:

— Você é um mentiroso de merda! – Ele me empurra pelo ombro, mas não me movo. — Ava não faria isso!

— Como não, Luke? Ela estava com você quando trepamos em Los Angeles!

Ele me dá um soco e dou alguns passos para trás. Não consigo deixar por menos e lhe dou um soco de volta que faz com

que caia sobre a mesa e derrube tudo. Ele se levanta para me dar outro soco, mas abaixo e dou um em seu abdômen e ele encolhe.

— Seu desgraçado! – Ele sufoca.

— Pode me bater o quanto quiser, mas não vai mudar o fato de que Ava é uma puta que nunca foi fiel a ninguém! Aposto que vocês se divorciaram porque ela te traiu!

Ele me olha de um jeito que sei que é verdade!

Afasto e limpo o canto da boca onde escorre sangue. Ele se senta na cadeira e respira ofegante ainda com a mão no abdômen.

— E pode ter certeza que ela não me traiu só com Alex – confesso e respiro fundo para controlar minha respiração —, Ava sempre foi assim, Luke. Por isso ela voltou para você... você a ama e aceita essas coisas que ela faz...

Ele não responde. Está arrasado com a descoberta.

— Se quiser, posso ligar para Alex agora e colocar no viva voz e ele vai contar exatamente o que aconteceu – eu digo e pego o celular.

— Não precisa, merda! Eu sei que está dizendo a verdade...

— Não tinha por que me vingar na sua irmã! Ava foi embora porque eu quis! Ela não me deixou por sua causa como ela te fez pensar – argumento.

— Mas você disse naquele dia...

— Eu estava com o orgulho ferido, Luke! Não passava de um garoto com o ego maior que o universo! Só falei aquela merda toda

porque estava com raiva! Sua família e o Madison Lions sempre foram uma pedra no meu sapato! E meu irmão também!

— Então, por que a Aria? – Ele não compreende.

Eu também não.

— Não sei, cara. Só aconteceu... – falo sincero —, não pedi para gostar da sua irmã... não sei explicar.

Ele fica me olhando e balança a cabeça de um lado para o outro.

— Meu pai vai te matar, Cash! – Ele avisa.

— Estou cagando para o que seu pai pensa, Luke! Ninguém vai me impedir de ficar com a Aria, entendeu? Ninguém!

Ele balança a cabeça com deboche:

— Jones já sabe que está dormindo com o inimigo? Ele e meu pai se odeiam mais do que qualquer outra coisa! Ele sabe que você está trepando com Aria Rhodes?

— Não, eu não tenho o costume de colocar a minha vida pessoal no letreiro na Times Square...

— Não é o que os jornais dizem! – ele me provoca.

— Você é um idiota e pode ter certeza que a verdade nunca sai nos malditos tabloides e nos sites de fofoca. Estou saindo com a sua irmã há mais de um mês e alguém sabe disso? – eu o desafio a me desmentir —, essas merdas só dizem besteiras, nunca a verdade sobre mim!

— Eu só sei de uma coisa, Cash. Você está ferrado, quando meu pai descobrir, e vou contar, ele vai querer seu coração! E quando Jones souber, ele vai dar um jeito de cancelar essa sociedade! Pode apostar! Apesar desse seu discurso de bom moço, eu não acredito em você! E estou torcendo para que você caia desse seu pedestal de merda – ele se levanta e me encara —, espero do fundo do meu coração que a Aria te odeie tanto que você se sinta um verme por isso!

Ele me fita com desprezo e sai da sala, batendo a porta com violência.

Aproximo da janela para ver o campo de futebol lá embaixo, os caras treinando. Que saudade eu tenho da época que minha maior preocupação era fazer pontos em um jogo. Bufo, pensativo. E não demora muito para Jones surgir na sala e observar aquela bagunça.

— Vi Rhodes sair com um olho roxo e curvado – ele se aproxima de mim —, o que foi que houve?

Direto e prático como sempre.

— O passado vindo me assombrar – confesso e solto o ar dos pulmões devagar.

Ele para ao meu lado e também olha para o campo lá embaixo.

— Já jogou alguma vez? – pergunto.

— Eu tentei, mas nunca tive aptidão física. Dizem que o dono de um time de futebol nunca se torna um bom jogador. – Ele sorri e bate no meu ombro.

— Mas um bom jogador pode se tornar o dono de um time – falo com sarcasmo e o encaro.

— Confio em você para isso...

Então é hora de dizer a verdade. Não sei como vai ser a reação dele, mas não tem outro jeito. Não posso deixar que ele descubra por outra pessoa ou até mesmo através do escândalo que Michael Scott-Rhodes vai fazer quando Luke lhe contar o que aconteceu aqui em Boston.

— Eu estou apaixonado por Aria Fortson Scott-Rhodes, Jones – conto a ele.

Ele leva alguns segundos para compreender sobre quem estou falando. Ele estreita o olhar e abre os lábios, atônito.

— Por isso Luke estava aqui. Ele e sua família idiota acham que eu a estou usando para me vingar deles! – relato a história da melhor forma possível.

Kall fica surpreso e enruga a testa.

— Uma Scott-Rhodes?

— Sim, eu sabia quem ela era quando nos envolvemos – não escondo a verdade —, e estou apaixonado. Ela pensa que sou um babaca canalha e não quer me ver pintado de ouro!

— Por que não me contou antes?

— Porque até a tarde que assinamos os contratos, eu pensei que fosse apenas um caso passageiro, que não iria durar mais que uma estação – confesso —, mas desde a noite que ela disse que

não quer mais nada comigo, estou atormentado e eu a quero de volta.

Kall franze o cenho. Aguardo pelo segundo em que ele vai explodir e dizer que quer desfazer o negócio. De repente, ele começa a rir. Ri tanto que fica vermelho e penso que vai engasgar.

— Cash – ele balança a cabeça —, talvez sua intenção não tenha sido essa, meu rapaz. Mas já pensou que se tiver um filho com essa garota, ele será herdeiro dos dois maiores times de futebol dos Estados Unidos?

Ele volta a rir.

— Isso não passou pela minha cabeça...

— Você tornou meu dia melhor. Michael vai ter um ataque do coração, porque ele dividiu o Madison Lions em ações para os filhos. Cada um tem vinte por cento.

— Como sabe disso?

— Eu sei de tudo, rapaz – ele respira fundo recuperando o fôlego —, se você está realmente apaixonado por essa moça, se prepare para a guerra. Esse homem vai enlouquecer sua vida quando descobrir que o sócio do Boston King está de olho na sua filha querida...

Fico tenso. Eu não sabia de nada, sequer sobre a herança de Aria.

— Não importa – falo determinado.

— Você me deu um presente. Sempre quis ver Michael louco e agora você conseguiu – ele bate no meu ombro outra vez —,

vamos voltar para a reunião. Até o meu apetite voltou...

E sai da sala na minha frente.

Eu o sigo e fico pensando no que ele disse. Nada disso vai me ajudar a reconquistar a confiança de Aria. Poderia simplesmente encerrar o assunto ali e cada um seguiria com sua vida, mas não consigo. Gosto de Aria e a ideia de que ela pode me odiar, me deixa transtornado. Estou apaixonado como há muito tempo não fico, acredito que na verdade nunca uma mulher roubou minha atenção tão rápido e de forma tão intensa. Eu sinto falta dela.

Só preciso reencontrá-la e provar que eu nunca quis nenhuma maldita vingança.


Aria

Capítulo 25

— Aria – o padre Parker me chama e me volto para ele —, a festa está perfeita, minha querida! Obrigado por seu esforço!

Forço um sorriso. Eu não movi um dedo para organizar aquela festa para arrecadar dinheiro para a igreja. Foi Cash Maverick. Na verdade, foi o Sullivan, tenho certeza disso, porque desde que cheguei eu o vejo andando de um lado para o outro dando ordens como um general do exército. Nós nos cumprimentamos à distância, ele está realmente ocupado. Eles não fizeram uma festinha com barraquinhas para vender as doações da igreja. Cash fez algo grandioso com direito a um parque de diversões.

O local perfeito é o estacionamento do estádio do Boston King. Como novo sócio, Cash ofereceu a arena para que a igreja pudesse fazer seu evento e arrecadar dinheiro para o telhado da igreja e outras manutenções necessárias. A verdade é que isso gerou uma publicidade enorme para o time e todos estavam falando da generosidade do novo sócio e como Kall Jones foi certeiro em colocá-lo como seu futuro substituto.

— *Bando de idiotas iludidos!* – digo em voz alta sem perceber.

— Disse alguma coisa, Aria? – Peter me pergunta.

Sequer o vi se aproximar.

— Eu disse que o evento está perfeito. – E olho ao redor e sorrio segurando meu copo de chocolate quente.

Desde o casamento da Mia, começou a nevar e não parou mais. Está frio, mas o local foi preparado para as pessoas se sentirem seguras e acolhidas.

— Não está? – Peter admira ao redor também e depois me encara. — O Cash Maverick é o máximo!

Outro Maveriquete, que é a soma das palavras Maverick e tiete.

— Parece que ele sabe como impressionar as pessoas – ironizo e bebo meu chocolate.

Outras pessoas do grupo da igreja se aproximam e só falam dele. Estou tendo overdose de tanta *puxação* de saco e agora que fui vista pelo padre e algumas pessoas, acredito que é a melhor hora para ir embora e fugir dali. Antes que eu encontre com o abutre. Não o encontro há quase três semanas. Infelizmente, por causa da minha ansiedade, eu tenho contado os dias e já chega a vinte um dia sem vê-lo. Não que eu me importe, é um alívio, mas não consigo parar de contar.

Minha terapeuta disse que tenho que resolver essa situação, encará-la de frente.

Mas não vou fazer isso. Não agora. Eu deixo meu chocolate em cima de um balcão das barracas. Passo pelos brinquedos montados onde pessoas se divertem e vou andando em meio à multidão. O que era para ser algo simples, se tornou um evento para

a cidade. Preciso fazer amizades com pessoas solteiras, minhas amigas estão casadas e com filhos e não podem sair no frio com seus bebês.

— Aria! – ouço a voz do padre Parker atrás de mim.

Como ele me achou? O homem deve ter um pacto com Deus para conseguir me encontrar no meio dessa gente toda. Eu penso em sair correndo, mas vai ficar muito feio, então, eu me volto para ele.

— Por um momento, eu a perdi – ele comenta ajeitando as luvas de couro.

— Estava dando uma volta – giro a mão no ar —, precisa de alguma coisa, padre?

— Não. Está tudo perfeito. É que um de nossos paroquianos sofreu um acidente grave e está internado e estamos pedindo que quem puder se dirija até aquele caminhão e doe sangue. – E aponta para o caminhão móvel que está ao lado do caminhão do corpo de bombeiros e da ambulância.

— Claro. – Olho e me volto para ele.

— Se você puder ajudar, eu agradeceria muito...

— Sim, eu vou até lá...

— Obrigado, Aria. Deus te dê em dobro, minha filha.

Concordo e ele se afasta. É uma ótima oportunidade para eu me esconder das pessoas e não ter como encontrar Cash. Passo pelo caminhão de bombeiros e vejo John, mas ele só acena, está

ocupado conversando com algumas pessoas. Pego meu celular e tiro uma foto dele e mando no grupo das amigas:

Eu: marido de @ellen trabalhando.

Ellen: orgulho desse meu marido lindo.

Mia: está na festa do Boston King?

Eu: a festa não é do time.

Eu: é da igreja.

Harper: não foi isso que anunciou na TV.

Ellen: a festa é do time.

Eu não discuto porque sei que eles usaram a festa da igreja para se promover, não podia ser de outro jeito.

Eu: vou doar sangue aqui.

Ellen: você está numa festa e vai doar sangue?

Eu: está um tédio.

Harper: ou está com medo de encontrar uma certa pessoa?

Mia: pensei a mesma coisa.

Ellen: aí a tonta vai doar sangue.

E manda um emoji de uma pessoa batendo no próprio rosto.

Eu: eu só quero ficar sozinha e não posso deixar a festa agora.

Harper: virou mentirosa agora.

Mia: vai e resolve isso @aria

Ellen: ela vai fugir igual você fez @mia.

Mia: mas eu resolvi.

Ellen: depois de seis anos...

Harper: vai esperar seis anos @aria?

Eu: é diferente. Eu não gosto dele.

Elas mandam emojis com risadas. Entro no caminhão e uma enfermeira simpática vem me atender.

— Eu vim doar sangue – digo o óbvio.

E o que mais eu poderia fazer aqui, não é? Eu me pergunto me sentindo uma idiota.

— Claro – ela me indica uma cadeira de frente para um balcão onde há um notebook —, qual é o seu nome?

— Aria Fortson.

— Então, Aria, você pode se sentar e responder ao questionário. Depois vou medir sua pressão e ver a taxa de ferro em seu sangue e veremos se é possível que faça, está bem?

— Sim – forço um sorriso e me sento na cadeira —, não é a primeira vez que faço.

— Então vai dar certo. – Ela toca o meu ombro e se afasta.

É quando eu o vejo. Demoro para acreditar que Cash Maverick está dentro daquele ônibus. Tantos lugares para estar no mundo, em um bordel, num puteiro, ou no inferno todo, que deve ser

enorme, mas ele está lá, me observando. Seu olhar está sobre mim, intenso como da primeira vez que o vi. Prendo o fôlego. Ele está com a camisa branca dobrada até o cotovelo e o paletó do terno está jogado sobre uma cadeira ao seu lado.

Não consigo desviar o olhar por alguns segundos e engulo em seco sentindo minha garganta doer e minha pulsação aumentar. De repente, fica quente aqui dentro. Com dificuldade, eu desvio o olhar dele e tiro as minhas luvas. Minhas mãos estão tremendo e por algum tempo, não consigo focar a atenção na tela do notebook.

Eu só não quero ficar no mesmo ambiente que o homem que me faz sentir uma idiota. Luke decidiu não contar nada a nossa família do que aconteceu porque não quer aborrecer nosso pai por enquanto. E também porque eu prometi que jamais voltaria a me aproximar do babaca. Meu estômago embrulha e respiro fundo para recuperar o domínio sobre minhas emoções.

Ele não significa nada. Eu digo a mim mesma. Foi só um caso passageiro.

Você não tem poder sobre o que ele fez, mas tem poder como vai se sentir com isso.

O problema é que sabendo que ele está ali, tão perto, me olhando, eu me sinto como um vulcão em erupção. Vou explodir a qualquer momento. Tento fazer a técnica da respiração para me acalmar, mas essa merda não funciona.

— Vamos fazer o teste? – a enfermeira pergunta com educação.

Não quero olhar para ela, porque Cash vai estar no mesmo campo de visão. Mas se eu ficar de cabeça baixa vou parecer uma louca. Ergo o olhar e vejo que ele ainda me observa, isso me deixa mais nervosa. O que ele quer comigo? Por que não me fita com desprezo ou me evita? Ele já não conseguiu sua vingança idiota contra o meu irmão, mostrando o quanto uma parte da família é vulnerável?

Luke também tem culpa. Se algum dia ele tivesse me contado sobre o que Cash fez, eu jamais teria me aproximado dele. Pensei que a rixa fosse por causa dos times serem inimigos. Olho para a enfermeira:

— Eu ainda não respondi o questionário – minha voz treme.

— É o básico – ela comenta —, se você não fez tatuagem recente, se não tem doença venérea, se não transou sem proteção, se...

Opa... Eu transei sem proteção e mais de uma vez. Olho para Cash e um sorriso se forma em seus lábios, cínico. Preciso sair daqui, estou me sentindo sufocada porque me lembro como foi delicioso trepar da última vez quando ele tirou fotos nossas.

— Eu, tenho que... – eu levanto de uma vez.

— Pode ficar sentada...

Tarde demais, eu levanto muito depressa e, por não estar respirando direito, tudo gira e se apaga ao meu redor. Parece que leva apenas alguns segundos quando eu abro os olhos novamente. Balanço a cabeça e sinto a dor na nuca, devo ter batido quando caí. Estou com soro no braço e franzo o cenho sem entender nada.

— Aria – a voz de Harper me assusta —, você está bem, amiga?

Pisco várias vezes até me acostumar com a luz e então encaro as pessoas ao meu redor: Harper, Ellen e Mia.

— O que estão fazendo aqui?

Como elas chegaram tão depressa? Eu acabei de desmaiar.

— Você desmaiou na festa, Cash a pegou e a levou para a ambulância e eles a trouxeram para o hospital – Ellen conta séria —, John viu tudo, me ligou e avisei as meninas.

— Hospital? – pergunto confusa e me sento na cama. — Foi só um desmaio.

— Mas você assustou todo mundo – Harper garante. — Até porque Cash não conseguiu acordá-la. Sua pressão caiu muito pelo o que os paramédicos disseram.

Cash. Cash. Ele de novo na minha vida me atormentando.

— E onde ele está? – Eu sussurro.

Elas saem da minha frente e ele está sentado no sofá de couro com os cotovelos apoiados nos joelhos e seu olhar sobe para mim. Eu quero desmaiar de novo, mas dessa vez, quero acordar quando nos conhecemos e refazer meu dia e dizer não ao pedido de David e deixar esse desgraçado mofar na cadeia!

— Você passou por exames, está com uma infecção forte e fizeram tudo e... – Ellen está nervosa.

— O que foi? Que infecção?

— Urinária – Mia responde séria e olha para as meninas.

— Estou com infecção urinária?

— Você não sentiu nada? – Harper pergunta preocupada.

— Uma dorzinha boba e tive febre outro dia, mas nada sério – digo tentando me lembrar.

— No começo, os médicos acharam que era apendicite ou algo mais grave e fizeram um ultrassom. – Ellen conta.

Nunca vi Ellen tão tensa.

— Você já foi medicada – Harper me tranquiliza —, deve voltar para casa amanhã.

Elas se entreolham de novo.

— O que está acontecendo?

— Podem me deixar a sós com a Aria? – a voz de Cash soa firme atrás delas.

Elas se voltam para ele e assentem, obedientes.

— Vamos ficar no corredor esperando – Mia fala e comprime os lábios.

— O quê?

Por que elas estão me deixando sozinha com ele? Elas saem e fecham a porta. O silêncio entre nós é perturbador. Agarro o lençol que está sobre mim e o encaro, nervosa. Com tantos homens no mundo, eu fui me apaixonar pelo pior deles? Cupido idiota do caralho!

— Você não tem que estar aqui, Cash – solto nervosa, a voz trêmula. Não consigo esconder o quanto ele me perturba. Para o bem ou para o mal.

— Você está grávida...

— O quê?

— Pelo que o médico disse, você está grávida de sete semanas, Aria, quase oito.

Balanço a cabeça em negativa.

— Impossível. Transamos sem camisinha há três semanas e eu tomei a pílula do dia seguinte – argumento —, quase oito semanas daria quando eu o tirei da cadeia.

Ele para ao lado da cama e me encara.

— Algo saiu errado – ele encolhe os ombros.

— Usamos camisinha! Eu estava lá! – gesticulo nervosa.

— Tem uma coisa que eu esqueci de te contar...

— O quê? O seu pau tem prego na ponta?

— Eu vi que a camisinha tinha vazado quando cheguei ao banheiro. Quando voltei para te falar, você tinha ido embora...

— E você se esqueceu de me falar depois? – Movo os dedos no ar.

— Esqueci...

— Seu grande filho da puta! – xingo nervosa. — Você fez de propósito! – praticamente grito colocando o dedo em riste.

— Do que está falando?

— Você me engravidou para se vingar da minha família! – deduzo.

— Aria... – ele faz que não com a cabeça —, não seja maluca! Por que eu iria querer ter um filho com você para me vingar do seu irmão? Qual o sentido disso?

— Meu filho seria herdeiro do Madison Lions e teria o seu nome! Imagina o que isso vai ser para o meu pai, Cash?

Ele tenta me tocar, mas eu me encolho.

— Não me toca! – Lágrimas ardem nos meus olhos.

— Aria, eu posso ser o canalha que for! Mas há outros meios de destruir Luke e seu pai. Não preciso de você para isso! – Ele perde a paciência e nos encaramos.

O pior é que uma parte idiota de mim quer acreditar no que ele diz. Na verdade, estou desesperada para que seja verdade.

— Como quer que eu acredite em você?

— Me dando uma chance – ele segura a minha mão com força e não me deixa afastar —, eu não estaria aqui insistindo em nós se fosse uma vingança, Aria!

— Não sei no que acreditar – confesso. — Meu irmão diz uma coisa e você outra! E tudo está contra você!

— Mas o que o seu coração diz?

Faço uma pausa demorada e solto a minha mão da dele.

— Diz que sou uma idiota – e olho para o outro lado —, só me deixa pensar um pouco, está bem? Eu não planejei essa gravidez e não sei o que fazer agora. Eu só preciso de tempo para organizar tudo na minha cabeça.

Olho para ele com ressentimento.

— Vou estar por perto, você querendo ou não. Agora não é mais você e eu. É esse bebê e eu o quero muito Aria, família é tudo para mim...

Então, Cash vai embora.

Eu sei que família é importante para ele, penso e estou muito surpresa por ele querer o bebê, mas isso me faz pensar que tudo não passa de um jogo de interesse. Quero fugir e desaparecer! Parece que o mundo está desabando sobre a minha cabeça.

A porta é aberta e minhas amigas entram. Ele despede delas e sai, fechando a porta.

— Preciso de um abraço coletivo – digo e abro os braços.

Elas vêm correndo me abraçar e começo a chorar.

— Nós quatro grávidas em um prazo de um ano e meio quase – Ellen ri da situação por fim —, isso daria um livro!

— Quatro livros... – Mia corrige.

— Seria pior que a Odisseia[23].

Elas riem comigo. Estou apavorada com tudo o que está acontecendo. Mas principalmente porque eu perdi o controle de tudo

na minha vida. E isso é terrível para uma pessoa ansiosa que cria na mente os piores cenários possíveis.


Cash

Capítulo 26

É tarde da noite quando eu volto para o hospital. Não consigo dormir desde que tivemos a notícia do bebê e estou mandando mensagens como um idiota e ela não responde. Paro o carro no estacionamento vazio e saio vestindo meu roupão, por baixo só a calça do pijama. Sequer sinto frio, só enxergo o vapor que sai dos meus lábios por causa da minha respiração, meus chinelos arrastando pela neve recém caída. Entro na recepção e o segurança se aproxima. A enfermeira que está de plantão me reconhece.

— Eu só preciso ficar com a minha mulher – desabafo perdido —, ela está grávida e sei que não tem ninguém para passar a noite com ela... eu só quero ficar perto dela e do bebê...

— Senhor Maverick... – a jovem começa a falar.

— Sei que o hospital tem regras, mas eu juro que se não estivesse enlouquecendo dentro da minha casa enquanto ela está aqui sozinha, eu não teria vindo!

Ela acaba compreendendo.

— Está bem, pode subir... – autoriza.

— Obrigado, vou conseguir ingressos para o próximo jogo do Boston King – olho seu crachá —, Amanda – e olho para o

segurança e aponto o dedo indicador para ele —, e também consigo para você...

— Obrigado, Cash – o cara agradece.

Vou em direção ao elevador e uma enfermeira passa por mim e me paquera. Eu fecho meu roupão direito e franzo o cenho ao entrar no elevador. Cumprimento as enfermeiras do andar em que Aria está e então vou direto para o quarto dela.

Ela está de olhos fechados, mas a televisão está ligada. Assim que fecho a porta, Aria abre os olhos e me observa enquanto aproximo da cama.

— Cash? O que faz aqui essa hora? – Ela pergunta confusa. — É quase meia-noite!

— Eu... – não sei exatamente o que dizer.

O grande Cash Maverick está se voz. Isso significa que estou mais envolvido emocionalmente com ela do que supus.

— Depois que saí do hospital, eu não consegui parar de pensar em você e no bebê aqui sozinhos – confesso sentindo o coração martelar no meu peito —, a verdade é que eu fiquei muito solitário depois que descobri que tem uma parte de mim dentro de você!

Seus olhos azuis se abrem, atentos. Seus lábios desprendem um do outro e ela procura as palavras certas para me falar.

— Não precisa dizer nada, Aria. Só me deixa ficar perto de você e do bebê – eu peço de uma forma que chega a ser angustiante.

— Está bem – ela assente.

Ela nota que estou sem blusa, só de roupão.

— Você veio assim para o hospital? – Ela aponta para o meu peito onde o roupão deixa à mostra.

— Eu não conseguia pensar direito e vim do jeito que deu – explico.

— Você deve estar morto de frio. – Observa, preocupada.

A preocupação dela me dá um fio de esperança. Talvez, se eu conseguir conquistar sua confiança de novo e provar que não sou o babaca que todos dizem por aí, então, ela vai me enxergar como realmente sou.

— Na verdade, eu... – ia dizer que não, mas mudo de ideia —, é, está frio *pra* caralho.

Ela chega para o lado e ergue o cobertor.

— Quer deitar aqui comigo?

Puta merda! Eu quero e muito. É tudo o que eu quero.

— Mas não pense mal – ela coloca o dedo em riste —, é só um acordo de paz por essa noite. Acho que nós dois merecemos isso depois da notícia que recebemos – pondera.

— Fica tranquila... eu prometi que vou respeitar seu espaço...

Mentiroso do caralho. Já estou pensando em mil estratégias para mantê-la bem perto de mim e impedir que fuja. Porque eu conheço essa mulher e sei que ela fica ansiosa por qualquer coisa, o que consequentemente causa medo e depois a faz fugir.

Ela move a cabeça para que eu deite ao seu lado. A cama não é muito grande e passo o braço por cima do seu ombro para que possamos ficar mais confortáveis. Ela aceita a minha posição e deita a cabeça no meu antebraço. A sensação é tão reconfortante que sinto um alívio incomum, algo inexplicável. Gosto do cheiro da Aria, seu corpo macio contra o meu. Como eu senti falta disso. Não tenho dúvida de que estou completamente apaixonado por ela. E agora que sei que ela tem um filho meu no ventre, parece que a coisa toda aumenta de proporção.

— O que está assistindo? – pergunto olhando para a TV.

— Um programa de perguntas – ela move a cabeça de um lado para o outro —, quando eu era pequena, minha avó materna vivia em nossa casa por ser muito doente, então, eu gostava de ficar com ela, assistindo esses programas e tentando descobrir as respostas.

Olho para ela e penso em uma menininha ruiva de olhos grandes e azuis sendo carinhosa com a avó que geralmente todos veem como um peso por estar doente. Aria é caridosa, tem o coração bom e admiro isso nela.

— E você errava ou acertava mais?

— Errava – ela confessa e leva a mão ao rosto para rir de si mesma.

O som da risada dela me excita. Sei que ali não é lugar para me sentir assim, mas estou ficando de pau duro por causa de pequenos detalhes nela que me fascinam tanto.

— E você? Se deu bem com seus avós?

— Não. O pai de Monty já estava morto quando tomei consciência do que era um avô. Os pais da minha mãe nunca conheci. E os pais do meu padrasto nunca me trataram como um neto...

— Que vida horrível! Toda criança deveria ter avós! É como viver num mundo de algodão doce – ela move a mão no ar —, e arco-íris!

— Algodão doce?

— Sim. – Ela sorri e aquela covinha linda se forma no lado esquerdo do seu rosto.

— Pelo menos, o nosso bebê não vai poder reclamar, ele vai ter avós mais do que suficiente, da minha parte são três e Monty vai mimá-lo, pode apostar...

Seus olhos ficam tristes.

— Eu não sei como meu pai vai reagir a um filho seu, Cash – ela suspira com pesar —, não é apenas por Luke. Mas você agora é dono do Boston King. Se antes ele não gostava de você, agora são inimigos.

— Sei que isso a machuca, mas eu não me importo com o que sua família vai pensar. Se eles quiserem me culpar e colocar fogo nas minhas fotos, problema é deles. Não vou abrir mão de você e do bebê, entendeu?

Ela fica me olhando atentamente.

— Não quero que pense em nós três como um só – ela pede —, porque eu não consigo fazer isso agora.

Faço que não com a cabeça.

— Faço por nós dois e não adianta me pedir que pare. Não consigo parar. Juro que várias vezes minha razão me disse para não voltar a encontrá-la, mas Aria, tem algo em você que me fascina de um jeito que me faz te buscar onde quer que você esteja...

— Palavras bonitas não vão conquistar o meu perdão...

Ela é dura na queda, mas eu também sou.

— Sou um homem paciente...

Aria dá uma risada alta:

— Mentiroso!

— Está bem, eu admito. Não sou um homem conformado – seguro seu queixo e a faço me encarar —, mas por você estou disposto a ser e esperar que volte a confiar em mim.

— Você disse que ia me dar um tempo... – ela se sente pressionada.

— E estou dando, mas enquanto isso, vou jogando uma coisa ali e outra aqui para a convencer que não sou o babaca dos jornais...

— Você não presta...

Ela abaixa a cabeça e ajeita no meu braço outra vez. Sinto o perfume dos seus cabelos e estou com o pau dolorido agora. Nunca pensei que fosse possível desejar uma mulher só de estar próximo, sem ser provocado.

— Luke te contou como tudo aconteceu? – fico curioso.

— Não – ela responde com calma —, ele só disse que você tirou Ava dele e a trouxe para Boston e depois de agredi-la, ele a buscou e se casou com ela.

— Não foi exatamente assim que aconteceu...

Ela ergue o olhar outra vez.

— Não precisamos falar sobre isso.

— Não está curiosa?

— Claro que estou, Cash. Mas acredito que já entendi o jogo. Foi uma guerra de egos e vocês disputaram a mesma mulher.

— Também. Mas na época, seu irmão jogava pelo Madison Lions e ele sempre foi um babaca, Aria.

— Eu sei, mas não gosto que fale assim dele. – Ela se afasta o suficiente para encostar entre o meu braço e o travesseiro e me observar melhor.

— Mas ele é. Seu irmão era o Quarterback e nós vencemos o Lions, em Los Angeles. Pode imaginar isso? O ódio de Luke? Naquela noite, ele perdeu uma jogada fundamental e eu virei o rei do jogo. Ele queria me matar e brigamos nos bastidores.

— Brigaram?

— Sim, nós brigamos feio. Os treinadores tiveram que nos separar, saiu até no jornal, quase fomos suspensos por causa disso...

— Vocês gostam de um escândalo, não é? – Ela zomba.

— É o que parece – admito —, então, meu time foi para um bar e sua cunhada estava lá. Eu sabia que ela era a garota do Luke Scott-Rhodes e dei em cima dela e Ava aceitou minha investida...

— Só me poupe dos detalhes – ela pede ciumenta.

Dou um sorriso de lado e continuo.

— Ficamos um dia em Los Angeles de folga e o time iria embora na manhã seguinte. Ava apareceu na hora da partida, de mala, dizendo que ia embora comigo e que estava apaixonada...

— Mentira! Você está mentindo!

— E o que pensa que fiz? Que eu a sequestrei?

— Claro que não!

— Pergunte a ela ou quem estava no time na época. E claro que aceitei, era a vingança que eu queria contra o seu irmão. Tirei uma foto dela comigo no avião e mandei para ele...

— Seu grande filho da puta! – Ela fala indignada.

— Ficamos juntos por quatro meses, até que um dos caras do time me disse para ficar de olho, que Ava estava aprontando como aprontava com o seu irmão... cheguei em casa mais cedo e a peguei com Alex.

— Seu irmão?

— Ele...

— Agora entendo toda a rivalidade...

— Foi por causa dela...

— Ava é destruidora de corações – ironiza —, conseguiu formar um quadrado[24] amoroso – debocha. — Luke sabe disso?

— Eu contei para ele há algumas semanas quando ele me procurou...

— Luke te procurou? – Ela não sabia disso.

— Ele não te contou?

— Não – ela leva as mãos ao rosto outra vez —, ele não me contaria. Estava bravo comigo, foi embora sem trocar uma palavra depois da conversa que tivemos.

— Seu irmão é imaturo, Aria. Eu contei para ele que quebrei a casa toda e Ava fez um boletim de ocorrência. Naquela madrugada seu irmão chegou e a levou daqui.

— Foi quando você jurou vingança – ela conclui.

Aria não vai se esquecer disso tão fácil.

— Foi.

— E aqui estamos nós! – ela finaliza chateada.

— O que eu fiz vai ser sempre uma sombra entre nós, não tem como apagar. Mas vou sustentar o fato de que quando a conheci não passou pela minha cabeça usá-la para atingir o seu irmão...

Ela não diz mais nada. Somente se ajeita novamente na cama e seu rosto encosta no meu antebraço outra vez. Não sinto sua pele e ela também não sente a minha, mas a sensação é a mesma. Eu quero tanto que ela acredite em mim...

— Você fez uma bela festa para a igreja – ela muda de assunto enquanto olha para o aparelho de televisão —, aposto que arrecadou dinheiro para construir uma igreja nova.

— Fiz o meu melhor.

— Sullivan fez o melhor – ela corrige.

— Ele ganha bem para isso – defendo.

— Arrogante! – Ela me xinga e ri em seguida.

Ficamos em silêncio, só a voz do apresentador soa no ambiente, até que sinto a respiração de Aria ficar mais tranquila. Ela adormece. Sem perceber, ela envolve sua perna na minha e se aconchega mais até sua cabeça ficar no meu peito. Sorrio satisfeito quando isso acontece e beijo seus cabelos.

— Eu prometi que cuidaria de você e vou cumprir minha promessa – sussurro para ela.

Depois do que houve essa noite, não só apenas pelo bebê, mas pela sensação sufocante de ficar longe dela, eu tenho certeza que não posso mais me afastar e sequer deixá-la ir para longe de mim.


Aria

Capítulo 27

Estou trabalhando quando minha secretária informa que tem uma mulher querendo falar comigo e sem hora marcada.

— Ela disse que foi o Senhor Maverick que a mandou aqui – Tracy me informa.

— Maverick?

— É, ele mesmo, Aria – ela afirma porque sabe que Cash é cunhado de David —, e ela disse ser um pouco urgente.

— Qual é o nome dela?

— Gaya Hernandez – responde.

Fico lívida quando escuto esse nome. Sempre tive a sensação que ela é uma espécie de amor platônico e proibido do Cash. Finalmente, vou conhecer a mulher que ele tanto protege.

— Pode deixá-la entrar, Tracy – afirmo.

Desligo o telefone e fico ansiosa. Ajeito as coisas sobre a minha mesa e meu coração dispara de um jeito não muito bom. Respiro fundo e me controlo. E se ela for uma paixão proibida? Eu não tenho nada com isso. Vejo a mulher se aproximar da minha sala. Ela vem pelo corredor, usando jeans e um grosso casaco com

capuz. Sei que está nevando muito, mas aqui dentro não tem necessidade. Vejo parte do seu rosto e ela me fita apreensiva.

— Entre – eu digo e movo a mão.

Ela entra e fecha a porta em seguida. Aproxima da mesa e estende a mão enluvada.

— Eu sou Gaya Hernandez – ela fala com sotaque do norte.

— Aria Fortson – indico a cadeira —, não quer se sentar?

— Obrigada, Senhorita Fortson.

Ela deixa a mochila na outra cadeira e se volta para mim. Estou aflita com o cabelo e o capuz escondendo seu rosto. Será que ela está drogada? Cash me falou que ela foi usuária de drogas por algum tempo.

— Tracy me disse que queria falar comigo... – começo a conversa.

Não sei por que estou tão ansiosa.

— O Senhor Maverick me mandou aqui – sua voz é mais rouca agora que ela está mais relaxada.

— E em que posso ajudar, Gaya? Posso chamá-la assim?

— Claro que pode – ela força um sorriso —, ele me disse que a senhorita está a par do que aconteceu comigo e John Gordon.

— Sim – assinto —, Cash me contou que Gordon era pai do seu filho...

— Infelizmente. E é por isso que estou aqui...

— Diga-me o que precisa.

— Gordon registrou meu filho com seu sobrenome e agora que ele morreu, o irmão de Gordon, Daniel, me procurou e disse que se eu não pedir para retirar Rafael da herança que John deixou, ele vai nos matar...

— De novo? Que família problemática! – falo sem pensar e depois me arrependo. — Perdoe-me, eu sei como deve ser difícil lidar com esse tipo de gente.

— É muito complicado. – Eu a constrangi e ela está tensa de novo.

— A verdade, Gaya, é que preciso consultar os advogados de John Gordon e descobrir se ele deixou algum tipo de testamento ou se simplesmente estão dividindo os bens através do inventário. Mesmo que ele não queira, a justiça jamais permitiria que seu filho ou qualquer outro herdeiro legítimo ficasse de fora do Planejamento Sucessório.

— Não entendi, me desculpa. – Gaya se ajeita na cadeira.

— O que quero dizer, é que mesmo que eles não queiram, Rafael não ficará fora do inventário de todos os bens do Senhor Gordon – tento informá-la de forma mais clara.

— Entendi... E o que faço com as ameaças?

— Podemos chamar a polícia, é o que proponho dentro da lei.

— Não adianta, Senhorita Fortson. A polícia e a justiça só existem para quem tem dinheiro...

— Gaya, veja bem... não é apenas isso... se agir fora desse âmbito, colocará seu filho e sua vida em risco.

— Nós já estamos em risco... – ela insiste um pouco agressiva.

— Eu posso ajudá-la com o processo, fora do âmbito da lei, eu não...

Não termino a frase. Gaya tira o capuz e puxa o cabelo da frente de seu rosto. O lado esquerdo do seu rosto é todo queimado. Desde a sobrancelha até o pescoço. Eu perco a voz quando vejo as queimaduras sérias que somem dentro do seu moletom. Deus!

— Quando eu tinha quatorze anos, esse homem fez coisas horríveis comigo. E sabe o que a polícia disse à minha mãe que mal falava inglês?

— Não faço ideia. – Controlo minha emoção.

— Que da próxima vez mantivesse a putinha latina trancada dentro de casa... – ela fala com uma amargura tão intensa que me comove. — Há muitos policiais bons, Senhorita Fortson, mas muitos deles são comprados. E Daniel vai comprar quantos forem necessários, porque John Gordon deixou muito dinheiro mesmo sendo sujo.

Eu volto a respirar quando ela veste o capuz ao ouvir passos se aproximando da sala.

— O que quer de mim?

— Que consiga um jeito de tirar o nome desse monstro da certidão do meu filho...

O que é mais complicado do que ela imagina. Mas Gaya está desesperada, sequer sei como a ajudar.

— Está bem – eu concordo indo além da minha alçada —, vou ver o que posso fazer.

— Stw está ficando com meu filho vinte e quatro horas – ela diz séria —, mas ele é só um homem, uma bala pode feri-lo e eles podem machucar meu filho. Se eu garantir que ele não entre nesse inventário, teremos nossa paz de volta.

— Compreendo. Farei o possível para ajudá-la. Eu entro em contato assim que tiver uma resposta...

— Obrigada, Senhorita Fortson – ela assente e se levanta, indo embora sem olhar para trás.

Fico olhando-a se afastar e então pego meu celular.

Eu: mais alguém com um dia terrível?

Ellen: Melody está resfriada.

Mia: eu estou deitada assistindo TV. Acordei com cólicas

Harper: repouso total @mia.

Ellen: exatamente.

Eu: ainda não me sinto grávida.

Pode soar estranho, mas a ficha ainda não caiu. Parece que está acontecendo com outra pessoa, mas não comigo.

Ellen: não se cobre.

Harper: no começo é muito estranho.

Eu: com certeza.

Mia: no começo é assim mesmo.

Mia: eu só me senti grávida quando comecei a vomitar até as tripas.

Ótima notícia, estou ansiosa para essa parte da gravidez. Eu havia menstruado normalmente no mês anterior e não senti nada de diferente. E continuo não sentindo.

Tento focar no trabalho, mas a todo momento minha cabeça vai para os últimos acontecimentos. Gaya. Agora entendo por que Cash a protege, essa garota sofreu muito na mão daquele velho cretino. Ergo o olhar e levo um susto quando vejo Cash vindo pelo corredor segurando um copo de café em uma das mãos.

Diferente das últimas vezes que o encontrei, claro, tirando ontem à noite no hospital que dormirmos na mesma cama e acordamos juntos de forma consciente, ele está de moletom e um casaco de neve por cima. Sinto que ele não vai me deixar em paz tão cedo como pedi que fizesse.

— Está tão frio lá fora? – indago quando ele entra na minha sala.

— Trouxe café para você... – Ignora meu mau humor.

— Não é recomendado que grávidas tomem café! – Mesmo assim pego o copo.

— Tenho certeza que você precisa de um gole depois da visita de Gaya...

Ele se senta de frente para mim.

— Deveria ter avisado que ela viria. – Tomo o café e agradeço pela gentileza, está no ponto. É melhor do que ganhar flores.

Mas estou magoada demais com ele para agradecer.

— Foi rápido, ela me ligou perguntou o que eu podia fazer e aconselhei que a procurasse.

— Pode pedir ajuda para o seu pai, Cash – falo com ironia e dou um sorriso mau.

— E ficar devendo favor? Da próxima vez, ele vai exigir que o neto também leve seu nome.

Eu dou um sorriso fraco e o encaro:

— Devia ter me contado tudo – eu o repreendo com cuidado —, fui pega de surpresa.

— Está falando sobre... – Ele move a mão na frente do rosto.

— Sim, você não me contou essa parte...

— Porque não é sobre nós ou algo que se conta facilmente, Aria – ele argumenta —, e eu sempre senti que você pensava que minha proteção com relação à Gaya vinha de um desejo sexual e você viu que não se trata disso. Eu a tenho como uma irmã, eu cuido dela como cuidaria de Bethany.

O observo com atenção.

— Por que essa necessidade de cuidar das pessoas, Cash? – Eu quero saber.

— Não sei do que está falando... – ele corta o assunto —, gostou do café?

— Já tomei melhores – desdenho e acabamos rindo.

— Pensei de jantarmos com o meu pai. Quero dar a notícia para ele logo...

— Dar qual notícia? – a voz de David soa dentro da minha sala.

Sequer percebi que ele havia entrado.

Olho para Cash e fico tensa. Combinamos de não falar nada para a minha família. Quando meu pai souber vai ser um escândalo, então, vamos deixar para depois do ano novo, para não estragar a festa da minha família. Na verdade, pretendo enrolar o máximo de tempo possível antes que aconteça a terceira guerra mundial por causa do meu bebê. Tenho certeza que meu pai vai surtar e Cash não vai abaixar a cabeça.

Mas não falamos nada sobre David ou Bethany.

Ele me fita compreensivo, esperando que eu diga se quiser.

— Então, David – começo a falar —, estou cuidando do caso da funcionária do Senhor Maverick.

Cash me olha com cinismo. Sou uma covarde, admito. Mas não estou preparada para contar que estava transando com o meu cliente desde quando o tirei da cadeia.

— Pelo visto, meu cunhado não quer deixá-la em paz, não é mesmo?

— Ele gostou do meu trabalho – eu me defendo da ironia na voz do meu chefe.

— Ela é a melhor – Cash garante com sarcasmo.

— Amanhã vamos fazer um jantar lá em casa, eu vim convidá-la a pedido da Bethany. É um jantar de fim de ano para os funcionários...

— Também estou convidado, é claro – Cash se convida e eu o fito com impaciência, mas ele me ignora.

— Pode ir, sei que você adora festas...

— Pelo menos vou poder estar com a Senhorita Fortson mais tempo. – Ele brinca com o perigo.

Eu me volto para ele.

— No que depender de mim, Senhor Maverick, não ficaremos perto um do outro tanto assim...

— Quer apostar? – ele me desafia.

Estou pronta para responder, mas lembro que David está ali nos observando. Olho para ele e digo:

— Seu cunhado é obstinado...

— É o que parece – sua voz soa com malícia e não gosto disso —, o recado está dado, jantar amanhã.

Ele sai e encaro Cash.

— Assim vai ser impossível esconder a verdade! – reclamo.

— Aria, não dá para você mentir mais. Sua barriga só vai crescer daqui para frente e não vou sair do seu pé um minuto – ele avisa.

— Você prometeu...

Eu paro de falar quando ele se levanta e vem para o meu lado. Cash não me toca, ele apoia uma mão no encosto da minha cadeira e outra na mesa, me prendendo.

— Eu sei o que prometi. E estou dando tempo para você pensar. Mas eu não aguento o silêncio da minha casa sabendo que você e o bebê estão por aí – fala sério, olhando no fundo dos meus olhos, roubando meu fôlego —, é horrível! A sensação é que vou explodir. Senti isso ontem e não quero sentir de novo. Goste ou não, eu entrei na sua vida para ficar.

— Cash...

— Sei que você está magoada e dividida... – ele assente com cuidado —, mas não me peça para me afastar, porque eu não vou. E ponto final.

Ele se ergue e vai em direção à porta.

— Passo na sua casa às sete para jantarmos com o meu pai – ele avisa sem esperar que eu diga se quero ir ou não.

— Babaca arrogante! – xingo e pego meu celular.

Eu: Não sei o que fazer com o Cash...

Harper: não faça nada.

Ellen: se você matar, te ajudamos a enterrar o corpo.

Mia: por que você só não deixa rolar?

Harper: ele mentiu.

Ellen: ele a enganou.

Mia: ele jura que não fez isso.

Eu: tudo leva a crer que ele fez.

Ellen: mas você tem dúvidas.

Eu: sim.

Eu: o cara que conheci jamais faria isso.

Harper: homens tóxicos enganam fácil.

Mia: tire a prova.

Eu: O quê?

Ellen: tirar a prova?

Harper: Como ela vai fazer isso?

Mia: diga a ele que você vai ficar com ele.

Mia: mas em troca quer algo que ele ama muito.

Mia: se ele abrir mão do orgulho por sua causa, então ele gosta de você.

Mia: se ele não abrir mão, então, ele está só se vingando.

Eu: não havia pensado nisso...

Mia: eu sei que sou o máximo.

Harper: o que vai pedir para ele @aria?

Ellen: ai, meu Deus!

Ellen: agora fiquei com o frio na barriga.

Mia: não tem outro jeito @aria.

Eu: você tem razão.

Olho para a tela do celular e meu coração dispara. Não posso passar o resto da minha vida com essa dúvida. Esse homem pode estar jogando comigo e me fazendo crer que ele tem boas ações. Mas e se eu virar o jogo? Sua reação pode me dizer tudo o que preciso saber para ter certeza se dou uma chance ou se sigo nessa história sozinha.

Ansiosa, pego meu café e viro de uma vez.


Cash

Capítulo 28

Recebo uma enxurrada de mensagens de áudios de Luke enquanto estou dirigindo para a casa de Aria. O tempo está fechado, até mais do que de costume, e a meteorologia previu uma forte nevasca para mais tarde, algo inesperado antes de janeiro. Vou escutando cada uma das mensagens. São quase oito da noite em Los Angeles, portanto são cinco da tarde, e Luke já está bêbado? O que está acontecendo com esse cara?

A cada mensagem fico mais indignado.

Estaciono meu carro e Sullivan está me ligando. Atendo.

— Diga, Sullivan – peço no viva voz.

— Já viu o que está rolando na internet, senhor?

— Sabe que não procuro por essas coisas...

— Então, é melhor que veja com seus próprios olhos – ele avisa e desliga.

Odeio quando ele faz isso. Parece um irmão mais velho, e não o meu secretário. Pelo comando de voz peço para aparecer tudo que estiver no meu nome na internet. Chove de links, todos atuais e leio o primeiro:

Maverick engravida herdeira do Madison Lions.

Meu corpo todo gela quando vejo isso. Pego meu celular que está no painel do carro e olho atentamente:

Cash dá o cheque mate por causa de vingança.

Aria Scott-Rhodes está grávida de Cash Maverick.

Novo sócio do Boston King fode com a herdeira do Madison Lions.

Meu sangue ferve quando leio essas merdas. Desço do carro e bato a porta com força. Quase escorrego na neve e praguejo enquanto caminho para a entrada da casa de Aria. Toco a campainha e ela abre. Sequer noto que ela já está pronta para sair. Ergo o celular no ar.

— O que significa isso? – esbravejo e dou um passo para dentro.

Aria sai da minha frente e entro de uma vez. Ela fecha a porta e sigo para a sala de visitas.

— O que está acontecendo?

— Estamos em toda internet. Sua gravidez vazou, Aria! – explodo e ando de um lado para o outro. — E ainda tem isso aqui...

Aperto o botão da merda das mensagens que Luke me mandou:

Luke: Já parou para pensar, seu babaca, que tudo não foi um plano da minha família contra você?

Luke: Aria engravidou de propósito.

Luke: Agora o filho dela tem direito a tudo o que é seu e meu pai vai entrar na justiça para pegar a guarda dele e foder com a sua vida! (riso histérico)

Luke: Talvez o feitiço tenha virado contra o feiticeiro.

Luke: Eu pensei que era você se vingando, mas foi o contrário.

Luke: A Aria é muito foda!

Luke: Garota esperta. Ela é uma Scott-Rhodes e ela vai fazer todo mundo saber quem você é, seu babaca, filho da puta!

Luke: Hoje mesmo você vai ser cancelado na internet porque engravidou a filha do seu inimigo à força!

Tem uma mensagem que é só risada.

Luke: quem é otário, agora?

— Eu acabo de receber essas mensagens malucas do seu irmão e descubro que estamos na internet?

— Ah, meu Deus! – Ela lamenta.

Não sei se foi por ser descoberta ou pela loucura toda.

— Pode me explicar, Aria? Como Luke sabe da sua gravidez? E que história é essa de vingança? – Estou com muita raiva.

Ela respira fundo tentando se acalmar.

— Eu posso explicar tudo, Cash. – Ela está tremendo.

— O feitiço virou contra o feiticeiro? Quando eu quis me explicar, você não quis me ouvir... E agora?

— Você está bravo e não vou discutir com você assim – avisa e me dá as costas —, vá embora e depois conversamos.

— Não! – decido. — Eu sou sempre taxado como o babaca, o irresponsável! Sei que criei essa imagem e ninguém tem culpa além de mim. Mas você me conhece. No tempo que ficamos juntos, você me conheceu e mesmo assim não quis me ouvir quando fui acusado!

— Conheci? – Ela se aproxima de mim. — O que sabemos um sobre o outro além da cama?

— Eu sei muitas coisas sobre você, Aria! Sei que se faz de durona, mas é uma casquinha de ovo! Se quebra fácil! Sei que por trás dessa advogada foda existe uma mulher louca para ser amada! Sei que você é capaz de tirar do próprio corpo para ajudar as pessoas! Sei que sofre de ansiedade e esconde isso para que as pessoas não debochem de você! E também sei que não pode existir melhor mãe para o meu filho! – eu a enfrento com o olhar enquanto ela se apavora diante da minha declaração. — Mas eu não conhecia esse seu lado perverso!

Tento passar, mas ela me impede colocando a mão no meu peito.

— Espera... – ela pede nervosa —, vou te mostrar uma coisa e depois você pode fazer o que quiser.

Fico parado e espero pelo que ela vai fazer. Ela se afasta e sai da sala, minutos depois volta com o celular na mão. Aria não diz

nada, só digita alguma coisa e coloca uma ligação no viva voz. Posso ouvir o toque do celular do outro lado.

— Aria? – é a voz de Luke.

— Sou eu, Luke – ela fala cansada sem tirar os olhos de mim —, pode me explicar o que foi que você fez?

— Do que está falando?

— Dessa merda toda que está na internet, Luke! – Ela fala brava. — Por que fez isso comigo?

— Aria... – ele parece bêbado —, puta merda, Aria!

— Eu te contei que estava grávida porque queria que você soubesse da gravidade da situação e esperasse até depois da passagem de ano para contar para os nossos pais, Luke – ela está com a voz embargada —, não foi isso que conversamos?

— Você é muito inocente, Aria. Cash vai ludibriá-la, vai convencer a ficar com ele e então, ele vai dar um jeito de ferir nossa família mais uma vez – ele fala enrolado —, não vê o plano?

Sinto um alívio imenso quando ele diz isso e sei que ela não está agindo nas minhas costas. O alívio é tão grande que tenho que me controlar para não jogar o celular contra a parede e abraçá-la.

— Plano? Qual plano?

— Desde o começo, Aria. Ele só quer foder com a sua vida para nos prejudicar. Ele fez isso com Ava. Ele a seduziu e depois de bater nela disse para todo mundo que ela o traía – ele choraminga —, você tem que acreditar em mim. Ava me ama! Ela me ama, Aria! Ela não me trairia dessa forma!

— Ela abandonou você para ficar com Cash, Luke. Já não é prova suficiente para falta de caráter dela?

— Não fale assim. O que foi que aquele desgraçado te falou?

— Ele não me disse nada. Eu só busquei as verdades na internet e se você pesquisar tem tudo lá, Luke. Inclusive no boletim de ocorrência que ela fez aqui em Boston contra o Cash. Ela estava com outro homem em casa...

— Mentira! – ele grita. — Mas já não importa. Passou e vamos acabar com ele, Aria. Nosso pai já deve estar sabendo e ele vai destruir o Boston King!

Aria balança a cabeça, chateada. Eu a vejo arrastar a ponta do sapato sobre o carpete.

— Luke, me ouça. Por mais que Cash tenha feito essas coisas que você diz, eu não sou como ele. Não vou jogar sujo, entendeu?

— Você não precisa, você é inocente. Deixe isso comigo. Vou acabar com a reputação dele. Vou destruir tudo!

— Sabe, Luke. Não foi o Cash que tirou a Ava de casa dessa vez. Foi outro cara. E se vingar no Cash não vai trazê-la de volta...

— Cala a boca! – Ele grita.

Perco a paciência e tiro o celular da mão dela.

— Olha aqui seu, merda...

— Cash? Onde está a Aria?

— Você está bêbado e tem sorte de estar do outro lado do país ou eu teria prazer em quebrar esse seu nariz! Nunca mais fale com a Aria assim, entendeu?

— Vou envenená-la contra você! Você vai pagar pelo que fez comigo! – Luke responde.

Aquilo é tudo que eu precisava que ele dissesse.

— Acredito que é você que quer vingança, não é?

— Sempre foi, seu bastardo! Ou achou que eu deixaria barato ter roubado minha namorada! Agora vou tirar a sua!

— Você é um idiota...

— Aria vai confiar em mim, ela é minha irmã...

Só um bêbado para se entregar dessa forma.

— E mãe do meu filho em primeiro lugar! – vocifero por entre os dentes, ele já disse o suficiente para provar que eu não sou o babaca da história. — E vou deixar algo bem claro e espero que se recorde quando esse porre passar, Luke! Não vou admitir que você ou qualquer membro de sua família a destrate, entendeu? Daqui para frente, ela está sob a minha proteção e não ouse me enfrentar!

E desligo. Estou ofegante quando termino e a fito por cima do ombro. Sei que soei exatamente como o meu pai. Mas por Aria vale a pena perder a cabeça.

Quando nossos olhares se encontram, sentimos aquelas velhas faíscas de antes. O desejo sempre esteve ali, ela só fingiu que não existia para se proteger enquanto eu me masturbei todos aqueles dias pensando nela o tempo todo, ficando louco, a

querendo comigo na cama outra vez, foder sua carne quente e ouvir seus gemidos implorando para que eu acabe com ela.

Eu me viro na direção dela e deixo o celular cair no chão quando ela corre e praticamente salta sobre mim. Sou pego de surpresa, mas eu a seguro pela bunda quando sua boca quente toca a minha com paixão. Um beijo carregado de saudade, da falta que fizemos um ao outro nesses dias. Estava louco por isso, só não imaginava que seria agora.

Bendito Luke por nos desgraçar! Ele acabou por jogá-la nos meus braços!

Devoro sua boca, cada parte do meu corpo lateja de fome por ela, preciso dela como jamais necessitei de outra mulher. Parece que estive sem comida no deserto e agora estou no paraíso. Exploro cada curva da sua boca, mordo seus lábios e os chupo, esquecendo tudo ao redor, ficando louco de vontade de fodê-la.

Ando com ela pela sala até encontrar um lugar para a apoiar, eu só preciso disso para me enterrar nela. Ouço seus sapatos caírem no chão enquanto caminho e fico puto por ela estar usando aquela maldita meia-calça, preciso me livrar disso. Eu a coloco sentada em cima do minibar da sala e os copos tremem com o seu peso, uma garrafa bate contra a outra. Afasto o suficiente para puxar aquela maldita meia-calça de lã junto com a calcinha. Abro a minha calça e empurro para baixo.

Seu rosto está corado e seus olhos semicerrados, tomados pelo desejo.

Ela me agarra pelo colarinho do casaco e beija minha boca de novo, me morde, geme quando minhas mãos a puxam pela cintura fina para a beirada, sua bunda fazendo um barulho ao deslizar depressa. Um gemido rasga a minha garganta quando ela segura o meu pau e acaricia.

Ergo uma das mãos e entrelaço em seus cabelos, fechando o punho firme e puxando-a para trás, para me encarar.

— Só não para – é tudo o que ela sussurra.

— Você acaba comigo, Aria... – devolvo e seguro seu quadril.

Abro mais suas pernas e deslizo a cabeça do meu pau pela entrada úmida. Então a penetro de uma vez e ela solta um grito de dor por estarmos a seco.

— Você é só minha – digo possessivo como jamais disse a outra mulher —, seu corpo é meu. Quero só você, Aria...

Eu a penetro numa estocada forte e profunda. Ela se segura nos meus braços e seus olhos buscam os meus. Aria desperta uma agressividade sexual em mim que não sou capaz de controlar. Beijo sua boca enquanto entro e saio de dentro dela como se estivesse insaciável. Posso ter essa mulher mil vezes, nenhuma será o suficiente para que eu me afaste.

— Como senti sua falta, Cash...

A desgraçada confessa de um jeito tão sexy que perco o controle e a abraço explodindo dentro dela, tenho um orgasmo tão intenso que é difícil definir. O primeiro delicioso orgasmo que sacude até a minha alma. Ela treme debaixo de mim, mas eu sei que não é o suficiente. Saio de dentro dela e enfio dois dedos nela.

— Cash... – ela ofega e se segura em mim como pode.

— Goza, Aria, eu sei que você não gozou direito... se entrega...

Minhas palavras a deixam perdida e ela joga a cabeça para trás, gozando enquanto enfio os dedos cada vez mais fundo e ela os comprime. Giro o polegar sobre o clitóris e ela explode revirando os olhos. Eu a observo guardando aquele momento para sempre. O jeito que Aria goza comigo.

Quando chegamos ao fim, ela está exausta, eu a pego no colo e vou me sentar com ela no sofá. Seguro seu queixo com uma das mãos e a obrigo a me encarar.

— Vamos começar do zero, Aria. Eu não a traí e você não me traiu...

Ela concorda.

— Do zero – ela se ajeita sobre o meu colo e meu pau reage sob aquela bunda gostosa —, meu nome é Aria Scott-Rhodes, sou advogada.

— Meu nome é Cash Maverick, sou sócio do Boston King.

— Estou grávida, Cash. – Ela me fita nos olhos.

— Vou ser pai do seu filho, Aria. – E solto a respiração de uma vez.

Ela sorri.

— É um bom começo – ela garante e controla a respiração.

— Vamos fazer dar certo.

— Sim... – ela responde e puxo a gola do seu vestido para baixo —, não íamos jantar com seu pai?

— Ele pode esperar, Aria – sussurro quando desço a boca sobre o seu colo e sinto o gosto da sua pele.


Aria

Capítulo 29

— Você fez a proposta? – Harper quer saber.

— Fale baixo – peço disfarçando e faço que não com a cabeça —, não precisou.

Sorrio para os homens que estão reunidos na sala da casa de Harper. Ela mora em um dos edifícios mais caros de Boston. Seth, seu marido, comprou de um empresário árabe. Estamos todos reunidos e faltam poucos dias para o Natal. Ainda não tive notícias da minha família, mas posso imaginar a fúria do meu pai. Na verdade, evito pensar sobre isso ou vou enlouquecer.

Estamos de pé na sala de jantar e Ellen está ajudando Harper a colocar os pratos sobre a mesa. Essa é a noite só dos casais. Nós quatro e nossos companheiros. Nunca imaginei que um dia isso fosse possível, que um dia eu teria alguém especial em minha vida e em tão pouco tempo. Dois meses que Cash entrou em minha vida para virar tudo de cabeça para baixo?

— E como se entenderam? – Mia pergunta fingindo ajeitar os garfos que já estão postos.

— Foi meu irmão Luke que mandou a notícia sobre nós para a mídia sensacionalista – conto.

Não tivemos tempo de conversar desde que tudo aconteceu. Eu e Cash ficamos fechados em casa, havia fotógrafos por toda a parte e ele conversou com David, seria melhor eu me afastar por uns dias, havia jornalistas até no escritório pedindo para falar comigo. Viramos o escândalo e a notícia do momento, afinal, era um dos donos do Boston King e a herdeira do Madison Lions. Um total desastre. Mas que repercutiu de forma positiva para o time, pelo menos para Cash foi.

Ele recebeu mais propostas de propaganda e até uma marca de fraldas queria fechar conosco e usar o slogan, filho de campeão usa fraldas. Se Luke pensou que fosse prejudicar Cash, isso realmente não aconteceu.

— Por que ele fez isso?

— Porque na verdade, quem queria se vingar era ele, e não o Cash – conto e elas assentem.

— E ele quase conseguiu separar vocês dois, não é?

— Uma grande confusão. Estou afastada do trabalho até janeiro. Tirei umas férias forçadas, não sei como vai ficar quando eu voltar.

— Eles não podem te demitir – Mia argumenta como a boa advogada que é.

— Não é sobre isso. É sobre confiança. Eu quebrei as regras, estava dormindo com o cliente, menti. Tudo isso tem uma repercussão negativa na minha ficha e na confiança que eles tinham em mim.

— E o que Cash acha disso? – Harper pega a garrafa de vinho e se serve numa taça. Ela oferece para mim e para Mia e nós negamos com a cabeça. Ellen aceita um pouco.

— Você ainda está amamentando? – Mia pergunta para Ellen.

— Não, infelizmente, meu leite secou. Não consegui amamentar muito tempo – ela fala chateada.

— Que pena! – Mia lamenta. — Espero amamentar um pouco pelo menos.

Elas terminam a conversa aleatória e voltam a atenção para mim.

— Você não respondeu minha pergunta, Aria – Harper me faz lembrar.

— Desculpa – eu balanço a cabeça —, o Cash não interfere nos meus assuntos, até porque ele é cunhado do David e sabe que vai me ofender muito se ele tentar me ajudar com essa situação.

Malone explode numa risada enquanto Cash está falando. Olho por cima do ombro e vejo todos os homens rirem com ele. Meu namorado, não sei do que o chamar ainda, é uma pessoa divertida e as pessoas adoram estar com ele. Eu amo estar com ele, porque ele me faz sentir à vontade.

— Ele sempre me pareceu bastante apaixonado desde o começo – Mia observa séria —, quando o chamamos para o meu casamento...

— Até hoje não acredito que vocês fizeram aquilo... – eu as repreendo.

— Se você não tivesse guardado segredo sobre ele e sua família, a gente não teria feito – Ellen se defende.

— Esse é o problema de guardar segredo das amigas, não é, Mia? – Harper a cutuca.

— Espero que um dia me perdoem, afinal, eu estou com o Malone! Vamos ter um filho! – Ela aponta para ele. — Como eu ia dizendo, quando chamamos o Cash para o meu casamento, ele topou na hora fazer essa surpresa. Foi uma grande coincidência você ter pegado o buquê!

— Uma pena que o perdi aquele dia – lamento.

Acabou caindo quando Luke me derrubou. Depois veio a chuva, e quando parou, não estava mais lá, a água tinha levado tudo.

— Por falar nisso, vocês já falaram de casamento? – Ellen quer saber daquele jeito atrevido.

— Não! Ficou louca? Por que falaríamos sobre isso?

— Casais apaixonados que vão ter filhos falam sobre casamento – Harper afirma com uma convicção inabalável.

— Falou aquela que queria esconder a gravidez do Seth! – jogo na sua cara.

— Mas depois mudei de ideia – ela se defende.

— Claro, quando ele te obrigou a casar – Ellen debocha.

Nós começamos a rir.

— Quem diria, nós quatro grávidas, não é? – Ellen olha de uma para a outra. — E agora vamos ser mães e nossas vidas vão mudar para sempre.

— Eu já contei que o Seth quer voltar para Londres, não é? – Harper comenta.

— Já disse – Ellen faz uma careta —, e Mia também já falou que Malone recebeu a proposta de trabalhar em Fort Hood, no Texas. Vai ficar só eu e a Aria aqui. – Ela faz beicinho.

— Não vamos sofrer por antecipação – Mia pede ao ficar emocionada também —, meu bebê tem que nascer e o de Aria também. Não saio de Boston sem ver meu sobrinho nascer.

— Espero que sim – aviso —, estivemos juntas todo esse tempo, as coisas não podem mudar agora...

— Não vão – Harper garante —, mas mesmo que eu esteja do outro lado do mundo, sempre seremos as Amigas Poderosas.

Sorrimos uma para a outra e logo estamos dando nosso abraço coletivo.

Logo nos juntamos aos homens e ficamos conversando e rindo a noite toda. Eu me sinto livre perto das minhas amigas e de Cash para ser quem realmente eu sou.

— Como vocês se conheceram? – Cash pergunta com curiosidade.

Seu braço está ao redor do meu ombro e eu me esforço para lembrar.

— A primeira pessoa que conheci foi a Mia – eu me recordo e aponto para ela.

Malone está sentado ao lado dela com a mão acariciando a barriga dela.

— É verdade, eu precisava melhorar minhas notas e soube que a Aria era excelente em tudo. Como o Oliver, meu ex-noivo, não tinha tempo para me ajudar, tive que correr atrás dela e pedir auxílio...

— E foi aí que começamos a conversar. Então combinamos de estudar e descobrimos que a fraternidade estava procurando novas moradoras e nos candidatamos. – conto —, como o Dickinson era membro da Delta Pi, ele nos indicou para a líder dessa fraternidade, a Zeta Alfa[25].

— Lembro que quando cheguei lá dei de cara com a Ellen fazendo cara feia para tudo e reclamando da bagunça – Mia conta.

Nós começamos a rir.

— Eu fui a última a chegar – Harper ergue a mão no ar —, eu não tinha dinheiro para a mensalidade da fraternidade, mas aí tinha naquela conta que todo mundo conhece a história[26].

— Eu e a Aria já tínhamos sido aceitas e fomos descobrir que a Ellen morava lá desde o início porque ela foi convidada por ser filha de um banqueiro – Mia debocha.

Ellen faz uma careta e revira os olhos.

— E eu sempre fui estilosa... – Ellen se gaba.

— Sabia John que a Ellen se vestia como uma patricinha quando a conhecemos? – Harper indaga.

Ele ri e balança a cabeça devagar.

— Sério? E por que a mudança para o hippie?

— Você sabe – ela encolhe os ombros, sem graça —, rebeldia contra a riqueza da minha família.

Todos riem.

— Acredito que todos se rebelam contra a família um dia – Seth observa com aquele ar de homem rico e poderoso que só ele tem.

— Você, querido? – Harper o questiona. — Não consigo imaginar você se rebelando contra o seu avô...

Seth é herdeiro de uma das famílias mais ricas do mundo. Todo mundo sabe que ele jamais se rebelaria.

— Estou só dizendo que toda a família tem...

John olha para o irmão dele, Malone. Fisicamente, eles são o oposto um do outro. Malone tem os olhos azuis, a pele mais clara. John tem a herança latina da mãe dele.

— Acredito que de todos nós – John comenta apontando para ele e o irmão —, só o Jimmy se rebelou.

Jimmy é o irmão mais novo deles que morreu em um acidente de moto.

— E a Maxine? – Harper pergunta. — Nós a vimos no casamento da Mia e não tivemos mais notícia.

Maxine era a antiga namorada do Jimmy. Quando ele morreu no acidente de moto, ela estava grávida dele e só descobriram agora que o menino tem seis anos. Ela mora no Texas.

— Está bem – Malone balança a cabeça —, estamos controlando para a senadora não fazer da vida dela um inferno, mas está difícil.

— Mas isso já é outra história – John pisca para Malone que sorri de volta erguendo a cerveja —, viva o Matthew, nosso irmão menos rebelde!

— Vocês são uma família de militares? – Cash pergunta para Malone.

— John é médico apesar de trabalhar como bombeiro, mas é um militar. Eu e Matthew seguimos a carreira por influência do nosso pai, o General MacBride.

— Deve ser interessante...

— Se for para servir seu país aqui, sim. Uma guerra não – ele garante.

— Malone foi herói de guerra – Mia passa a mão na perna dele e sua voz soa com orgulho.

Ele a fita de lado, Malone odeia se gabar disso.

— E você, Cash? – Seth se dirige a ele. — Você também é um rebelde?

— Sempre fui – ele garante e segura a minha mão —, gosto de nadar contra a maré.

— Você fez um grande negócio comprando as ações do Boston King. Soube que Kall está doente – Seth comenta.

— Ele tem passado momentos complicados – Cash comenta.

Ele e Kall se tornaram grandes amigos desde que fecharam negócios. O sobrinho de Kall tenta a todo custo desfazer a venda das ações na justiça, mas é impossível que ganhe a causa. Aquele idiota sabe que perdeu. Cash se afeiçoou a ele e tem o visitado toda a semana, ele o leva ao hospital para o tratamento e o leva de volta para casa. É como um ritual.

— Espero que fique bem... – Seth comenta.

— Eu também...

Mas nós sabemos que não. Ele tem piorado e o câncer está agressivo, não responde mais ao tratamento. Os médicos dizem que é só uma questão de tempo para que seu organismo entre em colapso. Mas o homem segue firme, caminhando todos os dias, quem olha para ele, mesmo estando mais magro, não imagina o quanto está sofrendo.

Acredito que a vida é assim, a gente nunca sabe o que os outros passam por debaixo da fachada que exibem.

Já passa de uma hora da manhã quando finalmente partimos. Está frio e Cash me abraça enquanto vamos para o carro e nos despedimos dos demais. Ele abre a porta para mim e agradeço. Quando ele entra, liga o aquecedor para equilibrar a temperatura, que tem caído muito nos últimos dias.

— Gostou do jantar? – indago enquanto procuro uma música no som do carro.

— Suas amigas são divertidas.

Fico feliz em saber. Dickinson sempre reclamava delas, dizia que falavam demais e nunca sabiam a hora de parar.

— Talvez eu faça um jantar em minha casa para recebê-los – pontuo.

Olho no visor do som e vejo: Spice Girls, *2 Become 1.*

— Você colocou minhas músicas aqui? – Aponto para o aparelho.

Ele dá aquele sorriso safado de lado enquanto dirige.

— Coloquei, algum problema para você?

— De jeito nenhum – falo enquanto a música soa no ar —, só estou surpresa.

— Mas eu prefiro essa... – ele passa para frente e começa a tocar Back Street Boys, *I Want I that Way.*

Começo a rir alto quando Cash começa a cantar.

— Você é um idiota – digo isso e lhe dou um beijo no rosto —, obrigada.

— Pelo quê? – Ele estranha.

— Por fazer tudo valer a pena...

— Você faz um boquete mais tarde e está tudo certo, querida. – Ele pisca para mim.

— Olha – eu aponto pela janela —, tem uma conveniência aberta!

— O que tem? – Ele passa direto.

— Não era nada, eu só senti vontade de comer chocolate.

Cash freia e por sorte estou de cinto de segurança. Ele engata a ré e volta com tudo o carro até estacionar na frente da conveniência. Sem esperar que eu diga nada, ele sai e corre para dentro do estabelecimento. Fico esperando ele voltar com uma sacola cheia de chocolates.

— Não sabia qual é o seu preferido, por isso peguei um de cada. – E coloca a sacola no meu colo.

Não sei o que dizer.

— Bem, era só um chocolate. – Fico sem graça ao ver aquela variedade.

— Minha mãe sempre diz que se a mulher passa vontade na gravidez, o bebê pode ter problemas – ele comenta e respira fundo satisfeito por ter me dado uma sacola de chocolates —, vamos garantir que isso não vai acontecer, não é?

Eu faço que sim com a cabeça, concordando com ele e então o abraço, puxando-o para um beijo apaixonado. O destino não poderia ter me dado melhor companheiro de presente.


Cash

Capítulo 30

— Tem certeza que quer ir? Está frio... – falo para Aria enquanto estamos no salão da igreja.

— Estou grávida, Cash, e não doente! – Ela reclama enquanto todos se reúnem para sairmos para entregar as marmitas de Natal.

— Você pode ir para a casa da Harper se quiser – comento preocupado —, juro que não vou me importar.

— Mas eu vou me importar. – Ela ajeita o gorro sobre a cabeça, os cabelos ruivos estão escondidos na bela trança.

Seguro o rosto dela entre as mãos e procuro por aqueles olhos azuis que me fascinam. Desde que fizemos as pazes, não temos dormido longe um do outro. Ou é na minha casa, ou na dela. A maioria das vezes é na minha casa. Ela e Sullivan estão se tornando melhores amigos e, várias vezes, ele espera a opinião dela para acatar alguma ordem que dou.

Tem coisas dela espalhadas pelo meu banheiro. O mais interessante são as coisas do trabalho, ela tomou meu escritório. Mesmo afastada, ela tem trabalhado sem parar, só não tem ido ao escritório, mas está fazendo tudo de casa. Eu e David concordamos que é melhor que ela fique longe até o escândalo da nossa união

ser esquecido. Ela tem tentado encontrar uma forma de ajudar Gaya e também conseguiu ajeitar as coisas para Stw com sua condicional. Agora, o aconselhou a procurar por um detetive e tentar reencontrar a ex-mulher e os filhos para voltar a ter contato com as crianças.

— Além disso, eu estou nessa paróquia há mais tempo que você, então vou sim ajudar a entregar as marmitas esta noite – ela insiste segurando meu casaco.

— Eu só não quero que se canse – justifico minha atitude.

— Não precisa ser superprotetor, Cash, eu estou ótima – ela dá um sorriso malicioso —, estava conversando com o padre Parker...

— E? – Quero saber aonde ela vai com essa conversa.

— Ele me contou que no dia da festa você pediu que ele me aconselhasse a doar sangue – ela revela.

— Padre linguarudo – digo e ela ri. Acabo sorrindo. — Não pode me julgar, eu só usei meios simples para ver você.

— Doar sangue?

— Foi uma ideia original. O caminhão estava lá, era uma boa ação e eu sabia que você não diria não ao padre Parker – confesso. — Eu sabia que nenhum de nós podia doar, Aria.

O sorriso dela se amplia.

— Você não presta, Cash...

Deus, estou excitado de novo e dentro da igreja. Eu me sinto um pecador, mas meu tesão por Aria não escolhe o lugar para surgir e fazer meu pau ficar duro. Respiro fundo e pigarreio.

— É melhor nos juntarmos aos outros porque estou pensando coisas nada recomendáveis sobre nós dois! – digo sério como se estivéssemos discutindo.

Ela ri e segura a minha mão.

Estamos saindo da igreja quando um ônibus para diante da igreja. Todos param para observar. A porta é aberta e Kall desce apoiando-se em uma bengala que ele vem usando há alguns dias, sua mobilidade está ficando mais difícil a cada dia, infelizmente. Ele sorri e me aproximo sem entender nada. Então, o time todo do Boston King começa a descer. Eles vão me cumprimentando um a um.

— O que está fazendo aqui? – pergunto surpreso.

— Eu achei que a igreja precisa de mais ajuda esta noite – Kall sorri para mim —, hoje é Natal.

Ele move a mão para trás do ônibus e para um caminhão.

— As pessoas não precisam só de comida, Cash – ele fala sério —, elas precisam de mais.

Franzo o cenho e dois homens abrem as portas detrás da carroceria do caminhão. Há cobertores, roupas, brinquedos para doar. Aria leva as mãos à boca surpresa e emocionada. O padre Parker se aproxima de Kall para agradecer e eu sorrio para ele em agradecimento. Logo, Stw também chega para se unir a nós e

passamos as próximas horas distribuindo comida e tudo que Kall trouxe.

— Vamos para casa? – eu pergunto à Aria quando chegamos ao fim e todos começam a se dispersar.

— Qual casa? – Ela ri. — A minha ou a sua?

— Podia ser a nossa. – Eu a encaro enquanto andamos pela calçada abraçados, meu braço envolto do seu ombro e seu braço na minha cintura.

— Nossa?

— É, podemos morar na minha casa por um tempo e ver como funciona...

Sei que se eu disser que vou me casar com ela, Aria vai surtar. Ela é defensora dos direitos de escolher o tempo para se casar quando é óbvio que vamos fazer isso. Eu a deixo pensar que está no controle. Por causa do excesso de ansiedade, ela tem essa obrigação de acreditar que está com as rédeas do universo nas mãos. Não estou sendo babaca, eu só a faço feliz e no fim consigo o que quero.

Se eu fizer diferente, ela surta e se afasta. E não consigo mais ficar longe dela. Estou obcecado de uma forma inesperada.

— Na sua casa? – Ela repete devagar, assimilando minha proposta.

— Sullivan cuida de tudo para nós, tem Roseta para cuidar das coisas da casa. Você só tem que trazer seus pertences e deixar

no closet – paramos de andar quando chegamos diante do meu carro e eu a encaro —, o que acha?

— Eu preciso pensar...

Sabia que ela ia dizer isso. Seguro para não rir da situação.

— Tudo bem, pense pelo tempo que precisar...

Mas eu sei que a partir de hoje, ela vai morar comigo. Abro a porta do carro e ela entra. Quando chegamos em casa, está tudo deserto. Sullivan está de folga e foi visitar parentes no interior. Roseta e Gaya foram para casa de uns amigos e é somente nós dois. Aria vai responder as mensagens pelo telefone e sei que fica triste porque a família não enviou nada para ela, e é a primeira vez que passa o Natal longe deles. Fico preocupado porque até agora nenhum dos Scott-Rhodes se manifestou sobre o que aconteceu e isso a está matando.

Ela está sentada no sofá e eu a vejo respirar devagar enquanto olha para a tela do celular. Tenho vontade de viajar até Los Angeles e quebrar a cara de Michael e sua família orgulhosa. O problema é que ele leva muito a sério essa rivalidade entre os times, e o que aconteceu comigo e Aria é uma traição imperdoável, ela está grávida do dono do Boston King.

Eu sempre fui o bad boy, então ser linchado por quem quer que seja não me faz mal. Porém, minha garota não nasceu para ser a odiada do papai. Eu me aproximo e me sento ao lado dela.

— Por que não liga para eles? Ou manda uma mensagem?

Ela ergue o olhar com surpresa.

— É tão evidente assim o quanto estou ansiosa?

Assinto.

— Mande uma mensagem ao menos.

— Não consigo – ela abaixa o celular e o joga na mesa de centro —, se eles visualizarem e não responderem, vou ficar pior. A culpa vai aumentar e vou ter crises de ansiedade porque sei que não querem me ouvir.

Algumas pessoas conseguem lidar com a rejeição, outras não, penso. Eu a puxo para mim até ela se sentar no meu colo.

— Vem aqui – a faço deitar a cabeça no meu ombro —, sinto muito pelo que tem passado. Mas não imaginei que iríamos tão longe quando a conheci.

— Nem eu – ela admite encolhida no meu colo —, pensei que seria só aquela noite, Cash.

— A culpa é sua por ser tão gostosa e ter uma boceta tão deliciosa – eu digo e ela ri.

Ela ergue a cabeça para me encarar, mas a campainha toca.

— Está esperando alguém? – Ela pergunta.

— Não, mas pode ser o meu pai – recordo —, ele me disse que havia comprado presentes para o bebê.

— Sério? – Ela ri saindo do meu colo e se erguendo. — Mas ele sequer nasceu.

— Você conhece Monty. Já contratou um engenheiro para construir um parquinho para seu futuro neto na propriedade.

— Ele não fez isso!

— Fez!

— Você realmente teve para quem puxar... – ela reclama e se vira para pegar o celular enquanto vou em direção à porta.

Quando a abro, eu me deparo com Michael Scott-Rhodes. Não nos encontramos muitas vezes, acredito que a última vez foi em Houston, no Texas, durante o campeonato há uns seis anos. O homem alto e ruivo cuja barba branca impera em seu rosto marcado pelas rugas, me fita com desprezo.

— Maverick – ele diz meu nome como se mastigasse abelhas —, onde ela está?

Não sinto raiva dele. Aliás, nunca senti nada. Só aversão, eles me odiavam de graça e eu devolvia o rancor na mesma moeda. A diferença é que me apaixonar pela filha dele me fez ver o quanto essa briga é sem sentido. O ódio não faz dos nossos times os melhores. Isso é resolvido na arena. Mas alguns costumes nunca vão mudar, foi o que Kall me disse e ele tem razão.

— Se veio machucá-la, ela não está aqui para você – digo sério.

Ele me mede dos pés à cabeça.

— Ela é minha mulher agora, Rhodes. Não vou deixar que a machuque, entendeu?

Michael move a cabeça surpreso com a minha reação.

— Quando disseram que realmente estava apaixonado por ela, pensei que fosse brincadeira de mal gosto...

Eu dou um passo à frente e saio da casa, batendo a porta atrás de mim. Não quero que Aria ouça o que vou dizer.

— Aria se tornou o centro do meu mundo – confesso o encarando com raiva —, se a ferir ou a fizer chorar, vou me vingar de você sem piedade. E não estou falando de morte e sangue, mas vou atrás de cada um dos acionistas do Madison Lions e vou fazer propostas e comprarei suas ações e me tornarei sócio do seu time apenas para destruí-lo. Se fizer Aria ter uma crise de ansiedade, vou comprar suas dívidas e sei que tem muitas. Se fizer Aria errar a batida do coração, vou perseguir sua família, cada um deles...

— Você é muito petulante de falar assim comigo, moleque!

— Não, eu sou o homem que ama a sua filha e vou protegê-la de qualquer um que ameace a sua felicidade – coloco o dedo em riste —, portanto, se não veio para desejar um feliz Natal e fazer as pazes com ela, pegue esse seu traseiro arrogante e volte para a Califórnia!

Nós nos enfrentamos com o olhar.

— Eu só quero conversar com ela – ele abranda a fala. — Você não pode me proibir de falar com a minha filha!

— Não. Mas posso te ferrar se estragar o Natal dela...

Olho para além dele e vejo a mulher que acabou de sair do carro. Deve ser a mãe de Aria. Volto o olhar para ele.

— Ela está aqui comigo, sofrendo de ansiedade porque não está com vocês em Los Angeles. Ela está grávida!

— Ela não é uma taça de cristal! – Ele resiste em aceitar que não é para magoá-la.

Glenda Fortson se aproxima e me cumprimenta.

— Oi, Cash – ela diz tranquila.

— Como vai, Senhora Rhodes – eu a cumprimento sisudo. — Aria é mais frágil do que parece ser – garanto —, vou deixar vocês entrarem, mas se amanhã ela tiver uma crise, eu vou te fazer pagar por isso, fui claro?

E sem esperar resposta abro a porta e espero que entrem. Eles entram e Aria surge no corredor.

— Quem é...

A frase morre quando ela dá de cara com os pais. Posso ver a maneira como seu corpo fica tenso e ela treme. Há certas emoções que é impossível que ela esconda. Michael não se move, mas Glenda corre em direção à filha e a abraça.

— Aria... – Ela a abraça com força.

Minha mãe sempre diz que amor de mãe de verdade não tem medida e cabe em qualquer momento, explode em mil fagulhas quando está diante de um filho. Uma mãe que carrega um filho no ventre por nove meses e o ama de verdade não consegue dizer não ao amor que sente em qualquer momento de sua vida. E vejo isso com meus próprios olhos. Elas se abraçam e começam a chorar.

Paro ao lado de Michael.

— Pode me ameaçar, Cash – ele diz olhando para elas —, mas Aria não deixou de ser minha filha. E se a magoar ou pensar

em abandoná-la, vou acabar com a sua vida – nós nos encaramos —, e sequer seu papaizinho de merda vai conseguir te proteger!

Sempre vai existir aquela animosidade, mas queremos a mesma coisa, proteger Aria.

— Acho que temos um acordo – concluo com sarcasmo —, queremos a felicidade dela.

— É o que parece, mas não confio em você! – Ele mantém as mãos dentro do bolso do casaco.

Aria se afasta da mãe e fita o pai.

— Se não a abraçar – murmuro sem mover os lábios —, vou quebrar seu banco de apostas no primeiro jogo do Madison no próximo ano.

Ele resmunga e disfarça para que Aria não perceba.

— Desgraçado... – o pai dela xinga da mesma forma antes de arrancar aquelas malditas mãos do bolso e abrir os braços para recebê-la.

Aria sorri entre lágrimas e corre para os braços do pai. Ele a abraça com força e carinho quando ela se aproxima e me fita com ódio. Aria sorri feliz e chora de emoção. Pouco me importo com o que vai acontecer comigo, desde que Aria esteja segura e feliz. Pago o preço que for, desde que ela fique bem.


Aria

Capítulo 31

— Respira, Aria – Cash pede devagar quando estaciona o carro na frente da casa de David.

— Estou respirando – digo ansiosa.

— Vai dar tudo certo.

— Eu não falo com ele e Bethany desde que descobri que estava grávida, sequer fui ao escritório pedir férias, eu só mandei um e-mail! – argumento me sentindo culpada.

— Eles não estão aqui para te julgar, não são seus patrões, é a minha família reunida...

Como se fosse algo fácil e que todo mundo adora fazer: conhecer a família do namorado. Eu só tive um, o Dickinson, então eu já conhecia a família dele quando começamos a namorar, foi fácil. Agora, é bem diferente. Vou conhecer a mãe, o padrasto e o outro irmão de Cash.

— Meu pai vai vir também, ele vai te fazer sentir à vontade. – Ele tenta me animar.

Como se o pai dele não fosse intimidador o suficiente.

— Me ajudou muito – ironizo.

Ele segura o meu queixo e me obriga a encará-lo.

— Precisa ficar calma ou vai ter uma crise na frente deles. – Ele se volta para mim.

— Estou tentando – argumento passando as mãos sobre a saia do meu vestido de inverno.

Nunca vi um janeiro tão frio. Estou grávida de dez semanas e minha barriga sequer começou a aumentar. A única diferença que senti foi no tamanho dos seios e o sono sem fim. Qualquer canto que encosto, eu acabo cochilando.

Cash solta o meu queixo e leva as mãos nas minhas. Elas são quentes e me trazem certo conforto.

— Fecha os olhos – ele pede.

— Cash... – reprovo, porque sei que fechar os olhos e respirar não vai resolver nada. Estou muito ansiosa.

— Fecha os olhos – ele insiste.

Fecho os olhos e respiro fundo em antecipação.

— Não pode abrir até eu mandar, está bem? – Ele exige e assinto impaciente.

Sinto sua mão na barra do meu vestido na altura dos joelhos e fico tensa.

— Cash...

— Quieta! Estou te ajudando a relaxar...

Seus dedos se arrastam pela minha meia-calça e engulo em seco. Meu corpo todo se arrepia quando ele faz a mesma coisa com a outra mão.

— Estamos na frente da casa da sua irmã – argumento quando as mãos sobem mais.

— O vidro do carro é escuro, ninguém pode nos ver – ele garante.

Solto o ar pelo nariz e tudo parece formigar quando ele abre mais as minhas pernas. Seus dedos alcançam o topo da meia-calça e a puxa para baixo me deixando na expectativa do que está por vir. O banco é reclinado para trás e sinto a boca de Cash sobre a minha.

— Está sentindo isso, Aria? – sua voz faz meu coração disparar e ele passa a ponta da língua sobre os meus lábios. — Sente o quanto eu gosto de tocar seu corpo?

Entreabro os lábios para puxar o ar mais depressa. Cash afasta minha calcinha para o lado e passa o dedo indicador por toda a minha extensão, separando os lábios grandes.

— Você está molhada assim por minha causa? – sua voz agora vibra contra a minha orelha e solto um gemido gostoso.

Estico a mão para tocar o volume em sua calça e ele morde a ponta da minha orelha e segue dando beijos até alcançar meu pescoço. Cash move contra a minha mão e se masturba, ele chupa meu pescoço com força quando seu movimento se torna mais intenso. E pensar que transamos há algumas horas hoje de manhã, mas nunca parece ser o suficiente.

— Eu ia só te chupar, mas agora vou ter que te foder, mulher – ele diz com a voz embargada e beija a minha boca.

Sinto o sabor de café misturado à menta e passo minha língua em seus lábios, provocando-o. Não sou a única que vai explodir de prazer dentro desse carro. Esqueço completamente onde estamos e o empurro para arrancar as botas e a meia-calça. Cash chega o banco do carro para trás e abre a própria calça, abaixo até as panturrilhas. Arranco meu casaco e ele se acaricia enquanto me movo para ficar em cima dele. Sempre achei transar no carro algo ruim, mas com ele é diferente, tem sabor de novidade, de luxúria.

Cash cospe na própria mão e leva ao pau para umedecê-lo. Apoio as mãos em seus ombros quando ele agarra minha bunda e me leva até ele e me penetra de uma vez, sem piedade. Só de ele me penetrar, sinto vontade de gozar. Ele investe em mim, violento, mordendo meu queixo, chupando meu pescoço. Eu vou ficar marcada mais uma vez, mas não me importo, eu só preciso gozar no pau dele.

Ele não para um segundo, remete sem parar até gozar forte, me apertando contra o seu corpo, afundando a cabeça no meu peito, jorrando dentro de mim. Minha carne o engole e tremo de prazer revirando os olhos me deixando consumir pelo prazer.

— Como eu preciso disso... – ele declara ofegante e se afasta para me encarar —, está mais calma, agora?

— Muito... – confirmo e sorrio para ele.

Cash dá um tapa na minha bunda.

— Então vamos entrar e nos divertir.

Minutos depois, entramos na casa assim que David nos recebe e entrego o casaco a ele.

— Não quer me dar o cachecol? – Ele pergunta.

— Não é necessário, estou com frio no pescoço – desculpo.

Cash me olha com diversão. O que ele queria que eu dissesse? Cash me deu uma chupada deliciosa e estou marcada? Babaca...

Bethany vem nos receber e me cumprimenta com simpatia. Pensei que eles me receberiam com certa tensão, mas estão todos relaxados pelo que parece. Sou apresentada à mãe de Cash, Athena, e o marido dela, Mitchell. Depois ao irmão dele, Bronson, e à esposa Kelly. Alex eu já conheço e o olhar de inveja dele sobre nós é inevitável, ainda mais quando Monty chega e trata Cash com muito amor, dá para ver que Alex se incomoda com a felicidade que rodeia o irmão.

— E como tem passado a gravidez, Aria? – Athena quer saber quando o almoço é servido.

— Está bem, fizemos o ultrassom essa semana e está tudo bem – comento.

— Já sabem o sexo do bebê? – Bethany pergunta sentada ao lado do marido na mesa.

— Ainda não – Cash responde —, vamos esperar mais um pouco.

Foi o que combinamos. Queremos fazer o quarto do bebê personalizado, então queremos ter certeza do sexo para não errar.

— E ele ou ela vai torcer para qual time, o Madison ou o Boston? – Alex pergunta de uma forma debochada, mas inconveniente.

— Claro que é para o Boston – Monty responde no lugar de Cash —, meu neto ou a minha neta vai torcer para o Boston King – ele me fita —, me desculpe, Aria, mas não posso permitir que ele torça para o Madison.

Eu apenas sorrio. Não me importo com esses detalhes bobos, depois do Natal, quando sentei com meus pais e contei exatamente o que aconteceu e eles compreenderam o meu lado e o de Cash, a vida se tornou mais leve. Eles viram que Luke também tinha sua parcela de culpa em sua obsessão por Ava. Claro que meu pai não estava totalmente feliz e eu senti certo ressentimento de sua parte, mas a influência da minha mãe sobre ele ajudou que as coisas ficassem mais leves entre nós.

— Não se preocupe, Monty – eu garanto —, eu sei que perdi esse jogo há muito tempo.

Cash sorri para mim e dá aquela piscada charmosa.

— E quando vai voltar ao trabalho? – Bethany quer saber.

O assunto que pensei em evitar, mas enfim, está na hora de aprender a enfrentar meus problemas de frente e deixar a ansiedade de lado.

— Minhas férias terminam essa semana, então, devo voltar para o escritório – e olho para David que assente.

— Deve ser estranho estar grávida do seu cliente – Alex provoca.

— Alex! – Bethany o reprova.

— Deixe o seu irmão! – Athena pede. — Eu já disse para ele buscar terapia sobre essa obsessão que ele tem de fazer a vida de Cash um inferno!

Alex fica sem graça e vira seu uísque de uma vez.

— Certas coisas são inevitáveis, Alex – Cash fala finalmente e todos se calam —, o amor é uma delas.

Fico tocada quando Cash fala assim. É a primeira vez que ele se refere ao nosso relacionamento usando a palavra amor. Toco sua perna e ele me olha com carinho.

— Eu não escolhi me apaixonar por Aria e ela não engravidou de propósito. Aconteceu... E nós estamos felizes com isso. Sinto muito se você não pode ficar feliz por mim, mas quero que respeite a minha mulher ao falar com ela ou vou quebrar seus dentes da próxima vez! E você sabe como é levar uma surra quando estou furioso!

Ele se refere a Ava. Cash não foi agressivo, apenas deu o recado. Monty sorri diante da atitude do filho e Athena também. Eu fico constrangida.

— Quem quer sobremesa? – Bethany pergunta quebrando a tensão.

— Eu – Bronson ergue a mão —, adoro doce.

Alex levanta e vai embora sem dizer adeus a ninguém. O problema dele com Cash é muito grande e tenho certeza que não vai se resolver da noite para o dia. É quase a mesma coisa que

Luke sente. Vejo que o pai do meu filho tem uma tendência a despertar o ódio das pessoas.

Ou o amor.

Um tempo depois, eu o procuro pela casa. As mulheres ficaram na cozinha ajeitando as coisas e os homens foram para a sala beber. Encontro meu marido conversando a sós com o pai dele perto das escadas.

— Novamente, eles estão atormentando Gaya – ele diz ao pai —, Aria está fazendo o que é possível para ajudar, mas tirar o nome daquele desgraçado da certidão é algo sério, exige tempo, é um processo moroso e as chances de conseguirem são pequenas. E o irmão dele está ameaçando Gaya e sua família.

— Essa garota me cheira problemas, Cash – o pai fala sério e preocupado —, é a segunda vez que me pede para tirá-la de problemas.

— Ela é um problema mesmo, mas faço isso por Roseta. A mãe morre por ela – explica —, Gaya sempre deu trabalho, mas há alguns anos está tentando andar na linha.

— Vou falar com seu primo, resolveremos isso – ele coloca o dedo em riste —, mas me deve um favor.

— Eu sei que sim – Cash fala cansado.

— Vou pensar no que cobrar de você – ele ergueu o queixo com orgulho —, talvez o segundo nome do seu filho possa ser Monty.

Seguro para não rir, bem que Cash falou que o pai exigiria isso se pedisse o favor a ele.

— Vou falar com Aria, não posso decidir isso sozinho. Mas se ela não quiser, vai ter que pensar em outra coisa, está bem?

— O que você quiser, filho – Monty diz com carinho e eles voltam para a sala onde os homens estão reunidos.

— Ouvindo a conversa atrás da porta, Aria? – a voz de David me assusta.

— David! – Eu me viro para ele com a mão no peito. — Desculpa, não foi minha intenção.

— Sei que não – ele sorri amistoso —, sentimos a sua falta no escritório.

Fico tensa ao falar com ele, mas não tem outro jeito.

— Tenho que pedir desculpas, eu menti para você quando disse que não tinha nada com Cash. Naquela época, não imaginava que as coisas entre nós ficariam tão sérias – admito, ansiosa —, sei da política do escritório e vou entender se você quiser me desligar...

Sinto um nó na garganta. Eu amo meu trabalho. Amo trabalhar no escritório de David Constantine e não queria perder tudo o que construí. Mas é o preço a se pagar por quebrar regras.

— Eu e Bethany conversamos sobre isso – ele fala sério —, decidimos que você merece uma advertência, mas tenho certeza que não vai voltar a acontecer. Eu conheço Cash e sei que quando ele quer uma coisa, ele não desiste, e imagino o quanto você teve que resistir.

Mal sabe ele que aconteceu na primeira noite, eu não resisti nada. Fico sem graça e ele prossegue.

— Seu lugar está lá, Aria. Nós gostamos do seu trabalho e não vou perder minha melhor advogada por causa de Cash Maverick – ele ironiza.

— Obrigada, não vai se arrepender de me dar essa chance – falo quase emocionada.

A gravidez tem feito com que eu chore à toa, mas tenho me controlado. Não posso permitir que as minhas emoções fiquem à flor da pele.

Quando me viro, Cash está parado à porta da sala. Bronson está falando com ele. Cash sorri para mim e dá aquela piscadinha antes de voltar a atenção para o irmão.

Às vezes me pergunto o que me fascinou tanto nesse homem. Não sei dizer exatamente o que foi, mas acredito que tem a ver com o coração do tamanho do universo que ele carrega no peito. Fico observando a atenção que ele dá a Bronson enquanto conversam e tenho certeza que meu querido bad boy na verdade é o homem mais incrível que conheci.

Estava errada sobre ele desde o começo. As aparências enganam. E muito.

E eu seria uma péssima detetive com as minhas conclusões precipitadas.


Aria

Capítulo 32

Alguns meses depois...

Não posso acreditar que Cash me trouxe ao show de retorno do *Back Street Boys*. Ele me enlaça pela cintura e agita o corpo contra o meu no ritmo da música. Eu me sinto tão segura nos braços dele, tão feliz, e não permitiria que nada ou ninguém estragasse nosso momento, nossa vida de novo. Eu o abraço com toda força que tenho e ele sente minha necessidade de mostrar que o quero para mim. Ergo o olhar para ele e me perco no brilho de seus olhos antes de ele tomar minha boca e me beijar sob o ritmo da música. É como se fosse um primeiro beijo, com a certeza de que não importa o que aconteça, nosso amor é para sempre.

Quando *I Want It That Way* toca, ele canta tão alto que as pessoas ao redor nos olham e riem. Depois ele me leva aos bastidores para tirar uma foto com os integrantes da banda. Eu só não grito como uma adolescente de quinze anos porque me controlo, mas é o que sinto vontade de fazer. Quando volto para perto de Cash, mostro a foto no celular para ele.

— Não é o máximo? – pergunto empolgada.

— Está feliz?

— Muito, muito...

Ele me comprime contra a parede de repente, colocando uma mão de cada lado do meu corpo.

— O que acha de irmos para casa e eu te foder ao som de Back Street Boys?

Começo a rir, mas estou muito excitada com essa proposta.

— Parece tentador, Senhor Maverick. – murmuro contra os seus lábios.

— Muito tentador, advogada – ele concorda e me beija mais uma vez antes de pegar minha mão e me puxar por entre as pessoas até conseguirmos chegar à saída e encontrar o carro.

Quando entramos em casa, Cash vem para cima de mim e me beija encostando meu corpo na parede do hall de sua casa, que agora é nossa. Sem perceber, fui mudando até que acabei por desfazer o contrato de aluguel da antiga casa. Fomos nos adaptando um ao outro sem perceber, sem forçar. Apenas aconteceu. Eu sou de Cash e ele é meu. Vivemos a rotina do meu trabalho e dos negócios dele. As reuniões intermináveis que ele tem e meus compromissos profissionais durante a semana. Mas de sexta a domingo nos desligamos de tudo para sermos um do outro.

Gosto de perceber como estamos nos tornando parte um do outro.

Ele lambe meus lábios, morde, esfrega seu corpo no meu. Ele me ergue, o abraço com as pernas e ele sai andando para o quarto enquanto continuamos a nos beijar. Cash me faz abaixar as

pernas, entrelaça as mãos nos meus cabelos e puxa minha cabeça para trás, me obrigando a encará-lo.

— Vou beijar cada parte do seu corpo, Aria – ele ameaça de um jeito muito gostoso. — Vou deixar minha marca em você...

— Você já deixou há muito tempo, Cash – murmuro tentando beijá-lo, mas ele me impede ainda segurando meus cabelos —, desde a primeira vez que me olhou, nunca mais fui a mesma.

— Que merda, Aria! – Ele fala com a respiração pesada. — Eu te amo.

Quase perco o fôlego quando ele se declara, é a primeira vez que faz isso. Sinto algo se quebrar dentro de mim. É impossível resistir.

— Também amo você – respondo antes das nossas bocas se encontrarem outra vez.

Meu bom senso vai para o espaço. Ele me devora com os lábios e começamos a tirar as roupas ao mesmo tempo em que nos beijamos e rimos. Cash é o primeiro a ficar sem roupa apenas com sua cueca boxer, e que corpo ele tem. Admiro cada parte dele, as tatuagens, as cicatrizes, eu amo tudo isso. Cada detalhe dele. Posso morrer fazendo isso que nunca vou me cansar.

— Como eu amo te olhar – declaro sem hesitação e muito excitada.

Um sorriso charmoso surge no canto esquerdo dos seus lábios. Estou sem a blusa. Ele se aproxima para beijar a curva dos meus seios e desprender o fecho da peça antes de tirá-la e lançá-la do outro lado do quarto. Minha risada some quando seus lábios

seguem o caminho até chegarem ao bico e ele passar a língua bem devagar primeiro em cima e depois ao redor, soprando logo em seguida. Um gemido escapa dos meus lábios e ele repete o mesmo movimento com o outro seio enquanto segura o anterior com a ponta dos dedos e o aperta.

Ele volta a boca para o primeiro seio e começa a beijá-lo e a chupá-lo. Nesse momento já estou esfregando minha virilha em seu pau duro. Cash começa a desabotoar minha calça e a empurra para baixo junto com a calcinha. Eu a tiro e a chuto para o lado enquanto ele segue com a língua pelo meu peito até alcançar o pescoço. Arqueio o corpo e ele me empurra contra a cama. Meu corpo cai sobre o colchão macio.

Ele me encara enquanto tira a própria cueca e depois acaricia seu pau e me chama com o dedo.

— Me chupa, Aria – ele manda.

O jeito que ele fala é tão sexy que não consigo resistir e no instante seguinte estou de joelhos diante dele segurando seu pau quente e descendo minha boca sobre ele. Ele geme gostoso quando começo a mover os lábios e olho para cima. Ele segura meus cabelos e move minha cabeça num ritmo mais intenso. Toco suas bolas, ele trava os dentes, me puxando pelo cabelo até eu ficar de pé na frente dele.

— Fez de propósito – ele acusa.

— Você pediu – devolvo tocando seu peito másculo.

— Eu só queria esquentar a noite. – Ele lambe meu pescoço.

— Ah, Cash... quero você...

— Você já me tem, Aria – ele fala e vai para o lado da cama; ao se deitar olha para mim daquele jeito lascivo que me deixa molhada —, monta na minha boca. Deixa eu te chupar gostoso.

Quem resiste a um pedido desses? Seus olhos azuis brilham carregados de desejo e tenho dificuldade em respirar. Sentindo meu corpo tremer, subo na cama e passo os joelhos em volta de seus ombros. Cash passa os braços em volta dos meus quadris, segura a minha bunda e me puxa para mais perto. Minha garganta está seca quando desço minha boceta sobre sua boca gostosa e quente. É o paraíso. Eu me apoio na parede acima da cabeceira e vou movendo devagar, mas Cash é mais ávido e passa a língua por toda a extensão e a enfia na entrada da minha boceta.

— Não vou aguentar – digo perdida de prazer.

— Nós sequer começamos – ele murmura antes de passar a língua por toda a extensão várias vezes.

É enlouquecedor o toque da língua. Ele faz o movimento várias vezes até parar no meu clitóris e acariciar em círculos. Sinto que vou gozar fácil. Então ele agarra meus quadris com força, me puxa para mais perto e começa a me chupar com vontade. É abrasador. Mal consigo respirar enquanto meu quadril se move de forma hipnótica, não posso parar ou vou enlouquecer, estou queimando de verdade, e mesmo assim preciso ir até o fim. É tão intenso que não sei explicar.

De repente, minhas pernas cedem e minha boceta está sobre ele, e eu louca para gozar. Agarro seus cabelos e esfrego para frente e para trás, perdida. Ouço apenas sua respiração entrecortada, parece que ele está sufocando, mas não me importo,

preciso gozar. Cash aumenta o movimento da língua ou sou eu que estou rebolando mais depressa, mas o gozo vem tão forte e avassalador que começo a chorar sem entender o que está acontecendo comigo. Tento sair de cima dele, mas Cash me mantém e vai me chupando mais e mais...

— Pare, por favor – choramingo.

Mas ele segue e meu corpo goza outra vez. Não posso acreditar que gozei duas vezes seguidas. Ele me solta e saio de cima dele caindo sobre a cama. Cash não me perdoa, vem para cima de mim e beija minha boca, sinto o meu sabor misturado ao dele.

— Ver você gozar desse jeito me deixou louco, Aria – ele fala e se coloca entre as minhas pernas —, vou me afundar dentro de você...

Sua boca desce para o meu pescoço e ele me chupa bem ali com força enquanto minhas pernas circundam sua cintura e ele sonda a entrada da minha boceta com a cabeça do pau, tomando cuidado para apoiar as mãos no colchão e não colocar o peso sobre a minha barriga. Ele se enterra em mim e não para, parece estar em todas as partes do meu corpo. Seu dedo está sobre o meu clitóris enquanto ele afasta o corpo para se mover dentro de mim. É quente e não quero que ele pare, quero que vá até o fundo e me faça gozar outra vez.

Cash começa a se mover mais rápido, seu pau todo dentro de mim, meu corpo o acompanha sem se importar com mais nada além do prazer. Ele goza, cai de lado e beija a minha boca devagar, erótico.

— Você me enlouquece, perdi o controle – confessa.

— É um tesão saber disso...

— Espero não ter te machucado. – Fica preocupado por causa do bebê.

Toco seus cabelos.

— Foi maravilhoso, Cash.

Cash beija minha boca antes de se erguer da cama e me pegar no colo. Vamos para o banheiro e ele liga o chuveiro. Segundos depois, estamos sob a ducha deliciosa. Ele pega o sabonete e lava meu corpo, acariciando minha pele como se eu pudesse desaparecer num passe de mágica. Me sinto especial e faço o mesmo com ele.

O celular começa a tocar em algum lugar e ele respira impaciente.

— Quem será agora? – pergunta passando o corpo debaixo d'água para tirar o excesso de sabonete do corpo.

— Eu vou ver.

Digo porque a música da Britney não para de tocar, então sei que é a Harper. Enrolo na toalha e ando depressa até o quarto, deixando um rastro de água por onde passo. Sei que Cash vai reclamar, mas nem ligo. Ele detesta a bagunça que sempre faço.

— Oi, Harper...

— Aria, você tem que vir para o hospital, Mia vai ter o bebê...

— Ai, meu Deus! Fico nervosa como se fosse eu a ter o bebê agora.

— Estamos aqui esperando você...

— Ela está bem? – pergunto preocupada.

— Está sim.

— Eu já vou – desligo —, Cash! – eu o grito e ele surge correndo com a toalha enrolada na cintura.

Acaba escorregando na água que deixei no meio do caminho e quase cai.

— Temos que ir... – falo nervosa.

— O que foi?

— Mia foi para o hospital, o bebê vai nascer...

— Eu pensei que fosse algo grave, Aria! – Ele fica bravo.

— Não é grave, mas é sério, precisamos ir, anda!

Começamos a nos vestir e eu coloco qualquer vestido e sandálias baixas. O filho de Mia nasceu algumas semanas antes do aniversário de um ano de George, o filho de Harper. Quando chegamos ao hospital, o parto já acabou. O pequeno Dylan é um menino lindo que veio ao mundo para trazer felicidade para todos nós. Deixo Cash na companhia de Malone, John e Seth e vou até o quarto ver minhas amigas.

Ficamos emocionadas quando nos vemos de novo. Estou grávida de quase vinte semanas e ando ansiosa com toda a expectativa de ter meu bebê nos braços.

— Ele é lindo! – digo à Mia e as outras concordam.

— Acho que se parece com Malone – ela diz com um sorriso de quem está exausta depois do parto.

— Logo é o seu, Aria – Ellen fala.

— Não diga isso, eu fico nervosa só de pensar...

— Não fique, depois que passar a dor, você vai querer ter outro, somos um bando de sem vergonhas – Harper garante e rimos.

— Vamos deixar você descansar – Ellen diz com carinho —, amanhã voltamos.

— Estou tão feliz – Mia sorri emocionada.

— Nós também.

— Então, me deem um abraço coletivo antes de irem, por favor...

Nós nos abraçamos e saímos em seguida. Malone entra e vou para perto de Cash.

— Almoço na minha casa amanhã? – Ellen propõe.

— Por mim está ótimo – Harper e Seth concordam.

— Nós estaremos lá – Cash responde por nós.

Vamos para o carro de mãos dadas e quando chegamos, ele me empurra contra o carro e me beija devagar.

— O que foi? – Eu o enlaço pelo pescoço.

— Ver o bebê deles me fez pensar no nosso – comenta.

— E?

— Tenho que admitir, Aria, nunca estive tão ansioso para ter alguém nos meus braços – ele confessa emocionado —, eu vou amar nosso bebê mais do que a mim mesmo, pode apostar.

Fico emocionada quando ele diz isso.

— Eu também, Cash. Eu também.

E o puxo para um beijo apaixonado, perdida de amor por esse homem.


Aria

Capítulo 33

— Cash, eu estou morta de cansaço! – reclamo quando ele me avisa que teremos de ir ao jogo aquela noite.

— Mas esse jogo é importante para mim... – ele insiste —, é bom para os negócios.

Estou cansada de verdade. Tive duas audiências e a única coisa que quero fazer é tomar um banho e me deitar. Mas vejo a obstinação em seu olhar. Quero matá-lo. Ele tem ido em alguns eventos sem mim, mas tem outros dos quais ele não abre mão.

— Vai fazer isso comigo? – faço chantagem emocional.

Ele me fita impassível:

— Sim... – e vai em direção à porta do quarto —, estou esperando por você. Temos uma hora para chegar no estádio. É a noite mais importante da minha vida...

Diz e sai.

— Dramático! – faço uma careta falando sozinha. — É a noite mais importante da minha vida...

— Eu ouvi! – Ele grita do corredor.

— Babaca! – xingo e respiro fundo.

— Eu ouvi!

Mostro o dedo do meio, mas ele não está vendo. Troco de roupa de forma letárgica. Coloco uma calça de ginástica preta e uma camiseta branca. Prefiro meus tênis para aliviar a dor dos pés que usaram sapatos fechados o dia todo para ficar elegante. A vida de uma mulher não é fácil, grávida então se torna um pesadelo.

Cash está me esperando no carro e entro, batendo a porta com força. Ele me fita de lado, mas não diz nada. Cruzo os braços depois de colocar o cinto de segurança e vamos em silêncio até o estádio que está lotado. É o jogo do Boston King contra o Golden Warriors. Não estranho quando encontro Stw nos bastidores, enfiado na área VIP, vestindo a camisa do Golden e o rosto pintado de verde e vermelho.

Eu o cumprimento de longe, mal-humorada por ser deixada ali sozinha enquanto meu marido vai falar com Kall. Vou para a área onde as esposas dos outros jogadores costumam ficar. Não sou muito sociável, eu apenas aceno e me sento num canto, louca para esticar minhas pernas e dormir. De onde estou posso ver o estádio lotado e tudo preparado para o início do jogo.

— Você não quer se sentar com a gente? – a esposa de um deles me pergunta. Ela é alta, loira e sexy. Parece uma modelo de passarela.

— Eu não quero atrapalhar – desculpo —, estou exausta e vou dormir antes da metade do jogo. – Passo a mão na barriga justificando meu cansaço.

— Eu sei como é. Nas minhas quatro gestações eu dormia como uma rocha – ela conta.

— Quatro? – pergunto surpresa. Eu tenho certeza que vou ficar somente nessa. Não dou conta de outra gestação.

— Eu fui mãe muito nova – ela me conta e se senta ao meu lado no sofá confortável —, tinha só dezesseis anos.

— Entendo – comento.

— Daí tive outro aos dezoito, depois aos vinte e um ano passado.

Imagino que ela não tenha mais que trinta anos.

— Corajosa! – Sorrio. — Eu não sei se aguento outra gravidez.

— A gente sempre diz isso até acontecer novamente! A propósito, meu nome é Maryanne. Sou esposa do treinador.

— Eu sou...

— Aria – ela completa com um sorriso simpático —, todas nós sabemos. Nós admiramos muito você, sabia?

— Admira? – Não entendo.

— Você enfrentou seus pais para ficar com o Cash. É meio que uma mistura de Romeu e Julieta moderna, sabe... eu achei incrível quando todos os jornais falaram que você abriu mão da sua herança para ficar com ele...

Não foi bem assim, os jornais estavam exagerando como sempre. Eu não abri mão de nada, mas a mídia gosta de construir

uma história trágica ao redor da verdade. Do mesmo jeito que chamam Cash de bad boy e ele não é. Não do jeito que pintam.

Ela faz sinal e todas as outras vêm sentar ao redor de mim, parece que estavam esperando que Maryanne as chamassem. Sou apresentada a elas. A culpa é minha de ter demorado a acontecer. Sou muito séria e acabo impedindo que as pessoas se aproximem. Elas falam todas ao mesmo tempo, fazendo perguntas e falando sobre suas vidas. Eu ouço, falo vez ou outra e vou relaxando até o jogo começar.

Contudo, nenhum sinal do meu marido. Olho ao redor e forço um sorriso para Maryanne que está excitada com o jogo. Ela parece gostar muito de futebol e entender bastante do assunto, não fala nada que seja absurdo e sabe o papel de cada um no campo. O jogo, como de costume, dura sessenta minutos. Por fim, o Boston King vence o Golden e todas comemoram se abraçando. Eu as observo escondendo o quanto estou chateada por Cash ter me levado ao jogo para me deixar sozinha o tempo todo.

Ele poderia ter me deixado descansando em casa. Sinto vontade de chorar de raiva. Nessas horas, quero pegar o Cash e quebrar seu pescoço.

— Vamos descer para o campo, Aria. – Maryanne segura a minha mão.

Fico sem graça de dizer não. Forço um sorriso e levanto, acompanhando todas até o campo onde os jogadores estão comemorando. Ficamos na entrada para o vestiário. Eu paro e me encosto na parede, não consigo deixar de sentir esse mal-estar por ter sido deixada de lado. É a primeira vez que ele faz isso e não o

vejo em lugar algum. Mordo a bochecha por dentro e penso que talvez eu deva ir embora sozinha.

É uma sensação tão estranha. Estou pronta para partir. Cruzo os braços e olho ao redor mais uma vez buscando por ele. Nada. Cash sumiu. Eu me viro pronta para partir, ressentida, claro. Ele vai ter que me explicar direitinho que brincadeira de mau gosto foi essa. E deixei meu celular no carro, não posso mandar mensagens para as minhas amigas e chorar no ouvido delas que Cash me abandonou depois de me obrigar a ir num jogo que eu não queria estar presente.

— Aria Fortson Scott-Rhodes...

Escuto meu nome ser dito no microfone do estádio. Ele se repete e então paro onde estou. O estádio vai ficando silencioso enquanto me viro devagar. As pessoas paradas na entrada do vestiário vão abrindo passagem até formar um túnel em direção ao gramado.

Vejo Maryanne sorrir para mim e mover a mão para que eu me aproxime. O bebê mexe na minha barriga, sentindo a minha tensão. Eu mal consigo respirar.

— Vamos lá, Aria... – é a voz de Cash.

O que ele está fazendo?

Vou olhando para aquelas pessoas enquanto subo as escadas outra vez e o gramado surge diante dos meus olhos. Meu corpo todo treme quando vejo Cash parado bem lá no meio.

— Vem aqui, Aria – ele diz ao microfone.

— Vai lá – as meninas me incentivam.

Toda a minha vida, lutei para não ser o centro das atenções, mas Cash não está ajudando nesse plano. Mesmo tremendo, eu piso sobre o gramado e vou caminhando até ele. Olho ao redor e vejo aquela multidão ao redor de nós, parece que vou ser engolida pelo estádio. Ele está parado, me esperando.

— Cash... – minha voz falha e engulo em seco.

Ele está segurando uma caixa média em uma das mãos, e diferente da camisa que estava usando quando saímos de casa, Cash veste agora a camiseta do Boston King.

Fico parada dura, sem saber o que fazer.

Cash se ajoelha diante de mim e me oferece a caixa vermelha um pouco maior que a mão dele. Eu estico a mão para pegá-la.

— Abra – ele pede.

Estou tremendo tanto que tenho dificuldade em abrir a caixa. Diante dos meus olhos surge um anel solitário envolto pelas pétalas de rosas do buquê de Mia.

— O buquê – eu murmuro emocionada.

— Eu peguei as flores, Aria – ele fala ao microfone —, naquele dia, eu tive certeza que queria ficar com você de verdade. Então, eu guardei para hoje poder te perguntar: Aria, você quer compartilhar da sua boa sorte em ter pegado o buquê e se casar comigo?

Começo a chorar. As lágrimas são livres. O que eu posso dizer? É a coisa mais linda que eu já vivi na minha vida.

— Sim, claro que sim...

Ele se levanta e beija a minha boca, deixando o microfone cair no chão. Cash se afasta o suficiente para tirar o anel da caixa, noto que sua mão também está tremendo. Ele pega minha mão esquerda e coloca o anel.

— Eu amo você, Aria...

— Eu também amo você, Cash...

E nos beijamos. O estádio ovaciona aquele momento e escuto o narrador dizer:

— Mais um touchdown de Cash Maverick!

Rimos contra os lábios um do outro e logo os jogadores, Maryanne e as outras vêm me cumprimentar e estamos rindo da situação, parece que todo mundo sabia, menos eu. Nunca poderia imaginar que por trás do homem atrevido existia também um romantismo ímpar.

Horas mais tarde, deitada na minha cama, com a caixa com as pétalas na cabeceira, eu conto às meninas o que aconteceu. Estou encostada nos travesseiros, Cash apagou do meu lado. Fiquei tão agitada com tudo o que aconteceu que não consigo dormir.

Ellen: eu já sabia.

Harper: nós assistimos.

Mia: foi lindo @aria.

Eu: ele guardou as flores do buquê da Mia...

Ellen: romântico.

Harper: o homem da sua vida.

Mia: histórico.

Cash se vira na cama e me fita de forma sonolenta. Ele havia dormido primeiro, enquanto eu pareço a louca da insônia.

— O que está fazendo? – sua voz soa arrastada.

— Falando com as meninas. – E mostro o celular.

Ele sobe a camisola.

— Cash...

Ele ignora meus protestos e se vira em direção à minha virilha. Meu coração quase para quando penso no que ele quer fazer. Cash coloca a mão entre as minhas pernas e sobe lentamente. Ainda segurando o celular, observo atentamente o que ele está fazendo, a forma como seus dedos acariciam a entrada da minha boceta. Meu clitóris pulsa e não consigo pensar direito.

— Está tarde – eu nem sei por que digo isso.

Minhas pernas se abrem mais para deixar que ele me toque.

— Ergue uma perna, meu bem – ele manda.

Engulo em seco e faço o que ele exige. Cash me encara com aqueles olhos verdes lindos.

— Eu já falei que amo te chupar?

Oh, meu Deus.

— Sim...

— E você gosta? – Seu dedo atrevido acaricia mais fundo. Eu o sinto invadir minha carne devagar.

Não consigo responder, tem uma trava de tesão na minha garganta. Ele se inclina e cai de boca em mim. É tão indecente que fecho os olhos e agarro seus cabelos, não consigo me controlar. Puxo a camisola para cima e tiro tudo. Agarro o meu seio e aperto os mamilos enquanto a boca quente me escraviza. Uma vida toda para descobrir que sim, existem homens bons de cama e eles são capazes de tudo para te seduzir e te fazer escrava sexual deles.

E eu adoro ser submetida ao prazer que Cash me dá. Eu me sinto vulnerável de um jeito bom. O calor em meu corpo é um tormento. A boca quente, a língua firme que gira e chupa, eu me perco, estou movendo o quadril, perdida.

— Eu adoro seu gosto, gostosa! – ele sussurra e segue chupando.

Estou muito sensível. Cash Maverick é a tentação em pessoa e estou perdida de tesão por ele. Meu futuro marido e pai do meu filho. Não vou sobreviver a isso se continuarmos nesse ritmo.

— Preciso de você, Cash, por favor...

Fecho os olhos com o meu corpo ardendo em chamas. A forma como ele me chupa, beijando o clitóris, girando a língua firme em círculos enquanto os dedos me possuem batendo fundo. Eu perco totalmente o controle e aperto meus seios com força até

gozar. Fico exausta e ofegante. Cash se ergue para beijar a minha boca.

— Pode continuar a sua conversa – ele diz com malícia antes de sair da cama e ir em direção ao banheiro.

Eu jogo o celular de lado e o sigo como uma fera esfomeada. Sei que não vamos dormir tão cedo essa madrugada.


Cash

Capítulo 34

Aria está olhando para o anel solitário em sua mão esquerda. Tiramos todas as fotos possíveis e imagináveis desde que dissemos sim diante do padre Parker. Ele está num canto, bebendo seu vinho e olhando as pessoas se divertirem. É praticamente da família.

— Arrependida? – Eu murmuro próximo ao seu ouvido.

Ela se arrepia toda e encolhe o ombro junto ao pescoço. Gosto de saber que ainda tenho o poder de despertar o tesão dela.

— Muito arrependida – ela ironiza e leva os dedos até o meu rosto.

— Você ficou um tesão vestida de noiva, sabia? – eu a elogio enquanto a fito dos pés à cabeça.

— Estou parecendo uma pata... – reclama.

Aria queria ter esperado o parto em junho, mas eu não aguentei esperar e adiantei nosso casamento, claro, no estádio do Boston King. Claro que meu sogro está sentado do outro lado do salão de festa com cara de poucos amigos, os braços cruzados, olhando tudo ao redor com desprezo, enquanto minha sogra dança com os convidados e se diverte. Kall está sentado do outro lado, infelizmente, em uma cadeira de rodas, ele perdeu praticamente toda a mobilidade e já não fala mais ou estaria tirando sarro de

Michael Scott-Rhodes. Mesmo com Kall à beira da morte, Michael não desce do seu pedestal de orgulho para deixar seu inimigo à vontade.

— Você está linda – eu elogio olhando nos olhos dela —, nenhuma mulher aqui chega aos seus pés...

Ela sorri e a covinha se forma em seu rosto. Ergo o dedo para acariciá-la. Vamos ter uma menina e decidimos que ela vai se chamar Anna. E espero do fundo do meu coração que Anna tenha essa covinha que a mãe dela tem. Ela sequer nasceu e eu a amo do mais profundo do meu coração. Fizemos o quarto dela com tema de futebol, mas todo rosa.

Fizemos uma festa para os amigos mais chegados e família. Meu pai e meu primo estão presentes e noto que Oz não tira o olho de Gaya. Sei que meu pai deu um jeito de resolver os problemas dela com a família de John Gordon e isso acabou os aproximando, mas o olhar de Oz não significa boas intenções. Mas eu não tenho nada com isso. Gaya que vença suas próprias batalhas, porque ela também parece interessada.

— Exagerado... – ela responde sem graça.

— Posso gozar na mão só de ficar te olhando com esse vestido – garanto com a voz embargada.

Ela fica sem graça e olha ao redor para ter certeza que ninguém nos ouviu. Estamos sozinhos em nossa mesa e estão todos se divertindo ao som da banda que contratamos. Os irmãos dela também estão presentes, menos Luke, o irmão revoltado e que se sente traído por Aria porque ela aceitou ficar comigo. Sei que ela

fica chateada, mas pelo menos, ele parou de encher o saco desde que o ameacei antes do Natal. Agora ele tem que sofrer sozinho ou arranco sua língua fora.

— Você não vai jogar o buquê? – Mia pergunta à Aria.

— É claro. – Aria me olha mais uma vez antes de ser levada pelas amigas.

Elas tiram fotos e depois ela joga o buquê e Gaya o pega. Algumas pessoas ainda não se acostumaram com a queimadura em seu rosto, mas ela mantém escondida a maior parte do tempo pelos cabelos compridos. Roseta só balança a cabeça, desolada. Gaya está olhando para Oz, Stw tenta se aproximar, mas ela sequer dá moral para o meu amigo.

— Como se sente preso a uma única mulher? – a voz de Alex soa ao meu lado.

E aí está meu irmão mal resolvido. Fico de pé e o encaro sem paciência alguma.

— Eu não estou preso, Alex. Eu estou casado com a mulher que amo... deveria procurar uma e fazer o mesmo. O amor rejuvenesce.

Vejo minha mãe e meu padrasto dançando no meio do salão sorrindo um para o outro, eu me pergunto se vou envelhecer com a mesma energia ao lado de Aria.

— Eu decidi ir embora – Alex chama minha atenção outra vez.

Olho para ele com atenção.

— Ir embora? Para onde? – Não entendo.

— Recebi uma proposta de emprego no Canadá, vou gerenciar uma empresa de cosméticos – ele conta.

— Parabéns – falo sincero —, espero que encontre sua felicidade, Alex. Tenho certeza que longe de mim, tudo vai dar certo.

Ele apenas assente. Sempre vai existir essa rusga entre nós. Sou o filho bastardo sortudo, enquanto ele ficou sem nada: sem um pai que o ame, sem dinheiro. Não é motivo suficiente para ele infernizar minha vida como sempre fez, mas é o limite dele. Alex nunca conseguiu superar o fato de que Monty é meu pai, e não dele. E que eu sempre tive sorte, mesmo sendo um babaca.

— Obrigado. Vou partir em dois dias.

— Faça uma boa viagem – digo apenas.

Ele assente e se afasta. Espero que quando o reencontrar, ele esteja feliz o suficiente para esquecer essas tolices que colocou na cabeça. Cansado dessa festa toda, eu me aproximo de Aria e digo ao seu ouvido.

— Vamos embora?

Ela se afasta de minha irmã Bethany e murmura para mim:

— Agora? Mas mal começou...

— A festa é para os convidados meu bem, os noivos vão fazer festa em outro lugar... – digo com malícia.

— Quero me despedir dos meus pais, primeiro – ela exige.

— Tudo bem.

Aproximamos de Michael e Glenda.

— Mãe – ela toca o braço de Glenda —, estamos indo.

— Ah, querida, fico feliz. Foi um casamento maravilhoso!

— Obrigada. – Elas se abraçam.

Eu cumprimento Glenda e Aria abraça o pai. Depois é a minha vez de ficar à frente com ele.

— Agora sua filha é uma Scott-Rhodes Maverick Adler – eu debocho e começo a rir —, como está o seu dia, Michael?

Ele me fita com desprezo:

— Sempre vou me arrepender de não ter mandado te matar quando venceu o Madison pela primeira vez – ele fala amargo.

— Valeu, sogrão! – Eu sequer estendo a mão. — Nos vemos no próximo campeonato.

Ele resmunga e me afasto. Aria está se despedindo das amigas. Acabamos levando quase uma hora para sair da festa, ela quis dizer adeus a todas as pessoas. O que era para ser algo discreto, se tornou evidente. Quando entramos no carro com a escrita de recém-casados atrás, todos estavam na porta do salão prontos para acenar.

— Pensei que era apenas um tchau para o seus pais – reclamo.

— Não podia sair da festa sem me despedir de todos, Cash – ela justifica —, seria falta de educação.

— Não me importo de ser mal-educado.

— Você nunca se importa de ser mal-educado! – Aria responde impaciente.

— Vamos ter nossa primeira discussão depois de casados?

Ela começa a rir.

— Tudo bem – respira fundo —, eu só preciso tirar esse vestido, tomar um banho e relaxar. Estou cansada de verdade.

— Adoro quando me convida de forma indireta. Esse seu lado tímido é um tesão – admito.

Ela dá um pequeno sorriso enquanto dirijo em direção ao hotel. Sullivan reservou uma suíte para nós dois. Nós subimos e meu celular toca.

— Preciso atender. – Mostro o visor.

É de um dos restaurantes Laconia e eles nunca me ligam, então deve ser sério. Aria me dá as costas para eu abaixar o zíper de seu vestido. Faço isso sem dar muita atenção e ela se vira para mim.

— Vou tomar uma ducha...

Assinto e ouço que tivemos uma explosão em uma das cozinhas de Chicago. Peço para o gerente ligar para os meus advogados e ver o que pode ser feito. Dou o telefone de David, ele vai ter que sair da festa mais cedo para resolver. Faço mais duas ligações e quando volto para o quarto, Aria está dormindo de roupão sobre a cama. E eu nem demorei tanto assim.

Mas eu compreendo ela estar muito cansada. Os últimos dias foram extremamente cansativos para ela e a gravidez está

chegando ao fim, faltam dois meses para o parto, ela está mais lenta, a energia sendo consumida pelo bebê. Eu não a acordo, a deixo descansar e vou tomar minha ducha. Aria só acorda quando é noite e acredito que seu estômago reclamou de fome.

— Já serviram o jantar? – ela pergunta confusa limpando a baba da boca.

Ela babou enquanto dormia.

— Vou pedir para nós – aviso e pego o telefone interno para fazer o pedido.

— Perdoe-me se dormi, Cash, eu simplesmente não aguentei – lamenta e se encosta nos travesseiros e no meu ombro.

— Está tudo bem. A noite é uma criança...

Ela segura a minha mão e olha o anel no meu dedo esquerdo.

— Até agora não acredito...

— Que nos casamos? – completo.

— Não, que me tornei a Senhora Maverick – ela dá uma risadinha —, e que vou ter um filho seu.

— Uma filha – corrijo —, e ela vai ter os seus cabelos cor de fogo.

— E seus olhos verdes.

Ela se afasta do meu ombro e me encara.

— Jamais, aquela noite em que o tirei da cadeia, eu poderia imaginar que me casaria com você, Cash...

— E eu só queria te foder gostoso...

Nós rimos. Acaricio seu rosto com a mão e a seguro pela nuca.

— Eu me sinto vivo ao seu lado, Aria, e mais nada importa.

Ela suspira devagar. Aria se estica e beija a minha boca.

— Aria... – sussurro contra a sua boca, completamente excitado.

O que era para ser um simples roçar de lábios se torna um beijo apaixonado. Sua pequena língua invade a minha boca e sinto um desejo forte. Agora ela é minha esposa. Minha. Ela não me dá a chance de pensar, enfia as pequenas mãos debaixo do meu roupão e agarra o meu pau. Adoro quando ela toma a iniciativa. Devido à barriga de Aria estar cada vez maior, eu evito fazer sexo selvagem para não machucar ela e o bebê.

Abro meu roupão e ela monta em cima de mim.

— Aria – digo seu nome de novo antes de ela beijar a minha boca e se preparar para descer sobre o meu pau.

Eu a faço lamber meus dedos e os levo até seu clitóris. Ela solta um gemido e começa a se mover depressa. Abre os olhos e me fita com paixão, perdida, subindo e descendo louca para gozar.

— Só preciso gozar – ela diz desesperada —, sonhei com isso, Cash... eu preciso gozar...

Abro seu roupão e tomo o seio na boca, chupando gostoso, provocando-a. Ela segue rebolando no meu pau.

— Por favor, Cash... – ela implora.

O pedido dela me mata e agarro sua bunda para foder com força. Seus gemidos se tornam mais intensos, seus lábios encontram os meus e ela beija a minha boca e sinto seu corpo ficar rígido em cima do meu e ela ofega com força contra os meus lábios enquanto goza. A sensação dela melada me faz perder o controle e gozo também sem conseguir me conter.

Ouvimos batidas na porta.

Ela ri e eu também.

— Acho que o jantar chegou – ela comenta e sai de cima de mim.

Respiro fundo e salto da cama. Aria segura a minha mão por um instante e eu a encaro.

— Eu amo você... – ela sussurra e sorri.

— Também amo você, Senhora Maverick – eu a provoco. Inclino para roubar mais um beijo e vou assoviando abrir a porta.

Nunca pensei que uma única mulher me faria feliz.

Jamais pensei que minha história com Aria Fortson terminaria assim: que a mulher que eu deveria odiar, seria o amor da minha vida.


Aria

Epílogo

Oito anos depois...

— Anna, Rosemary e Robert! Para dentro do carro, agora!

A voz de Cash soa como uma tempestade. As crianças param de brincar no jardim e correm para dentro do carro. Anna está com oito anos, Rose com seis e Bob com quatro. As meninas têm os meus cabelos, mas os três herdaram os olhos verdes e astutos de Cash. Ele fecha a porta enquanto eu afivelo o cinto.

— Está pronta? – ele pergunta.

— Prontíssima.

Se existe uma mulher sobre a face da Terra que nunca se atrasa, sou eu. No dia do meu casamento, cheguei meia hora mais cedo para a cerimônia e Cash sequer havia chegado ao estádio. Abro a janela do carro e deixo o vento fresco bater contra o meu rosto. É tão bom um dia de folga, ainda mais quando vou reencontrar minhas amigas.

Ligo o som e começa a tocar Taylor Swift, *This is Love*. Sorrio para Cash que sorri de volta por trás de seus óculos escuros que o deixam um charme. Vamos direto para a casa da Ellen. Assim que

chegamos as crianças correm para brincar com Melody, de nove anos, e Melissa, de sete anos. Abraço minha amiga que agora tem os cabelos mais compridos do que sempre usou.

— Onde está a Melanie? – pergunto enquanto Cash vai falar com John.

— A aniversariante está se arrumando.

Dezoito anos. Melanie tinha expectativa de vida de não passar dos dez anos por causa de uma doença degenerativa e agora está com dezoito. Como o tempo passa depressa. Encontro Mia na cozinha e nos abraçamos. Ela e Malone vieram apenas para esse evento familiar. Eles ainda moram no Texas. Dylan está no quintal e as crianças se juntam a ele e ao irmão de cinco anos, Donovan.

— Onde está a Harper? – pergunto olhando ao redor.

— O avião atrasou para aterrissar em Boston, eles já estão chegando – Ellen fala.

Eu começo a ajudar minhas amigas a organizar tudo. Os homens estão tomando cerveja e jogando sinuca quando ouvimos um grito de alegria vindo de fora. Harper. Não a vemos há anos desde o batizado de Melissa.

George salta do carro e vai cumprimentar os amigos, eles mantêm a amizade pela internet embora ele seja um ano mais velho que Dylan e Anna. Everly desce e vai falar com Melanie, ela se tornou uma menina linda. Nós abraçamos Harper e começamos a chorar de saudade e felicidade. Nós nos falamos toda a semana, mas abraçar é bem melhor.

Logo estamos rindo e falando ao mesmo tempo, relembrando os velhos tempos. Quando nos sentamos para almoçar e comemorar o aniversário de Melanie, é como voltar no tempo. Tudo é maravilhoso.

— Alguém tem notícia de Maxine? – eu pergunto.

— Eles estão no Texas, mas não puderam vir... – Malone responde.

Sorrio feliz por ela. Passamos um dia memorável e Cash se aproxima de mim e me abraça pelas costas. Ele beija minha nuca e diz ao meu ouvido:

— Está feliz?

— Sempre...

— Temos um anúncio para fazer – Harper fala —, Everly foi aceita em Oxford!

Todos a parabenizam, mas ao invés de ficar feliz, a menina começa a chorar. Ficamos todos chocados.

— O que aconteceu, Everly? – Harper pergunta sem entender pelo choro dolorido.

A garota se senta. Ela é loira como a irmã e tão bonita quanto.

— O que foi? – Seth pergunta preocupado.

Ellen traz um copo de água e ela toma com as mãos trêmulas.

— Vocês vão me matar... – ela ofega.

— Não há nada que possa ser tão grave, não é? – Harper se ajoelha diante dela, preocupada.

— Harper, eu estou grávida... – Everly conta.

Todos ficamos chocados.

— Mas você só tem dezoito anos e... – Harper tenta argumentar e então a ficha cai.

— Quem é o pai, Everly? – Seth questiona com preocupação. — Você não tem namorado...

Ela encara a todos e o suspense se forma ao redor.

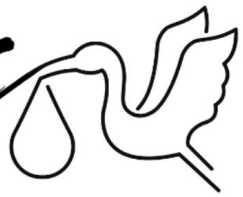
Ah, meu Deus! Eu penso. Outra história?

A Autora



Flávia Padula é mineira e formada em jornalismo, paixão que deixou de lado por muito tempo para cuidar dos filhos e da família. Escreveu o primeiro livro aos 12 anos, e continuou sua trajetória com publicações acadêmicas, artigos de filosofia e relacionamentos em blogs especializados. O primeiro romance publicado em e-book veio apenas em 2015, com o livro O Duque que foi abraçado pelos leitores e tornou-se Best Seller pela Amazon Brasil. Hoje, Flávia tem mais de 100 trabalhos publicados, entre romances, novelas e contos. É uma leitora ávida, e não tem preferências, lê de tudo e acredita na diversidade da literatura.

Outros Livros



Outros Livros

Jornalístico:

Quisisana, uma história, uma vida

Romance Histórico

O Duque

O Yankee

O Plebeu

Danior

Vladimir

Xavier

Gustav

Heron

Fúria Cigana

A Casa da Colina

De Volta à Casa da Colina

O Cavalheiro de Shetwood

Meu Querido Primo

O Último Beijo de Um Duque

O Natal do Libertino

Um Caminho de Amor

O Pirata e a Prisioneira

A Carta

Conde de Denbigh
A Noiva e o Russo
Como Sequestrar um Duque
Cartas para o Conde
O Desafio do Duque

A Preferida do Duque
A Preferida do Marquês
A Preferida do Conde
A Preferida do Lorde

Um Amor Inesquecível
Um Amor Irresistível

A Tentação do Marquês
A Perdição do Conde
O Pecado do Duque
O Conde Bastardo

A Dama de Vermelho
A Dama das Pérolas
A Dama dos Lírios
A Dama dos Segredos

Um Acordo com o Duque
Um Acordo com o Conde
Um Acordo com o Marquês
Um Acordo com o Coronel

Um Acordo com o Libertino

Romance Histórico Lésbico

Sublime

Medieval/Fantasia

A Maldição do Rei

O Feitiço da Princesa

Selo Damas do Romance:

Caçada de Mestre

O Destino de Sarah

Desejo

Paixão

Coragem

Solidão

A Farsante

A Princesa de Taranis

Uma Paixão Indecente

Western / Cowboy

A Força do Amor

O Poder do Amor

A Glória do Amor

O Fora da Lei

O Vingador

O Justiceiro

O Renegado

Contemporâneo:

O Amante Espanhol

Escolhas

O Segredo do CEO

A Última Conquista

Ralph

Duplamente CEO

Egor

Clube de Swing

Quero Me Casar

365 Dias com o CEO

1001 Noites com o CEO

Guto

Uma Noite Para Sempre

Um Bebê para Ítalo Russo

Um Herdeiro para o CEO

Otto Millani

Uma Segunda Chance

O Falcão do Deserto

O Pescador

O Vira-Lata

O Playboy

O Baile de Carnaval

Fim de Semana com o Chefe

Prazeres de Uma Noite

O Primeiro CEO a gente nunca esquece
O Primeiro CEO é para sempre

Desarmado pelo Amor
Desesperado pelo Amor

O CEO e a Garota de Um milhão de dólares
A Assistente Grávida do CEO

Atraída pelo Chefe Arrogante
Apaixonada pelo Playboy Sexy e Arrogante
Grávida do Cowboy Arrogante
Fascinada pelo Viúvo Arrogante
Destinada para o Cowboy

A Paixão do Mafioso
Uma Tentação para o Bad Boy
O Desejo do Mafioso

Grávida do CEO Arrogante
Grávida do Bombeiro Arrogante
O Desejo Secreto do Coronel
Grávida do Quarterback Irresistível

Contemporâneo/Fantasia Paranormal:

Áthila

Falcon

Damon

Athena

Vaughan

Seven

Suther

Osman

---

[1] Time de Futebol criado pela autora para a história desse livro.

[2] Só será usado Liga nacional como referência ao torneio.

[3] Bairro de imóveis caros de Boston.

[4] Uma das vodcas mais caras do mundo. Uma garrafa chega a custar 16 mil reais.

[5] Nome de time é fictício.

[6] Cidade da Califórnia.

[7] É a denominação da área formada no ponto de convergência e cruzamento de duas grandes avenidas da cidade de Nova Iorque.

[8] Nome fictício para a propriedade do protagonista.

[9] Fictícia.

[10] Atriz e modelo israelense que atualmente interpreta a Mulher Maravilha nos cinemas.

[11] É uma posição ofensiva do futebol americano. Sua principal função é ficar para proteger e segurar a linha defensiva, mas também pode sair para receber passes.

[12] Nome fictício.

[13] Os homens de Gordon.

[14] Bairro nobre de Boston com mansões históricas imponentes e vilas vitorianas.

[15] Local onde reside o presidente dos Estados Unidos em Washington D.C.

[16] É uma cantora, compositora e atriz norte-americana que foi vocalista do grupo Pussicat Dolls.

[17] Trecho da música I Want It That Way, Back Street Boys.

[18] Rua de Boston.

[19] Hotel localizado na Avery Street em Boston.

[20] Rua de Boston.

[21] É um parque público no centro de Boston.
[22] Marca fictícia para o livro.
[23] É um dos principais poemas épicos da Grécia Antiga, atribuídos a Homero. É uma sequência de Ilíada.
[24] É uma ironia. A frase correta é triângulo amoroso.
[25] Os nomes das fraternidades são fictícios.
[26] História contada no livro GRÁVIDA DO CEO ARROGANTE